



Cadernos de Psicanálise - SPCRJ

Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

Psicanálise e contemporaneidade


Sociedade de Psicanálise da
Cidade do Rio de Janeiro

SPCRJ – Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

CNPJ 42.132.233/0001-98

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ.

CEP 22470-030 – Tel./Fax (21) 2239-9848 / 2512-2265

secretaria@spcrj.org.br; www.spcrj.org.br

Biblioteca: biblio@spcrj.org.br

Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro -

v. 1, n. 1 (1982). – Rio de Janeiro: A Sociedade, 1982 –

v. 28, n. 31, 2012

Anual

O título não foi editado em: 1989, 1993 e 1997.

ISSN 0103-4251

1. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

CDU 159.964.2 (05)

Bibliotecária: Daniela de Souza Oliveira CRB-7 6300

Periódico indexado nas bases de dados:

* LILACS: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (BIREME)

* INDEX Psi Periódicos (BVS-Psi) – www.bvs-psi.org.br

* Psyc INFO American Psychological Association

Avaliação CAPES/ANPEPP 2008: Nacional B-2 – 60

DISPONÍVEL NAS BIBLIOTECAS DA REDE DE BIBLIOTECAS NA
ÁREA DE PSICOLOGIA-REBAP: www.bvs-psi.org.com.br/rebap

NOTA DA COMISSÃO EDITORIAL: A SPCRJ reconhece a importância de manter sua revista indexada nas bases de dados, bem como a necessidade de divulgação ampla do conhecimento. No entanto, é sua filosofia editorial preservar, promover e manter o diálogo analítico para um vivo exercício da Psicanálise. Assim a matéria publicada somente será disponibilizada em *mídia* eletrônica, no todo ou em parte, quando não comprometer o material clínico – matéria prima da construção teórico-técnica da Psicanálise - e mediante autorização expressa específica dos autores dos artigos publicados.



Cadernos de Psicanálise - SPCRJ

Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

Psicanálise e contemporaneidade

v. 28, n. 31, 2012



ISSN 0103-4251

Cadernos de Psicanálise SPCRJ	Rio de Janeiro	v.28	n.31	p.1-456	2012
-------------------------------------	----------------	------	------	---------	------

Comissão Editorial

**Beatriz Farah Rodriguez, Marilúcia Carneiro Rodrigues,
Sílvia Maria de Souza, Suely Figueiredo Marques**

Editora Responsável

Marilúcia Carneiro Rodrigues

Conselho Consultivo

Alfredo Naffah Neto

Psicanalista; Prof. do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica / PUC SP

Ana Maria Rudge

Psicanalista/SPID; Profa. Graduação e Pós-Grad. do Depto. de Psicologia/PUC-Rio; Pesquisadora/CNPq; Membro da Assoc. Univ. de Pesq. em Psicopatologia Fundamental

Bernardo Tanis

Psicanalista; Doutor em Psicologia Clínica/PUC-SP; Membro da SBPSP e dos Deptos. de Psicanálise e Psicanálise da Criança do Inst. Sedes Sapientiae; Diretor de Comunidade e Cultura da FEPAL

Daniel Kupermann

Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica/ PUC-Rio; Doutor em Teoria Psicanalítica/ UFRJ; Prof. do Depto. de Psicologia Clínica/USP

David Epelbaum Zimmerman

Médico Psiquiatra; Psicanalista, Membro Efetivo e Didata/SPPA; Psicoterapeuta de grupo. Ex-presidente da Sociedade de Psiquiatria/RS

Elizabete Zogbi Brick

Psicanalista, Membro efetivo/SPCRJ

Esther Perelberg Kullock

Psicanalista; Membro Titular e Supervisora/SPCRJ

Jeferson Machado Pinto

Psicanalista; Prof. do Depto. de Psicologia/UFMG; Prof. dos Programas de Pós-Grad. em Psicologia e Filosofia/UFMG

Karla Patrícia Holanda Martins

Psicanalista; Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ; Prof. Titular / UNIFOR-Ceará

Maria Inês Lamy

Psicanalista, Membro da Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP-ECF

Maria Sílvia G. Fernández Hanna

Psicanalista; Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ; Membro Aderente/EBP-RJ

Nahman Armony

Médico-psiquiatra; Membro Psicanalista/SPID e CPRJ; Membro/Federação Internacional das Sociedades Psicanalítico-cas; Doutor em Comunicação /UFRJ.

Neyza Prochet

Psicanalista; Membro Efetivo/CPRJ; Doutora em Psicologia Clínica/ USP-SP

Rachel Sztajnberg

Psicanalista; Membro Efetivo e Supervi-sora/SPCRJ

Regina Helena Landim

Psicanalista; Membro Aderente e Supervisora/SPCRJ

Suely Figueiredo Marques

Psicanalista; Membro Efetivo e Supervisora/ SPCRJ

Consultor convidado

Cid Merlinho Fernandes

Psicanalista; Membro Efetivo e Supervisor da SPCRJ.

Conselho Diretor - Gestão 2010-2012

Presidente

Paulo Cesar Nogueira Junqueira (Turma L-1986)

Vice Presidente

Lindinaura Canosa (Turma R-1992)

Secretário Administrativo

Daniel Lage Ferreira da Silva (Turma H1-2009)

Secretário de Finanças

Kátia Geluda (Turma C1-2002)

Secretária de Divulgação

Heloisa Filgueira Peixoto de Mello (Turma F1-2007)

Diretora Técnica

Soloni Pinho Correa (Turma S-1993)

Vice-Diretora Técnica

Márcia Cristina de Oliveira Wanderley (Turma M-1987)

Coordenadora da Comissão Científica e de Ensino (CCE)

Marcia Maria dos Anjos Azevedo (Turma E1-2004)

Coordenadora da Comissão de Admissão e Acompanhamento (CAA)

Claudia Moreira da Costa (Turma M-1987)

Coordenador da Comissão de Publicação e Biblioteca

Marilúcia Carneiro Rodrigues (Turma B1-2001)

Coordenadora da Comissão Ética

Immacolata Tosto (Turma I-1984)

Diretora Clínica

Anna Elisa Rodrigues Campelo de Freitas (Turma R-1992)

Vice Diretora Clínica

Maria da Conceição Garcia das Neves (Turma R-1992)

Sumário



Editorial, 17-19

Tema em Debate – Psicanálise e contemporaneidade

O excesso e seus destinos na clínica freudiana., 23-50

Daniel Kupermann

A atenção flutuante na clínica contemporânea, 51-77

Jô Gondar

A posição do analista frente aos sofrimentos narcísico-identitários, 79-104

Regina Herzog e

Fernanda Pacheco Ferreira

Novas configurações da diferença sexual: singularidade de/diferença, 105-136

Regina Neri

Narcisismo e subjetividades: a clínica contemporânea, 137-165

Vera Maria da Costa Santos Tostes

Inquietações

Entre Édipo e Narciso: o espelho, 169-175

Paulo Junqueira

Entrevista

Esther Kullock, 177-185

Comissão Editorial

Artigos

**Dos dez mandamentos ao *Just do it*:
a reviravolta do sujeito em sua
inserção cultural, 189-213**

Rachel Sztajnberg

Pensar na era do excesso, 215-235

Auterives Maciel Júnior

**Masculinidade, feminilidade e
contemporâneo, 237-264**

Ana Cristina Pinna

**A depressão como doença da moda na
contemporaneidade?, 265-294**

Issa Damous

**A interpretação e seus limites:
excessos na clínica psicanalítica, 295-320**

Marina Fibe De Cicco

Eva Maria Migliavacca

**A questão do laço social na Escola:
angústia e formação do psicanalista, 321-345**

Sonia Leite

**Infertilidade sem causa determinada:
considerações psicanalíticas sobre um fenômeno
aparentemente médico, 347-371**

Paula Land Curi

A apropriação laschiana do conceito de narcisismo de Freud, 373-400

Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Eva Maria Migliavacca

A noção lacaniana de Nome-do-Pai na perspectiva da metáfora e da metonímia, 401-425

Alba Gomes Guerra

Glória Maria Monteiro de Carvalho

Resenhas

O amante, 429-434

Marguerite Duras

Marcelo Jacques de Moraes

Três traidores e uns outros, 435-443

Marcelo Backes

Nina Saroldi

Normas para envio de artigos, 445-449

Alguns números anteriores, 450-452

Summary



Editorial, 17-19

Subject on Debate – Psychoanalysis and contemporary

Excess and its destinies in Freudian clinic, 23-50

Daniel Kupermann

Suspended attention in clinic today, 51-77

Jô Gondar

The psychoanalyst and the narcissistic troubles of identity, 79-104

Regina Herzog e

Fernanda Pacheco Ferreira

New configurations about sexual difference

Singularity/Difference, 105-136

Regina Neri

Narcissism and subjectivities:

the clinic nowadays, 137-165

Vera Maria da Costa Santos Tostes

Singularities

***Between Oedipus and Narcissus:
the mirror, 169-175***

Paulo Junqueira

Interview

Esther Kullock, 177-185

Comissão Editorial

Papers

***From the ten commandments to Just do it: a
subject's whirlwind into cultural insertion., 189-213***

Rachel Sztajnberg

The thought in the age of excess, 215-235

Auterives Maciel Júnior

***Masculinity, femininity and
the contemporary, 237-264***

Ana Cristina Pinna

***The depression as fashionable
disease today? 265-296***

Issa Damous

***Interpretation and its limits: excesses in the
psychoanalytic clinic, 297-322***

Marina Fibe de Cicco

Eva Maria Migliavacca

***The issue of social ties in the School of
Psychoanalysis: anxiety and
analyst's formation, 323-347***

Sonia Leite

***Infertility with no determined cause:
psychoanalytical considerations on apparently
medical phenomenon, 349-373***

Paula Land Curi

The Lasch's appropriation of freudian's concept of the narcissism, 375-402

Eloy San Carlo Maximo Sampaio e

Eva Maria Migliavacca

Lacanian notion of the Name of the Father from the perspective of metaphor and metonymy, 403-427

Alba Gomes Guerra

Gloria Maria Monteiro de Carvalho

Reviews

The lover, 431-436

Marguerite Duras

Marcelo Jacques de Moraes

Three traitors, 437-445

Marcelo Backes

Nina Saroldi

Rules for submission of papers, 445-449

Some previous editions, 450-452

Editorial



Este ano, os Cadernos de Psicanálise trazem o tema “Psicanálise e contemporaneidade”. Para melhor abordagem, o tema foi subdividido em a clínica do excesso, atravessamentos de Édipo e Narciso, e masculino e feminino.

O que podemos esperar desta edição? A Revista vem com mais páginas e conteúdos, incrementada pelas temáticas acima e pela excelência que visamos sempre a oferecer aos nossos leitores. Propomos refletir sobre a sociedade contemporânea e investigar como esta favorece a emergência de novas subjetividades. E mais, queremos propor reflexões e indagações sobre as formas de vinculação dos sujeitos, como estes lidam com os excessos de estimulação que geralmente estão atrelados à lógica do instantâneo, produzindo uma fragmentação do tempo e uma excessiva valorização do presente. Os trabalhos aqui reunidos visam também a examinar os efeitos que podem causar no psiquismo, alinhando múltiplas respostas à luz de elaborações coletivas.

editorial

Nesta perspectiva, os leitores encontrarão na seção **Tema em debate** os artigos de nossos articulistas. Em todos podemos observar argumentações sólidas com entrelaçamentos clínicos e teóricos apoiado em várias tendências. São nossos convidados: Daniel Kupermann, Jô Gondar, Regina Herzog em parceria com Fernanda Pacheco, Regina Neri e Vera Tostes, esta, representando a SPCRJ.

Na seção **Artigos** apresentamos os trabalhos desenvolvidos por colaboradores que produzem e aprofundam suas pesquisas, tanto no campo teórico como no clínico. São eles: Rachel Sztajnberg, Auterives Maciel Júnior, Ana Cristina Pinna, Issa Damous, Marina Fibe, Sonia Leite, Paula Land Curi, Eloy San Carlo M. Sampaio, Eva Maria Migliavacca, Glória Maria Monteiro de Carvalho e Alba Gomes Guerra.

Excepcionalmente, para esta edição, foi criada uma nova seção: **Inquietações**. Abrindo-a, um texto de Paulo Junqueira nos remete a um tipo de espelhamento: o aprisionamento à figura paterna e aos ideais. Também aí o leitor encontrará a entrevista com Esther Kullock, supervisora da SPCRJ. Trata-se de uma das mais antigas associadas, cujas referências teóricas foram consolidadas, inicialmente, em sua estada em Londres, na Clínica Tavistock. Esther faz uma retrospectiva de seu percurso na psicanálise que vale a pena conferir.

Em **Resenhas**, a primeira nos remete a uma obra clássica da literatura: “O amante”, de Marguerite

Duras, feita por Marcelo Jacques de Moraes. A segunda resenha é de “Três traidores e uns outros”, livro de Marcelo Backes, feita por Nina Saroldi.

Acreditamos que as reflexões aqui reunidas poderão ajudar o leitor a entender como se produzem as novas formas de subjetivação na contemporaneidade.

Comissão Editorial

Debates



Tema em Debate – Psicanálise e contemporaneidade

O excesso e seus destinos na clínica freudiana

Excess and its destinies in Freudian clinic

Daniel Kupermann

A atenção flutuante na clínica contemporânea

Suspended attention in clinic today

Jô Gondar

**A posição do analista frente aos sofrimentos
narcísico- identitários**

The psychoanalyst and the narcissistic troubles of identity

Regina Herzog e Fernanda Pacheco Ferreira

**Novas configurações da diferença sexual:
singularidade/diferença**

New configurations about sexual difference

singularity/difference

Regina Neri

Narcisismo e subjetividades: a clínica contemporânea

Narcissism and subjectivities: the clinic nowadays

Vera Maria da Costa Santos Tostes

debate



O excesso e seus destinos na clínica freudiana *Excess and its destinies in Freudian clinic*

Daniel Kupermann*

Resumo

As sucessivas concepções encontradas ao longo da obra de Freud acerca do que se impõe como excesso traumático para o psiquismo originaram uma teoria da clínica correspondente. O tratamento da histeria e a teoria da sedução engendraram a técnica psicanalítica baseada na associação livre, no princípio de abstinência no campo transferencial, e na interpretação do recalcado. Por outro lado, as dificuldades surgidas a partir do caso do Homem dos Lobos, a formulação da segunda tópica e a teorização acerca do masoquismo impuseram maior ênfase ao

* Professor Doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), psicanalista membro da Formação Freudiana do Rio de Janeiro e autor dos livros *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (editora Revan), *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*, e *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*, ambos publicados pela editora Civilização Brasileira.

Daniel Kupermann

manejo da transferência negativa, e suscitaram a emergência da noção de construção em análise, constituindo, assim, um novo estilo de psicanalisar.

Palavras chave: clínica psicanalítica, excitação sexual, trauma psíquico, elaboração psíquica, construção, Sigmund Freud.

Abstract

The successive conceptions met with along Freud's work concerning what appears as traumatic to the psyche gave rise to a corresponding theory of the clinic. The treatment of hysteria and the theory of seduction originated the psychoanalytical technique based on free association, on the principle of abstinence in the field of transference, and in the interpretation of the repressed. Besides, difficulties that arose since the case of the Wolf Man, the formulation of the second topic and the theorization about masochism imposed greater emphasis on the handling of negative transference, and brought about the emergence of the notion of constructions in analysis, thereby establishing a new style of psychoanalyzing.

Keywords: *psychoanalytic clinic, sexual arousal, psychic trauma, psychical working through, death instinct, Sigmund Freud.*

debate



O excesso e seus destinos na clínica freudiana
Excess and its destinies in Freudian clinic

Daniel Kupermann

O excesso e o saber sobre o sexual

Quando Elisabeth retornou da caminhada empreendida junto ao cunhado ao reencontro da irmã enferma, foi invadida por uma excitação traumática imediatamente convertida para o seu corpo, criando um sintoma histérico: dificuldade para andar e dores nas pernas, justamente os membros mais exigidos no passeio “incestuoso”. Freud (BREUER & FREUD, 1893-1895/1980) considera que Elisabeth fora assaltada pela ideia, incompatível com o seu ego e por isso mesmo recalcada, de que com a morte anunciada da irmã, ela e o cunhado estariam livres para viver um romance amoroso. Na histeria, o que não pode ser pensado permanece como corpo estranho ao psiquismo, constituindo um excesso afetivo que toma

Daniel Kupermann

posse do sujeito. Assim, o desejo inconfessável de ser possuída por aquele homem se realiza na posse por um corpo estranho ameaçador e perturbador. Elisabeth sabe que algo está fora da ordem, mas não pode admitir o saber sobre o seu desejo.

As primeiras mulheres tratadas por Freud (e Breuer, no caso de Anna O.), cujos casos foram apresentados nos *Estudos sobre a histeria*, sofriam todas de um excesso de excitação sexual traumático (idem). A amnésia referente ao evento desencadeador dos seus sintomas encobria representações recalcadas e afetos inadmissíveis. A tentativa de entender por que o sexual se impunha às histéricas como excesso perturbador fez com que Freud formulasse a teoria da sedução traumática.

Uma sedução sofrida passivamente no período pré-sexual da maturação humana deixava uma marca latente que, na puberdade, se atualizava como fonte de excitação inassimilável pelo aparelho psíquico, oriunda do recalçamento e, portanto, inacessível à consciência das suas pacientes (FREUD, 1896/1980). O trabalho de análise consistia em, pela via da interpretação do material recalcado, fazer lembrar (“os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”), fazer pensar e fazer saber o que dói, livrando o sujeito, por meio da purificação catártica e do trabalho associativo do pensamento, do excesso provocado pelo corpo estranho traumático (KUPERMANN, 2008).

Confrontadas com a questão acerca da natureza sexual do seu sofrimento e dos seus sintomas, Freud freqüentemente escutava de suas pacientes algo como

“Não sabia... ou antes, não queria saber” (BREUER & FREUD, 1893-1895/1980, p.164). Era insuportável saber sobre o sexual, cujo excesso configurava assim o não-sabido, tanto no sentido do não provado como próprio, como no sentido do não incluído na cadeia associativa. Em “A psicoterapia da histeria”, sua primeira sistematização da teoria da clínica, Freud comenta que algumas pacientes, ao final do tratamento, mesmo tendo usufruído dos efeitos terapêuticos da interpretação do recalcado, insistem no fato de nunca terem pensado algo semelhante ao que a análise revelou, e escreve:

(...) devemos desprezar essa negação do reconhecimento por parte dos pacientes, quando, agora que o trabalho terminou, não existe mais nenhum motivo para que eles ajam dessa forma? Ou devemos supor que estamos realmente lidando com pensamentos que nunca ocorreram, que meramente tiveram *uma possibilidade* de existir, de modo que o tratamento estaria baseado na realização de um ato psíquico que não se verificou na época? (ibid., 358)

Nesse sentido, a análise passa a ser o espaço no qual o excesso sexual pode ser admitido como parte inerente da experiência psíquica. Mas, para isso, é preciso superar as forças da resistência ao saber e ao desejar, o que implica trabalho, não apenas por parte do analisando, mas também por parte do analista, como veremos adiante.

Com o reconhecimento da sexualidade infantil, a teoria da sedução perdia seu fundamento

Daniel Kupermann

metapsicológico, dando lugar a uma concepção de fantasia associada aos desejos incestuosos infantis (FREUD, 1905/1980). A “neurótica” freudiana passa a ser norteadada pelos fatores em jogo no complexo de Édipo: desejos sexuais infantis recalçados — atualizados na transferência ao analista na clínica — e resistência ao saber, obstáculo ao processo terapêutico.

Freud formula, assim, a regra fundamental do tratamento psicanalítico, a associação livre. É pelo endereçamento da fala a respeito do seu sofrimento que a histórica indica ao analista, por meio do relato da sua história, de seus sonhos e dos atos falhos cometidos, os caminhos para a elucidação do sentido oculto dos seus sintomas. Ao mesmo tempo, o dispositivo que favorece a circulação da palavra induz o apaixonamento do sujeito falante pelo destinatário do seu discurso; como indica Ferenczi (1909/1991), o psicanalista é um catalisador de afetos. Dessa maneira, a técnica psicanalítica, em seus primórdios, se assenta num tripé constituído pela associação livre, pelo princípio de abstinência no campo transferencial, e pela interpretação do recalçado, origem do sofrimento neurótico.

O estilo clínico assim constituído foi hegemônico durante o período de vigência, na obra freudiana, da primeira tópica, ou seja, da teorização do conflito psíquico baseado no confronto entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, princípio de prazer e princípio de realidade. O excesso advindo do sexual recalçado, promovendo o desprazer, tinha como destino a simbolização e a inserção dos seus

conteúdos na cadeia representacional. O trabalho do analista consistia em superar as resistências à análise por meio do poder que lhe era outorgado pela transferência, e em interpretar, quando necessário, os conteúdos recalcados que faziam obstáculo à trama associativa do analisando. Dessa maneira, o excesso, agora dominado na transferência, tinha a chance de encontrar o melhor destino para cada sujeito, de acordo com suas escolhas atuais, e não mais segundo mecanismos de defesa infantis e anacrônicos nos quais o analisando estaria fixado.

No entanto, o que se anunciou no cenário da clínica do sofrimento psíquico ainda no início do século XX, é que muitos analisandos não se adaptavam às exigências da técnica recém criada. A associação livre não revelava o caminho a seguir para a interpretação, sonhos e atos falhos não compareciam às sessões, a transferência podia se mostrar irreduzível, inviabilizando o próprio projeto terapêutico, as análises pareciam estagnadas.

Efetivamente, a fantasia neurótica e o desejo se estruturam sobre o estado de desamparo que caracteriza a experiência humana, dando contornos à pressão imposta pelo circuito pulsional, constituindo, assim, uma primeira elaboração psíquica frente ao vazio de sentido que permite ao sujeito escapar da angústia traumática. Porém, uma série de pacientes não dispõem da competência para fantasiar, desejar e, mesmo, transferir à moda neurótica, encontrando alternativas para o seu sofrimento. Nesses casos, o psicanalista é convocado a modalidades de trabalho

Daniel Kupermann

bastante complexas, que se distanciam dos enunciados propostos para a clínica da histeria.

O excesso e a via sensível da elaboração

Quando Serguei Constantinovitch Pankejeff deixou o consultório de Freud, em julho de 1914, considerado curado, era ainda difícil intuir o destino de um dos maiores fracassos da literatura psicanalítica. Conhecido como o Homem dos Lobos, Sergei voltou a Viena e iniciou, em 1919, um breve período de reanálise, que marcou o início de seu périplo de tratamentos, caracterizando uma análise verdadeiramente interminável (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 564-567). Mesmo assim, é bastante tentadora a hipótese de que Freud anteviu, a partir da escuta de Serguei, os desafios que, *desde então*, ocupam a psicanálise e os psicanalistas.

Diagnosticado como neurótico obsessivo, o sofrimento de Serguei se devia aos conflitos edipianos, decerto. Porém, no seu estudo sobre a neurose infantil do Homem dos Lobos, Freud (1918[1914]/1980) acaba concedendo uma ênfase especial às fantasias originárias — cena primária, sedução e castração — como base de sustentação do que se impõe ao psiquismo como excesso traumático inassimilável. Dessa maneira, ainda que pensado no período entre as duas teorias do trauma encontradas na obra freudiana (1897-1920), o caso do Homem dos Lobos indica que a concepção de trauma patogênico nunca fora efetivamente descartada por Freud, ainda que a teoria da sedução factual da criança por um adulto, o tenha sido.

Mesmo assim, Freud considera que Serguei fora seduzido por sua irmã mais velha, bem como assaltado pelas fantasias sexuais infantis, fontes da intensa angústia encontrada na etiologia dos seus sintomas e do seu sofrimento. Nesse momento das formulações freudianas, o excesso que invade o aparelho psíquico seria resultante tanto da ambivalência identificatória do sujeito, como da mistura entre a tendência filogenética do aparelho psíquico a fantasiar, com os restos de impressões traumáticas vistas ou ouvidas pela criança.

Ao contrário do que encontramos no caso Dora (FREUD, 1905[1901]/1980) ou no Homem dos Ratos (FREUD, 1909/1980), o ensaio de Freud não tem como foco o percurso do tratamento de Serguei, mas a constituição da sua neurose infantil. No entanto, há indicações suficientes, em seu relato, acerca das dificuldades de manejo da transferência e de aplicação da técnica psicanalítica até então vigente. Após três anos de tratamento, Freud considerou que a análise havia estagnado, o que se refletia na transferência caracterizada por uma “dócil indiferença”¹ que o fazia aceitar intelectualmente as considerações de Freud, sem qualquer resultado em termos de transformação psíquica (FREUD, 1918[1914]/2010, p.18). Curioso destino para um neurótico obsessivo: nenhum traço de transferência negativa ou de qualquer hostilidade voltada à figura do analista — bem distinto do que Freud assistira na análise bem sucedida de Ernst Lanzer (KUPERMANN & SOUZA, 2008).

1 “gefügiger Teilnahmslosigkeit”, no original (Freud, 1918[1914]/1986, p.33).

Daniel Kupermann

O dilema no qual Freud se encontrou parecia conduzir a um impasse clínico. No que se refere aos movimentos afetivos do analisando, como interceder na sua adesividade transferencial? Além disso, como prosseguir em uma análise que tinha encontrado um obstáculo intransponível ao trabalho da recordação? A solução imaginada foi congruente com a sua teoria da clínica da histeria: incrementar a angústia do analisando por meio da exacerbação do princípio de abstinência acreditando que, assim, a associação livre retomaria seu curso em direção à revelação dos conteúdos recalcados com a ajuda das interpretações do psicanalista. Freud estipulou, portanto, uma data limite para o término do tratamento (o final do ano de 1914), inaugurando uma modificação em seu estilo clínico que ficou conhecida como “técnica ativa”.

Segundo a versão de Freud, esse dispositivo técnico conduziu o analisando a um sonho cujo conteúdo condensava, justamente, seu núcleo traumático — derivado da angústia referente à sua posição de terceiro excluído na cena primária, à sua posição passiva em relação ao pai na fantasia de sedução, e à angústia de castração — que, uma vez *construído* a partir das hipóteses de Freud acerca da sua infância remota, teria conduzido a análise a termo. Como se pode perceber, Freud optou por um entendimento e por um manejo da transferência que tinha como alvo promover a recordação. Porém, a própria necessidade de emprego da técnica ativa suscita uma questão crucial: se, como bem sabemos, a teoria da clínica está referida a uma concepção acerca do sofrimento psíquico, ou seja, a uma concepção

psicopatológica, como não pensar que o Homem dos Lobos desafiava o diagnóstico de neurose obsessiva?

Claro que sempre se pode recorrer à idéia de neuroses “graves” para justificar modificações técnicas. Nesse caso, a prova dos nove será fornecida pelo destino da análise da Serguei: restos da transferência não analisados; diagnóstico posterior de paranoia; identificação irredutível de Serguei Pakejeff como paciente de Freud; uma vida oferecida como objeto para o gozo de um saber sobre si, segundo uma escolha francamente masoquista, submetida às manipulações e caprichos das autoridades da psicanálise institucionalizada (GARDINER, 1981). Ou seja, se do ponto de vista da teoria Freud teve sucesso em comprovar o papel da sexualidade na constituição da neurose infantil, do ponto de vista terapêutico — ou seja, do manejo da transferência e das resistências — o resultado foi desastroso.

Pode-se supor, inclusive, que a paranoia do Homem dos Lobos, diagnosticada por Ruth Brunswick (*idem*), psicanalista que deu sequência à sua análise, foi produzida a partir da transferência vivida com Freud. Tudo indica que Serguei se encontrou em uma posição de abandono traumático insustentável, restando-lhe a alternativa de fornecer a Freud o material — no caso o sonho — que este lhe demandou, de maneira a preservar seus objetos idealizados atualizados na transferência. Para Serguei, a escolha menos traumática foi tornar-se o analisando mais célebre de Freud pelo resto da sua vida, voltando a ser “bem-educado, polido, resignado, ‘honesto e escrupuloso’”(…) curado”, como escrevem

Daniel Kupermann

maliciosamente Deleuze e Guattari (1995, p.52), assim como na solução apassivada encontrada frente à figura paterna por ocasião da emergência da sua neurose infantil.

Não nos cabe aprofundar, aqui, as considerações acerca dos limites da escuta de Freud, ou mesmo da sua contratransferência. Mais interessante é cotejar o gesto que deflagrou o término da análise do Homem dos Lobos, coincidente com a eclosão da Primeira Grande Guerra, em meados de 1914, e as observações surpreendentes de Freud em “Recordar, repetir e elaborar”, publicado no mesmo ano. Uma leitura acurada dos últimos parágrafos desse importante escrito sobre a técnica psicanalítica explicita a percepção de Freud de que o manejo do excesso em uma análise ocorre, primordialmente, por vias distintas do esforço para recordar, que convocam o psicanalista de um modo bastante diferenciado daquele adotado com a técnica ativa.

A situação evocada é similar àquela experimentada com Serguei. Frente ao diagnóstico, frequentemente precipitado, por parte dos jovens analistas, de uma aparente estagnação do tratamento, Freud (1914/1980) aconselha paciência e respeito ao tempo e ao ritmo próprio de cada analisando. Isso porque a dimensão do trabalho analítico que promove os maiores resultados depende da convicção dos analisandos, o que só pode ser obtido por meio das vivências afetivas suscitadas pela repetição na transferência. Ou seja, para além do trabalho de recordação, é preciso considerar o trabalho dos afetos, a “elaboração” (*Dürcharbeitung*) das resistências,

bem mais eloquente. “Trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão”, escreve Freud (id., p.203), acrescentando, para surpresa do leitor que não espera mais encontrar no texto freudiano o retorno a uma terminologia abandonada desde o final do século XIX: “De um ponto de vista teórico, pode-se correlacioná-lo com a ab-reação das cotas de afeto estranguladas pela repressão — uma ab-reação sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz”.

O fato de que Serguei não teve a chance de elaborar sua resistência e transformar o excesso não assimilado em seu psiquismo por meio dessa “neocatarse”, como diria, anos depois, Sándor Ferenczi (1930/1992), nos permite pensar que alguma mudança ocorreu no pensamento clínico de Freud a partir do seu atendimento; talvez a intuição de que seu destino pós-analítico não parecia muito promissor. Uma questão, no entanto, se impõe a partir da formulação desse obscuro conceito referente ao trabalho sobre as resistências e sobre os afetos, bem como aos destinos dados ao excesso presente no *setting* analítico: a de que o psicanalista é convocado ao exercício de outra sensibilidade clínica, não prevista e não contemplada pelo tripé que sustentava a técnica padrão.

Do excesso não ligado à criação

Quando Freud preparava sua comunicação para o V Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em 1918, em Budapeste, sua atenção estava voltada

Daniel Kupermann

para dois dos seus mais estimados ex-analisandos:² o Homem dos Lobos, cuja história seria publicada no mesmo ano, e seu discípulo Sándor Ferenczi, anfitrião do Congresso, que vinha realizando suas próprias experiências com a utilização da técnica ativa (FERENCZI, 1919/1993). O resultado foi o revelador ensaio “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” (FREUD, 1919[1918]/1980), no qual tentou, sem muito sucesso, se equilibrar entre a necessidade de pensar as modificações nos modos de psicanalisar exigidas pelos pacientes cuja constituição psíquica se afastava da neurose histérica, e a reafirmação dos princípios norteadores da técnica psicanalítica tradicional.

Assim, por um lado, Freud reitera que o trabalho de análise implica a separação, por meio da interpretação do psicanalista — sua “atividade” maior - dos componentes psíquicos em conflito na formação dos sintomas neuróticos — representantes pulsionais e motivações egóicas. Dessa maneira, como em uma solução química, os elementos em jogo podem se recombinar, erigindo novas composições. Não caberia ao psicanalista exercer qualquer influência no trabalho de síntese, que deve obedecer apenas às tendências atuais e às inclinações desejantes do analisando.

Paralelamente, o aumento de casos “difíceis” fazia com que o campo psicanalítico repensasse os princípios que regiam a técnica, reconhecendo sua insuficiência frente a muitos quadros de sofrimento

2 É tentador estabelecer um paralelo entre essas duas análises, especialmente no que toca ao manejo da transferência negativa, o que, no entanto, terá que aguardar outra ocasião.

psíquico. Nesse contexto, Freud admite que a psicanálise deva sofrer modificações de acordo com os desafios enfrentados pela clínica, indicando a técnica ativa como um dos possíveis caminhos a serem adotados. No bojo dessas formulações, nos deparamos com duas evidências, que transcendem o debate acerca da técnica terapêutica, referentes à metapsicologia do sofrimento psíquico e à ética do psicanalisar: a emergência de novos quadros clínicos e, conseqüentemente, a exigência de transformações na disponibilidade afetiva do psicanalista, agora convocado à escuta e ao manejo de sofrimentos psíquicos inéditos.

Em relação à questão diagnóstica, Freud contorna o problema recorrendo à categoria das neuroses graves, que demandariam do psicanalista uma atividade adicional no sentido de impelir os pacientes, seja ao enfrentamento do objeto da sua fobia, seja à superação do horror ao ato, no caso da neurose obsessiva. Já no que concerne ao trabalho do psicanalista, encontramos a instigante indagação:

Mas devemos deixar que o paciente lide sozinho com as resistências que lhe assinalamos? Não podemos dar-lhe outro auxílio, além do estímulo que ele obtém da transferência? Não parece natural que o devamos ajudar também de outra maneira, colocando-o na situação mental mais favorável à solução do conflito que temos em vista? Afinal de contas, o que ele pode conseguir depende, também, de uma combinação de circunstâncias

Daniel Kupermann

externas. Devemos hesitar em alterar essa combinação, intervindo de maneira adequada? (FREUD, 1919[1918]/1980, p.204)

Até esse momento, o argumento de Freud em defesa da técnica tradicional se baseava na crença de que o analisando dispunha do trabalho “compulsivo” de ligação associativa desempenhado de modo autônomo pelo seu ego, essa “grande unidade” psíquica. Justamente em função disso o analista estaria isento de qualquer participação na “psicossíntese”, uma vez que esta se processava “automática e inevitavelmente” (id., pp.203-204). Esse estilo clínico começa a vacilar no momento em que o ego dos analisandos fracassa em promover as ligações necessárias e em dar destinos adequados ao excesso que invade o aparelho psíquico, obrigando o psicanalista a atuar em níveis diferenciados — como sugerem as perguntas levantadas acima por Freud — de maneira a controlar as vicissitudes da excitação traumática. Nesses casos, a desestabilização promovida pelas interpretações pode, inclusive, ser iatrogênica, provocando atuações destrutivas ou mesmo a doença orgânica (id., p.206).

Esse cenário é sincrônico com as concepções que seriam em breve apresentadas por Freud, a partir da formulação da pulsão de morte e da segunda tópica (FREUD, 1920/1980; 1923/1980). De fato, o segundo dualismo pulsional freudiano conduz ao entendimento de que o excesso que invade o psiquismo não está referido somente à excitação sexual e ao desejo, mas também e, sobretudo, à força disruptiva da pulsão de

morte, que se contrapõe ao esforço de síntese egoica, exigindo do aparelho psíquico trabalho permanente de recriação de si.

A ênfase posta no superego — instância herdeira do complexo paterno, derivada do ego e próxima do id —, encontrada nos últimos escritos de Freud, estabelece novos desafios para a clínica. A partir da análise dos quadros de masoquismo, Freud (1923/1980; 1924/1980) sugere uma aliança estreita entre a tirania e o sadismo superegoicos e as vicissitudes da pulsão de morte no aparelho psíquico. Qualquer situação promotora de desfusão pulsional é potencialmente traumática e ameaçadora ao funcionamento psíquico, uma vez que a pulsão de morte desligada tende a alimentar o potencial mortífero do superego. Este passa a ser influenciado, assim, por uma “cultura pura do instinto de morte” (FREUD, 1923, p.69), sendo responsável pelas atuações destrutivas e pela estagnação dos processos criativos que movem o psiquismo em direção à singularidade e ao desejo, como a simbolização, a elaboração e a sublimação.

No masoquismo, o sujeito se encontra aprisionado a uma identificação narcísica, inviabilizando o desligamento dos objetos idealizados que têm a função de minorar a angústia insuportável decorrente da ameaça de abandono. Dessa maneira, se analisarmos o destino do Homem dos Lobos, perceberemos que o dispositivo imaginado por Freud só poderia incrementar a sua adesividade transferencial, perpetuando a idealização do analista. Ou seja, se o método psicanalítico fracassava com esse analisando, exigindo um novo estilo clínico, fora

Daniel Kupermann

justamente porque ele apresentava uma configuração psíquica distinta da neurose clássica; e a exacerbação do princípio de abstinência prevista na técnica ativa ofereceu-lhe apenas mais do mesmo: angústia de abandono traumática. O resultado, como se sabe, foi a perpetuação dos objetos idealizados na forma de uma análise interminável e do abandono de si.

Nesse sentido, o segundo dualismo pulsional freudiano e a segunda tópica permitiram ao campo psicanalítico vislumbrar novos desenhos metapsicológicos para a compreensão das modalidades de sofrimento psíquico que se faziam enxergar no início do século XX, abrindo caminho para o resgate da teoria do trauma e para a formulação das patologias da adaptação, como se encontrará nas obras de autores como Sándor Ferenczi (1933/1992) e, mais tarde, Donald Woods Winnicott (1960/1983).

Por outro lado, no que concerne à clínica, os movimentos de Freud foram mais tímidos, e não puderam acompanhar as consequências de suas reformulações metapsicológicas. Porém, se recordarmos os impasses apontados pelo caso do Homem dos Lobos e pela própria análise de Sándor Ferenczi (também conduzida por Freud), discutidos em “Análise terminável e Interminável” (1937/1980), e em “Construções em Análise” (1937a/1980), encontraremos esboçadas algumas linhas de investigação reveladoras.

Em primeiro lugar, no plano da circulação dos afetos em jogo no *setting*, deparamo-nos com a indicação da importância do manejo da transferência negativa nos quadros nos quais predomina uma

identificação narcísica e uma consequente idealização ao analista, irredutível à interpretação (FREUD, 1937/1980). A “dócil indiferença” de Serguei Pankejeff parece não ter dado lugar a quaisquer manifestações hostis quando o término antecipado da sua análise fora anunciado. No entanto, anos depois, Serguei retorna a Freud para rever “uma parte da transferência que não fora resolvida” (FREUD, 1937/1980, p.249).

Já o debate que se estabeleceu entre Ferenczi e Freud a esse respeito — tratado no segundo capítulo de “Análise terminável e interminável” — merece ser retomado. Em carta datada de 17/01/1930, Ferenczi se queixa que Freud não teria dado atenção, em sua análise, à transferência negativa, o que contribuíra para a perpetuação de Freud no lugar inacessível de mestre amado (*apud* SABOURIN, 1988, p.183). Freud (1937/1980) argumenta que não havia sinais de transferência negativa na ocasião. Ao comentar esse episódio anos depois, Balint (1954) faz uso da ironia e aponta que qualquer iniciante que relatar ao seu supervisor não ver sinais de transferência negativa em alguma análise que conduz, será severamente repreendido. Mesmo considerando as transferências cruzadas estabelecidas entre Freud e Ferenczi, seus lugares no campo psicanalítico etc., o problema permanece atual. Afinal, é possível ao analista resistir *ao* encontro afetivo com o analisando, impedindo, desse modo, a expressão dos afetos hostis e destrutivos deste último. Em contrapartida, a segunda teoria pulsional sugere que a admissão dos movimentos agressivos e destrutivos do analisando na transferência contribuem para a

Daniel Kupermann

fusão pulsional, para a desidealização do superego e para os processos sublimatórios (Kupermann, 2003; 2010), favorecendo a transformação das excitações excessivas presentes no psiquismo do analisando e a emergência de modos criativos de existência. Para isso, no entanto, é preciso que o analista se ofereça como presença sensível, sobrevivendo aos embates propostos pelo analisando sem retaliação, ou seja, resistindo *no* encontro afetivo.

Além disso, no plano da produção de sentido a partir da história singular relatada pelo sujeito em análise, Freud (1937a/1980) se dedica a pensar uma variante do ato psicanalítico, já empregada na análise do Homem dos Lobos: a “construção”. Trata-se de uma evidente alternativa ao instrumento interpretativo, mas, sobretudo, de uma solução clínica visando conduzir as análises a termo, apesar da impossibilidade de o analisando recordar determinados aspectos arcaicos da sua existência. Como aventado desde os *Estudos sobre a histeria*, estamos lidando com pensamentos que nunca ocorreram, que apenas tiveram a possibilidade de existir, de modo que o tratamento se baseia, efetivamente, na realização de atos psíquicos inéditos.³

No entanto, o que parece ser mais decisivo na concepção de construção em análise é a maneira como amplia a concepção de “atividade” do psicanalista, admitindo situações clínicas nas quais este compartilha com o analisando o trabalho de produção de sentido. Trata-se, assim, de uma resposta às próprias indagações, levantadas por Freud em

³ Conforme destacado no início de nosso ensaio.

“Linhas de progresso na terapia psicanalítica”, acerca da intervenção do psicanalista: nem sempre se deve deixar o analisando sozinho no enfrentamento das resistências à análise, e nem sempre a transferência positiva é força suficiente para que o tratamento caminhe favoravelmente.

Desse modo, o tripé que sustentava a técnica clássica começa ser subvertido, sobretudo nos casos que escapam ao diagnóstico de neurose. De fato, se a associação livre não opera no sentido de revelar os caminhos para a elucidação do sofrimento dos analisandos; se a circulação da palavra não é suficiente para garantir, em estado de abstinência, a expressão dos seus afetos, especialmente os hostis; e se a interpretação não alcança o ponto que pode conduzir as análises a termo, necessitando da participação do analista na produção de sentido por meio da construção; estamos frente à emergência de um novo estilo clínico.

Considerações finais

O acompanhamento das concepções de excesso na metapsicologia freudiana e de suas vicissitudes na clínica nos conduz, portanto, aos problemas responsáveis pelas modificações sofridas no estilo de psicanalisar encontrado em parte significativa da literatura psicanalítica. As dificuldades surgidas no tratamento de quadros de sofrimento psíquico diversos da histeria - notadamente aqueles em que predomina o masoquismo — levaram Freud a formular o conceito de pulsão de morte e a segunda tópica, na qual o excesso traumático se mescla com a figura do superego tirânico

Daniel Kupermann

e da miséria psíquica. Para os analisandos submetidos a essa configuração subjetiva, o tripé que sustentava a técnica psicanalítica tradicional — associação livre, princípio de abstinência no campo transferencial e interpretação do recalcado — perde sua efetividade clínica, obrigando Freud a novos questionamentos acerca do ato psicanalítico, que o remetem a uma revisão da importância do manejo da transferência negativa nos tratamentos e à formulação do conceito de construção em análise. A partir dessas formulações, é inevitável concluir que o psicanalista é exigido em sua disponibilidade sensível para enfrentar o desafio de admitir e acolher os movimentos afetivos do analisando, e para compartilhar, na clínica, o trabalho de criação de modos de subjetivação inéditos.

Daniel Kupermann

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Av. Professor Mello Moraes, 1721, bloco F, sala28

São Paulo – SP

CEP: 05508-030

Fones: (11) 3091 4910 / 4173 / 1947

Fax: (11) 3091 4911

dkupermann@usp.br

Referências

BALINT, M. (1954). Analytic training and training analysis. *International journal of psychoanalysis*. 35. London.

BREUER, Joseph; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In: _____. *Estudos sobre a histeria*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2). (Trabalho original publicado em 1893-1895).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. (1995). 1914 – Um só ou vários lobos? In: _____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Tradução A. Guerra, C. P. Costa. São Paulo: 34. Vol.1

FERENCZI, S. Transferência e introjeção. In: _____, *Psicanálise I*. Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 77-108. (Trabalho original escrito em 1909).

_____. Princípio de relaxamento e neocatarse. In: _____. *Psicanálise 4*. Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 53-68. (Trabalho original escrito em 1930).

_____. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. *Psicanálise 4* Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-108. (Trabalho original escrito em 1933).

_____. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In: _____. *Psicanálise 3* Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 1-8 (Trabalho original escrito em 1919).

FREUD, S. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: _____. *Primeiras publicações*

Daniel Kupermann

psicanalíticas. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 183-214. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3). (Trabalho original publicado em 1896).

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In:_____. *Fragmento da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 5-122. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7). (Trabalho original publicado em 1905[1901]).

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. *Fragmento da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 123-250. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7). (Trabalho original publicado em 1905).

_____. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In:_____. *Duas histórias clínicas: “o pequeno Hans” e o “homem dos ratos”*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 159-318. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10). (Trabalho original publicado em 1909).

_____. Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise 2. In: _____. *O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 193-207. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12). (Trabalho original publicado em 1914).

_____. História de uma neurose infantil. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 19-152. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17). (Trabalho original publicado em 1918[1914]).

_____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 201-214. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17). (Trabalho original publicado em 1919[1918]).

_____. Além do princípio de prazer. In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Tradução C. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 17-88. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18) (Trabalho original publicado em 1920).

Daniel Kupermann

_____. O ego e o id. In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-86. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19) (Trabalho original publicado em 1923).

_____. O problema econômico do masoquismo. In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Tradução P. Madureira. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 197-214 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19) (Trabalho original publicado em 1924).

_____. Análise terminável e interminável. In: _____. *Moisés e o monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Tradução J. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 239-288 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23) (Trabalho original publicado em 1937).

_____. Construções em análise. In: _____. *Moisés e o monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Tradução J. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 289-304. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23) (Trabalho original publicado em 1937a).

_____. Construções em análise. In: _____. *Moisés e o monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Tradução J. Abreu.

Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 289-304. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23) (Trabalho original publicado em 1937a).

_____. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: _____. *Gesammelte Werke – Werke aus den Jahren 1917-1920*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1986. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).

_____. Caminhos da terapia psicanalítica (P. C. Souza, trad.). In *Obras Completas v. 14*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).

GARDINER, M. (Org.). *L'Homme aux Loups par ses psychanalystes et par lui-même*. Paris: Gallimard, 1981.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia clínica*, v. 22, n.1 p. 193-207, 2010.

KUPERMANN, D.; SOUZA, R. Ironia, transgressão e tragicidade na neurose obsessiva. *Cadernos de psicanálise SPCRJ*, v.24, n. 27, p. 51-77, 2008.

ROUDINESCO, E.; PLON, M . *Dicionário de psicanálise*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SABOURIN, P. *Ferenczi – paladino e grão-vizir secreto*. Tradução L. C. Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D.W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Tradução I. Ortiz, Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 128-139. (Trabalho original publicado em 1960).

debate



A atenção flutuante na clínica contemporânea *Suspended attention in clinic today*

Jô Gondar*

Este artigo é baseado na conferência apresentada na
SPCRJ em 21/10/2011.

Resumo

O artigo situa a atenção flutuante como resistência ao *atencionismo* vigente no final do século XIX, valoriza o paradoxo inscrito na noção, apresenta o modo como ela foi concebida por outros analistas — Lacan, Bion e Ferenczi — enfatiza a importância da flutuação em tempos de TDA/H e, finalmente, articula a atenção flutuante à ideia de porosidade, através da noção de pequenas percepções, trabalhada por José Gil.

* Psicanalista, Membro Efetivo/ CPRJ, Doutora em Psicologia Clínica/ PUC-Rio, Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social/UNIRIO.

Jô Gondar

Palavras chave: atenção flutuante, TDA/H, pacientes contemporâneos, pequenas percepções.

Abstract

The paper places suspended attention as a resistance force to attentionism in late nineteenth century; values the paradox inscribed in that notion; shows how it is conceived by other analysts — Lacan, Bion, Ferenczi — emphasizes the importance of floating on the age of ADHD; and finally links the notion of suspended attention to the idea of porosity, through the little perceptions as proposed by José Gil.

Keywords: *suspended attention, ADHD, contemporary patients, little perceptions.*

debate



A atenção flutuante na clínica contemporânea *Suspended attention in clinic today*

Jô Gondar

No campo da cultura, a atenção é hoje um bem muito valioso e disputado. A mídia, a propaganda, o mercado e os próprios sujeitos fazem de tudo para obtê-la. O filósofo Georg Franck chega afirmar que ela é hoje o eixo de uma nova economia: a lógica da atenção teria substituído a lógica monetária (FRANCK, 1998). Não se trata apenas de riqueza, fama ou prestígio; numa cultura da visibilidade, onde ser e parecer são o mesmo, a atenção é quase uma condição existencial (CALIMAN, 2008). Neste contexto ela se torna também objeto de preocupação da medicina, e o TDA/H, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, passa a ter uma incidência importante nos serviços de saúde públicos e privados.

Contudo, a atenção tem uma história. Ela teria sido *descoberta*, como tema, pela psicologia do século XIX (CALIMAN, 2008). A atenção conta também

Jô Gondar

com historiadores, e Jonathan Crary é atualmente um de seus mais conhecidos. Interessando-se pela formação dos modos de percepção no século XIX, Crary mostra como a capacidade de focar e de fixar a atenção tornou-se necessária, nessa época, à integração das experiências subjetivas e à boa adaptação ao mundo (CRARY, 1999)

Mas a atenção também se mostrou importante para o desenvolvimento da objetividade pretendida pela ciência. Para que o objetivismo científico pudesse dominar o campo do conhecimento, foi preciso exercitar uma atenção voluntária, uma capacidade de selecionar e focar determinados objetos. Valorizada pela ciência, a atenção foi, nesse mesmo período, enaltecida pelo discurso moral; a moralidade vitoriana pregava o controle e domínio dos impulsos e dos sentimentos pela força de vontade e pelo treino da atenção. Era preciso inibir a emoção, os instintos, as paixões e os desejos do corpo, e disso dependia o caráter de um indivíduo: de uma força de vontade e uma atenção conscientemente controladas (CALIMAN, 2008).

A atenção foi tão requisitada durante o século XIX que o filósofo John Dewey chegou a dizer, em 1897, que se vivia na era do *atencionismo*: todos os manuais de psicologia tinham um capítulo dedicado ao seu estudo, interesse que se estendia também a outros campos, invadindo a esfera médica, jurídica, a educação, a arte, a economia e a política (CALIMAN, 2008). Em todas elas a atenção apresentava um mesmo significado, bastante preciso, implicando seleção, foco, esforço e vontade. É nesse universo que a psicanálise aparece.

O paradoxo da atenção flutuante

Freud, por um lado, alinha-se às preocupações próprias de seu tempo, apresentando também sua teoria sobre a atenção. Seria melhor dizer *suas* teorias, pois elas são duas. A primeira aparece no *Projeto* de 1895. Freud fala de uma regra biológica da atenção; o mecanismo da atenção acontece quando o eu reinveste um neurônio que já teria sido investido. (FREUD, 1895/1977, p. 487). Ou seja, ter atenção é reinvestir, focar uma percepção ou uma representação. Até aqui nada demais: atenção é foco, e Freud estava sendo simplesmente um homem do seu tempo. Porém as coisas começam a ficar mais complexas quando ele propõe a ideia de inconsciente e de manifestações do inconsciente. Na *Psicopatologia da vida cotidiana*, a atenção não é somente um mecanismo de foco, mas principalmente um mecanismo de inibição; o sujeito a usa para evitar que o inconsciente se expresse. É preciso haver um relaxamento da função inibidora da atenção para que um sonho ou um ato falho aconteçam (FREUD, 1901/1977).

Aqui Freud já prepara a sua segunda teoria da atenção. Essa não será apenas uma teoria biológica e nem se restringirá ao sujeito analisado. Ela dirá respeito também, e principalmente, ao analista. Se o paciente deve afrouxar a atenção para que o inconsciente se manifeste — e a associação livre serve a esse propósito —, o analista também precisa abrandá-la para captar o inconsciente. Nesse momento, Freud propõe a noção de atenção flutuante.

Jô Gondar

Atenção flutuante é uma expressão paradoxal. É aquilo que se chama oxímoro, a combinação de dois termos antitéticos. Ao inventar essa noção, Freud não é mais um homem do seu tempo; ele nada contra a corrente, propondo uma prática que se opunha às idéias de seleção, foco, esforço e vontade, vigentes no início do século XX.

A noção de atenção flutuante aparece, como sabemos, nas “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (FREUD, 1912/1977). Trata-se da primeira recomendação, aquela que Freud nos oferece de saída: o analista não deve dirigir a atenção para alguma coisa específica; ele deve manter “*a atenção uniformemente suspensa*” diante de tudo o que escuta. Essa é a expressão encontrada na Edição *Standard* Brasileira das obras de Freud, traduzida do inglês — *evenly suspended attention*. Porém no francês, no espanhol e no italiano a locução se modifica: surge uma atenção *flottante*, *flotante*, *fluttuante*. Temos aqui, de fato, uma expressão mais bonita e mais exata, correspondendo melhor ao termo alemão *Schwebende*. Flutuar é mais do que suspender. Suspender é colocar entre parêntesis, enquanto que flutuar traz também o sentido de vaguear, deixar-se ir e vir, experiência que pode ser comparada — e podemos usar aqui uma imagem de William James, ao falar do fluxo de pensamento — ao vôo de um pássaro que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de vez em quando em algum lugar. Esse pouso não deve ser compreendido como uma parada do movimento ou da flutuação, e sim como uma parada *na* flutuação (KASTRUP, 2007).

Nesse sentido, a experiência do pouso poderia fazer parte da atenção uniformemente flutuante.

Seleção, foco, vontade: para Freud é bem do oposto que se trata. As dimensões da atenção, tão valorizadas no momento de surgimento da psicanálise, são por ele consideradas um problema e um perigo para o tratamento. O principal perigo da escuta clínica, nos diz Freud, é a seleção do material trazido pelo paciente. Se o analista faz uma seleção, esta vai estar baseada em suas expectativas e inclinações, tanto no plano pessoal quanto no plano teórico. Apesar da figura do analista aparecer, para o senso comum, como a de alguém que toma notas atrás do divã, Freud recomenda justamente que ele não o faça, pois isso implicaria em selecionar o material e em aprisionar a atenção.

O que é selecionar? É fixar-se num ponto e deixar os outros de lado; é focar um aspecto e esquecer os demais. Selecionar envolve uma operação consciente e uma concentração deliberada. Freud nos diz claramente qual é o problema da seleção para um analista: *“ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber”* (FREUD, 1912/1977, p.150). A atenção consciente, voluntária e concentrada num foco seria, portanto, o grande obstáculo à descoberta. Por esse motivo, Freud recomenda uma atenção sem seleção, ou seja, uma disposição atenta a tudo da mesma maneira. Uma tal atenção aberta, sem foco definido, permitiria captar não só os elementos de um texto coerente,

Jô Gondar

mas também, e principalmente, o material desconexo e em desordem caótica. E aqui chegamos ao ponto: a atenção flutuante é a atitude proposta para que o analista possa apreender e lidar com o inconsciente.

De fato, se o inconsciente se expressa de maneira deformada, se os elementos aparentemente mais insignificantes podem dissimular os pensamentos inconscientes mais importantes, uma atenção focada faria com que o analista se perdesse nos detalhes, se enganasse, se desviasse de seu propósito. Diante de um objeto que aparece sempre deformado, a atenção flutuante seria a única atitude coerente. Freud aqui está, paradoxalmente, fazendo uma proposição científica — e a mais objetiva possível — bem conforme ao objeto que ele pretende investigar. E, sem fugir do paradoxo, dispõe-se a fazer ciência através de uma comunicação de inconsciente a inconsciente. Essa proposta é apresentada, no mesmo texto, através de uma metáfora que se tornou famosa, a metáfora do telefone: o analista *“deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor”* (FREUD, 1912/1977, p.154).

Mas como entender uma disposição tão paradoxal? Como é possível prestar atenção em tudo sem concentrar-se em nada?

Um equivalente dessa atitude pode ser encontrado nas artes marciais japonesas. Nelas se procura desenvolver uma capacidade denominada *zanshin*, cuja tradução literal é “o espírito

permanentemente desperto” (*apud* PARSONS, 2008). *Zanshin* é o estado de alerta a tudo o que se passa em volta, ao ambiente e aos inimigos. Os praticantes de artes marciais procuram cultivar esta capacidade para que o praticante não possa ser surpreendido com um ataque inesperado. Esse espírito desperto, contudo, não poderia provir de uma concentração ou de um esforço, pois ao concentrar a atenção numa direção o guerreiro ficaria menos atento à outra. É justo o oposto: há no *zanshin* uma dimensão de relaxamento que permite ao seu praticante estar permanentemente desperto. Trata-se, portanto, de um estado de alerta relaxado, e não de uma espreita aflita. Assim como na atenção flutuante, está em jogo um modo paradoxal de ligação entre rigor e errância. É interessante observar que tanto na psicanálise quanto nas práticas orientais, a atenção não é um processo pilotado por um eu, um eu visto como centro e fonte de toda atividade. Ao contrário, ambas trabalham com uma atenção descentrada e cheia de paradoxos: ativa e receptiva, concentrada e distraída, desperta e relaxada.

Lacan, Bion, Ferenczi

Nas mãos dos analistas contemporâneos ou posteriores a Freud, essa noção sofreu algumas derivações, de acordo com o modo pelo qual os analistas ou suas escolas entendiam a relação analítica e a função do analista. Freud propôs a atenção flutuante como a atitude mais indicada para apreender e lidar com o inconsciente. Mas o que seria apreender ou lidar com o inconsciente? É neste ponto que os analistas divergiam. Para alguns, apreender seria acolher; para

Jô Gondar

outros, seria flagrar. Neste último caso se situam os lacanianos, para quem a atenção flutuante permite analisar as vicissitudes do discurso, e nele as irrupções do inconsciente. A atenção flutuante, aqui, teria a ver com a possibilidade de flagrar as descontinuidades do fluxo discursivo: o analista precisa se manter atento para reconhecer essa descontinuidade e até favorecê-la, fragmentando o que, da parte do paciente, aparece como um texto contínuo. Marcando os rompantes do desejo inconsciente, estabelecendo cortes no fluxo de uma fala, o analista teria uma atitude próxima à do investigador capaz de pegar o sujeito em flagrante delito — no flagrante delito do seu desejo.

Outros analistas, mais pautados na relação de objeto e na experiência emocional entre analista e analisando, entendem que apreender o inconsciente significa acolhê-lo, e interpretam a atenção flutuante de outra maneira. Um bom exemplo aqui é Bion, quando recomenda que o analista receba seus pacientes “sem memória, sem desejo, sem busca de compreensão” (BION, 1970/2007), proposta claramente baseada na ideia de atenção flutuante.

Mas Bion formula, além disso, um conceito muito interessante, que lhe permite ampliar a recomendação técnica de Freud. Quando propõe que o analista aja sem memória, sem desejo e sem compreensão, Bion fornece uma interpretação própria à noção de atenção flutuante, recriando-a ao seu modo. Mas ao criar o conceito de *rêverie* ele amplia a concepção freudiana, fazendo-a abarcar também a atenção que o analista dirige a si mesmo.

Rêverie não foi um conceito pensado, a princípio, para expressar o estado de espírito do analista na sessão, e sim para compreender a atitude da mãe com seu filho: a mãe acolhe aquilo que provém da criança, submete esses objetos ao seu próprio funcionamento — ou seja, metaboliza-os — e os transforma em alguma coisa que a criança é capaz de utilizar de maneira criativa (BION, 1962/1988). Bion, porém, estabelece uma relação entre o estado de espírito de uma mãe com seu filho e o estado de espírito do analista com seu paciente. A *rêverie*, enquanto descrição do estado de espírito do analista, não seria simplesmente um estado de devaneísmo acordado, mas sim uma espécie particular de receptividade pela qual o analista se apresenta como disponível a toda experiência do inconsciente, provenha ela do paciente ou de si mesmo.

É sob este aspecto que o conceito de *rêverie* aparece como uma ampliação da proposta de atenção flutuante, já que esta atitude agora se volta também para o analista. (PARSONS, 2008). Freud havia proposto uma modalidade singular de atenção dirigida ao paciente. Mas deixou a pista da comunicação entre inconscientes, e é essa que Bion segue e desenvolve. Quando o analista entrega-se a um estado de *rêverie*, sua própria rede associativa, implicando imagens, sensações, fantasias e lembranças de sua própria vida se abre ao nível inconsciente de comunicação com o paciente. A *rêverie* define um campo particular de experiência entre analista e paciente, no qual se estabelece uma atitude mais predisposta a acolher do que a flagrar.

Jô Gondar

Uma outra possibilidade de ampliação da atenção fluante foi proposta, antes mesmo de Bion, por Ferenczi. Num artigo publicado em 1928, intitulado “Elasticidade da técnica psicanalítica”, Ferenczi apresenta uma metapsicologia do analista, ou mais exatamente, uma metapsicologia dos processos psíquicos do analista, investigando o que se passa com ele na situação clínica. O trabalho psíquico que o analista realiza numa sessão é complicado, diz Ferenczi. Ele deixa agir sobre ele as associações livres do paciente, deixa sua imaginação brincar com esse material, ao mesmo tempo em que faz um exame e uma crítica de seus próprios afetos e tendências (sentimentos, sensações físicas, fantasias, imagens) E o que guiaria o analista nesse trabalho tão complicado? O que é que serviria de bússola nesse movimento de ir e vir? Aqui Ferenczi propõe sua forma de encarar a comunicação entre inconscientes. A bússola residiria, segundo ele, na capacidade de *sentir com*. É essa capacidade de *sentir com* que estaria na base do tato do analista: saber quando e como se comunica algo ao paciente, de que forma apresentar essa comunicação, como reagir a uma situação inesperada, quando se deve falar e quando se deve calar (FERENCZI, 1928/1992).

Com isso, Ferenczi indica uma nova sensibilidade clínica que ele julga necessária para tratar de pacientes difíceis — e bastante próximos daqueles que atendemos atualmente. Ele não pretende, porém, valorizar um subjetivismo arbitrário ou uma simbiose afetiva com o paciente. Ferenczi quer justamente criticar um empirismo da espontaneidade

que levaria o analista a pautar suas intervenções no investimento narcisista em sua própria pessoa. Por esse motivo, não confere ao tato — e ao *sentir com* — uma dimensão mística, mas uma conotação musical: “procuramos nos colocar no diapasão do paciente”, ele escreve (FERENCZI, 1928/1992, p.36).

Comentando essa passagem, Pierre Fédida afirma que o que está em jogo é a possibilidade de o analista criar com o paciente um acorde musical, sendo que todo acorde implica ao mesmo tempo ressonância e discernimento das tonalidades, simetria e dissimetria (FÉDIDA, 1989, p.101). Com Ferenczi, a atenção flutuante se torna uma abertura para a composição com o paciente, ao mesmo tempo em que se estende para os estados íntimos do analista, numa combinação entre exame crítico e disponibilidade afetiva: “De fato, quase poderíamos falar de uma oscilação perpétua entre sentir com, auto-observação e atividade de julgamento” (FERENCZI, 1928/1992, p.32). Essa oscilação permanente entre o jogo afetivo e a observação rigorosa exigiria do analista o cumprimento rigoroso daquilo que Ferenczi propôs como a segunda regra da psicanálise: a análise do analista.

Tanto Bion como Ferenczi estão, de maneiras diferentes, levando a sério a proposta freudiana de articular a atenção flutuante à comunicação entre inconscientes. E como não considerar que essa comunicação inclui o inconsciente do analista? É o que ambos desenvolvem, seja através da noção de *rêverie*, seja com a metapsicologia dos processos do analista: um funcionamento complexo que se

Jô Gondar

movimenta de maneira pendular entre um deixar vir sensações e imagens — as do paciente e as suas próprias — e um exame acurado das mesmas.

Flutuação x dispersão no contemporâneo

Hoje, como na época do surgimento da psicanálise, a atenção volta a desempenhar um papel preponderante no plano científico e no plano moral, ainda que a moral funcione, na atualidade, sob uma forma diferente da moral vitoriana: se no século XIX quem não tinha atenção — sobre si — não tinha domínio dos instintos e autocontrole, no século XXI quem não tem atenção — dos outros — não tem sucesso. Mas se trata ainda, antes como agora, da importância da atenção para a ciência e para a moral.

Se procuramos descrever o modo como funciona a atenção hoje, o aspecto que mais sobressai é o da dispersão. Os sujeitos apresentam pouca capacidade de concentração, e sua atenção sobre as coisas se esgota em poucos segundos. Diante de uma televisão, os sujeitos zapeiam. Passam de um site a outro no computador, preferem se comunicar por SMS — mais rápido, menos pessoal — do que por telefone ou mesmo por email. Oscilando muito rapidamente de um polo a outro, a atenção se dispersa. É essa dificuldade de permanecer no foco que conduz ao diagnóstico de TDA/H, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, diagnóstico baseado na idéia de que um sujeito que não presta atenção tem problemas de aprendizagem, dificuldade de seguir regras e desenvolver projetos a médio e longo prazo. A noção de déficit de atenção funciona sob uma

lógica binária: atenção/desatenção, estabelecida com o propósito de focalizar a atenção para a busca de informações e o desempenho de tarefas (KASTRUP, 2004). Assim, se o sujeito não presta atenção é considerado inapto, sendo encaminhado para um tratamento que visa a aumentar a sua capacidade de focalização.

A questão é que os sujeitos contemporâneos — como os que são diagnosticados como TDA/H — não sofrem de falta de foco, mas sim de excesso de focalização (KASTRUP, 2004, p.15). A dispersão decorre disso: os sujeitos se mostram ávidos de novidades e consomem as informações rapidamente, numa busca sem encontro, já que tudo é rapidamente descartado. A atenção é ao mesmo tempo focada e fugaz (*ibidem*) O que falta à atenção na contemporaneidade é justamente a flutuação, a capacidade de passear, distrair-se, alternando tensão e distensão.

Por esse motivo, é importante diferenciar dispersão e distração. A dispersão está ligada ao excesso de informações e à necessidade de focar-se sucessivamente nas coisas; a sucessão de focos de atenção institui uma linearidade monótona e homogênea. A distração, contudo, é fundamental para a criação, como bem mostrou Winnicott, assinalando a importância dos estados de *não-integração* para a experiência da confiança e o gozo das atividades culturais. (WINNICOTT, 1990). A não-integração ou distração suspende o foco e permite o movimento de ir e vir, numa atitude de receptividade para o que não é conhecido. Lida nesta clave, a noção de

Jô Gondar

atenção flutuante, cem anos depois, ainda é capaz de contribuir para o entendimento do sofrimento contemporâneo.

Todavia, existem hoje situações clínicas que conduzem essa recomendação técnica freudiana a um impasse, obrigando-nos a revisitá-la e repensá-la. As vivências traumáticas sem inscrição psíquica produzem sujeitos dissociados, anestesiados, literais, cujo discurso se caracteriza pela fragmentação. Não encontramos nesses sujeitos, quando eles se dispõem a falar de si, um fluxo discursivo para o qual o analista dirija sua atenção — seja ela flutuante ou não. Ora, a atenção flutuante foi apresentada por Freud como um corolário da regra da associação livre. Como então exercê-la quando os pacientes têm dificuldade de cumprir a regra fundamental?

Não cabe abandonar uma proposição que é, de fato, uma das mais interessantes e ousadas de Freud. Mas talvez possamos alargar a concepção e a prática da atenção flutuante, buscando uma forma de torná-la capaz de abarcar o que se apresenta como fragmentário e sem inscrição psíquica. Não basta para isso incluir o analista no processo. Seria preciso também desenvolver um modo de sensibilidade, mais aberto, mais poroso, mais alargado. Em que sentido?

Os pacientes que não associam livremente, não apresentam conflitos e cujos sintomas não expressam simbolicamente um desejo inconsciente não têm o recalque como operador subjetivo principal. Nesse caso, a intervenção clínica não poderia ser a prática

da fragmentação ou do flagrante: as manifestações do inconsciente não vão ser flagradas num fluxo discursivo porque esse fluxo discursivo não existe. Mais do que buscar algum sentido oculto no discurso manifesto, ou de fragmentar um texto que parece contínuo, trata-se de recolher elementos dispersos que aparecem fragmentados e, grande parte das vezes, sem ligação entre eles. Esses fragmentos não são indicativos de uma cena, uma fantasia ou um significante recalcado. Não são traços, nem se referem a traços; são impressões sensíveis que não se registraram como traços, não fazem parte do inconsciente sistêmico e nem das possibilidades do discurso. Estariam mais próximos do que Freud chamou, na “Carta 52”, de *signos de percepção*: impressões que constituem um primeiro registro do processo perceptivo e já fazem parte de um sistema de memória, mas de uma maneira muito particular e diferente dos signos inconscientes. (FREUD, 1896/1976). As impressões sensíveis não são recolhidas pela linguagem. Elas se encontram registradas no corpo, e é através dele que se expressam: um brilho no olhar, uma pequena agitação, bocejos, tons de voz, ruídos e micromovimentos corporais (REIS, 2004).

Como fazer a atenção flutuante capaz de abranger também esses signos de percepção? Ora, se na recomendação clássica freudiana é preciso que o analista suspenda as motivações que dirigem habitualmente sua escuta, talvez ele possa fazer o mesmo em relação a outros modos perceptivos. Nesse caso, a atenção flutuante não se reduziria à escuta,

Jô Gondar

passando a abarcar toda uma sensibilidade flutuante e, em especial, um *olhar flutuante*.¹

Olhar um olhar

Por que esse privilégio do olhar? O sociólogo Georg Simmel, num livro intitulado *Ensaio sobre a sociologia dos sentidos* (1912/1981) mostra como a modernidade produziu transformações na percepção humana, tanto no plano objetivo como no plano psíquico. Ao analisar as mudanças históricas da percepção, Simmel vai fornecer um destaque especial às mutações do olhar. É que o sentido da visão é, para ele, o sentido preponderante na organização da sensibilidade, pela sua capacidade de troca com o outro. Para Simmel, a visão encontra sua realização máxima quando a atenção do olhar é respondida por um outro olhar. E o que acontece, ele pergunta, quando a visão é submetida a uma nova organização sócio-sensorial que obriga os indivíduos a verem constantemente seus semelhantes ou a serem constantemente observados, sem que uma comunidade de olhares possa acontecer? O que se produz é uma sensação de desorientação no meio da vida coletiva, o sentimento de isolamento e a sensação de ser rodeado por todos os lados por portas fechadas. O sujeito não sente confiança, diz Simmel, e adquire um olhar sempre à espreita.

Se traduzirmos essas ideias num vocabulário psicanalítico, diremos que um excesso de visão objetiva, um excesso de atenção focada, não favorece a criação de vínculos. Winnicott já enunciara algo

1 A ideia de um olhar flutuante já foi trabalhada, de maneira um pouco distinta da que aqui apresentamos, por Eliana Schueler REIS em *De corpos e afetos. Transferências e clínica psicanalítica* (2004).

semelhante ao dizer que o rosto da mãe poderia funcionar como um espelho (WINNICOTT, 1967/1975). Se a mãe enxergar o bebê somente de maneira objetiva, ou se o bebê olhar a mãe e vir apenas uma coisa, ele não será capaz de ver a si mesmo nesse rosto e não se reconhecerá nesse olhar. A visão objetiva pressupõe uma atenção focada, e nela o bebê não pode ser reconhecido. Mas o olhar, diferentemente da visão, supõe uma delicadeza da atenção: uma atenção flutuante.

Vivemos numa cultura da imagem, na qual a visão se torna o órgão dos sentidos mais investido, e até hiperinvestido. E é preciso levar isso em conta quando tentamos nadar contra a corrente; primeiro é preciso ver em que direção ela caminha. Freud nadou contra a corrente quando recomendou aos analistas uma atenção flutuante; ele resistiu à atenção com a atenção, ao atencionismo de sua época com uma concepção diferenciada da atenção. Nós podemos resistir ao excesso de visibilidade com um outro uso dos olhos: em vez de um excesso de visão, um olhar. Pois olhar é diferente de ver. Quando meu olhar encontra o olhar do outro, ele me permite ver também o que não vejo de mim; permite ver o que é para mim visível e o que é para mim invisível. Nunca vejo no olhar do outro o reflexo exato do meu olhar. Se alguém me olha, vejo nesse olhar o meu reflexo, e mais o modo como esse outro recebe o meu olhar. Nesse sentido, há um funcionamento mais complexo no olhar que o torna diferente da escuta: o ouvido recebe estímulos, mas o olhar, enquanto recebe e

Jô Gondar

reflete estímulos também os emite, fazendo intervir um modo subjetivo na imagem vista (GIL, 1996).

Se o analista pode manter-se, com a escuta, num lugar mais protegido na situação clínica, funcionando apenas como placa receptora do que o paciente emite, ele se encontra, por meio do olhar, mais engajado no encontro transferencial. O analista não está aí implicado porque seu paciente o usa como objeto de transferência, mas, mais radicalmente, porque seu olhar interfere na atmosfera que se cria durante o tratamento, e nas vivências que nele surgem e ressurgem. Desse modo, sua forma de sensibilidade, os modos pelos quais nele transitam os afetos são transmitidos ao seu paciente de uma maneira imediata. Esses afetos não se reduzem aos pontos cegos do analista nem a mera ressonância das projeções do paciente. São afetos gerados naquele encontro, com aquele sujeito; afetos originais, produzidos numa situação clínica específica.

No tratamento dos pacientes contemporâneos, pacientes que costumam apresentar vivências pregnantas de traumas, ausências de reconhecimento, desautorizações subjetivas, o olhar do analista — bem como o ritmo da sua fala e o tom da sua voz — podem funcionar como elementos importantes de sustentação subjetiva — de *holding*. Esses pacientes têm necessidade do olhar do analista ou, mais precisamente, de uma expressão do olhar capaz de reconhecê-los, validando seu modo de ser. A atitude do analista, nesse caso, é a que permite a passagem do olhar a ver-se, possibilitando ao paciente ver-se a si mesmo. Se o analista mantém o rosto imóvel e o

olhar neutro, ele funciona somente como um objeto de visão, tratando seu paciente também com uma visão objetivada. Para alguns pacientes, o divã funcionaria da mesma maneira: ao colocar-se fora do olhar de alguns pacientes, o analista estaria se furtando a fornecer a ressonância de que eles necessitam. Não é por acaso que esses pacientes não se deitam no divã e recusam a deitar-se.

Pequenas percepções e atenção porosa

O olhar flutuante, como já dissemos, seria um modo de olhar distinto da visão cotidiana e objetiva, através do qual poderíamos apreender pequenos gestos, atos, ritmos e ruídos que se expressam fora da via discursiva. O filósofo português José Gil chama esse modo de olhar, voltado para os elementos imperceptíveis à visão habitual, de *pequenas percepções*, noção por ele retomada de Leibniz (GIL, 1996; 2005). O que está em jogo no olhar flutuante não são os objetos para os quais olhamos, ou o fato de eles serem grandes ou pequenos. Essa atitude não diz respeito ao foco do nosso olhar, mas ao nosso próprio modo de perceber as coisas.

José Gil explica com clareza essa transformação do olhar no plano da estética, e podemos estendê-la ao campo clínico. Segundo ele, nosso olhar pode se apresentar sob três formas, configurando três modos perceptivos (GIL, 2005): há, em primeiro lugar, uma percepção trivial das formas. Essa é a nossa percepção costumeira, capaz de recortar e focar, numa nuvem de estímulos, grandes conjuntos, macropercepções ligadas a algum tipo de significação. Esse olhar é

Jô Gondar

meramente cognitivo, e apenas reconhece o que já é conhecido. É a esse tipo de percepção que Freud teria se referido quando disse que, ao selecionar ou focar determinados elementos, o analista não descobre nada além do que já sabe.

Haveria também um segundo tipo de percepção, não trivial, capaz de perceber outras relações e outros nexos entre os elementos visíveis. A percepção aí pode apreender as estruturas não aparentes ou escondidas naquilo que se dá a ver; pode captar aquilo que se oculta naquilo que se manifesta. José Gil sugere que esse regime de olhar é convocado por determinadas obras de arte que jogam com o claro e o escuro, o explícito e o dissimulado — as telas barrocas, por exemplo. No campo clínico, é possível associar esse modo perceptivo com a escuta do inconsciente e a capacidade que possui o analista de apreender os elementos recalçados.

Porém, num terceiro modo de percepção, o que muda não é aquilo que o olhar é capaz de captar — claro ou escuro, exposto ou escondido. Cada percepção se oferece por inteiro ao olhar, sem aspectos obscuros ou dissimulados. O importante não é o que o olhar captura, mas a transformação pela qual ele passa para apreender as forças que emanam de uma tela, de uma pessoa, de uma situação. Para isso, é preciso que a percepção se torne mais porosa, que o olhar se deixe impregnar por uma atmosfera. É esse regime de olhar que Gil associa às *pequenas percepções*: elas não dependem de uma diferença de escala, e sim da dissolução da percepção costumeira, que equivale a uma dissolução do eu. Essa dissolução

constitui a porosidade necessária à percepção das forças. O olhar perde o poder de penetrar e se deixa contaminar pela *atmosfera* de uma obra de arte, de uma pessoa, de um encontro.

O que é uma atmosfera? Segundo José Gil, ela é um *não sei o quê* que revela uma tendência a uma qualidade ou a um movimento antes mesmo que essa qualidade se defina ou esse movimento se faça:

A atmosfera compõe-se de miríades de pequenas percepções, uma ‘poeira’ atravessada de movimentos ínfimos. Na atmosfera nada de preciso é ainda dado, há apenas turbilhões, direcções caóticas, movimentos sem finalidade aparente. Contudo, a atmosfera anuncia — ou pré-anuncia, faz pré-sentir — a forma por vir que nela se desenhará (GIL, 1996, p.52).

Diferentemente de uma percepção habitual, que pode ser exercida na separação entre sujeito percebedor e objeto percebido, uma atmosfera só pode ser captada quando esses limites se dissolvem. É possível reconhecermos aqui um modo de sensibilidade próprio de alguns pacientes não-neuróticos. Dizemos habitualmente que eles são mais sensíveis ou perceptivos, e que mesmo o analista não consegue esconder, diante deles, seus estados de espírito. Na verdade, eles apreendem esses estados antes mesmo que se estabeleçam. Eles percebem as tendências anunciadas e pressentidas num turbilhão de pequenas percepções: eles captam as atmosferas.

Jô Gondar

Podemos aprender com os pacientes esse tipo de percepção. Ou talvez fosse melhor dizer: podemos acessar essa modalidade perceptiva em nós mesmos. Winnicott dizia que para analisarmos pacientes não neuróticos deveríamos alcançar, na nossa própria análise, os nossos níveis mais primitivos. O que é um outro modo de colocar a proposição de Ferenczi: o bom analista é o paciente tratado. É o acesso à própria fragmentação, a experiência da própria dissolução, que permitem ao analista entrar em contato com os estados fragmentados de um paciente.

Diremos, para finalizar, que a atenção fluante requerida para lidar com os pacientes contemporâneos é uma atenção porosa: ser sensível ao ambiente como uma criança pequena é sensível aos primeiros estímulos. Estar disponível para, a partir de minúsculos sinais — pequenas mudanças de expressão no olhar e do rosto, no tom e no ritmo da voz, na postura e no tônus corporal — captar uma atmosfera, sabendo que só se é capaz de captar uma atmosfera quando nela se entra, e se permite que ela entre em nós.

Jô Gondar

Rua General Cristóvão Barcelos, 24/701,
Laranjeiras -Rio de Janeiro,
CEP 22245-110.

Fone: (21) 2558-9870.

E-mail: jogondar@uol.com.br

Referências

BION, W. R. Uma teoria sobre o processo de pensar. In: _____. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imagem, 1988. p .101-110. (Trabalho original publicado em 1962).

_____. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Trabalho original publicado em 1970).

CALIMAN, L. V. Os valores da atenção e a atenção como valor. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br>. Acesso em 02/10/2011.

CRARY, J. *Suspensions of perception: attention, spectacle, and modern culture*. Cambridge : MIT Press, 1999.

FRANCK, G. *Ökonomie der Aufmerksamkeit*. München. Wien: Carl Hanser Verlag, 1998.

FÉDIDA, P. Modalidades da comunicação na transferência e momentos críticos da contratransferência. In: _____. (Org.) *Comunicação e representação*. Novas semiologias em psicopatologia. São Paulo : Escuta, 1989.

FERENCZI, S. Elasticidade na técnica psicanalítica. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 25-36. (obras completas, 4). (Trabalho original publicado em 1928).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e*

Jô Gondar

esboços inéditos (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 381-510. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1). (Trabalho original escrito em 1895, publicado em 1950).

_____. *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Rio de Janeiro: Imago, 1977, (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 6). (Trabalho original publicado em 1901)

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* 1911-1913. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 147-159 (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 12). (Trabalho original publicado em 1912)

GIL, J. *A imagem nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

_____. As pequenas percepções. In: LINS, D. (Org.). *A razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 19-32.

KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 7-16, set/dez 2004.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v.

19, n. 1, jan/abril 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/psoc>. Acesso em: 02/10/2011.

PARSONS, M. *et al.* Sobre a rêverie. In: _____. *O sonhar do psicanalista na sessão*. 2008. Disponível em <http://www.spbsb.org.br/forum2/forum.htm>. Acesso em: 01/10/2011.

REIS, E. S. De corpos e afetos. In: _____. *Transferências e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

SIMMEL, G. Essai sur une sociologie des sens. In: _____. *Sociologie et épistémologie*. Paris: PUF, 1981. p. 223-238. (Trabalho original publicado em 1912).

WINNICOTT, D. W. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 153-162. (Trabalho original publicado em 1967).

_____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

debate



A posição do analista frente aos sofrimentos narcísico-identitários

The psychoanalyst and the narcissistic troubles of identity

Regina Herzog*

Fernanda Pacheco Ferreira**

Resumo

A temática da construção nunca recebeu o mesmo destaque que a da interpretação e só foi realmente considerada no final da vida de Freud, a partir do artigo “Construções em análise”, de 1937. Neste trabalho nos propomos a pensar, através de articulações clínicas, a posição do analista frente ao tratamento dos sofrimentos narcísico-identitários, a partir da problematização dos conceitos de construção e interpretação.

* Psicanalista; professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ); coordenadora do Projeto PRODOC/CAPES; coordenadora do NEPECC/UFRJ; pesquisadora de produtividade em pesquisa CNPq.

** Pós-doutoranda (PRODOC/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ); pesquisadora do NEPECC/UFRJ

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

Palavras chave: construção, interpretação, transferência, narcisismo.

Abstract

The concept of construction in analysis has never received the same weight as the one of interpretation and it was only fully considered at the end of Freud's life. In this paper we propose to think about the position of the analyst toward the narcissistic troubles of identity, through the articulation of the concepts of construction and interpretation.

Keywords: *construction, interpretation, transference, narcissism.*

debate



**A posição do analista frente aos sofrimentos
narcísico-identitários**

*The psychoanalyst and the narcissistic troubles of
identity*

**Regina Herzog
Fernanda Pacheco-Ferreira**

A expressão “atravessamentos de Édipo e Narciso no contemporâneo”, que dá título a um dos conjuntos de artigos publicados neste número, comporta diversas leituras tanto no plano conceitual como no plano da clínica. Leituras que podem remeter a uma continuidade ou descontinuidade a depender do ponto de vista que se adote. De forma geral, verifica-se na produção psicanalítica contemporânea um movimento que vai de Édipo a Narciso, ou seja, concentrando-se muito mais no último do que no primeiro. Apesar de na obra freudiana a questão edípica ter sido tratada antes do narcisismo, sabemos

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

que no processo de subjetivação há uma antecedência da questão do narcisismo com respeito à questão edípica. O que nos permite dizer que através da constituição narcísica a castração, pela via do Édipo, introduz o sujeito na ordem simbólica.

No entanto, há que se respeitar este movimento, pois parece indicar no contemporâneo um abalo no processo que vai de Narciso a Édipo, na medida em que na atualidade o indivíduo perdeu as referências externas e se vê obrigado a criar suas próprias referências. Este deslocamento, no âmbito da clínica, conduz a um arrefecimento das famosas psiconeuroses dos tempos de Freud e um aumento significativo de patologias narcísico-identitárias. Em decorrência, nos deparamos com um acirrado questionamento sobre a pertinência de uma abordagem psicanalítica destas perturbações, envolvendo questões quanto à normatividade social. E isto devido à ideia bastante difundida de que sua trama conceitual está calcada no modelo da histeria no qual o Édipo tem um lugar de destaque.

Todavia, nunca é demais lembrar que Freud não foi quem produziu um sujeito conflituado entre o desejo e a culpa, mas sim quem descreveu com propriedade este sujeito produzido pela modernidade, apontando as consequências desta produção. Em outros termos, a teoria freudiana foi elaborada justamente sobre “o declínio das comunidades” que estava em curso no final do século XIX. Neste sentido, é bastante expressiva sua afirmação de que “enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a

se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa” (FREUD, 1930[1929]/1974, p.156). Tudo indica que hoje estamos diante de “outra forma” de organização.

Sem dúvida, Freud foi bastante enfático ao indicar que “a psicanálise demonstrou plenamente o papel desempenhado pelas condições e exigências sociais como causadores de neurose” (1913/1974, p.224), sendo também enfático na denúncia do dismantelamento da sociedade. Porém, em 1929 foi além quando pôs em dúvida que uma diminuição destas exigências pudesse dar alguma felicidade ao homem. O que significa que a balança entre satisfação e renúncia (outro modo de designar Narciso e Édipo) jamais será equilibrada. Este parece ser o sentido dado pelo autor quando diz “(...) o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização — isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua...” (1930[1929]/1974, p.167).

Neste registro, mesmo que se observe um deslocamento das “doenças do pai” (neurose obsessiva, histeria, paranóia) para as “doenças da mãe” (estados limites, esquizofrenias, depressões) (SCHNEIDER, 2002, p.112), isto não implica que a psicanálise não tenha nada a dizer com relação às últimas. Se é inegável que a psicanálise seja datada, não é menos verdade que, como filha de seu tempo, ela carrega o germe de uma mudança e muitos avanços no plano da clínica foram feitos a partir da teorização dos vínculos precoces e da crescente valorização do papel do meio ambiente por autores pós-freudianos.

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

Feito este esclarecimento, vamos retomar a questão que nos interessa: como lidar, no âmbito da clínica, com o que hoje é denominado patologias narcísicas, nas quais o que está em jogo é o déficit, a vergonha, a identidade, a clivagem, e não mais o conflito, a culpa, o recalque, o desejo ou o ressentimento. Esta distinção parece deixar claro que o modelo tradicional (leia-se modelo do recalque) do dispositivo clínico não funcionaria para as modalidades de padecimento psíquico contemporâneas.

Todavia, é arriscado tomar esta asserção como *fait accompli*. Em primeiro lugar, é preciso estar atento às consequências de tal posicionamento. Em muitos casos, nos deparamos com uma postura saudosista, uma nostalgia quase melancólica de uma situação em que a crença no social pudesse nos salvar de nós mesmos. Tudo isso sustentado pela concepção idealizada de um mundo ordenado que funcionaria por meio de uma relação vertical estabelecida pela autoridade simbólica; o que, na atualidade, teria ruído.

Ora, conceber que a direção da cura implica na possibilidade, quiçá no projeto, de se submeter a uma ordem transcendente (no caso, a ordem simbólica) nos parece distante da proposta freudiana, cujo método de tratamento foi concebido visando a que o sujeito possa lidar com sua pulsionalidade a despeito da ingerência da comunidade. Criar caminhos alternativos, inventar uma narrativa de si, poder escolher, está entre os objetivos deste método, o que, de modo algum, implica uma ideologia da escolha ou a prescrição de caminhos mais adequados ao bem viver. Nesta lógica, o conjunto das neuroses de transferência é pensado

como patologias da verticalidade, ao passo que as ditas novas patologias narcísicas são a consequência da horizontalidade (EHRENBERG, 2010). E se o psicanalista tivesse as ferramentas para lidar com as primeiras — entre elas, a associação livre, a escuta flutuante, a interpretação — acabaria titubeante diante das últimas. De fato, não podemos negar que haja uma diferença no modo de se abordar cada caso, mas ainda assim é preciso certo cuidado no estabelecimento destas diferenças. E, talvez, a questão mais pertinente não seja quais são as diferenças de cada caso, mas sim o que vem a ser este método.

Para começar, devemos lembrar que toda pretensão de generalização e normatização acaba se afastando da proposta freudiana, cujo método é construído para singularizar cada caso. Neste sentido, a importância do complexo de Édipo como operador central das neuroses de transferência não reside no fato de com isso se construir ou produzir um modelo tradicional que vai dar forma à direção da cura. Se Freud, por exemplo, se recusou a tratar das psicoses porque nelas a transferência parecia não ter lugar, isto não significa que as ferramentas utilizadas devam ser descartadas, mas sim que é preciso, nestes casos, estabelecer em que bases uma relação transferencial vai ser instituída. Ou seja, há que se ter cuidado com a designação apressada dos limites da interpretação (que não é a mesma coisa que o limite do interpretável) quando é o traumático que está em jogo e não mais, ou não tanto, o desejo inconsciente¹.

1 Para uma discussão mais ampla dos riscos de ter na ideia de representação psíquica um referente, postulando um para além dela, remetemos o leitor a Herzog, 2011.

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

Sem dúvida, o contato com o inusitado da clínica nos impõe um constante questionamento acerca dos recursos técnicos disponíveis. Aprendemos que certa elasticidade da técnica, mesmo com os riscos que pode acarretar, é necessária sempre que nosso arsenal teórico e técnico se mostra insuficiente diante de situações que escapam ao campo das neuroses, em outras palavras, à questão edípica.

É lugar comum considerar que a técnica interpretativa clássica opera no plano da representação; baseando-se no método da associação livre, centrada sobre a problemática edípica e o recalque, ancorada na posição de neutralidade do analista. Este é o modelo dito clássico, a despeito das recomendações de Freud, cuja preocupação maior foi justamente a de não ter um modelo. Mais do que repensar ou mesmo rejeitar este modelo, nos parece mais apropriado trazer a discussão para a relação transferencial e, mais especificamente, a posição do analista nesta relação. Qual é este lugar, quais são seus riscos e como fazer o trabalho terapêutico avançar são algumas das questões que passaram a ocupar as reuniões clínicas de nosso grupo de pesquisa². A articulação entre vergonha, angústia e timidez presente nestes sujeitos nos permitiu entrar em contato com determinadas situações clínicas que julgamos particularmente pertinentes ao sujeito contemporâneo e que se apresentam como desafios ao dispositivo psicanalítico.

2 Em relação à produção do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC/UFRJ), remetemos o leitor a VERZTMAN et al. (org.), 2012.

Quadros clínicos que remetem à falta ou excesso de limites como as anorexias, as depressões, os estados compulsivos e os quadros de pânico, nos forçam a repensar a própria ideia de interpretação. Como já indicado, a interpretação estrito senso seria aquela que tem lugar na neurose, a que visa ao desejo inconsciente e à fantasia que o sustenta, cujo modelo é a interpretação dos sonhos. Contudo, diante de configurações subjetivas menos estruturadas, como as citadas acima, esse tipo de interpretação não produz os efeitos esperados. Quanto a isso, nenhuma novidade; este é, aliás, o conflito que Freud enfrentou no final de sua vida e que em grande parte motivou os remanejamentos metapsicológicos e clínicos a partir de 1920, incluindo a escrita dos dois textos importantes para pensar essas questões: “Análise terminável e interminável” e “Construções em análise”, ambos de 1937. Freud está ali às voltas com os limites da técnica psicanalítica, de sua eficácia terapêutica, e neste contexto surge como alternativa a proposta da construção. Esta virada no pensamento freudiano muitas vezes provocou uma leitura na qual a oposição entre interpretação e construção foi exagerada. Todavia, a nosso ver, é preciso insistir em uma definição mais ampla de interpretação, que se dirija, além do desejo inconsciente, às resistências, aos mecanismos de defesa, ou mesmo às características do meio ambiente. E o grande ponto de diferença que vale ser marcado entre interpretação e construção talvez se dê no papel da atividade imaginativa do analista que, nunca é demais salientar, não deve se sobrepor à do paciente, mas pode ser crucial quando

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

o que está em jogo são processos inconscientes mais precoces.

Da interpretação e da construção

No que concerne aos debates sobre técnica, a temática da construção, embora presente de forma incipiente no famoso caso do Homem dos Lobos (FREUD, 1914[1918]), nunca recebeu o mesmo destaque que a da interpretação e só foi realmente formulada no final de sua vida, com o artigo “Construções em análise”, de 1937. No texto, Freud define a ideia de construção contrapondo-a à técnica interpretativa clássica, na qual, como se sabe, o analista busca, através da análise da transferência, vencer as resistências e tornar o material recalcado consciente. A nosso ver, mais do que funcionar como um contraponto, este posicionamento traz para a cena a problemática da relação analista/analizando para mostrar que não se trata da mesma relação presente na sugestão hipnótica, ainda que a sugestão esteja presente nesta dinâmica; e que o limite do interpretável, concomitante ao limite da psicanálise, deve ser entendido não como impossibilidade, mas como abertura.

É justamente no momento em que Freud começa a questionar a eficácia terapêutica do método psicanalítico, especialmente no que diz respeito à possibilidade de uma recordação completa e que, simultaneamente, coloca questões concernentes a um para além do Édipo, que a figura da construção é introduzida. A construção passa a ser concebida como um instrumento de que o analista pode lançar mão a

fim de viabilizar a emergência de eventos psíquicos que não puderam vir à luz pela via da rememoração. Sendo um trabalho que “envolve duas pessoas”, cada uma com tarefas distintas, ao analista cabe “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais precisamente, *construí-lo*” (FREUD, 1937, p.276). Freud equivale esse trabalho de construção ou reconstrução (já que neste texto não difere uma da outra), à escavação arqueológica, mas afirma que o analista possui vantagens em relação ao arqueólogo, pois para o analista, “todos os elementos essenciais se acham preservados; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes, *de alguma maneira e em algum lugar*, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessíveis ao indivíduo” (p. 277, grifos nossos).

Para Freud, a interpretação se aplica a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou ato falho, enquanto a construção diz respeito à apresentação por parte do analista de um fragmento esquecido da história primitiva do paciente. O exemplo de construção dado por Freud neste texto (FREUD, 1937/1996, p.279) é muito próximo daquele proposto anos antes a Serguei Pankejeff.

Segundo Etchegoyen (*apud* ABELLA, 2011), a maioria dos autores pós-freudianos concorda que a interpretação se concentra sobre um aspecto parcial do material enquanto a construção possuiria um caráter totalizante. A interpretação, portanto, seria mais breve, pontual e afirmativa e a construção mais ampla e hipotética. A partir daí depreende-se que a interpretação guardaria um aspecto de decomposição

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

ou desconstrução e a construção propriamente dita implicaria uma síntese. Em “Linhas de progresso na terapia psicanalítica”, Freud (1919[1918]/1996) compara a atividade psicanalítica com um procedimento químico: analisar corresponderia a dividir os processos mentais em seus componentes elementares. Mas, sempre que isto é conseguido, tal como ocorre com a análise química, “surgem sínteses que não fazem parte de sua intenção, devido à liberação das afinidades eletivas das substâncias em questão” (p.175). O trabalho de síntese é descrito, portanto, como uma função do eu e, como Freud observou, nas neuroses a psicossíntese é de fato “atingida durante o tratamento analítico sem a nossa intervenção, automática e inevitavelmente” (FREUD, 1919/1996, p.175). O neurótico suporta o efeito de desconstrução de uma interpretação, pois é capaz de mobilizar seu psiquismo e reorganizá-lo de maneira menos rígida e estereotipada; ao menos é esta a aposta do analista.

Nos casos em que o eu do paciente dá sinais de fragilidade, contudo, caberia então ao analista organizar estes fragmentos: uma construção seria necessária antes de se considerar a pertinência de uma desconstrução. Cabe marcar que não se trata de um trabalho realizado exclusivamente pelo analista, mas sim fruto da relação transferencial, implicando uma escuta atenta não só do discurso verbal, mas principalmente do que se manifesta sem encobrimentos.

Desse modo, ao escolhermos problematizar a ideia de construção neste artigo, não estamos usando-a

estritamente de acordo com o exemplo de Freud, ou seja, na busca da reconstrução de um passado ocorrido na história do paciente. Aqui estamos pensando em como a ideia de construção pode ser útil para criar uma experiência de continuidade narrativa ausente em alguns sujeitos, em especial no campo do que chamamos patologias narcísico-identitárias. Para alguns pacientes, construir uma narrativa, mesmo que rudimentar, é uma verdadeira e árdua conquista que muitas vezes só é possível através do papel de testemunho do analista.

No artigo intitulado ‘O inesquecível, limite do analisável’, Press (2011, p. 173) propõe que “um limite significativo do analisável está ligado ao que nós não podemos de forma alguma esquecer”. A rememoração pressupõe um funcionamento eficaz da temporalidade: para se lembrar é preciso poder esquecer e, para esquecer, é preciso que uma impressão possa ter adquirido um valor psíquico, entrando na dimensão temporal e tornando-se assim um traço mnésico. Neste registro, o inesquecível não seria acessível à rememoração o que nos leva a dizer que se trata de algo sempre presente. Ora, o que não pode ser esquecido não pode ser recalçado.

Acompanhando a argumentação de Press, cremos poder aproximar esta ideia de impressão (*Eindruck*) do que Freud designa como fragmentos no texto “Construções em análise”. A impressão (*Eindruck*) em si não constitui uma lembrança, só podendo ser conservada como traço (*Spur*) ou representação. É por meio da inscrição dos traços que uma impressão mantém seus efeitos na memória,

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

mas se ela não é inscrita, não pode ser evocada, daí a necessidade do trabalho de construção.

Press considera a possibilidade deste inesquecível tomar diversas formas, inclusive uma forma positiva, designando uma espécie de barulho de fundo de nossa presença sensível, que permite o advento da fantasia. Neste sentido, o autor admite a possibilidade de que haja “uma forma primeira e incontornável de inesquecível no interior de cada cura” (op. cit., p.179). Contudo, na nossa argumentação estamos preocupados com aquele inesquecível que, através do excesso traumático, curto-circuita a metabolização psíquica, impedindo o esquecimento e, conseqüentemente, a rememoração verbal. O sujeito vive em um tempo indefinido, “o passado lhe foi roubado e, por uma transmutação trágica, este passado ocupa — oculta — todo o seu futuro” (op. cit., p.180). O manejo com relação a este inesquecível é da ordem da escuta, não apenas do que é dito pelo paciente, mas de tudo o que se manifesta no contexto analítico, conforme apontado mais acima a propósito da construção. O *setting* ganha o primeiro plano e é importante não tomar essas manifestações como resistência, mas acolhê-las como uma verdadeira comunicação. Esta reação afetiva pode se manifestar de forma ruidosa ou como uma ausência de afeto. Como assinala Bertrand (2011, p.50), “a revivescência de impressões sensoriais arcaicas seria menos o retorno de um evento esquecido do que a oportunidade de se tornarem um acontecimento: se organizar em uma cena para a qual podemos dar um sentido” e uma temporalidade.

Nestes casos, interpretar — se tomamos a noção em seu sentido estrito — ao invés de aumentar o processo de subjetivação, pode ser uma violência, desqualificando a realidade subjetivamente vivida pelo paciente. Em nosso grupo de pesquisa, no qual recebemos pacientes que se descrevem como tímidos e apresentam graves sintomas fóbicos, temos nos deparado com questões que gravitam majoritariamente em torno de falhas na construção do eu, na distinção eu/outro, e nos limites dentro/fora. Nestes casos, percebemos a importância de se fazer uso da construção enquanto ferramenta clínica que permita criar uma continuidade subjetiva para que algum movimento desejante possa se instalar.

Ilustração clínica

Um jovem paciente, recebido em análise no contexto de uma pesquisa clínica, se queixa de, na infância e adolescência, ter sido constantemente alvo de brincadeiras e gozações agressivas, que ele próprio considera *bullying*. Sente sua vida vazia, solitária e “anormal”, e a crença de que seus problemas são decorrentes de alguma síndrome sobre a qual nem ele nem seu ambiente mais próximo teriam responsabilidade direta lhe traz conforto. A partir deste autodiagnóstico, tornou-se possível para ele formular uma demanda de tratamento que, em um primeiro momento, consistia basicamente em “aprender a se relacionar com os outros”. Uma das imagens que o paciente traz para expressar o que sente em relação ao mundo à sua volta é tirada de um jogo interativo no qual o personagem principal

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

constrói seu destino a partir das consequências de suas ações. No jogo em questão, face a cada novo desafio, o personagem tem à sua disposição diferentes opções de ações a tomar, fazendo com que a história siga rumos distintos a partir de cada escolha. Tal variedade e amplitude de ação encantavam o paciente que, diferentemente do herói de seu jogo, não vê surgir em sua vida nenhuma opção quando precisa, inclusive quando se trata de uma situação corriqueira como perguntar as horas a um transeunte. Este comentário dá a dimensão de sua inibição, que o remete a uma sensação de vazio subjetivo. Na clínica dos sofrimentos narcísico-identitários, a vergonha de si infiltra a personalidade do sujeito, implicando uma autopercepção desvalorizada, concreta e pouco metaforizada, dificultando que a fala se abra a novas representações. Além de um empobrecimento da capacidade associativa, a ambivalência e a ambiguidade próprias à linguagem não encontram lugar. Este mesmo paciente, por exemplo, em outro momento da análise, se diz instável emocionalmente porque experimenta sentimentos muito diversos em relação a uma mesma pessoa, sentimentos aos quais não consegue identificar uma causa. Diante desse fenômeno, pergunta-se como os outros irão percebê-lo, já que ora expressa um sentimento, ora outro. Tendo, em outras ocasiões, optado por intervenções que não surtiram efeito no paciente³, a analista nesta ocasião

3 Uma intervenção deste tipo se deu quando o paciente foi tomado por uma necessidade de descobrir o motivo de uma pessoa de quem gostava ter faltado a um encontro de trabalho sem avisar ou dar explicações. O evento havia ocorrido meses antes, mas a intensa reação afetiva surgiu ao mesmo tempo em que o paciente começava a se indagar sobre um possível abandono da parte de sua mãe na infância. Quando a analista lhe apontou a possível ligação entre os dois eventos, o paciente não esboçou nenhuma reação.

limita-se simplesmente a assinalar que as pessoas são ambivalentes, que é algo que faz parte da vida, ao que o paciente reage com uma expressão intrigada. Ao fim daquela sessão, após se despedir, ele retorna e pergunta: “É verdade mesmo? As pessoas são mesmo ambivalentes”? E ao longo de algumas sessões seguintes retoma esta questão. Nesta mesma linha, outro exemplo interessante pode ser obtido através da imagem bastante concreta que o paciente trouxe para expressar um conflito que estava vivendo. Disse ele: “se eu fosse um país e fizessem um plebiscito, eu diria que 60% seriam a favor e 40% contra”.

Tais considerações nos indicam algo já debatido na comunidade analítica há algumas décadas, mas que ainda aguarda maior desenvolvimento, isto é, a necessidade de uma discussão a respeito dos recursos técnicos que devem ser priorizados nesta clínica, o que nos conduz à indagação sobre a posição do analista e suas possibilidades de intervenção nesses casos⁴. De forma geral, os pacientes que temos recebido na pesquisa foram de algum modo privados da ilusão de serem sujeitos. Apresentam-se, assim, sem face nem verso, sem avesso nem direito, para usar uma expressão de Ciccone (2009, p.48), ou melhor, pode-se dizer que seu avesso não remete a algo que se passa no plano de uma interioridade. A interpretação analítica clássica que convida o sujeito a se responsabilizar pelo seu desejo não provoca o efeito esperado, pois ali não se encontra, ainda, um

4 A respeito desta discussão, cabe lembrar que evidentemente não pressupomos uma proposição técnica universal. Nossa intenção é apenas formular balizas que norteiem a prática analítica que, como se sabe, sempre deve se basear no encontro singular com cada sujeito.

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

sujeito desejante, no sentido comumente descrito pela psicanálise.

Nesse sentido, o trabalho analítico com esses pacientes deve possibilitar uma nova narrativa de si, da qual ele possa se apropriar e criar novas representações. No caso deste paciente, por exemplo, as vivências de humilhação de sua infância também incidiam sobre seu nome próprio, considerado estranho. A analista pergunta a origem de seu nome e ele explica que se trata da composição do apelido e do nome de um familiar que ele havia mencionado ser muito importante na sua vida e na de sua mãe. A analista diz que o nome era uma homenagem, intervenção que o surpreende positivamente, abrindo a possibilidade de seu nome se descolar minimamente da identidade vergonhosa. Mais adiante no processo de análise, o paciente conta à analista a história de seu nome, como se nunca tivessem falado sobre isso, desta vez emprestando um sentido positivo. A questão de seu nome, profundamente ligada a sua identidade, sempre volta às sessões e este rapaz, que certa vez perguntou como é que ele poderia deixar de ser menino e se tornar homem, diz que gostaria de um dia poder proferir seu nome em voz alta e com orgulho, impondo respeito. Ultimamente o paciente, que acaba de completar um ano de tratamento, começa a trazer fantasias, mesmo que muito idealizadas, que comportam prazer, algo que antes parecia que lhe era negado.

Seguindo Green (1974), podemos dizer que, para ser eficaz, o trabalho analítico com estes pacientes deve se dar na superfície, rente às associações.

As interpretações profundas e complexas, ou sistematicamente transferenciais têm apenas poder de reforçar a clivagem. Outra intervenção que, a partir da resposta do paciente, nos fez pensar na importância de irmos ao encontro do paciente e “falarmos sua língua”, decorreu do que a analista considerou, em um primeiro momento, como um deslize de sua parte. Diante de uma fala do paciente que indicava uma aposta prazerosa em si mesmo e no futuro, a analista deixou escapar uma constatação que em princípio guardaria apenas para si mesma e disse “quem te viu, quem te vê”. O paciente ficou visivelmente emocionado e agradeceu aquelas palavras, as quais repetiu em voz alta para si mesmo em seguida. Para este paciente, que se define como alguém que não sabe ler as emoções dos outros, a função do olhar tem uma importância capital. Algo desta função especular deve passar pela relação analítica e pelo papel do olhar da analista que atesta e reconhece sua existência e seus movimentos. Aquele espaço é de fato o primeiro lugar no qual pode falar e isso, por si só, produz efeitos positivos.

Temos observado nesses casos que, muitas vezes, trata-se de fazer mais afirmações do que perguntas, isto é, de explicitar o surgimento de um desejo, em vez de buscar a interpretação do desejo, que, em realidade, ainda não se constituiu. Contudo, como já afirmamos, diante do vazio associativo, o risco que se corre é ficar apenas no plano explicativo, caindo na cilada da sugestão e da resposta à demanda inicial que, no caso do paciente em questão, era a de “aprender a ler as emoções dos outros, interagir

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

melhor e ser normal”. Ao contrário de uma visada educativa e comportamental, tais afirmações teriam a função de criar pontos de certeza em torno dos quais o paciente pode construir algo, uma nova ficção de si mesmo.

Winnicott nos fornece uma ilustração deste tipo de intervenção através de uma observação feita durante a análise de Margaret Little. Segundo a própria Little (2002), um comentário de Winnicott sobre sua mãe ser “imprevisível, caótica” e criar o “caos em torno dela” foi uma espécie de revelação, mais do que de uma interpretação analítica propriamente dita, permitindo-lhe compreender e integrar algo que já sabia, mas do qual não podia se apropriar. O objetivo dessa intervenção, como lembra Roussillon (2005), não era culpabilizar a mãe da paciente, designando-a como objeto mau, o que seria analiticamente inútil, além de não ser pertinente. Seu objetivo era permitir que Little não sentisse “seu caos interno como o simples efeito de uma pulsão anárquica e desorganizadora” (ROUSSILLON, 2005, p.75), restituindo assim a perspectiva de uma dimensão objetual perdida na regressão narcísica confusional e abrindo para a possibilidade de uma apropriação subjetiva desse vivido.

Ainda segundo Roussillon (2002, p.56), com este tipo de intervenção o analista não interpreta o desejo do sujeito, ele “reconstrói a experiência subjetiva não subjetivada que infiltra o presente perceptivo do sujeito”, ajudando-o a estabelecer uma diferença entre o que lhe pertence e o que resulta mais propriamente de seu ambiente inicial. Desse

modo, através da explicitação das identificações narcísicas primeiras, o espaço analítico viabiliza a possibilidade de uma diferenciação dentro/fora, eu/não-eu, que nesses sujeitos se apresenta de forma muito precária.

A propósito do funcionamento psíquico, como lembra Green (1974), na clínica dos sofrimentos narcísico-identitários, este é impregnado pelo modelo do ato, consequência de uma impossibilidade de reduzir as quantidades massivas de afetos que sofreram uma elaboração insuficiente por parte do pensamento. Nesta visada, o ponto de vista econômico se torna preponderante, mas, a nosso ver, ele só faz sentido caso se leve em plena consideração o papel do objeto na capacidade de transformação das quantidades. É função do *setting* tolerar as tensões extremas, reduzi-las e transformá-las, a partir do aparelho mental do analista, isto é, da qualidade de sua presença e de sua própria capacidade de fantasiar. O analista deve estar lá *em pessoa*. Pode-se dizer que a transferência nestes pacientes passa mais por uma atuação de determinada relação com o objeto do que pela fantasia do jogo transferencial neurótico.

Com este tipo de paciente, contudo, um risco recorrente, ao qual Freud sempre chamou atenção, é o de, ao empatizar com seu sofrimento, ao fazer o paciente entrar em contato com sua realidade psíquica, sucumbirmos a uma vitimização que em nada o ajudaria. Por outro lado, acreditamos que também de nada adiantaria convidar o paciente a se responsabilizar por seu desejo se este ainda não se encontra presente. Como afirma Pontalis (1991,

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

p.68), “podemos conduzir nossos pacientes rumo ao outro sentido, recalcado ou desconhecido, de uma ‘vivência’. Mas não podemos desqualificar o seu ser”.

No caso destes pacientes que, em sua grande maioria, experimentaram um desencontro entre suas necessidades e as respostas do ambiente, parece necessário que o trabalho analítico possibilite reconhecer e ressignificar emoções que eles sentem, mas não conseguem nomear, para que um trabalho posterior seja possível. Para tanto, julgamos ser necessário escutar o sofrimento do paciente em todas as suas formas de expressão. Como afirma Green (1979), o inconsciente se diz como pode e privilegiar apenas uma dimensão, seja ela representativa, afetiva ou corporal, equivale a negar sua polissemia.

Conclusão

A despeito da contribuição de vários autores posteriores a Freud, os limites entre interpretação e construção permanecem pouco claros. Pode-se considerar, por exemplo, que uma construção mesmo não comunicada, pode ser levada em conta na interpretação, inclusive orientando-a (BERTRAND, 2011, p.59). Neste artigo, nos propusemos a desviar a atenção para os “sinais de fragilidade” dados pelos pacientes para pensar em que medida a ideia de construção pode nos ser útil diante das dificuldades no campo da associatividade, gerando impasses para a rememoração e para o próprio estabelecimento da relação transferencial nos casos denominados como patologias narcísico-identitárias.

Adotamos uma ideia de construção na qual a relação analítica possibilita criar as condições para que fragmentos de impressões que não puderam se inscrever, provavelmente devido a uma falha de sintonia nas trocas afetivas precoces do sujeito com o meio ambiente, possam ser apropriadas no sentido de se organizar em uma narrativa. Neste sentido, o que comumente consideramos uma falha de simbolização deveria antes ser compreendido como a persistência, pouco ou quase nada modificada, “*de um estado de coisas que exprime constantemente a situação de transbordamento, sem jamais nos dizer em que ela consistiu* (seria mais exato empregar o termo no plural: trata-se quase sempre de feitos cumulativos)” (PRESS, op. cit., 186, grifos do autor).

Regina Herzog

Rua Almirante Guillobel, 37 apto 202
Lagoa-Rio de Janeiro,
CEP 22.471-150
Tel: 81328507
rherzog@globo.com

Fernanda Pacheco Ferreira

Av. Ataulfo de Paiva 1079, sala 1001
CEP 22.440-035
Leblon-Rio de Janeiro
Tel: 31142006
fpachecoferreira@gmail.com

Referências

ABELLA, A. La problématique de la construction. In: _____. *J. La construction en psychanalyse: récupérer le passé ou le réinventer?* Paris: PUF, 2011, p. 13-45.

BERTRAND, M. Construire, inventer, changer. In: ABELLA, A. MANZANO. *J. La construction en psychanalyse: récupérer le passé ou le réinventer?* Paris: PUF, 2011, p. 47-67.

CICCONE, A.; FERRANT, A. *Honte, culpabilité et traumatisme*. Paris: Dunod, 2009.

EHRENBERG, A. *La société du malaise*. Paris: Odile Jacob, 2010.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 75-171 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21). (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

_____. O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, S. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 199-226 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13). (Trabalho original publicado em 1913).

_____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 169-181. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17). (Trabalho original publicado em 1919).

_____. Construções em análise. In: FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 223-269. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23). (Trabalho original publicado em 1937).

GREEN, A. L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In: _____. *La folie privée*. Paris: Gallimard, 1990, p. 73-120. (Trabalho original publicado em 1974).

_____. Le silence du psychanalyste. In : GREEN, A. *La folie privée*. Paris: Gallimard, 1990, p. 365-400. (Trabalho original publicado em 1979).

HERZOG, R. *Os limites da representação psíquica in Limites da clínica, clínica dos limites*. Organização de Claudia Amorim Garcia e Marta Rezende Cardoso. Rio de Janeiro: Cia. de Freud; FAPERJ, 2011.

LITTLE, M. Lorsque Winnicott travaille dans des zones où dominant les angoisses psychotiques – un compte rendu personnel. In: ANDRÉ, J.; THOMPSON, C. (dir.). *Transfert et états limites*. Paris: PUF, 2002, p. 105-155.

PONTALIS, J.-B. Não, duas vezes não. In: _____. *Perder de vista: Da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PRESS, J. L'inoubliable, limite de l'analysable. In: ABELLA, A. MANZANO, J. *La construction en*

Regina Herzog e Fernanda P. Ferreira

psychanalyse: récupérer le passé ou le réinventer?
Paris: PUF, 2011, p. 171-193.

ROUSSILLON, R. Le transfert délirant, l'objet et la reconstruction. In : ANDRÉ, J. ; THOMPSON, C. (dir.). *Transfert et états limites*. Paris: PUF, 2002, p. 41-58.

_____. Préconditions de l'aire transitionnelle: la déconstruction du narcissisme primaire. In: DUPARC, F. (dir). *Winnicott en quatre squiggles*. Paris: In Press, 2005, p. 70-83.

SCHNEIDER, M. Big Mother. Psychopathologie de la vie politique. Paris: Odile Jacob, 2002.

VERZTMAN, J. et al. *Sofrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

debate



**Novas Configurações da Diferença Sexual
Singularidade /Diferença.**
*New Configurations About Sexual Difference
Singularity/ Difference.*

Regina Neri*

Resumo

A psicanálise tem o mérito de pensar a sexualidade como construção, trazendo contribuições fundamentais para a reflexão acerca dos processos de subjetivação e sexualização na cultura. Norteadas pela formulação de M. Foucault, de que os discursos sobre o sujeito e o sexo são produzidos historicamente, vamos situar a teoria freudiana sobre a diferença sexual dentro dos marcos dos discursos sobre o sexo emergentes na modernidade. Pretendemos refletir sobre os impasses do

* Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

Regina Neri

modelo fálico-edípico para pensar o feminino como alteridade. Teoria da diferença ou versão masculina da diferença? Quais os possíveis destinos da diferença sexual no século XXI? Esses questionamentos encerram uma aposta na psicanálise para escutar, na clínica e na cultura, a inscrição de novos processos de singularidade subjetiva e erótica.

Palavras chave: modernidade, diferença sexual, modelo fálico-edípico, feminilidade.

Abstract

Psychoanalysis has the merit of thinking sexuality as a construction, bringing fundamental contributions to reflexion about subjectivations processes and sexuation in the culture. Oriented by M. Foucault formulations that human and sex speeches are historically produced , we are going to situate freudian theory about sexual difference between the limites of speechs about sex emerging in modernity. We intend reflecting about the problems of falic- edipic model to think feminity as alterity. Theory of difference or masculine version of difference? What will be possible destines_of sexual difference in XXI century? All this questions have the finality to improve the capacity of to follow in clinics and culture the advent of new processes of erotic and subjetive singularity.

Keywords: *modernity, sexual difference, falic-edipic model, feminility.*

debate



**Novas Configurações da Diferença Sexual:
singularidade/diferença**

*New configurations about sexual difference:
singularity/ difference*

Regina Neri

Para **Márcia Arán**, *in memoriam*.

No final do século XIX, Freud, escutando o mal estar do feminino, funda a psicanálise ao dar crédito e ouvido à histeria como portadora de uma verdade que subverte a racionalidade filosófica e científica. No início desse novo milênio, nos propomos a uma reflexão sobre o encontro entre a psicanálise e o feminino, que marcou de forma indelével o século XX.

Como assinala G. Fraisse (1998), a psicanálise se apresenta como primeiro discurso que se funda numa interrogação sobre o feminino, colocando no cerne de sua interrogação a questão da diferença sexual. Em que medida “esse outro discurso, a psicanálise,” que vem subverter a ordem da razão,

Regina Neri

é tributário “desse outro, o feminino”, que, excluído durante séculos da civilização da razão, surge nesse momento na cena histórica (NERI, 2005).

Dentre os muitos autores que se referem à pregnância do feminino no pensamento de Freud destaca-se W. Grannoff, que em seu livro *O pensamento e o feminino* afirma que a psicanálise seria filha do império do feminino sobre a constituição da cena psíquica de Freud (GRANNOFF, 1976). No nosso entender, a relevância do feminino no psiquismo e na obra freudiana está diretamente relacionada à entrada do feminino na cena social, momento em que a mulher saiu dos bastidores para se tornar objeto de interrogação. Como primeiro discurso fundado sobre o feminino, a psicanálise, aliás, foi uma das expressões de sua valorização cultural.

Deve-se, no entanto, interrogar a relação de tensão existente entre a psicanálise e o feminino. Embora a modernidade seja marcada pela emergência do feminino, o homem nesse momento ainda era majoritariamente o *sujeito* do discurso, e a mulher, necessariamente seu *objeto* (FRAISSE, 1994). O discurso psicanalítico tem o mérito de pensar a sexualidade como construção; não nascemos, mas nos tornamos homens ou mulheres, trazendo contribuições fundamentais para a reflexão acerca dos processos de subjetivação e sexuação na cultura. Entretanto, como se interroga F. Collin (1994), a psicanálise se apresenta como subversão ou nova metamorfose da metafísica dos sexos presentes no horizonte do pensamento filosófico? O modelo fálico-edípico se configura como uma teoria da diferença ou uma versão masculina da diferença?

Norteadada pela formulação de M. Foucault, de que os discursos sobre o sujeito e o sexo são produzidos historicamente, vamos situar as formulações freudianas sobre a diferença sexual dentro dos marcos da produção discursiva sobre o sexo na passagem do século XVIII ao XIX.

Pretendemos instaurar um debate sobre a questão da diferença sexual no campo da psicanálise, inserindo o discurso psicanalítico na discussão travada em outros campos do saber sobre os possíveis destinos da diferença sexual no século XXI. Teria a diferença sexual que estar necessariamente atrelada à oposição dialética masculino/feminino? Em que medida a psicanálise avançou ao substituir o determinismo anatômico formulado pelo discurso iluminista do século XVIII por um determinismo simbólico universal fálico?

Esses questionamentos encerram uma aposta na psicanálise para escutar, na clínica e na cultura, a inscrição de novos processos de singularidade subjetiva e erótica.

Modernidade: passagem da teoria de um único gênero ao modelo de dois sexos

No século XVIII, a Revolução Francesa assinala a passagem da metafísica teológica para o Iluminismo (CHÂTELET, 1992). A crise da ordem transcendental abala a hegemonia do gênero masculino, figura paradigmática do sujeito universal metafísico. A democracia moderna desloca as relações do plano da verticalidade para o da horizontalidade e anuncia, na morte do rei, a morte do pai e de Deus,

Regina Neri

conduzindo os filósofos do século XIX, entre os quais Karl Marx e Friedrich Nietzsche, a proclamarem a morte de Deus como condição necessária à libertação da humanidade (BADINTER, 1986). O questionamento da transcendência coloca na ordem do dia a questão: direito dos homens ou da humanidade?

Nesse contexto, será questionada a tradicional superioridade do sexo masculino, considerado pelo pensamento filosófico desde Aristóteles como princípio divino da razão criadora. Desde a Antiguidade até o século XVIII, vigorou o postulado do sexo único. Esse modelo teológico metafísico, segundo o qual é o gênero (diferença cultural pelas qualidades morais) que define o sexo (diferença anatômica biológica) afirma a superioridade do masculino e a existência de um único gênero, o masculino. O feminino sendo considerado, desse modo, ao longo de séculos, como uma versão imperfeita e inacabada do gênero masculino, um masculino inferior (LAQUEUR, 1992).

Deve-se aos pensadores iluministas a introdução, no século XVIII, da tese de dois sexos, fato que vem mostrar que a diferença pensada em termos da dialética masculino/ feminino é uma construção recente. Para esse modelo cientificista, é o sexo anatômico e biológico que define o gênero, formulando, assim, a concepção de dois sexos diferenciados por uma essência natural e biológica (LAQUEUR, 1992, p.176-177).

Como assinala T. Laqueur (1992), o surgimento do modelo essencialista se apresenta

como uma solução de compromisso dentro da nova ordem vigente. A instauração da divisão masculino/ razão *versus* feminino/ paixão introduz uma nova hierarquia, não mais divina e sim biológica, que limita a mulher ao papel de mãe e esposa no espaço doméstico, reservando aos homens o exercício do pensamento e o domínio do espaço público (pp. 83, 86-87).

A psicanálise, produção discursiva em tensão: masculino-universal/feminino singular

A psicanálise se inaugura dando crédito e ouvido ao feminino e é frequentemente ressaltado o papel determinante da histeria como “figura matricial do discurso analítico” (NASIO, 1995, p. 9). Para Lacan, “o caminho do inconsciente propriamente freudiano, foram as histéricas que o ensinaram a Freud” (LACAN, *apud* RAJCHMAN, 1994, p. 31). Entretanto, a associação estreita entre a psicanálise e o feminino merece ser re-interrogada. De sujeito de enunciação e figura matricial da psicanálise, pouco a pouco, o feminino se torna objeto de um discurso que visa decifrá-lo, transformando-se por fim no enigma obscuro do continente negro.

Sob essa perspectiva, consideramos a psicanálise como uma produção discursiva que emerge para dar conta de uma diferença que, em razão da entrada do feminino na cena social, não pode ser mais evitada. A riqueza e a singularidade da psicanálise estão no fato de ela ter se constituído em uma tensão discursiva — presente na obra freudiana —, entre dar voz a esse outro, que aponta para a alteridade e para

Regina Neri

a diferença, e restaurar o papel do masculino como universal na cultura (NERI, 2005).

Como indicado, a emergência da democracia moderna torna mais complexa a tarefa de justificar a superioridade masculina. Segundo Laqueur, mesmo que o modelo essencialista de dois sexos tenha sido formulado pelo iluminismo científico, o que é fundamental no discurso sobre a sexualidade, não é a ciência, e sim a cultura e a política.

Em sua *História da sexualidade*, M. Foucault, no volume 1, *A vontade de saber*, mostra que a partir do século XVIII o elemento sexual apresenta grande instrumentalidade nas relações estratégicas de poder, observando-se a emergência das ciências sexuais que visam menos a repressão do sexo e mais ao adestramento dos corpos e das sexualidades, com o objetivo de produção de subjetividades que se coadunem com a consolidação do capitalismo e da família burguesa. Esses dispositivos incidiram particularmente sobre o corpo feminino, histericizado e patologizado, com o objetivo de excluí-lo do espaço público, tendo o discurso psiquiátrico do século XIX delineado duas patologias dessa “natureza degenerada”: a histeria e o masoquismo.

Em sua obra, M. Foucault evidenciou o que chamou de “hipótese repressiva do poder”, referida a uma instância jurídica universal, à qual contrapôs uma concepção de poder como jogo estratégico de forças historicamente determinadas. No esteio de seu pensamento, J. Rajchman considera que a psicanálise ainda postularia uma origem da identidade que não

seria histórica na medida em que estaria referida a coordenadas universalizantes. Haveria na psicanálise uma teoria de sujeito determinada por uma ordem simbólica universal, que, em Freud, refere-se a uma pré-história fictícia do primevo, tal como formulada no texto “Totem e Tabu” (1913). Essa teoria será reinterpretada por Lacan em termos de estrutura e articulação primordial do desejo à lei (RAJCHMAN, 1994, p.125-126).

De fato, para a psicanálise, a lei constitutiva do desejo está referida a um simbólico universal indubitavelmente associado ao masculino. Em “Moisés e o monoteísmo” (1939), Freud louva a hegemonia paterna como progresso da civilização e vitória do espírito sobre a sensorialidade. No texto “Agressivité en Psychanalyse, Lacan, constatando com pesar o declínio da civilização paterna, postula a normatividade libidinal e cultural da humanidade como sendo ligada, desde o início, à *imago* paterna (LACAN, 1966a, p. 117).

Para M. Schneider (2000), essas formulações apontam para a herança patriarcal da psicanálise, apoiada em uma clivagem secular entre masculino-espírito-cultura e feminino-natureza-sensorialidade pela qual o masculino, emblema da cultura, fundamenta-se em um afastamento do mundo sensível, ao passo que o feminino, excluído dessa ordem cultural, associa-se à sensorialidade.

Nessa perspectiva, pode-se considerar a construção fálico-edípica como tentativa de preservação do lugar hegemônico do masculino na

Regina Neri

cultura. Por outro lado, cabe perguntar em que medida o discurso sobre a sexualidade feminina se apresenta como ruptura ou em continuidade com o projeto de adestramento do corpo e da sexualidade da mulher.

Freud: entre o impasse do monismo fálico e o passe da feminilidade

O discurso freudiano sobre a sexualidade se inaugura de forma magistral com o texto “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), no qual Freud formula o conceito de pulsão como radicalmente diferente do instinto. Com a formulação da sexualidade infantil caracterizada como perverso-polimorfa e da pulsão sexual como pulsões parciais, Freud se coloca em completa oposição às teses essencialistas da sexualidade, se situando na contra corrente do dispositivo perversão-degenerescência-hereditariedade que norteava o discurso psiquiátrico da época. Nada na sexualidade humana está garantido, a pulsão sexual investe os mais diferentes objetos, é variável múltipla, dissociada da genitalidade e da procriação da espécie.

O conceito freudiano de sexualidade perverso-polimorfa expressa a radicalidade do discurso psicanalítico ao enunciar uma sexualidade antinatural, disruptiva, que prenuncia a afirmação lacaniana de que não há relação sexual enquanto encontro complementar dos sexos (JURANVILLE, 1993).

A formulação da pulsão sexual perverso-polimorfa, vale dizer, permite a Freud pensar

a sexualidade humana fora dos marcos do biologismo e a diferença sexual fora do registro da complementaridade entre os sexos. Ela, portanto, garante à obra freudiana uma ruptura em relação, seja à teoria essencialista, seja à ordenação universal predeterminada à qual a construção fálico-edípica se refere.

É ainda nos “Três Ensaio...” que Freud vai enunciar a tese de uma libido de essência masculina, inaugurando a teoria do monismo sexual — só há um sexo, o masculino — que ganhará uma importância crescente na obra freudiana. O monismo sexual, tal como enunciado nesse texto, está vinculado ao órgão anatômico, o pênis, e associado à tese de uma libido ativa de essência masculina.

Freud aponta ainda nesse texto o destino da sexualidade feminina como sendo o abandono do clitóris, que corresponderia à sexualidade ativa masculina, em prol da vagina, que revela um ideal feminino vinculado à passividade e à sexualidade com fins reprodutivos.

“Três ensaios sobre a sexualidade” revela o descompasso entre a formulação freudiana da plasticidade da pulsão sexual em ruptura com o determinismo anatômico e sua concepção da diferença sexual, impregnada de teses essencialistas. A contradição das hipóteses de Freud sobre a mulher — marcada por uma masculinidade inicial, ela também seria feminina por essência, devendo renunciar à sexualidade ativa do clitóris para aceder ao gozo vaginal verdadeiramente feminino — revela

Regina Neri

sua filiação tanto ao monismo galênico quanto às teses essencialistas. (NUNES, 1996). Desse modo, não é o monismo sexual, e sim o conceito de pulsão sexual polimorfa que garante a Freud nesse momento a formulação inovadora da sexualidade humana como anti-natureza.

O monismo fálico, considerado a grande inovação da psicanálise no que concerne à especificidade da sexualidade humana, está em linha direta com o modelo teológico-metafísico, referido a um *télos masculino*, com seu postulado de um único sexo, o masculino, pelo qual o feminino é considerado um masculino imperfeito, modelo que, como já indicado, vigorou até o século XVIII.

A partir dos anos 1920, a releitura do monismo sexual em termos da primazia do falo como símbolo da castração, a articulação da fase fálica com o complexo de Édipo e o complexo de castração, e a tentativa de pensar a sexualidade feminina com uma dinâmica própria e não mais em simetria com o masculino, se mostraram, sem dúvida, como uma proposta de pensar a sexualidade como construção, “um tornar-se homem ou mulher”.

Em “A organização genital infantil” (1923) Freud reinterpreta o monismo em termos não mais da dominância do pênis e sim da primazia do falo. A fase fálica introduz o falo como operador da diferença sexual — ter ou não ter o falo —, eis a questão, que reitera a concepção monista da existência de um único sexo, a oposição sexual se dando em termos da dialética masculino/castrado.

Freud tenta dar conta da especificidade da sexualidade feminina ao longo de quatro textos sucessivos: “A dissolução do complexo de Édipo” (1924); “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925); “A sexualidade feminina” (1931) e “Feminilidade” (1932). Vamos nos deter no texto “A sexualidade feminina” para apontar que, ao fim de todo esse esforço, o Édipo feminino se apresenta menos como uma resolução e mais como um problema¹. Como constata Freud, a equação pênis-filho não se opera; o feminino fica instalado numa reivindicação fálica e marcada pela inveja do pênis.

É nesse mesmo texto que Freud se depara surpreso com uma outra cultura: atrás do cenário fálico-edípico se descortina a civilização mino miceniana. Entretanto, parece que Freud desiste de investigar a gramática dessa cultura que desregra a sintaxe edípica (ASSOUN, 1982, p. 39). Nas palavras de Freud, “tudo o que toca ao domínio dessa primeira ligação com a mãe, me pareceu tão difícil de apreender, tão esmaecido no tempo [...], submetido a um recalque inexorável (FREUD, 1973, p.140). Desse modo, a língua pré-edípica se converte num amalgama ininteligível, denominado por Freud “o enigma obscuro do continente negro”.

Finalmente, Freud formula nesse texto as três vias possíveis para o tornar-se mulher, que aponta para os impasses que o modelo fálico-edípico coloca para a sexualidade feminina, estreitando de forma

¹ Para o aprofundamento de uma análise crítica da questão da diferença sexual na psicanálise, ver Arán (2006), Neri (2005), Nunes (2000).

Regina Neri

indubitável os destinos do feminino. Marcada pelo complexo de castração, três vias se apresentam: 1-A frigidez e a inibição. A menina, ao se sentir inferiorizada em relação aos meninos, renuncia à atividade fálica clitoridiana, fato que a conduz à inibição da sexualidade e que se estende a outros domínios. 2- O complexo de masculinidade. Agarrar-se de maneira insolente a sua masculinidade ameaçada pela via do complexo de masculinidade, a esperança arraigada de obter um pênis torna-se a finalidade de sua vida, essa via podendo conduzi-la à homossexualidade. 3- Tornar-se mulher pela maternidade. Caberia à menina renunciar à masculinidade para aceder à atitude feminina normal pela substituição do desejo de obter um pênis do pai pelo desejo de ter um filho do pai (FREUD, 1973, p. 143).

Dessa forma, a construção fálico-edípica pode ser entendida como uma, uma produção discursiva referida a um *télos* falocentrista. A formulação de uma dialética ordenada pelo falo, que instaura uma divisão masculino-fálico versus feminino-castrado, se configura como uma versão masculina da diferença. É assim que C. Soler (1992) destaca a brilhante formulação de Lacan, de que a lógica fálica foraclui o feminino, o Édipo faz o homem, mas não a mulher.

Em outras palavras, o monismo fálico, que pretendia desvincular a sexualidade do determinismo biológico, acaba por deixar o feminino atrelado à função biológica da maternidade, mantendo-se em continuidade com a tese essencialista com a qual tentava romper.

Após ter indicado a maternidade como o destino positivo para o feminino, Freud, em “O mal estar na civilização” (1930) apresenta a mulher como força solapadora da civilização, na medida em que não abre mão dos laços familiares em prol do processo civilizatório. Em “A feminilidade”, ele (1932) afirma que o pouco senso de justiça da mulher se deve à predominância da inveja na sua vida psíquica, o que a torna pouco apta à sublimação (FREUD, 1981, p.176). Com essas formulações, Freud está caucionando todo um ideário do século XIX, que vai consolidar duas imagens do feminino: a de um ser passional e, portanto, perigoso para a ordem social, e a de um ser frágil e sensível que tem como vocação a maternidade.

O texto freudiano sobre a sexualidade feminina, contudo, apresenta-se como obra aberta, inacabada. Em “A feminilidade”, (1932) Freud humildemente faz uma confissão: “Eis tudo o que tinha a vos dizer sobre a feminilidade. É certamente incompleto e fragmentário e isso não soa agradável [...] (FREUD, 1984, p.181)

A obra freudiana se encerra em uma tensão entre o impasse da lógica fálica e o enunciado da feminilidade, formulação tardia de Freud, nos deixando um legado a ser potencializado. É no texto “Análise com fim e análise sem fim” (1937) que surge um novo termo “*weiblichkeit*”, que, como assinala C. Facchinetti (1996), foi indevidamente traduzido. Assim, para precisar: o feminino [*weiblich*] se refere à posição feminina na dialética fálica que instaura a diferença masculino-fálico *versus* feminino-castrado;

Regina Neri

a sexualidade feminina [*weiblich sexualitat*] designa o destino da sexualidade da mulher na lógica fálica e a feminilidade [*weiblichkeit*], que designa indica uma inscrição do erotismo nos homens e nas mulheres não mais regulado pela lógica fálica.

A primeira tópica e a primeira teoria pulsional estão diretamente ligadas à construção fálico-edípica que se opera em torno da angústia de castração, inscrevendo a diferença sexual na oposição masculino-fálico/ feminino-castrado.

Como assinala Arán, a positivação do paradigma da feminilidade na obra freudiana está estreitamente associada à recuperação do excesso pulsional como fundador da experiência de subjetivação (ARÁN, 2006) que se deu nos anos 1920, quando os impasses da clínica conduziram Freud a privilegiar o registro da força pulsional, com os postulados da pulsão de morte sem representação, a segunda tópica e a segunda teoria pulsional. Nesse contexto, são postuladas formas de subjetivação e erotização situadas além da representação fálica e do recalque, entre as quais se destacam o eu-real-originário e o masoquismo erógeno (BIRMAN, 1997).

Se foi a partir dos impasses da clínica que Freud formulou, em 1920, a pulsão de morte, foram igualmente os obstáculos na clínica que conduziram Freud a formular em 1937, a feminilidade como a rocha intransponível de toda análise.

No confronto com um limite do processo analítico face à inveja do pênis nas mulheres e a

luta contra a passividade nos homens, que até então ele considerava como expressão do complexo de castração, Freud vai afirmar que “a recusa da feminilidade teria sido, desde o início, a descrição mais exata dessa parte tão importante da vida da alma humana” (FREUD, 1985, p 266).

Se a feminilidade é evocada como uma experiência impossível de ser representada dentro da lógica fálica, ela aponta igualmente para um eixo de subjetivação e erotização não mais regulado pela lógica fálica. Freud, ao acenar com a via da feminilidade, mantém, no entanto, a construção fálico-edípica.

Como assinala M. Schneider, essas duas vertentes se fazem presentes ao longo da obra freudiana, na qual se opera um cruzamento permanente entre o texto oficial, referido à herança patriarcal da psicanálise, e a um subtexto ou *topos* subterrâneo da feminilidade (SCHNEIDER, 1980).

Lacan: um gozo para além do fálico?

O primado do falo freudiano foi redimensionado por Lacan, que transforma o falo em significante da metáfora paterna, único operador a ordenar, desde o início, a subjetividade e a diferença sexual. Na teoria lacaniana, a fase fálica e o complexo edípico delimitados por Freud se convertem em estrutura, sendo demarcada a ênfase concedida à ordenação fálica como fundadora do sujeito e da cultura.

Regina Neri

Para diversos autores, essa leitura de Lacan teria a vantagem de cortar o vínculo entre o pênis e o falo, tendo como objetivo uma concepção do sujeito e da sexualidade desvinculada do naturalismo. Entretanto, cabe perguntar se não conduziu Lacan a uma maximização do atrelamento da sexualidade a uma referência simbólica universal predeterminada, tomada como princípio metafísico. Segundo J. C. Milner, a tese estruturalista do sujeito do significante ordenado pelo falo emite um crédito sobre a metafísica (MILNER, 1995, p. 87). Para A. Juranville, mesmo se Lacan faz a distinção entre castração (perda simbólica de um objeto imaginário) e frustração (perda imaginária de um objeto real), isso não o impede de conceber uma intricação e o peso dessa intricação no real do sujeito: o pai não tem o *phallus*, mas tem o pênis, que encarna um valor simbólico e imaginário ao mesmo tempo. Apagar a dimensão imaginária fetichista do pênis seria cair num idealismo que ignoraria a contaminação do simbólico pelo imaginário” (JURANVILLE, 1993, p. 77-78).

Parece-nos importante avaliar em que medida as formulações de Lacan sobre o feminino contribuem para superar os impasses da teoria freudiana sobre a sexualidade feminina. Segundo S. André, o impasse do projeto freudiano se deu pela perspectiva de inscrever a sexualidade feminina exclusivamente na lógica fálica da castração e o fracasso dessa tentativa vai deixar a sexualidade feminina no registro negativo da falta e da inveja (ANDRÉ, 1986).

Nessa perspectiva, no texto “A significação do falo”, Lacan propõe uma releitura da dialética fálica

freudiana. Se na dialética fálica freudiana, o feminino ocupa o polo da falta e, sob essa ótica, situado como castrado e invejoso, na releitura de Lacan, o feminino por não ter o pênis, seria o falo: “se o homem *tem* o falo, a mulher, por não ter pênis, *é* o falo” (LACAN, 1966b, p. 692).

Na mascarada fálica, o falo determina que a mulher se apresente como objeto fetiche do desejo masculino, sugerindo um falso falo, o de um pretense mistério da feminilidade. Como afirma Lacan “(...) é para ser o falo, o significante do desejo do Outro, que a mulher rejeita uma parte essencial da feminilidade, principalmente todos os seus atributos na mascarada” (1966b, p. 694).

Como comenta A. Quinet (1995), na comédia fálica, homens e mulheres não se relacionam entre si, mas com o falo. O homem ama a mulher de forma fetichista, e seu desejo de falo faz surgir seu significante em uma mulher que pode significá-lo, seja como prostituta, virgem, ou mãe. Se não houvesse esse artifício, o homem não poderia desejar ou gozar de uma mulher.

Pretendemos sublinhar que, se Lacan desloca feminino do pólo negativo castrado, é para lhe oferecer o polo fetichista de objeto fálico do desejo masculino. No nosso entender, sua releitura tem a vantagem de evidenciar a função do falo, menos como operador simbólico do que como objeto fetiche. A dialética fálica, assim, parece servir mais à fetichização do falo do que à elaboração da diferença sexual e da castração, não oferecendo para o feminino uma outra posição

Regina Neri

que não seja a de preencher a estrutura fetichista do desejo masculino (NERI, 2005)

No *Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-3), Lacan se propõe a abrir novos horizontes para o feminino. Reafirmando a tese do monismo fálico freudiano, ele sublinha ainda mais a ausência de significante do feminino, com a formulação “A mulher não existe”. Nessa operação, ele teria como objetivo pensar o feminino em termos de uma sexualidade dividida, “que não pode se sujeitar inteiramente ao Édipo e à castração. A mulher não existe na medida em que ela é “não-toda”, e tem “um bi-gozo” — um gozo fálico e “um gozo a mais”, além do fálico (p.98-99).

Lacan propõe nesse seminário, uma via lógica pelas formulas quânticas da sexuação para apontar como se opera a inscrição da posição masculina/feminina diante da função fálica: a relação entre os sujeitos não é de um sujeito com o outro, mas de cada sujeito como o falo

Pretendemos sublinhar que o ponto de partida das fórmulas quânticas da sexuação é a proposição universal do falicismo, configurando-se como uma retomada do falocentrismo freudiano. Nessa releitura do mito freudiano do “Totem e Tabu”, Lacan não faz mais que reiterar que só os homens formam conjunto, ou seja, fazem laço social, ficando reservado à mulher o lugar de excesso ou limite a esse funcionamento simbólico ordenado pelo significante fálico.² Como afirma Lacan, ela é excluída da natureza das coisas, que é a natureza das palavras (LACAN, 1993, p.99).

2 Para uma discussão mais detalhada ver Neri, 2005, p. 206 - 210.

Como comenta M. D. Ménard em seu livro *As construções do universal*, é surpreendente que o universal continue a ser convocado no pensamento contemporâneo. Mesmo se há o mérito de pensar a sexuação em termos de função lógica, e não como essência ontológica, essa não-relação entre homem e mulher gira em torno de um único termo, o falo. Dizer que a mulher está “não toda na função fálica” não abre a possibilidade de pensar a diferença fora da ótica fálica: Face a um universal masculino, a mulher não existe. Desse modo, o excesso para além do fálico é suposto a partir do universal fálico, no qual o gozo a mais feminino não adquire sequer o estatuto de uma exceção, configurando-se como hipotético, enigmático ou inexistente (MENARD, 1998).

Em suma, ao fim de suas sofisticadas elaborações no “Seminário Mais, ainda”, Lacan conduziu o feminino ao mesmo impasse de subjetivação da teoria freudiana. Se só existe um significante, o fálico, para Lacan “só resta às mulheres se mesmarem no masculino bancando o homem, o que só pode conduzi-las à histeria” (LACAN, 1993, p. 114) ou, não tendo uma identidade como mulher, a existir como mães (1993, p. 133). Desse modo, a análise não deixaria à mulher uma existência psíquica — entendida aqui como a existência de um sujeito do inconsciente — apenas como homem ou mãe? (ANDRÉ, 1987, p. 249). Ora, é isso o que Lacan parece afirmar: “Se a libido é masculina, a querida mulher só pode ter um inconsciente, de onde o homem a vê, isto é, pelo discurso fálico. Ela serve para fazer falar o falante, aqui reduzido ao homem,

Regina Neri

quer dizer, a só existir na teoria analítica como mãe” (1993, p. 133). O discurso psicanalítico mostra que a mulher não será jamais tomada senão *quoad matrem* ou ainda, a mulher só entra em função na relação sexual como mãe (1993, p. 49).

Assim, se o propósito de Lacan era oferecer alternativas à sexualidade feminina, apostando para isso na radicalização da lógica fálica, esta aparentemente acabou por conduzir a um fechamento ainda maior da sexualidade na ordem fálica. Essa parece ser a constatação de C. Soler (1993, p132) sobre o processo das mulheres ao denunciar a parcialidade dos analistas na indução das mulheres ao todo fálico, sugerindo-lhes um enganchamento no casamento ou na maternidade (SOLER, 1992, p.43). Em outro texto, contudo, ela afirma que se o outro só conhece o falo é porque isso significa que o normal é a norma masculina.

O que fica foracluído na psicanálise, na argumentação em prol de uma dessexualização do falo, — pela qual se pretende estabelecer uma diferença entre o pênis, órgão sexual masculino, e o falo, referência simbólica universal —, é a operação de travestimento do masculino em universal neutro fundador (NERI, 2005, p. 215). Como aponta Jose Gil (1998), no instigante artigo “Serei Homem?”, a promoção do falo a instância neutra fundadora é a própria atestação da superioridade do masculino, cuja supremacia não pode ser reduzida a um órgão sexual, como no caso da mulher, que se define, antes de tudo, pelo seu sexo, sob pena de caricaturar a própria universalidade fálica. A inexistência da questão “O que quer um homem” em contraponto à questão “O

que quer uma mulher” atesta a posição soberana que o masculino ocupa na teoria da diferença sexual na psicanálise (SCHNEIDER, 2000).

A psicanálise e novas formas de subjetivação na cultura

A psicanálise foi o primeiro discurso a fazer da diferença sexual um dos pilares de sua sustentação, e foi o feminino que inscreveu no âmago da teoria psicanalítica a questão da alteridade e da diferença entre os sexos. Não é certo, contudo, se ela se fez subversão ou nova metamorfose da metafísica dos sexos presente no horizonte de toda a história do pensamento (COLLIN, 1994).

O fim do século xx foi atravessado pela questão da diferença de sexos, cuja interrogação foi instaurada pela modernidade herdeira do debate iniciado pela Revolução Francesa.

Hoje, assistimos simultaneamente ao recrudescimento de uma subjetivação fálica narcísica nos homens e nas mulheres e a um vivo questionamento sobre a diferença sexual. Apesar de as antigas representações do feminino e do masculino ainda se manterem, o deslocamento levado a cabo pelo feminino tornou possível a inscrição de novas formas de subjetivação além do universo fálico. Não estamos em um território ancorado pelo nome do pai, nem em um terreno de total indiferença, mas sim na possibilidade de tecer novas diferenças (ARÁN, 2006).

Quais os possíveis destinos da diferença sexual no século xxi? Essa diferença teria

Regina Neri

necessariamente de permanecer atrelada à oposição dialética masculino-feminino? J. Derrida, partindo da crítica ao logocentrismo ocidental, questiona o logalofalocentrismo que instaura a diferença sexual ordenada pelo significante fálico em uma oposição binária masculino/ feminino. O autor acena com a possibilidade de neutralizar a oposição sexual, e não a diferença sexual, abrindo o campo da sexualidade para sexualidades diferentes (DERRIDA, *apud* FRAISSE, 1994, p. 335).

O pensamento de Deleuze & Guattari e Foucault assinalam uma ruptura definitiva com os pontos de vista universalizantes e metafísicos sobre o sujeito e o sexo. No *Anti Édipo* (1972), procurando pensar a diferença como multiplicidade, “devir *n* sexos”, Deleuze e Guattari questionam a ordenação da sexualidade pelo determinismo fálico, considerando a teoria fálico-edípica uma máquina de captura do desejo inconsciente.

É compreensível a preocupação da filosofia da diferença em não reeditar uma máquina binária, pondo-se em guarda contra o perigo da polarização falicismo/ginocentrismo presente em certos discursos feministas. A recente entrada do feminino na história, contudo, ao romper com os discursos de naturalização das mulheres, questiona a máquina binária da diferença sexual, abalando estruturas milenares em apenas dois séculos.

A singularidade da revolução feminina é a de ser a única revolução no século XX que se opera, não no sentido de uma tomada do poder, mas como micropolítica que transforma radicalmente

os laços sociais (ARÁN, 2006). O movimento das mulheres ganha ao ser pensado como resistência ao assujeitamento de que fala o último Foucault: trata-se, não de perguntar o que somos, mas sim de negar o que dizem que somos, configurando-se como alavanca de uma cultura da diferença e da singularidade.

No esteio do movimento feminista, o movimento homossexual configura-se como uma política de resistência aos dispositivos disciplinares do Estado moderno, promovendo igualmente a possibilidade de pensar a diferença como singularidade, para além do binário masculino/ feminino. “A homossexualidade é uma ocasião histórica para reabrir as virtualidades relacionais e afetivas, não pelas qualidades intrínsecas ao homossexual, mas porque sua posição de viés, as linhas diagonais que pode traçar no tecido social, permitem aparecer estas virtualidades” (FOUCAULT, 1994, p. 196).

Não se trata de encarar esses movimentos sob a ótica ingênua de uma suposta libertação da sexualidade, pois, como assinala Foucault, não se pode conceber a sexualidade fora do poder. No entanto, Foucault mostra que o jogo permanente entre a sexualidade e o poder possibilita que, em certas condições históricas, minorias desejantes possam produzir novas formas de subjetivação.

Estaríamos hoje diante de uma ameaça ao simbólico que conduziria à indiferença e ao caos, ou diante de novas formas de sexualidade e de laços sociais que colocam em questão a concepção do simbólico na psicanálise pensada em termos de uma lei universal do desejo? A teoria da subjetivação e da

Regina Neri

sexualidade ordenada pelo complexo de Édipo e da castração se configura como um postulado universal ou diria respeito a uma forma de subjetivação produzida pela modernidade?

Como mostra a psicanalista M. Schneider (2000), confrontada a crise atual acerca dos recortes tradicionais dos territórios sexuais masculino / feminino, a psicanálise mantém uma posição aparentemente inabalável, considerando-a como tentativa de evitar a castração.

Esse debate está na ordem do dia da psicanálise. E. Roudinesco, em seu livro *A família em desordem*, vai criticar o conservadorismo demonstrado por numerosos analistas da IPA e do campo lacaniano, se posicionando contra o PACS, lei votada na França em 1999, que permite aos casais homossexuais legalizarem sua união. Discordamos, no entanto, de sua argumentação a favor do pacto. Ao considerá-lo como confirmação do desejo de normalização dos homossexuais que aponta para a consolidação da família como único valor seguro (ROUDINESCO, 2003), aposta na permanência do simbólico sob a égide da lei do pai, o que a conduz a não problematizar a construção fálico-edípica como eixo da subjetivação e do simbólico na teoria psicanalítica.

M. Tort, em seu livro *Fin du dogme paternal* considera tarefa da psicanálise refletir sobre o estatuto da figura paterna como legisladora do Complexo de Édipo para indagar em que medida essa figura legisladora do pai seria universal. Segundo o autor, a evolução das sociedades

modernas aponta incontestavelmente para a diminuição do poder social exercido pelo pai, mas é importante esclarecer se esse declínio levaria à destruição das condições de subjetivação, ou se esse discurso de ameaça de catástrofes subjetivas seria uma reação conservadora a mudanças significativas da norma familiar e da relação entre os sexos (TORT, 2005, p.280-81)

J. Butler, em sua crítica à concepção do simbólico na psicanálise, assinala que a teoria fálico-edípica opera uma naturalização da heterossexualidade e do papel do masculino na cultura. Configura-se, no seu entender, como um discurso que tenta impor identidades de gênero, no âmbito de uma estrutura heterossexual compulsória, visando a sustentar uma sociedade com fins reprodutivos, baseada no eixo heterossexualidade, filiação e casamento (BUTLER, 2003, p. 45). Através de uma crítica genealógica, pode-se perguntar: Produziria a lei essas posições invariavelmente? Por que esse foco exclusivo na divisão em dois? As singularidades das práticas heterossexuais, homossexuais, bissexuais e entre elas, não só são suprimidas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino/feminino, sendo também negada a essas novas configurações culturais de gênero o valor de uma prática de denúncia e deslocamento dessas reificações (BUTLER, 2003, p. 57).

Tentando responder à interrogação sobre os limites da subversão operada pela psicanálise — ao substituir o determinismo anatômico formulado pelo discurso iluminista do século XVIII por um determinismo simbólico universal fálico —, esperamos ter evidenciado o atravessamento do texto freudiano

Regina Neri

por duas vertentes. De um lado, a construção fálico-edípica, referida a um simbólico que tem como paradigma o masculino — uma versão masculina da diferença —, em estreita continuidade com a metafísica dos sexos presente no horizonte de toda a história do pensamento. Nesse sentido, concordamos com avaliação de F. Collin (1994), de que, na construção fálico-edípica, o que é revelado pelo inconsciente está espantosamente próximo do que é produzido pelo social como normativo. Mas, como aponta M. Schneider (1980), o texto freudiano apresenta uma tópica da feminilidade que, ao se reportar ao excesso como fundador do psiquismo, permite pensar formas de inscrição do sujeito na cultura que não se reportam ao eixo fálico edípico.

Procuramos demonstrar que os conceitos freudianos de pulsão perverso-polimorfa e feminilidade permitem pensar, na psicanálise, a sexualidade para além do determinismo anatômico ou do determinismo universal fálico, enunciando uma subjetivação que se opera no registro da mobilidade pulsional, enquanto permanente tentativa de inscrição da estesia pulsional em devires criativos éticos e estéticos.

Regina Neri

Rua Décio Vilares n° 229, Apt. 401

Copacabana – RJ

Cep: 22.041-040

Telefone: (21) 2547-8838

E-mail: reginaneri@uol.com.br

Referências

ARÁN, M. *O avesso do avesso*: Feminilidade e novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ASSOUN, P. L. *L'archaïque chez Freud*. Nouvelle Revue de Psychanalyse. Paris: Gallimard, n. 26, 1982.

BADINTER, E. *L'un est l'autre*. Paris : Odile Jacob, 1986.

BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHÂTELET, F. *Uma história da razão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

COLLIN, F. *Diferença e diferendo*. A questão das mulheres na filosofia. In: _____ História das mulheres, Século XX. Porto: Afrontamento, 1994.

DAVID-MÉNARD, M. *As construções do Universal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *L' Anti-Oedipe*. Paris: Minuit, 1972.

Regina Neri

FACCHINETTI, C. *Um percurso para a feminilidade*. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica). Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH, 1996.

FRAISSE, G. *Da destinação ao destino*. História filosófica da diferença entre os sexos. In: História das mulheres Século XX. Porto: Afrontamento, 1994.

_____. *Les femmes et leur histoire*. Paris: Gallimard, 1998.

FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité*. La volonté du savoir. Paris : Gallimard, 1976.

FREUD, S. *Trois Essais sur la théorie sexuelle* (1905). Paris: Gallimard, 1987.

_____. *Totem et Tabou* (1913). Paris: Payot, 1976.

_____. *L'organisation genitale infantile* (1923). In: _____ *La vie sexuelle*. Paris: P.U.F., 1973.

_____. *La disparition du complexe d'Oedipe* (1924). In: _____ *La vie sexuelle*. Paris: P.U.F., 1973.

_____. *Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes* (1925). In: *La vie Sexuelle*. Paris : P.U.F., 1973.

_____. *Le malaise dans la culture* (1930). Paris : P.U.F., 1995.

_____. *Sur la sexualité féminine* (1931). In: *La vie sexuelle*. Paris: P.U.F., 1973.

_____. *La féminité* (1932). In: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Paris : Gallimard, 1984.

_____. *Analyse avec fin et analyse sans fin* (1937). In: Resultats, Idées, Problèmes, II. Paris: P.U.F, 1985.

GIL, José. *Serei homem?. Elipse. Gazeta Improvável*, 2, outono, 1998, p. 11-16.

GRANOFF, W. *La Pensée et le Féminin*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

JURANVILLE, Anne. *L'envie du pénis: une question polémique*. In: *Psychanalyse à l'Université*. Paris : 18, 69, 1993.

LACAN, J. *L'agressivité en Psychanalyse*. In: *Écrits*. Paris : Seuil, 1966a.

_____. *La signification du Phallus*. In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966b.

_____. (1972-1973) *Seminário 20*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAQUEUR, T. *La fabrique du Sexe*. Paris: Gallimard, 1992.

MILNER, J. C. *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NASIO, J. D. *A histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NERI, R. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Regina Neri

NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

QUINET, A. *As formas de amor na partilha dos sexos*. In: A mulher. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995.

RAJCHMAN, J. *Eros e Verdade*. Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro; Zahar, 2003.

SCHNEIDER, M. *Freud et le plaisir*. Paris : Denoël, 1980.

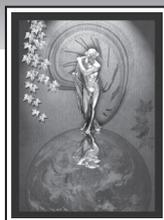
_____. *Généalogie du Masculin*. . Paris: Aubier, 2000.

SOLER, C. *O não toda*. In: Opção lacaniana, nº 9. R.B.I.P., São Paulo: janeiro/março 1994.

_____. *A propósito de la degradacion de la vida amorosa*. In: _____. Finales de Analisis. Buenos Aires: Manantial, 1993.

TORT, M. *Fin du dogme paternal*. Paris : Aubier, 2005.

Inquietações



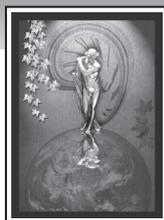
Entre Édipo e Narciso: o espelho.
Between Oedipus and Narcissus: the mirror

Paulo César N. Junqueira

Entrevista
Interview

Esther Kullock
Comissão Editorial

inquietações



Entre Édipo e Narciso: o espelho. *Between Oedipus and Narcissus: the mirror*

Paulo César N. Junqueira*

Quando meu pai morreu eu herdei um espelho. Certamente não foi só isso o que herdei, mas esta estória se refere ao espelho. Não era um espelho sofisticado ou caro, de jeito nenhum, era até um espelho bem simples. Muito simples: pequeno, retangular, e com uma moldura de plástico que imita madeira. Na verdade, o espelho era só um acessório, um complemento, digamos assim. O que realmente me interessava era o armário no qual estava fixado o espelho por um pequeno parafuso. O armário, talvez uma espécie de estante, tinha mais ou menos um metro e setenta de altura, ou um pouco mais. Tinha duas portas que davam para um compartimento com três prateleiras e, embaixo, dois gavetões deslizantes para se arquivar pastas suspensas. Meu pai usava esse móvel no escritório. Eu quis o armário porque ele

* Psicanalista/membro efetivo SPCRJ

Paulo Junqueira

fazia parte de um conjunto maior que já havia ficado comigo, no meu consultório, tempos antes. Eu ficara com duas partes e meu pai com uma. Ele a levou quando se mudou para outro endereço. Antes, dividíamos a sala. Uma das minhas partes era exatamente igual a esta outra, onde ficava o espelho. As duas partes gêmeas eram as laterais de uma parte maior que, ao invés de ter portas em cima tinha três prateleiras abertas para livros, e embaixo sim, duas outras portas. Mas nada disso interessa muito. O importante é que por dentro de umas das portas do móvel que meu pai levava em sua mudança, e que agora depois da sua morte retornara para mim, ele havia fixado o pequeno espelho. Meu pai era muito vaidoso, e eu imagino que ele usava este espelho para verificar a sua aparência antes de receber algum cliente em seu escritório. Como ficava na parte interna da porta do armário, ele não era visto por quem estivesse na sala. Então era isso: sempre antes de atender alguém, uma visita, ou um cliente qualquer, meu pai abria o armário, se olhava no pequeno espelho e, imagino eu, ajeitava um pouco os cabelos — que os tinha fartos, diga-se de passagem — talvez olhasse os dentes, se a barba estava bem feita, puxava um pouco embaixo do olho para ver se estava branco ou vermelho, coisas assim, imagino. Se não, por que alguém poria um espelho dentro da porta do armário em seu escritório? Lá havia banheiro também e, com certeza, um espelho sobre a pia que seria usado por todos, funcionários e clientes. Mas este não, este era só dele. Sendo assim, nenhum outro rosto este espelho jamais vira senão o dele, meu pai. O espelho só conhecia o rosto de meu pai.

Um dia chegou a mudança. Ainda não contei que não veio só o armário do espelho, mas vieram também muitos documentos dele, já que eu seria seu inventariante. Foi por isso mesmo que eu pedi à secretária que me mandasse também o armário, pois sem ele eu não teria onde colocar tantas pastas, tantos papéis. E, além disso, eu queria refazer o conjunto das estantes porque até que era um móvel bastante bonito. Tive que mudar algumas coisas de lugar, cheguei o móvel que eu já tinha um tanto mais para esquerda, quase se encostando à parede para que pudesse juntar a parte que chegara. Ficou ótimo! O conjunto anterior, as duas partes minhas, eram também muito bonitas, e mesmo as duas sozinhas já faziam um conjunto e ninguém daria por falta da terceira parte. Mas, colocada esta, fez-se um novo conjunto, também muito integrado e, curiosamente, agora era que parecia que estava completo. Mas antes, também estava completo. Não sei mais como explicar, mas as duas partes sozinhas estavam completas, e acrescentada a terceira parte também estava completo.

Agora, fato curioso foi o seguinte: embora fossem da mesma idade, isto é, foram compradas todas juntas, novas em folha, a parte dele estava um pouco mais desgastada que as duas minhas. Quase não se nota, mas é fato. Inclusive, ele havia colado uma etiqueta na parte externa de uma das portas e eu tive que tirar porque enfeava o móvel, mas alguma marca ficou. Muito imperceptível, ninguém nota, mas tem uma pequena marca. O problema maior foi uma rachadura, um trincado, digamos assim, numas das laterais que acabou se abrindo em direção a um dos

Paulo Junqueira

quatro pezinhos da estante e o deixou folgado. Como eles são reguláveis, a abertura excessiva acabou por afundá-lo, por fazê-lo penetrar mais na lâmina de madeira, o que desequilibrou o móvel todo. Não se via se estivesse tudo fechado, mas na primeira vez que eu abri os dois gavetões de baixo ao mesmo tempo, o peso das pastas e o pezinho pequeno enfiado no móvel fizeram com que ele tombasse para a frente, e por pouco todo ele não veio ao chão, não desabou sobre mim, num grande desastre, um grande perigo. Com pequenos calços resolvi o problema, mas sempre tomo o cuidado de não abrir os dois gavetões ao mesmo tempo.

Pois bem, até aqui tudo muito simples. Com o tempo, eu também adquiri o hábito de, antes de receber qualquer cliente, dar uma olhada no espelho que ficava dentro do armário. Era muito prático, já que o banheiro ficava lá fora e o espelhinho aqui dentro. Não foi de imediato, mas uma vez ou outra, de vez em quando, aos poucos, devagar. Os meus cabelos também são revoltos e, embora eu não passe nenhum produto para domá-los como ele fazia, uma ajeitada neles era sempre bom para que o cliente não me visse muito desalinhado. Mas não era, exatamente, só isso. Era uma olhada, uma conferida. Posso dizer um encontro. Um encontro consigo mesmo. Se eu fosse mais longe diria uma confirmação: “este sou eu”. Aliás, meu pai era um homem muito curioso. Certa vez, instalou um ventilador portátil num carro esporte conversível já bem usado que comprou e que estacionava ao lado dos modernos sedãs cedidos aos outros diretores pela companhia em que trabalhava

— o escritório ele montou depois que se aposentou da companhia. A bordo deste carro cheio de outros macetes além do ventilador, ele ia à praia praticar natação, já que sempre nadou, desde adolescente. Ele parava numa ponta da praia, estacionava o possante, enfiava uma touca de pano na cabeça e um par de sandálias de borracha dentro do calção, calçava os óculos de natação amarrados com um elástico já meio frouxo, e nadava até a outra ponta da praia. De lá, sacava do calção as sandálias de borracha, e voltava caminhando até o automóvel. Não gostava de caminhar descalço. Depois, tinha a toalha, talco para os pés, plástico para o assento do carro para não molhar, e outras armações e bugigangas mais que só ele sabia para quê. E não estava nem aí se alguém achasse aquilo estranho, ou bizarro, ou no mínimo esteticamente horrível. Ele curtia o programa não só por nadar e fazer seu exercício, mas pela execução de um plano de natação cheio de técnicas e apetrechos, tudo “milimetricamente calculado”, como ele gostava de dizer. Por isso, o espelho dentro do armário era bem a cara dele. Uma invenção particular.

Conversa vai, conversa vem, eu me acostumei ao espelho. Depois de algum tempo, diria que já não era mais nem um costume, mas aquilo foi se tornando uma necessidade, um ritual, um vício, quem sabe? A verdade é que eu não conseguia mais abrir a porta do consultório sem antes dar uma espiada no espelho. Até aí tudo bem; depois as coisas começaram a piorar. Não só antes dos clientes, mas também em outros momentos eu consultava o espelho. “Este sou eu, este sou eu”. Mas é claro que este sou eu! O que

Paulo Junqueira

mais poderia ser? “Este sou eu”, assim eu pensava. Assim, estranhamente, eu pensava: “este sou eu”. Até que aconteceu... Numa tarde mais vazia de clientes, enquanto lia refestelado na minha poltrona, me deu aquela súbita e inexplicável vontade de olhar no espelho. Abri a porta do armário, já pensando “este sou eu”, quando um frio na espinha me percorreu. Fiquei paralisado, frio, apavorado: não era eu quem estava no espelho! Não era eu! Era meu pai, era meu pai quem eu via no espelho! Meu coração pulava como se fosse saltar do peito, eu não conseguia engolir, a voz não saía, tentei chamar por ele, gritar, tentei sair dali, fechar a porta do armário, mas nada acontecia, ele parecia não me ver. Pois bem, meu pai ajeitou os cabelos, olhou os dentes, verificou a barba, o nó da gravata e saiu, e mais nada eu via no espelho! Via apenas a parede nua, branca, em frente ao espelho, já que a porta estava aberta. De repente ele reapareceu, olhou uma última vez, e fechou a porta do armário. Tive uma vertigem como se tudo rodasse e, imediatamente, ficou tudo escuro, eu não enxergava mais nada. Só havia silêncio e escuridão. Tentei me mover, tentei gritar, mas meu corpo não me obedecia, minha voz não me obedecia, nada acontecia. Nada.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, imóvel, no escuro. Não sei se uma hora, se duas, um dia inteiro, dois... O tempo ali era outro, ele não passava, o tempo estava imóvel. Pensei em toda minha vida, em tudo o que já tinha me acontecido, fiquei preocupado com os clientes, se eu os estava deixando de atender, se já tinha perdido a hora, fiquei ali por um tempo indefinido. De repente, um claro se fez; senti tudo

girar novamente, senti a vertigem, e entendi que era o girar da porta do armário sendo aberta, e lá estava meu pai de novo, no espelho. Ele ajeitou os cabelos, olhou a barba, acertou o nó da gravata. Tentei gritar, tentei chamar, “pai!, pai!, por favor, pai!” mas nada, era como se ele não me visse. E, novamente, ele fecha a porta e eu fico no escuro. Achei uma espátula de abrir cartas dentro do armário e esperei, não sei por quanto tempo. Horas, dias talvez, mas fiquei à sua espera. Quando, novamente, meu pai abriu a porta do armário, eu desferi o golpe para furar os olhos dele — quem sabe cego ele me via? Mas a espátula não atravessava o espelho, e ele nem sequer piscou.

Fiz de tudo, tentei de tudo, gritei, berrei, xinguei, tentei colocar fogo no armário, mas nada consegui. Não consegui nada nunca, a não ser vê-lo, dia após dia, se olhar no espelho. Dia após dia. Foi então que entendi. Era tudo um plano: a escolha para eu ser o inventariante, a secretária, os móveis, os documentos, o espelho maceteado, tudo um plano, tudo uma armadilha, um gatilho, uma bugiganga como ele costumava inventar. Eu não pensei que ele fosse tão longe. Nunca mais saí dali. Imóvel, no escuro, fiquei morto no lugar dele. Meu pai roubou a minha vida.

entrevista



Entrevista com Esther Kullock*

C.E. - Como foi seu percurso até a psicanálise?

EK -Foi um percurso acidentado. Meus pais imigraram da Rússia. Minha mãe era uma pessoa muito querida por todos, ela era boníssima. Ela veio de lá adulta, portanto, teve que aprender a ler e a escrever português aqui no Brasil. Ela tinha que se dividir entre cuidar da casa e ganhar a vida. Quando eu comecei a estudar, ela se deitava no chão comigo para me ajudar. Isso ficou gravado na minha cabeça.

Estudei no Instituto de Educação nos áureos tempos, depois fui trabalhar como professora primária enquanto fazia Faculdade de Letras. Tinha que conciliar os horários para poder estudar e trabalhar.

* Esther Kullock é psicanalista, membro titular e supervisora da SPCRJ. Natural do Rio de Janeiro e filha de imigrantes judeus russos, herança que marca sua trajetória de inquietação e defesa de seus pontos de vista. Estudou na Clínica Tavistock onde conviveu com grandes nomes da psicanálise como Paula Heimann e Francis Tustin. Foi idealizadora e coordenadora, junto com outras colegas da SPCRJ, do projeto A vez da Escola e do trabalho junto à Associação de Assistência ao Adolescente. Editou o livro Funções do Psicanalista Hoje – Teoria e técnica com foco na criança e no adolescente.

Esther Kullock

Dei aula no curso primário até o momento que o Estado me passou para o curso secundário, quando saí de Anchieta e passei a dar aulas no Instituto de Educação.

Ao mesmo tempo fiz Faculdade de Psicologia e queria fazer a formação em psicanálise, mas na época era coisa só para médicos. Foi neste tempo que conheci o grupo que criou nossa Sociedade, da qual a representante atual é a Regina Moraes¹. Ela enfrentou uma batalha junto com os demais integrantes do grupo de fundadores.

Por circunstâncias pessoais resolvi fazer as malas e partir para Londres, pensando no que era mais importante para mim naquele momento, minha análise e meus filhos. Naquele tempo os primeiros analistas estudavam Freud de uma maneira muito estreita – era só sexualidade. Mas Freud foi um dos homens que mais mudaram a história, ele estava sempre à frente de seu tempo. Ele é contemporâneo e mostra isso também quando concedeu uma entrevista ao jornalista americano George Sylvester Viereck em 1926, que foi publicada pela primeira vez no *Psychoanalysis and the Future*, versão condensada no *The Journal of Psychoanalysis* em 1957, em New York, e traduzida por Paulo Cesar de Souza. Nela Freud diz que “a vida muda, a Psicanálise também muda; mas os impulsos de vida e morte habitam lado a lado dentro de nós. Eu sou apenas um iniciador... consegui desencavar

1 Regina Moraes. Psicanalista, membro fundadora e supervisora na SPCRJ.

monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.”

Ele coloca, além do sexo, ênfase quase igual naquilo que está “além” do prazer, a morte, a negociação da vida.

C.E. - Quando saiu do Brasil, você foi direto para a Clínica Tavistock²?

EK – Sim

C.E. - Seu interesse pela Tavistock tinha algo a ver com o trabalho com crianças?

EK - Em parte. Entrar na Sociedade Psicanalítica de lá era muito complicado, porque isso implicava num compromisso com o futuro. A formação era para quem estava radicado. Na Tavistock tinha muita gente de fora da Inglaterra. Então eu cheguei lá fazendo as coisas que eram possíveis.

Na Tavistock havia abertura para muitas coisas. Por exemplo, uma vez tivemos um debate com

2 A Clínica Tavistock foi fundada em 1920, em Londres, com o objetivo de tratar de pessoas que tiveram a vida dilacerada pela 1ª. Guerra Mundial. Atualmente, ela ainda se empenha em compreender as necessidades das pessoas. O Corpo clínico, além de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, era também composto por pesquisadores. Em 1948, a criação do departamento de crianças apoiou o desenvolvimento da formação em psicoterapia da criança e do adolescente. Hoje a Tavistock and Portman NHS Foundation Trust tem como objetivo atender crianças, famílias, jovens e adultos. Também oferece formações multidisciplinares e em educação. Esses programas incluem núcleo de formação de profissionais na psiquiatria, psicologia, serviço social e formação avançada em psicoterapia, bem como programas aplicados para quem trabalha na saúde mental ou assistência social. John Bowlby, Michael Balint, Pierre Turquet, Robert H. Gosling, Wilfred Bion e Donald Winnicott, são algumas das pessoas notáveis associadas à Clínica. (fonte: Wikipedia). Acesso em: 10 agosto 2012.

Esther Kullock

Winnicott num comentário sobre o filme “Ladrão de Bicicletas”³, de Vittorio de Sica. Fabuloso!

Estudávamos vários autores como Fairbairn⁴, de quem gostei muito. Além de estágio com crianças, tínhamos muitas experiências clínicas. Fiz meu caminho, eu sou teimosa. Eu sou aquilo que minha mãe chamava de “*mosek*”, aquela teimosa, que persegue seu ponto de vista.

Em Londres, fiz minha análise com Paula Heimann⁵. Ela era do grupo kleiniano, um grupo da sociedade psicanalítica de lá. Na época eram três grupos de psicanalistas. Procurei, então, alguém que tivesse alguma coisa a ver com o meu estilo. Ainda na Tavistock, fiz supervisão com Frances Tustin⁶. Ela

3 Ladrão de Bicicletas. Filme de 1948, dirigido por Vittorio de Sica. O filme apresenta a situação de muitos italianos que, depois da guerra, estavam desempregados. Antonio Ricci (Lamberto Maggiorani) é um deles, até o dia em que consegue um emprego de colocador de cartazes. Entretanto, para conseguir o emprego precisa de uma bicicleta, o que o faz penhorar objetos de casa a fim de adquirir uma. A trama se desenrola a partir do dia em que sua bicicleta é roubada e, junto com seu filho Bruno (Enzo Staiola), ele a procura por toda a Roma. (fonte: Wikipedia). Acesso em: 10 agosto 2012.

4 William Ronald Dodds Fairbairn (1889-1964). Médico psiquiatra e psicanalista escocês, figura central no desenvolvimento da teoria psicanalítica das relações de objeto. Acesso em: 10 agosto 2012.

5 Paula Heimann (1899-1982). Médica psiquiatra alemã. Fez formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise de Berlim. Em 1933 emigrou para a Inglaterra e se tornou, neste mesmo ano, membro da Associação Britânica de Psicanálise. Iniciou sua análise com Melanie Klein em 1935. Em 1955, por discordar de Melanie Klein, afastou-se desse grupo kleiniano, tornando-se membro do grupo independente de psicanalistas daquela Sociedade até seu falecimento. Seu artigo mais importante e revolucionário foi “Contra-transferência”, apresentado em 1949, no 16º Congresso Internacional da IPA. Este artigo foi considerado um divisor de águas na história da técnica psicanalítica, pois Heimann iniciou com ele o questionamento da postura defensiva dos analistas em formação. (fonte: site da Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI). Acesso em: 10 agosto 2012.

6 Frances Tustin (1913-1994). Inglesa, professora e psicoterapeuta infantil. Em 1950 ingressou na Clínica Tavistock. Mais tarde, nos Estados Unidos, desenvolveu um relevante trabalho num centro de pesquisas com crianças consideradas atípicas, sendo grande parte delas crianças com autismo. Ao regressar à Inglaterra, redobrou seu interesse por crianças, sobretudo autistas. Das suas obras destacam-se: 1990, *The protective Shell in child and adults*; 1992, *Autistic states in children*; 1995, *Autism and childhood psychosis*. Porto: Porto Editora, 02-12-2002. Disponível em URL:[http://www.infopedia.pt/\\$frances-tustin](http://www.infopedia.pt/$frances-tustin). Acesso em: 10 agosto 2012.

era uma psicanalista que trabalhava com crianças autistas. Enfim, fiz vários cursos e vi muitas coisas que me impressionaram muito.

Durante este período fui tendo contato com as importantes produções de Melanie Klein, embora ela fosse uma pessoa muito complicada. Ela mostra que a criança projeta seus impulsos destrutivos na mãe e construiu uma teoria para sustentar e elaborar esta questão. Paula Heimann se afastou dela e criou algo sobre a contratransferência, que está no âmago da parte mais nova da psicanálise.

C.E. - Que pontos você marcaria como fundamentais para sua escolha da Tavistock?

EK -A insatisfação com minha própria análise aqui no Brasil foi um deles. Meu analista daqui era muito bem recomendado, mas não me “encontrei” com ele. Já na Tavistock aproveitei muito meu trabalho dentro do sistema de ajuda psicoterápica de Londres. Era um trabalho com crianças de escola, onde o sistema de aprendizagem é muito bom. Trabalhei nesta área até voltar. Voltei quando achei que já estava muito tempo longe de minha família. Foi nesta época que comecei minha formação na SPCRJ.

C.E. - Em que ano você retornou?

EK - Fiquei em Londres três anos e meio. Voltei entre 1963 e 1964 e ingressei numa turma em que já conhecia algumas pessoas, como a Regina Moraes, o José Francisco Gama e Silva⁷. Ele foi

⁷ José Francisco Gama e Silva. Psicanalista, membro fundador e supervisor da SPCRJ.

Esther Kullock

meu colega em Londres, onde nos encontrávamos, pois ele também fazia análise lá e formação na Tavistock.

Nessa época eu criei uma pesquisa, com colegas da Sociedade, para ajudar crianças com dificuldades escolares, que eu acredito ser uma área onde se deve intervir. A população-alvo foi uma escola municipal. Editei um livro a partir desse trabalho: *Funções do psicanalista hoje*⁸. Mais tarde o trabalho foi tendo prosseguimento com a Pompéia,⁹ que sistematizou algumas coisas da teoria, enfim, eu fiquei satisfeita com o trabalho enquanto durou.

C.E. - Qual é seu ponto de vista sobre a psicanálise hoje e os entraves na formação?

EK -A psicanálise progrediu por causa de teimosos rebeldes. Freud diz que “a vida muda, a psicanálise também muda, mas o impulso de vida e morte habitam lado a lado dentro de nós.” E isso também me fez lembrar de André Green,¹⁰ que tomou esse ponto como algo importante em sua produção.

8 *Funções do psicanalista hoje*: teoria e técnica com foco na criança e no adolescente. Esther Kullock, Editora Imprima, 2007.

9 Maria Pompéia Ferreira Carneiro. Psicanalista, membro titular e supervisora da SPCRJ.

10 André Green (1927-2012). De origem judaica, filho de mãe espanhola e de pai português. Nasceu no Cairo. Membro da Société Psychanalytique de Paris. Figura polêmica, dado a confrontos e discussões, consagrou-se como um teórico essencial da psicanálise contemporânea. De sólidas bases freudianas, Green também teve influência do pensamento de Bion, Winnicott e da psicanálise francesa. Foi o responsável pela criação da teoria do negativo em psicanálise, embora sempre apontasse que este conceito já estava presente, implicitamente, nos primeiros textos freudianos. Além disso, trabalhou temas como o afeto, a clínica do vazio, os casos-limite, o narcisismo negativo, o irrepresentável, a psicose branca, a mãe morta, fálica e negra, a pulsão de morte, o complexo de castração e a alucinação. Dentre as principais obras do autor estão: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte; O discurso vivo; Uma teoria psicanalítica do afeto*, além de dezenas de artigos em revistas especializadas (site da Federação Brasileira de Psicanálise-FEBRAPSI). Acesso em: 10 agosto 2012.

A história é feita de coisas nas quais estudamos o passado, mas não ficamos lá, vamos para o presente.

A psicanálise se espalhou por todos os continentes. Meu olhar sobre ela é um olhar muito diversificado. Depois que eu voltei de Londres, fui a uns três ou quatro congressos psicanalíticos internacionais; também fui a congressos da *psicologia do self*, junto com Inaura Carneiro Leão¹¹. Encontrei muita gente boa por lá, aliás tem gente boa em toda parte, você só precisa escolher o que fazer.

Quanto aos entraves, penso que falta progresso suficiente. É preciso conhecer muitas coisas. Minha trajetória foi juntar tudo que podia. Penso que ficar repetindo 30 anos Freud ou Lacan ou o que quer que seja, é limitador. É preciso que haja um intercâmbio com outros saberes. Por exemplo, o grupo de estudos autocoordenado do qual eu faço parte na Sociedade se preocupou inicialmente em estudar autores ingleses como Winnicott e outros. Com a continuação do grupo, partimos para estudar outros autores que estivessem desenvolvendo algo de muito interessante. Adotamos o livro de Antonino Ferro¹² *Fatores de doença, fatores de cura* e o livro de Civitarese¹³, *The Intimate Room*.

11 Inaura Carneiro Leão. Psicanalista, já falecida.

12 Antonino Ferro. Nascido em Palermo, Itália, em 1947, é médico, psiquiatra e psicanalista de crianças, adolescentes e adultos, e analista didata da Sociedade Psicanalítica Italiana, onde fez sua formação. Ferro é considerado um analista da atualidade. Sua clínica é inspirada na teoria dos campos do casal Baranger, em uma releitura dos conceitos winnicottianos e por uma interpretação pessoal das implicações clínicas das ideias de Bion (fonte: <http://www.febrapsi.org.br>). (site da Federação Brasileira de Psicanálise-FEBRAPSI). Acesso em: 10 agosto 2012.

13 Giuseppe Civitarese. Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana e da Associação Psicanalítica Internacional. Autor do livro *L'intima Stanza*, Edizione Borla, 2008, traduzido para o inglês com o título *The Intimate Room: Theory and technique of the analytic field*, Routledge, London and New York, por Philip Stokin, 2010.

Esther Kullock

Civitarese tem muita coisa boa, é interessado em contratransferência, no enquadre psicanalítico, no que acontece na sessão, dando ênfase à relação analista-analisando. Um dos entraves dos candidatos à formação seria o fato de eles não se apropriarem da diversidade de informação. Durante a formação é complicado, pois são três anos de Freud. Como é possível o estudante se apropriar dessa diversidade de informações?

C.E. - O tema dos Cadernos de 2012 é Psicanálise e contemporaneidade, onde se pretende estudar os temas que estão atravessando o sujeito. A clínica do excesso, o masculino e o feminino, enfim as diferentes questões que chegam aos consultórios hoje. O que você pensa sobre esses temas?

EK - As pessoas atualmente têm dificuldade em relação ao tempo, dinheiro, transporte etc, dificuldades que interferem no nosso trabalho.

O Civitarese, segundo Ferro, se destaca como um dos autores que conseguem negociar uma trilha através deste complexo universo, que se expande progressivamente, sem perder a visão holográfica e multidimensional da psicanálise. Civitarese tem raízes firmes e conhecimento profundo no pensamento de Freud e uma leitura apaixonada de Bion. Está entre os kleinianos mais recentes e fez várias inovações na teoria.

Duas coisas são importantes para nosso estudo do livro de Civitarese, duas áreas novas: a primeira é a questão do enquadre, que diz respeito ao problema da

transferência e a questão das relações intersubjetivas. E ele trabalha seus casos clínicos de forma muito interessante, vai trabalhando bem devagar, sem interpretações muito ousadas, e tem uma grande sensibilidade para com os sentimentos e afetos dos analisandos.

C.E. - O que você deixaria como mensagem para os jovens candidatos a analistas?

EK - Curiosidade intelectual. Penso que o que falta entre nós é um interesse maior pela pesquisa. Temas como dependência simbiótica, núcleo psicótico, resíduo da fusão indiscriminada do ego com o objeto poderiam ser mais desenvolvidos.

Artigos



**Dos dez mandamentos ao *Just do it*:
a reviravolta do sujeito em sua
inserção cultural**
*From the ten commandments to Just do it:
a sub ject's whirlwind into cultural insertion*
Rachel Sztajnberg

Pensar na era do excesso
The thought in the age of excess
Auterives Maciel Júnior

**Masculinidade, feminilidade
e contemporâneo**
Masculinity, femininity and the contemporary
Ana Cristina Pinna

**A depressão como doença da moda na
contemporaneidade?**
The depression as fashionable disease today?
Issa Damous

**A interpretação e seus limites:
excessos na clínica psicanalítica**
*Interpretation and its limits: excesses in the
psychoanalytic clinic*
Marina Fibe De Cicco
Eva Maria Migliavacca

**A questão do laço social na Escola:
angústia e formação do psicanalista**
*The issue of social ties in the School of
Psychoanalysis: anxiety and analyst's formaion*
Sonia Leite

**Infertilidade sem causa determinada:
considerações psicanalíticas sobre um fenômeno
aparentemente médico**
*Infertility with no determined cause:
psychoanalytical considerations on apparently
medical phenomenon*
Paula Land Curi

**A apropriação laschiana do conceito de
narcisismo de Freud**
*The Lasch's appropriation of freudian's concept of
the narcissism*
Eloy San Carlo Maximo Sampaio
Eva Maria Migliavacca

**A noção lacaniana de Nome-do-Pai na
perspectiva da metáfora e da metonímia**
*Lacanian notion of the Name of the Father from
the perspective of metaphor and metonymy*
Alba Gomes Guerra
Glória Maria Monteiro de Carvalho

artigo



Dos dez mandamentos ao *Just do it*: a reviravolta do sujeito em sua inserção cultural

From the ten commandments to Just do it: a subject's whirlwind into cultural insertion

Rachel Sztajnberg*

Resumo

Com muita propriedade, Freud lança mão do herói grego Édipo como figura emblemática do sujeito do seu tempo, ser ressentido e recalado ao ter se confrontado com as interdições que a moral cultural lhe impôs. Só mais tarde Narciso chega à cena psicanalítica, majestoso filho dos ideais de seus pais, lutando obstinado para perpetuar-se nesse lugar de privilégios e exclusividade que originalmente lhe foi designado. Desenham-se, assim, as instâncias psíquicas que, em permanente interjogo, se constituem em pilares da constituição

* Rachel Sztajnberg, Psicanalista membro efetivo e Supervisora da SPCRJ.

Rachel Sztajnberg

subjetiva, num balanço que oscila nas mais diversas variações, de acordo com a dinâmica de cada sujeito.

Interessa-nos pensar como as mudanças derivadas dos progressos científico-tecnológicos, assim como o declínio das figuras de referência, afetaram o estar no mundo, deslocando o investimento original em ideais (plano simbólico) para um terreno onde domina uma adição voraz a objetos sucessivamente permutáveis (plano imaginário). Um narcisismo defensivo se instala causando a negação da alteridade, da finitude, e dos aspectos mais sutis concernentes à nossa precária humanidade. O Super-homem grandioso e mágico faz muito mais do que sequer sonhou, mas quem é ele? E qual o preço deste superpoder?

Palavras chave: Narciso, Édipo, ideais, simbólico, imaginário.

Abstract

Freud approaches Oedipus, the mythical hero as an emblem of the subject of his time, resentful and repressed, having struggled with the interjections that cultural mores impose on him. It's not until later that Narcissus makes its entrance into the psychoanalytical scene. Majestic outcome of his parents' ideals, he fights relentlessly to remain in this place of privilege and exclusivity to which he was born.

Thus are designed psychological stances, in permanent interplay, they constitute the pillars of subjectivity balancing themselves in the variation of each subject's dynamics.

This paper reflects on how the scientific and technological advances, coupled with the decline of the referential figures have affected existence, displacing the original investments in ideas, on the symbolic level, to a terrain where a voracious adding of successively replaceable objects reigns remitting us to the imaginary level.

A defensive narcissism is installed denying alterity, finitude and the more subtle aspects concerning our precarious humanity.

Superman is magical, grand and surpasses our wildest dreams, but who is he? What is the price to be paid for his superpower?

Keywords: *Narcissus, Oedipus, ideals, symbolic, imaginary.*

artigo



**Dos Dez Mandamentos ao *Just do it*:
a reviravolta do sujeito em sua inserção cultural.**

***From The Ten Commandments to Just do it:
a subject's whirlwind into cultural insertion.***

Rachel Sztajnberg

Faço-me falta sem vocês.

Mia Couto

Nas construções inaugurais da Psicanálise, Édipo precedeu Narciso. Quem primeiro chamou a atenção de Freud foi esse herói ressentido e recalcado, irremediavelmente marcado pela dor no corpo e na alma, vagando errante por um mundo devastado pela guerra e pela miséria. Só mais tarde nasce da cabeça engenhosa do Mestre a figura mítica de Narciso, filho dos ambiciosos ideais de seus pais, majestoso e predestinado a cumprir essa missão de realizar o tudo que nele fosse projetado. Encantado com o encantamento que provoca, vive o deslumbramento

Rachel Sztajnberg

do absoluto através da inflação do amor próprio, inicialmente necessário, na verdade fundamental à sua constituição. Mais adiante, contudo, vê-se às voltas com uma encruzilhada decisiva para seu itinerário como sujeito: ou abandona essa posição em nome de outras conquistas, mas que lhe cobram a renúncia a esse gozo fundamental, ou perpetua-se nesse estado paradisíaco, mas agora alienante, uma vez que o exclui do universo compartilhado que lhe permitirá conhecer o para além de si mesmo. Ao fixar-se em sua posição original, estagna, morre. Se conseguir sair de sua bolha morre também, mas não antes de percorrer um caminho rico e acidentado, integrando experiências, ora de perda, ora de ganhos, uma exigência de trabalho constante de cuja aceitação depende para sair de seu isolamento e sentir-se minimamente pertencendo a um universo que o transcende. Usufrui, assim, do que o mundo tem para lhe oferecer, assim como deixa nele sua contribuição, se conseguir suportar sua própria transitoriedade como destino inelutável.

Embora oriundas de momentos distintos na história da construção do corpo ideológico da Psicanálise, essas duas instâncias psíquicas culminaram sendo compreendidas como pilares da constituição subjetiva em um permanente e delicado interjogo de cuja plasticidade e balanço dependerá cada sujeito para seu equilíbrio psíquico, sua instalação no mundo externo e seu convívio com os outros.

O modelo emblemático proposto por Freud em “Totem e Tabu” ([1912] 1913) descreve a organização social e a consequente fundação da cultura permeada por uma premente renúncia aos impulsos violentos e desenfreados que habitam o sujeito, a fim de que se garanta a preservação de todos. Essa interdição tem como consequência a instalação de um mal estar inevitável derivado da repressão (recalque), mas propicia também uma convivência humana mais ou menos tolerável na maior parte do tempo. A civilização substitui a barbárie através de uma marca edípica paradoxalmente permeada por um apelo narcísico, a alternativa a uma implacável condenação mortífera.

Assim caminhou a humanidade, orientada pelas “tábuas da Lei” sustentadas por uma *figura de exceção*, expressão cunhada por Jean-Pierre Lebrun (2004), que garantisse seu cumprimento. Essa figura de autoridade se presentificava nos diferentes espaços culturais, a saber: na família, no pai, no sócio político, no juiz, no presidente, no prefeito; na Igreja, no papa, no pastor, no rabino. Acima de todos, em Deus ou seus equivalentes, Buda, Maomé e seus similares, o que fazia dos demais meros representantes da Lei, não os seus donos. Eles também meros delegados, submetidos a uma Ordem Superior, situada numa dimensão simbólica, a veicular a moral civilizada.

Essa “arquitetura” civilizatória, contudo, não se sustentou ao surgirem os meteóricos avanços científicos e tecnológicos que forçosamente obrigaram a novos dimensionamentos do estar no mundo em seus princípios básicos. A relação com o

Rachel Sztajnberg

tempo, por exemplo, ganhou novas configurações, o imediatismo tomando o lugar antes ocupado pela obrigatória espera que intermediava as ações humanas. A noção de processo, construção, foi reduzida ao mínimo indispensável assim que os artefatos da pós-modernidade imprimiram um cunho mágico no âmbito da ação-realização. O “milagre” banalizou-se e pouca estranheza causa hoje que os objetos se ofereçam prontos, *prêt-à-porter*, demandando pouca inventividade do sujeito que os manipula. Os atos, conseqüentemente, reduziram a necessidade de reflexão, tornando o sujeito menos autor e mais marionete desse modelo do compra-feito vigente nesta cultura. Mais que isso, seduzido pela avalanche de ofertas irresistíveis a se sucederem interminavelmente, sua capacidade crítica atrofiou-se. Cada vez menos seletivo, o sujeito da contemporaneidade vorazmente consome tudo que o sistema lhe enfia goela abaixo, sem possibilidade de discernir de que realmente necessita e o que acumula por interesse alheio que ele toma como sendo seu. Freud já havia vislumbrado esse engodo:

“A aceitação da neurose geral dispensa o crente da tarefa de formar uma neurose pessoal”, nos diz ele no “O futuro de uma Ilusão” (1927). É J.-B. Pontalis (2005) quem complementa essa afirmação (2005): “O que deprecia a ilusão religiosa é, poder-se-ia dizer, o fato de que ela aliena numa simbólica pré-estabelecida e comum o jogo livre e criativo da ilusão”. Postulação que pode ser facilmente transportada para o terreno mercantilista das transações que movem o mundo atual através dos veículos midiáticos. São outros os

deuses que anunciam agora a última palavra. E não são poucos os que têm a “última” palavra, disputando, como numa guerra, o trunfo de ser o portador do produto eleito. Aos espectadores, diante da profusão de ofertas, cabe a perturbadora tarefa da decisão final. De resto, funciona assim: mandam os poderosos e obedece quem tem juízo. E também quem não aguenta a condição de pária da estrutura do consumo, de ser o objeto do desprezo dos bem informados e bem aventurados.

Em paralelo a esta revolução radical, e também em parte por conta dela, uma vez que estas inovações ganharam esse estatuto de um novo Poder, adveio o declínio das instâncias que até então serviam de reguladoras de uma Lei que transcendia o sujeito e pautava seu funcionamento. As autoridades perderam sua força e, na falta dessas referências, mais livre, leve e solto, o homem, em compensação, passou a ter a seu cargo a função de ser sua última instância. Esta ingrata e perturbadora tarefa está magnificamente descrita pelo sociólogo francês Alain Ehrenberg em seu livro *A fadiga de ser si mesmo* (2000), onde analisa as consequências para o homem de hoje de estar só para uma tarefa maior do que pode dar conta. Não banca a autonomia que lhe é conferida e se abate a partir da falta de certeza de si e do sentimento de insuficiência que o persegue frequentemente. Defende-se deles através de estratégias que nem a si mesmo convencem.

É isso o que mais nos interessa nesta reflexão. Uma vez que estamos sob o desígnio do “cada um por si”, num irrefutável isolamento e, por consequência,

Rachel Sztajnberg

num forçoso esgarçamento do tecido comunitário, abandonamos o plano do simbólico, território soberano do Édipo, da alteridade, da ética, e nos fixamos ancorados no porto do imaginário e asilados no castelo habitado pelo Narciso solitário, ignorante de tudo o que encontra ao seu redor. Obcecado por um objeto fetichizado o qual não pode perder de vista e que não é mais do que a projeção dele mesmo, quando não consegue fazer concessões, não desdobra seus investimentos em outras direções. O eu ideal que inauguralmente foi estruturante, como ponto de partida essencial da subjetivação, não dá espaço para o ideal do eu que o conduziria mais além, para fora do mimetismo do qual só retira mais do mesmo. Fixação que conhecemos como prevalência do duplo e que indica, pelo traço paralisante, seu caráter mortífero. A Literatura, precursora da Psicanálise na investigação acurada dos dilemas da alma, explorou, e ainda explora, à exaustão, esta rica temática. Consultem, se for do seu interesse, Shakespeare, Dostoievski, Maupassant, Edgar Alan Poe, Machado de Assis, Guimarães Rosa e tantos outros.

Conclui-se, assim, que Narciso só se desprende dessa posição primitiva se for capaz de se resignar, mesmo que a duras penas, a perder aquilo que, paradoxalmente, nunca vai ter. Se, com a ajuda do meio ambiente facilitador, sua curiosidade se voltar para outras praias e iniciar, com garra, sua própria e singular odisséia, ela o levará certamente a um percurso acidentado, permeado por conquistas e derrotas, perdas e ganhos, dor e alegrias, e, como se não bastasse, culminando num destino trágico

inevitável. Poderá, contudo, se tiver competência e humildade, computar, ao fim dessa trajetória, que, se não apreendeu um sentido definitivo e absoluto para sua existência, deparou-se, a partir das experiências vividas, com múltiplos e significativos sentidos dos quais se apropriou e que preencheram seu interior a ponto de lhe fazer sentir que, mesmo com a derrota final, valeu a pena existir.

Os que não existem, funcionam. Robotizados, perambulam às cegas, errantes, sem uma direção coerente, usufruindo aqui e ali dos objetos transitórios. Na melhor das hipóteses, há quem se interesse pelo que Marie Claude Lambotte (1997) nomeou como objetos estéticos, promotores da ligação possível, colorindo minimamente sua apatia fundamental. Outros nem isso; servem-se dos objetos-tampão que, precária e provisoriamente, distraem o sujeito do vazio aterrorizante que os habita e que logo volta a se apresentar, a requerer cada vez mais torpor. Essa é a base das compulsões que assolam o mundo pós pós-moderno e que, diga-se de passagem, interessam vivamente ao *stablishment*, que precisa vender o que freneticamente produz. Porque não chegam a se constituir como objetos transicionais, destituídos do traço criativo destes, eles se deslocam metonimicamente, numa mera permutação entre si. Mais modestos que as representações, que enriquecem vivamente o aparato de memória no qual se constitui o psiquismo, esses objetos se constituem mais como apresentações, por sua qualidade fugaz. Não acedem ao estatuto metafórico e por isso não contribuem para uma projeção do sujeito em perspectiva. Aderido

Rachel Sztajnberg

ao aqui e agora, refêm de um presente eterno, não elabora planos, não sonha com o futuro, não concebe ideais. Ideais que, por sua vez, amenizariam a solidão essencial, presente em todo ser, através do sentimento de pertinência que a vinculação a projetos compartilhados naturalmente gera.

À falta desse apego e compromisso com o bem comum, o sujeito contemporâneo se abandona nesse carrossel frenético do cotidiano e vivencia experiências que não metaboliza. Não há tempo nem espaço para isso, o excesso de estímulos convidativos e caprichosamente veiculados é incorporado como informação e não permite introspecção. Nosso *hardware* opera mais lentamente que os sofisticados aparatos que conseguimos inventar. Não temos como fazer um upgrade em nossa própria máquina psíquica. O que não é retido, portanto, escoia a guisa de hemorragia narcísica de que Freud nos falou no “Rascunho G” (1895) quando pensou as neuroses narcísicas (melancolia). Não temos como fixar e integrar o que circula fugazmente, a não ser num registro vago e superficial que facilmente se dissipará.

A permanência que garante uma transmissão de valores, a tradição que insere o sujeito numa cadeia histórica que o sucedeu e o transcende, inscreve uma continuidade a ligar presente, passado e futuro, e repara, em parte pelo menos, a ferida narcísica da passagem efêmera do ser na Terra. Tudo muda de figura ao revés, sob a égide do descartável, do que caduca num breve espaço de tempo. Os registros são deletáveis e sem eles a memória se esvai. Sobra o

virtual, o acidental, o qual carece de consistência e, portanto, se desmancha no ar.

O modelo volátil não podia deixar de afetar também as relações humanas. Os laços são quase sempre frágeis. O individualismo não garantiu o manejo das negociações necessárias ao convívio quando se apresenta o inevitável embate das diferenças. Sem resistência para o enfrentamento dos conflitos, os fios do vínculo se esgarçam com facilidade e a ruptura torna-se mais desejável e menos trabalhosa do que o esforço de reparação. Não se leva em conta que o laço se fortalece com as crises, que o exercício de compor com o outro beneficia o próprio sujeito, tornando-o mais plástico, ampliando seus recursos para lidar com os diferentes segmentos da vida ao longo dela. Ao bater em retirada, num movimento de tentativa de evitação das frustrações que o princípio de realidade impõe, o sujeito se abriga nas promessas fantasiosas do imaginário e parte em busca do objeto idealizado, de uma relação que já nasce pronta, que não lhe dê trabalho e qualquer desprazer. Vai encontrar? Nem pensar. O que fará então? Vai em frente e repete, repete, repete... Sempre atrás de uma bela miragem anunciada pelo princípio do prazer.

Às voltas com a necessidade, repito, necessidade, não falo aqui de desejo, porque não cabe, e a urgência, uma vez que a necessidade sempre cobra atendimento, faz com que a reposição contínua impeça a travessia dos lutos, exigência de trabalho que, por seu percurso elaborativo, culmina por deixar o sujeito mais fortalecido e consistente. Na falta desse

Rachel Sztajnberg

processo, o que desaparece não deixa rastros, cumpriu uma função meramente provisória e utilitária, podendo ser rapidamente substituído por outro similar com a mesma função tamponadora. A circulação, viciada, se faz dentro de uma “realidade” pré-fabricada, dotada de objetos fetichizados, justificando, assim, a crescente difusão das adições, das compulsões, dos transtornos alimentares, os recorrentes distúrbios do sono, que mereceria um cuidadoso estudo à parte, e mesmo a aparentemente inocente atuação dos workacoholics, dos quais o sistema em muito se beneficia.

Desejo implica responsabilidade, é preciso saber o que fazer com ele, que destino se vai dar à sua premência. Bem instalado, ele se exime de uma alienação, difere do gozo inconsequente de quem usa os objetos ao seu bel prazer sem levar em conta a verdade do outro. No sujeito mais amadurecido emocionalmente, o desejo pode ser controlado, pode esperar o momento oportuno para ser satisfeito, e ainda se reconhece sua incompletude. Suporta a falta e pode dar um destino produtivo a ela, sendo a sublimação sua via mais bem sucedida.

Ora, evidentemente, estamos apontando aqui uma subjetivação perpassada pela castração, um Édipo razoavelmente satisfatório que pode, ao seu jeito, contornar o “rochedo” de modo a prosseguir seu itinerário pela via do prazer possível conjugado à “infelicidade banal”, a modesta culminância indicada por Freud. Um luxo chegar lá, com o ressentimento reduzido ao mínimo. Projeto de fim de análise também, o lugar mais confortável ao qual analista e analisando podem aspirar.

Tomando de empréstimo de nosso estimado colega Alexandre Jordão a expressão usada por ele em seu precioso livro: *Narcisismo, do ressentimento à certeza de Si* (2009), esse seria o protótipo do “narcisismo suficientemente bom”, aquele que abre espaço para que o Édipo possa se instalar. Esse sujeito bem constituído pode acessar os estados de repouso e contemplação, tão essenciais à saúde emocional e precursores incondicionais do genuíno gesto criativo. Sem medo de desintegrar-se, de projetar-se no vazio, esse ser ganha a oportunidade de frequentar o espaço potencial a que alude Winnicott (1978) e “brincar” nele, produzir nele o que quer que seja, lúdica e criativamente. E o que é mais importante de tudo, apropria-se de suas criações, torna-se o autor de sua própria história, sem estranhamento com o que lhe pertence. Sujeito este que se faz dono da “boa” linguagem, manifestação explícita do que restou da ausência e da falta, presença das perdas, sem que ele, contudo, tenha se perdido junto. Bendito *fort-da*, feliz transicionalidade.

É óbvio que, para chegar a esta posição, ele teve que se deparar com sua “solidão essencial”, o que só foi possível na medida em que encontrou um ambiente facilitador que isolou invasões perturbadoras, promoveu uma confiança básica e garantiu a experiência de estar só num padrão prazeroso, do qual ele se apossou e ao qual recorre sempre que lhe aprouver. Transita, assim, entre um recolhimento que lhe permite sonhar, em vigília ou durante o sono, de forma inspirada, atravessado pelo simbólico. No outro polo, essa aquisição favorece o

Rachel Sztajnberg

seu inserir-se com confiança no espaço compartilhado, apesar dos temores e incertezas dos quais tem que dar conta. Esse sujeito arca com a responsabilidade sobre seus atos, ainda que habitado por conflitos e sintomas, traços residuais de sua constituição subjetiva. Enfim, uma oscilação Narciso-Édipo bem balanceada.

Vejamos agora os desacertos desse equilíbrio. Para Winnicott (1978), a ilusão é essencial à formação do narcisismo primário, uma ilusão de onipotência que permite ao *infans* se inventar quando ele, paradoxalmente, se defronta com o objeto que precisa criar. Ele depende então dessa ilusão para internalizar uma boa experiência que fortaleça o seu ego incipiente e o permita mais adiante confrontar-se com a desilusão e sua dimensão benéfica de apontar o que está fora dele, seu bem, seu mal. Rompe-se assim o fusional imagético e dá-se partida ao simbólico, à alteridade a ser reconhecida, à capacidade de esperar, de suportar faltas, de confiar na constância do ir e vir. Daí resulta a emergência do gesto espontâneo, da expressão da essência do ser que confia em ser bem recebido e que por isso corre o risco de apresentar ao mundo o que possui de mais verdadeiro.

No entanto, se essa experiência de continuidade for precocemente atravessada pela emergência do inesperado, do imprevisível, um excesso traumático invade esse *infans*, obrigando-o a se defender como pode dessa ameaça funesta. Para escapar de seu próprio colapso, de um “cair para sempre”, do terror da morte em vida, recolhe-se num retraimento narcísico e nada mais que um resto, funcionando como escudo protetor, fica de fora para

evitar que uma “*angústia impensável*” (Winnicott) se precipite. A essa armadura que está aí apenas com esse fim, falta plasticidade, ela é rígida, e em assim sendo, não assegura o brincar, tampouco o sonhar, só está ali para zelar pela guarda das fronteiras entre o self e tudo que está fora dele. Não só fora, diga-se de passagem, mas também em relação ao que está dentro, como as experiências pulsionais agudas que no início são vividas, como também vindas de fora. Os autistas, como exemplo, não reconhecem as fronteiras de seu corpo, não distinguem o dentro e o fora, por isso estão sempre em estado de perigo iminente. No mais, não “sentem” seu corpo, estão vivamente alienados numa dissociação drástica, não distinguem mesmo dor e bem estar.

Esses são os casos mais ilustrativos a que podemos recorrer do que foi nomeado, inclusive por Alexandre Jordão (2009), de narcisismo defensivo. Expressão muito feliz, creio eu, para nomear essa instância moldada no princípio de autopreservação e que visa a proteger o que o sujeito tem de mais verdadeiro e que se encontra ameaçado.

A prática clínica atual parece estar demonstrando que a balança à qual viemos nos referindo não harmoniza de forma adequada essas figuras emblemáticas do funcionamento psíquico de que estamos tratando, a saber, Narciso e Édipo. O primeiro prevalece sobre o segundo nitidamente, talvez porque tudo convide mais, nos últimos tempos, à sedução pela imagem, a aparência e o superficial (lago onde Narciso se espelha) imperando a ponto de ofuscar o valor do prazer postergado, porém mais

Rachel Sztajnberg

consistente e mais durável, passível de ser usufruído por quem conhece a mediação do complexo edípico. Já os investimentos efêmeros e descompromissados do sujeito contemporâneo produzem efeitos perniciosos, o sentimento de futilidade e falta de sentido está sempre latente em seu cenário interno. Nesse contexto, a própria vida se apresenta descolorida e destituída de valor.

A escuta e a observação continuada dos pacientes de nossos dias faz perceber que sua área de ilusão, aquela que conduz ao espaço potencial e é fundante da criatividade, encontra-se cada vez mais rarefeita. Ou porque faltou o meio onde isso pudesse ocorrer, ou porque a precocidade da desilusão do eu imaturo atropelou o curso natural desse processo. Em qualquer destes casos o sujeito não vê outra saída senão se proteger do encontro com mais frustrações as quais não se vê com recursos para absorver. Fixa-se, então, num estado de recolhimento, narcísico, evidentemente, transitando pouco pelo território edípico. Para ele, este “lugar” tem a representação fantasmática de areia movediça, terreno pouco confiável, do qual imagina que não escapará ileso. “Planta-se” então no deserto criado por si mesmo, no qual, apesar da pobreza e desolação, sente-se mais seguro.

Um olhar mais acurado sobre esse ser enquistado defensivamente nesse polo da balança que modula a economia psíquica poderá detectar ainda duas modalidades de se pôr no mundo. Uma delas promove o hermético encastelamento do sujeito numa posição quase autista, quem sabe autoerótica, refugiado que se encontra num mundo todo seu,

habitado predominantemente por objetos subjetivos. Para tudo ter, ele só precisa nada fazer, não necessita mais do que se abastecer com suas idéias fantasiosas que o colocam em outro registro, dissociado da realidade compartilhada. Não há qualquer trânsito, nenhuma circulação entre o objetivo e o subjetivo, só um circuito viciado que se repete sem efetivamente criar nada, nada mais do que uma espécie de delírio localizado e alienante que recobre parcial e provisoriamente o vazio que o habita.

A segunda alternativa é bem diversa da anterior, mais sutil e mais difícil de ser reconhecida porque simula uma participação efetiva no universo compartilhado. Encontra-se aqui um sujeito ativo, hiperativo (?) devotado a uma funcionalidade operativa invejável e aderido mimeticamente às mais diversas propostas à sua disposição. Consumidor voraz, esse sujeito age sem parar, à guisa de um autômato. Winnicott, muito adequadamente, nomeou esse padrão de *saúde sintomática*. O que passa despercebido numa avaliação mais distraída é a qualidade de formação reativa desse padrão, além da carência de profundidade e seletividade de suas escolhas. Se no modelo anterior o sujeito nada faz, esse aqui tudo faz, mas faz por fazer, ausente sua implicação pessoal e autêntica nessa atividade de natureza robótica. Se o primeiro se aproxima, por sua apatia e indiferença em relação ao que está fora dele, a um funcionamento melancólico, o último, ao revés, reflete um atuar hipomaníaco, quiçá não mais que uma máscara a encobrir também o pano de fundo melancólico.

Rachel Sztajnberg

Cabe dizer que, embora tenhamos desdobrado essa posição narcísica em dois diferentes estilos de apresentação subjetiva, eles podem, inclusive, se alternar no mesmo sujeito.

Se interrompêssemos nossa reflexão por aqui, mergulharíamos todos certamente nesse abismo da desesperança mencionada acima, por estarmos condenados todos a esse fado sinistro e irreversível. No entanto, a experiência já demonstrou que a História não anda para trás e que, assim como só conseguimos reduzir nossos impulsos destrutivos ao mínimo indispensável, igualmente a capacidade criativa e reparadora humana está permanente e incansavelmente em busca de novas referências ideológicas nas quais se possa pautar um padrão de bem estar e harmonia possíveis ao longo da existência pessoal e coletiva.

É verdade que a decadência dos valores morais e éticos vigentes até certo tempo atrás provocaram um desbaratamento dos pilares civilizatórios, e uma perplexidade estonteante, derivada de uma espécie de orfandade psíquica. A palavra perdeu sua força porque não houve mais quem ditasse as regras do jogo, e com isso os sentimentos, antes tão exercitados, ficaram sufocados pela falta de nomeação. À cultura dos sentimentos sucedeu-se, então, um apelo à cultura das sensações (JURANDIR FREIRE COSTA, 2003). O corpo, um tanto desprestigiado e alvo de recalque em outros tempos, veio para o primeiro plano e tornou-se difícil resistir à sedução do prazer sensorial difundido pela publicidade. Esta visa o lucro, mas os potenciais compradores veem aí a libertação do que

antes se encontrava oprimido e exploram à exaustão seus recursos como fonte de satisfação.

O re-encantamento do corpo recobre o doloroso desencantamento com o mundo e ele se transforma na matéria prima da qual se pode extrair todos os elementos que dão vazão a um re-investimento narcísico, exacerbado, é verdade, mas que dá alguma sustentação a esse sujeito descrente. O *déficit* narcísico no plano psíquico torna-se assim compensado por um narcisismo corpóreo, ainda que esse corpo guarde uma falta de comunicação com o eu. Este é tratado, não como parte do sujeito, mas como um outro, através de um processo de exclusão derivado da dissociação psicossomática que não foi possível evitar. Corpo estranho, autorizado a gozar, mas que também sofre com as cruéis exigências dos modelos identificatórios que lhe são impostos, sem que se considere se ele pode se adequar a elas, o encaixe forçado numa forma única que não admite diversidade. E mais, uma forma estonteantemente fluida: hoje é uma, amanhã é outra, a publicidade não para de ditar regras de *in* e *out*, haja elasticidade.

Numa fórmula que se liquefaz com facilidade, onde está a continuidade, a permanência tão cara à economia psíquica e responsável pela obsessividade estruturante da rotina, dos hábitos, da paz revigorante? Quais os efeitos de sua abolição quando não se pode parar, se tudo está em constante mutação e nos é cobrado que se acompanhe o feroz movimento do que nunca chega a ficar minimamente instituído já que caduca com tanta facilidade?

Rachel Sztajnberg

Trata-se de uma cultura perversa, promete o Éden, a produção de deuses esteticamente perfeitos e instrui com métodos violentos, retaliadores até, a condição de chegada a esse Olimpo. A relação com o próprio corpo chega a se tornar obviamente persecutória, quando se trava um duelo titânico entre o eu e a matéria biológica, compelida a se superar muito para além do seus limites originais.

Começa a surgir, felizmente, um protesto velado e ainda modesto a essa nova modalidade de barbárie. Não se trata de um retorno, mas do advento de outra ética, um subproduto benigno dessa cultura que recoloca o sujeito num “lugar” mais confortável, mais cômodo de se habitar. Tomo de empréstimo a Jurandir Freire Costa (2003) a feliz expressão que batiza como “corporeidade da vida” para falar de um sujeito que tem buscado um outro tipo de encontro com seu corpo e o corpo do outro. Segundo ainda nosso colega, e concordo com ele, esse ser mais diferenciado tem buscado inspirar-se em outras referências, tais quais a espiritualidade oriental, como recurso para desenvolver sua sensibilidade aos ritmos respiratórios, ao relaxamento da tensão corporal, à postura. Tudo isso viabiliza também uma recuperação de um estado essencial de repouso e contemplação, o essencial e precioso estado de não integração mencionado por Winnicott (1975), que, por força das demandas frenéticas da imperativa cultura da ação (*do it*), tinham sido relegadas ao ostracismo. Para alcançar alguma serenidade, esse Homem já reconheceu precisar descansar e envolver-se mais com sua interioridade. Em prol de uma estabilidade identitária um pouco mais sólida, repudia o excesso

difundido através do consumismo e adota padrões mais minimalistas, ciente de que menos é mais nessa equação simbólica. Menos entorpecido, menos escravizado, esse novo homem circula com mais desenvoltura pelos apelos sedutores do mercado, amplia sua capacidade de renúncia e, por consequência vive menos desassossegado. Aí onde tudo continuará mudando incessantemente, ele sabe, onde outros já foram pulverizados, que o único patrimônio que pode ser preservado e cultuado é o desse “lugar”, “sua própria casa”, seu si mesmo habitando seu corpo, fiel ao seu estilo e respeitoso com seu jeito de ser. O outro também tendo seu lugar nesse sistema, o encontro também possível onde possa ser tolerada a tensão da diferença, sempre presente, e a ameaça da perda impossível de ser negada quando se trata de um investimento afetivo. Enfim, o homem constituído no conflito, sem garantias, descrente de milagres, mas confiante em sua potência, não completo, mas inteiro e não dissociado. E a Psicanálise que dê tratos à bola para contribuir no sentido de que esse homem encontre o lugar mais adequado à sua humanidade.

Tramitação:

Recebido em: 02/05/2012

Aprovado em: 08/06/2012

Rachel Sztajnberg

Rua Maria Angélica, 323/101

Jardim Botânico – Rio de Janeiro - RJ

CEP: 22.461-151

Fone: 2286-7508

Email:rachelsztajn@yahoo.com

Rachel Sztajnberg

Referências

COSTA, J. F. Entrevista concedida ao psicólogo Sérgio Gomes da Silva, editor do site do autor, 2002.

EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Poches Odile Jacob, 2000.

FREUD, S. Totem e tabu. In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 13). (Trabalho original publicado em 1913).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 89-119. (Edição *Standard* Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud, 14). (Trabalho original publicado em 1915).

_____. O Futuro de uma ilusão. In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal –estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 15-74. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21). (Trabalho original publicado em 1927).

JORDÃO, A. A. *Narcisismo: do ressentimento à certeza de si*. Curitiba: Juruá, 2009.

LAMBOTTE, M.-C. *O discurso melancólico: da fenomenologia a metapsicologia*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997.

LEBRUN, J. P. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.

PONTALIS, J. B. *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005, p.107.

WINNCOTT, D. W. *Textos Seleccionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1978.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1983.

artigo



Pensar na era do excesso *The thought in the age of excess*

Auterives Maciel Júnior*

Resumo

O texto trabalha a idéia de pensamento como resistência e criação, relacionando-o ao excesso como paradigma do mundo contemporâneo. Parte, portanto, da apreciação da crise do contemporâneo vista pelo viés da psicopatologia, mostrando como as patologias do excesso evidenciam uma tendência do mundo capitalista atual: a excitação dos sentidos como indutora de compulsões. A análise desenvolvida coloca em confluência o pensamento com tais sensações excessivas, desenvolvendo uma crítica e problematizando uma nova forma de pensar que é resistência ao

* Mestre em Filosofia pela UERJ / Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ/ Professor do Departamento de Psicologia, PUC-Rio e no Mestrado de Psicanálise, Cultura e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida.

Auterives Maciel Júnior

presente e possibilidade de criação de novas maneiras de viver.

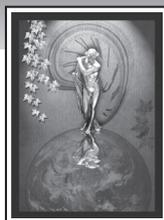
Palavras chave: sensação, compulsão à repetição, pensamento, escolha, resistência.

Abstract

The text elaborates the idea of thought as resistance and creation, relating it to excess as a paradigm of the contemporary world. Therefore, it starts from the assessment of the contemporary crisis analyzed through psychopathology's perspective, pointing out how excesses pathologies reveal a trend in today's capitalist world: the excitement of senses as an inducer of compulsions. This analysis puts thought in confluence with these excessive sensations, discussing and questioning a new way of thinking that is resistance and possibility of creating new ways of living.

Keywords: sensation, repetition compulsion, thought, choice, resistance.

artigo



Pensar na era do excesso *The thought in the age of excess*

Auterives Maciel Júnior

Assistimos, na atualidade, o incremento de sintomas que têm desafiado as diversas modalidades de técnicas e tratamentos psíquicos: compulsões – toxicomania, bulimia, anorexia – pânico, depressões etc. Um dos traços característicos de todos estes sintomas, dos quais a compulsão se afigura como o mais representativo, é a impossibilidade de escolha. O compulsivo age como um autômato que recebeu uma ordem inquestionável. Ele reage, portanto, performaticamente aos imperativos de gozo e aos excessos de excitações que assimila pela sua compulsão, tornando-se ator da sociedade que o assedia. Mobiliza, enfim, todo o seu pensamento para colocar em cena a performance adquirida pela sua compulsão.

Por outro lado, verificamos, com igual clareza, a consolidação de uma sociedade que fez do excesso

Auterives Maciel Júnior

de excitação o motor do seu funcionamento. A sociedade capitalista contemporânea, regida por um mercado que se tornou transnacional, se apresenta, na configuração atual, como uma sociedade do excesso, onde a plethora de sensações, induzidas por imperativos sociais de gozo que obrigam os indivíduos a agirem a qualquer preço como condição de possibilidade de relacionamento social orchestra movimentos de sujeição que formatam subjetividades aptas a moverem a engrenagem do mercado. Em outras palavras, os poderes empenhados em sujeitar a vida ao mercado mundial determinam uma máquina-social que faz do excesso de sensação, da produção do sensacional o meio de produção de sujeitos sujeitados à engrenagem social.

Agir a qualquer preço, repetir os excessos de informações que os meios de comunicação disponibilizam para atuar performaticamente no mercado, mobilizar toda a energia psíquica para assimilar por uma compulsão à repetição o modo de vida volátil que a sociedade contemporânea reificou, são expressões de poderes que regulam a vida segundo modulações impostas pelo capitalismo de mercado. As estratégias sutis de poderes sem transparência, difusos, que se encontram em dispositivos os mais variados no mundo atual, fizeram do excesso de excitação o conteúdo do seu funcionamento e do imperativo de gozo, como regra de funcionamento, a sua expressão.

O paroxismo de tal situação se verifica nas subjetividades como impossibilidade de escolha. A plethora de sensações, as multiplicidades das ofertas

impostas com aditivos de excitação, o sensacionalismo orquestrado com a amplitude ilusória de opções, capturam o indivíduo em um horizonte onde ele se vê obrigado a escolher o que o mundo impõe, mas se vê, igualmente, obrigado a assimilar as informações que o fascinam em uma velocidade nunca antes assistida. Ou seja, ele escolhe não escolher, movido pela urgência de poder participar. Se entrega à sujeição movido pela promessa de um gozo a mais. Se configura, enfim, como o sujeito da não escolha.

Ora, de acordo com esta hipótese, as patologias assistidas no mundo atual desvelam os poderes sem transparência que orquestram a sociedade do excesso. Da compulsão à depressão, da passagem ao ato à inibição ao ato, da performance eficaz à desistência, existe sempre a impossibilidade de escolher pela via do pensamento uma outra maneira de viver. O excesso de excitação, que resulta no fascínio intensivo das sensações, cria no indivíduo uma mobilização compulsiva de toda a sua energia psíquica que retira do seu horizonte a possibilidade de facultar. As intensidades que produzem prazeres apetitivos, mobilizando a libido em um movimento compulsivo, e as pleoras intensivas que resultam em choques, sustos que suscitam a mobilização de toda a energia psíquica, têm, como resultado, o mesmo efeito: a impossibilidade de escolher como expressão comum dos sintomas atuais.

Mas como devemos significar esta impossibilidade de escolha? Não vivemos em um mundo que nos oferta, como nunca antes foi ofertado, uma variedade de opções? Como falar de uma

Auterives Maciel Júnior

escolha da não escolha em um mundo que nos obriga a escolher como possibilidade de participação? É que a escolha aqui apresentada diz respeito ao pensamento e, enquanto tal, deve ser concebida à luz de uma problematização ética que coloca em cena a construção de uma nova maneira de viver. Na verdade, padecemos pela impossibilidade de nos pensarmos frente ao fascínio, de facultarmos frente ao excesso, criando em nós, a partir de um relacionamento conosco, problemas que resultem em uma nova forma de vida. Sendo assim, escolher a escolha é pensar.

Há, não obstante, um esclarecimento a ser feito: o que aqui chamamos de pensar possui uma inflexão singular, pois se configura nos descaminhos de quem conhece ou se esforça para conhecer o que o mundo impõe. Condicionando o esforço cognitivo à compulsão à repetição que se configura nos dias atuais e concebendo o conhecimento como produto da assimilação obtida através da repetição, diremos que o pensar acontece como ato singular de uma diferença que resiste, que pela crítica ao seu tempo insiste sobre a possibilidade de viver de uma outra maneira. Neste caso, existe uma disjunção entre pensar e conhecer, pois enquanto o conhecimento se assegura na obstinação de um saber, pensar consiste em saber que se pode estabelecer a diferença.

Assim, o pensamento que aqui se reivindica advém como possibilidade onde um problema se impõe, onde a existência se encontra em posição de problema, exigindo do pensamento uma formulação explícita, melhor, uma criação de problema que verta a vida em um novo oriente. Pensar é, neste

aspecto, problematizar, criar problemas que abram à vida possibilidades de escolha.

Segundo esta inflexão o ato de pensar se engendra sempre a partir de um impensado problemático, campo de alternativas indecidíveis que correspondem a um conjunto de possibilidades coexistentes. Este impensado, por sua vez, determina-se nos impasses críticos da história, sempre atuais, experiências-limites de natureza traumática que ocasionam a possibilidade de pensar para além do já configurado.

Se no mundo atual a compulsão à repetição fomentada pelas exigências de uma sociedade excitada, insuflada de sensações que movimentam o mercado, deságua em subjetividades impossibilitadas de facultar, escolher a escolha é, talvez, o problema central de um pensamento crítico que determina o ato de pensar. Esclareçamos tal problema.

O problema da escolha

Quase sempre, quando pensamos em escolha, trazemos conosco a idéia de que escolher supõe possibilidades que se excluem no mundo em que vivemos. A escolha é sempre pensada a partir de alternativas excludentes, cuja realização de uma delas supõe a exclusão das demais. Ao escolhermos, por exemplo, um ofício, excluimos de nosso horizonte existencial outros. Ora, a escolha assim pensada deixa entrever, *a posteriori*, que a realização da possibilidade escolhida supõe sempre uma razão condicionada por um campo de decisões previamente

Auterives Maciel Júnior

estabelecido. A gestação do possível supõe sempre a ordem das expectativas daquele que projeta o futuro a partir do presente, e o cálculo de probabilidades que incide sobre as possibilidades escolhidas prevê sempre a realização do possível mais provável. Nestes termos, a escolha incide sempre sobre alternativas determinadas no campo das inferências lógicas, em que o mais provável e o menos provável determinam a inclinação daquele que supostamente escolhe. A escolha é, portanto, submetida à determinação de um cálculo, estabelecendo-se no interior de saberes determinados, com representações e hipóteses dadas.

Levando em consideração que tais saberes são sempre determinados na cultura por um conjunto de práticas coexistentes às funções políticas que ordenam, normatizam e produzem comportamentos, podemos dizer que a meta de tais possíveis ofertados é a constituição de subjetividades empenhadas em performatizar o desenvolvimento da cultura. Neste sentido, diremos que as escolhas, na condição de alternativas determinadas, são produzidas no indivíduo como um campo de expectativas imaginárias referidas aos saberes e às funções políticas que os mesmos pressupõem. As escolhas são impostas por saberes, sendo igualmente produzidas nos dispositivos que instituem tais saberes.

Qual a natureza de tais dispositivos? De acordo com Michel Foucault, trata-se de dispositivos de saber-poder (FOUCAULT, 1979, parte 4). Concebendo os saberes como práticas formais e os poderes como práticas informais definidas como correlações de forças, Foucault propõe que nos afastemos da idéia

de um poder repressor tido como propriedade de um Estado ou de uma classe social. Para ele, os poderes como relações de forças produzem afetos, sensações, que integradas às práticas de saber, constituem sujeitos sujeitados aos imperativos da cultura. Pela pressuposição recíproca existente entre saber e poder, a subjetividade pode ser compreendida pelo viés da sua produção. Falamos de produção por entendermos que a memória que fundamenta a subjetividade se constitui nas diversas relações que o indivíduo estabelece com os saberes e os poderes vigentes. Sendo assim, as alternativas imaginárias implantadas em nosso horizonte de expectativas são inseparáveis dos poderes e dos saberes que se configuram como práticas sociais.

Sendo tais alternativas produzidas nestes dispositivos, será que de fato escolhemos quando optamos por uma delas? Ou não seria mais adequado pensar que a escolha uma vez imposta define o sujeito pela sujeição aos dispositivos? Perguntamos assim por suspeitarmos da liberdade de escolha que o mundo neoliberal supostamente nos legou. Acreditamos que escolhemos realizar alternativas que na realidade são produzidas em nós, incitadas pelos dispositivos que nos constituem. Optamos sempre em um campo de alternativas já fixadas pelas instituições, pelos meios de comunicação, pelos aparelhos de Estado. Decidimos nossas vidas dentro dos limites impostos pelas insígnias com as quais nos identificamos.

Esta tese de Foucault permite estabelecer uma crítica à idéia de escolha orquestrada pela consciência. De fato, as escolhas imaginárias determinadas pelo eu

Auterives Maciel Júnior

consciente já supõem uma subjetividade constituída pelas regulações do poder-saber. Entretanto, isto não invalida a hipótese de uma escolha pura. Uma escolha que advém de um pensamento que problematiza novas possibilidades de vida para o sujeito. Nestes termos, escolher verdadeiramente supõe resistir às alternativas impostas pelos saberes-poderes que determinam a sujeição. Tais resistências são, contudo, determinados pelos impasses suscitados pelos poderes que levam o sujeito a se repensar, a problematizar a si mesmo a partir das relações estabelecidas na cultura. São, portanto, impasses subjetivos cuja contrapartida é sempre da ordem de um problema que surge quando a vida resiste – seja pelo sofrimento, pela dor, pelo trauma da circunstância histórica – a um assujeitamento. Aqui resistir é a condição de ativação de um pensamento crítico e problemático, sendo igualmente o motor da criação de um novo modo de vida. Como diz Gilles Deleuze(1990), comentando Foucault , resistir é criar. Criar possibilidades de vida através da criação do ato de pensar. Como as resistências são sempre atuais, resultando dos impasses da atualidade, convém retomarmos o nosso problema, situando-o no mundo contemporâneo.

Em um texto intitulado *O que é um dispositivo?* (2009), Giorgio Agamben, a partir da análise proposta por Michel Foucault, diz que o capitalismo contemporâneo fez com que os dispositivos de sujeição se multiplicassem de tal maneira a ponto de produzir subjetividades moduláveis segundo as exigências do mercado. A multiplicação de tais dispositivos produz, segundo o autor, sujeitos voláteis,

capturados por um horizonte de possibilidades, onde as escolhas se tornam efêmeras, pois a exigência de performances múltiplas, como garantia de circulação na sociedade, exige, cada vez mais, a aquisição de inúmeras competências. A concorrência acentuada pelo movimento neoliberal que induz a ameaça do desamparo, a urgência de ser notado, posto em evidência pelos meios de informação, como demanda narcísica insuflada pela sociedade que valoriza o sensacional, são efeitos que os dispositivos a serviço do mercado produzem na subjetividade.

Além disso, convém notar que os dispositivos atuais agenciados com os meios informacionais, com os meios de comunicação, com a propaganda, com os meios audiovisuais, incrementam sensações que excitam as subjetividades tanto pela via do prazer apetitivo – prazer nascido com apetites suscitados pelas sensações agradáveis – quanto pela via da compulsão desenfreada, capturando-as no fascínio de um mercado que invade o imaginário e que tem como limite a liquidação das escolhas subjetivas pela impossibilidade em que o sujeito se encontra de poder escolher.

Christoph Türcke, em seu livro intitulado *A sociedade excitada* (2010), faz da sensação a chave que elucida o movimento de realimentação criativa do mercado mundial. Nesta filosofia da sensação, Türcke demonstra, com habilidade, como a sensação, apresentada pela filosofia como sinônimo de percepção, se veste no mundo contemporâneo com o significado do sensacional. A sociedade do espetáculo, anunciada por Guy Debord, encontra

Auterives Maciel Júnior

seu paroxismo na hiperexcitação que condiciona o sensacionalismo do mundo contemporâneo. Segundo o referido autor, o fundamental em um mundo onde a sensação é produzida com o propósito de induzir subjetividades é o incremento da criatividade como mola do mercado mundial.

Da notícia à propaganda — que colocam em evidência o que tem importância e o que deve ser consumido —, e desta aos meios audiovisuais, percebe-se que a excitação suscita prazeres apetitivos, incitando o imaginário a repetir, segundo os imperativos do mercado, as estratégias que os meios de comunicação orquestram. A sensação é tomada como paradigma de toda uma sociedade hiperexcitada, que deflagra subjetividades compulsivas. Compulsões, segundo o autor, motivadas pelo desejo de se colocar em evidência como condição de existência participativa no mundo globalizado. Ser percebido, estar em interação, assimilar com rapidez as informações que o mundo virtual das sensações impõe, responder de forma criativa às informações excessivas que as mídias divulgam, são fatos que revelam, passo a passo, a lógica da sensação imanente aos poderes contemporâneos.

A consequência imediata desta análise sociológica é o motor da filosofia da sensação: a impossibilidade de escolha pela abundância de excitação, a obrigação de escolher como meio de socialização e o trauma decorrente do excesso de excitação que condiciona a compulsão traumática à repetição. Claro está que, em se tratando de um livro que versa sobre a filosofia da sensação, o

desenvolvimento da tese se fará a partir da compulsão à repetição retomando, em perspectiva filosófica, a idéia freudiana exposta em “Para além do princípio do prazer”. Türcke defende filosoficamente a idéia de que a compulsão à repetição é o fundamento da cultura, estando o choque, “o trauma”, ocasionado pelo pavor, na origem do seu funcionamento. Uma tese, sem dúvida, ousada, defendida com um rigor lógico irrepreensível. Entretanto, o que nos basta desta tese é a constatação que a compulsão à repetição se afigura como motor de uma sociedade hiperexcitada que faz do novo o alimento de um mercado extremamente voraz.

Se o excesso resulta em trauma, sendo este a condição, pela via da repetição, da criação que alimenta a cultura (mas igualmente o mercado), é legítimo perguntar: pode a compulsão à repetição ser posta como condição real da experiência do pensamento? Pode o trauma estar na gênese do ato de pensar como problematização criativa? É possível facultar no limite da experiência traumática, promovendo problemas que resistam aos incrementos da máquina do mercado mundial? É certo que tais perguntas são inseparáveis da crença em que tais compulsões são engendradas por dispositivos de poder que fazem funcionar o mercado mundial. Mas é claro também que a própria compulsão à repetição traz consigo o germe da diferença. Se por um lado o trauma desestrutura, por outro ele força a criar; se por um lado a compulsão traumática à repetição alimenta o mercado, por outro ela pode suscitar novos sentidos que venham incrementar problemas que engendrem

Auterives Maciel Júnior

novas maneiras de viver. Vendo assim, a crítica que deflagra o ato de pensar é inseparável da crise que impossibilita escolher. Pensar é doravante escolher no esgotamento das possibilidades habituais de escolha, fazer da crise o ato insurrecto de um pensamento que se ergue em um impensado problemático. Um ato, portanto, político e igualmente clínico, pois se engendra nos movimentos excessivos de uma vida que passou ao limite das suas capacidades intensivas.

Voltando ao problema que engendrou nossa análise, podemos agora dizer, com mais precisão, que a impossibilidade de escolha, a liquidação de todos os possíveis pelo excesso de possibilidade, é um dos problemas fundamentais do mundo contemporâneo. Se evidencia nos sintomas das subjetividades contemporâneas, aparecendo também como tendência de um mundo que faz da hiperexcitação o seu alimento. Se é preciso daí depreender um ato de fala que configure o imperativo categórico que reina no mundo atual, é quase certo que ele será um imperativo de ação a qualquer preço, para além das medidas já conhecidas. É claro que no jogo das possibilidades o único possível posto como limite intransponível é o mercado. Se o capitalismo é, como sugere Walter Benjamin, a nossa nova religião, o mercado deve aparecer como único valor universal incontestado, tendo a sua soberania garantida pelos dispositivos que incrementam a criatividade.

Há, não obstante, o efeito colateral de todo excesso produzido: no esgotamento dos possíveis pela repetição traumática à compulsão existe sempre a possibilidade de pensar, isto é, resistir criando outras

maneiras de viver. Trata-se de um paradoxo criado no seio de um paroxismo, uma forma de pensar que decide no indecível, abrindo possibilidades reais de escolha da escolha, isto é, da verdadeira escolha promovida pelo pensamento. Talvez aqui uma orientação clínica se configure na inflexão ética e política desta nova forma de pensar. Mas como é esta escolha da escolha?

Escolher a escolha é decidir a partir do indecível

Como vimos, escolher a escolha é algo mais que simplesmente escolher entre alternativas decidíveis, pois para que esta escolha se determine é fundamental que o indivíduo se encontre diante de um indecível, de uma experiência-limite em que não há qualquer solução possível, colocando o pensamento e igualmente a energia libidinal em posição de problema. Como afirma Alain Badiou, “ trata-se de uma escolha livre de qualquer outra suposição senão a de ter de escolher, de uma escolha sem marcas nos termos propostos”(BADIOU, 1994, p. 46).

As condições reais de tal escolha supõem sempre um acontecimento traumático que se configura na contingência de um encontro. Sendo o real deste encontro o excesso de intensidade que mobiliza a mente, ativando o pensamento. Pensar em tal contingência é problematizar, criar problemas que viabilizem a possibilidade de crer de novo no porvir. Sendo assim, pensar é criar possibilidades, abrindo um campo de alternativas que até então não se apresentava.

Auterives Maciel Júnior

Todavia, a produção de um campo de alternativas implica a criação de um novo sujeito ou de um novo modo de subjetivação. O que significa dizer que aquele que escolhe escolher deseja, por isso mesmo, recomeçar por conta própria, criando o seu próprio modo de existir. Mas é preciso observar que a condição do recomeço supõe uma ruptura com as amarras estabelecidas no âmbito das identificações. Um indivíduo só escolhe escolher em uma situação em que não pode mais se identificar com os valores estabelecidos, quando escapa às referências personológicas, familiares e sociais, quando, enfim, estando rompida a sua identidade, nada lhe resta a não ser inventar um outro modo de existência subjetiva.

É uma situação limite que se afigura como uma possibilidade plausível, mas que pode, igualmente, acarretar uma escolha da não escolha, segundo modalidades de sofrimento as mais diversas. Existem, por exemplo, indivíduos que escolhem não escolher, refugiando-se na devoção – amparam-se, portanto, na garantia de um outro imaginário perfeito. Existem também aqueles que se defendem sintomaticamente vivendo de incertezas ou indiferenças que são, na realidade, impasses – esses são aqueles que não sabem ou pensam que não podem escolher. Existem, ainda, aqueles que ficam impossibilitados de escolher, vivendo a impossibilidade de maneira desestruturante. Há também aqueles que negam a escolha investindo um objeto de gozo que tampone o indecível.

De qualquer forma, escolher a escolha é sempre pensar a partir de uma decisão ética, onde o indivíduo arrisca-se a inventar alternativas para além

daquelas que foram propostas pelos dispositivos vigentes. Uma criação, portanto, de um pensamento que emerge nas resistências de uma vida singular comovida pelo excesso.

Se pensarmos, enfim, que o ato singular de problematização pode ser deflagrado por um trabalho clínico, escolher a escolha como atividade ética e política será doravante uma possibilidade para as intervenções da clínica no contemporâneo, se for possível, é claro, tomar o excesso como o motor do pensamento.

Pensar na era do excesso

Na forma de pensamento aqui ensaiada, demos ênfase à idéia de criação de novas maneiras de viver. A escolha da escolha, tendo como condição o indecível, é igualmente problematização de si e criação. Assim, escolher escolher é pensar, sendo tal ato um problema. De fato, faltou esclarecer, que nesta imagem do pensamento, pensar não é mais representar, não tendo o “conhecimento” — visto como rede de representações racionais lançadas sobre o real com o propósito de dominá-lo — como modelo.

Na nova imagem do pensamento o ato de pensar ganha um sentido singular: pensar é problematizar. Esta idéia de problema, que o senso comum tratou sempre de forma pejorativa, já se encontra na filosofia desde a sua aurora. Platão, por exemplo, apresentava a sua dialética como a arte das questões e das respostas. Entretanto, tanto na antiguidade como no mundo moderno, o pensamento,

Auterives Maciel Júnior

com os seus problemas, sempre foi apreciado à luz do ideal do saber. É somente com a derrocada deste ideal — que tem início, sem dúvida, no século XIX — que o problema da criação é posto como tema central do pensamento. Se todas as criações humanas, incluindo aí o conhecimento, são obras do pensamento, pensar é doravante sinônimo de criar. Assim, pensar não é ter pensamentos, isto é, representações que antecipam a realidade a serviço dos nossos interesses; não sendo tampouco um saber que, como vimos, se apresenta como uma prática inseparável de um poder.

Pensar é um evento que se engendra no pensamento a partir da contingência de um encontro sempre traumático com o real. Real intensivo, ou melhor, intensidades que excedem a nossa capacidade cognitiva, colocando a mente em posição de problema. Nesta inflexão, pensar é igualmente uma possibilidade, e não mais um ato natural. É necessário engendrará-lo, torná-lo possível, “criar” o ato de pensar no seio do próprio pensamento.

Ora, se pensar é um ato engendrado, se os problemas são inventados no seio do pensamento, mediante a contingência de um encontro, cabe perguntar, quando é que nós pensamos? Quando, em uma situação-limite, esgotamos todas as possibilidades recorrentes, restando agora a tarefa de criar novas possibilidades. É bem verdade que novas possibilidades supõem uma nova maneira de viver, uma nova forma de vida iniciada em outros termos. Desta maneira, pensar é problematizar para a vida possibilidades inéditas de viver. Os problemas

do pensamento deixam de ser apreciados como obstáculos ou dificuldades – significados pejorativos oriundos dos preconceitos sociais e pedagógicos. Pensar é criar problemas, escolhendo rotas não previstas pelo bom senso.

É claro que nesta forma de pensar não é possível mais separar teoria e prática, ontologia e ética. Não sendo tampouco possível separar ontologia e ética da política. Os impasses que ativam o pensamento são inseparáveis das crises que instauram a crítica. Sendo tais crises sempre históricas e sendo os problemas as respostas que o pensamento inventa nos impasses da história, é lógico admitir que pensar é, a um só tempo, um ato de resistência aos impasses do presente e criação de um novo modo de vida como produção de significações e de valores inéditos. Enfim, nesta nova inflexão, pensar é resistir e resistir é criar.

De tudo que foi dito acima podemos concluir que o pensamento como possibilidade é efeito de um forçamento, estando este condicionado a um excesso de excitação. São as intensidades que forçam o pensamento a pensar. Mas nem todo excesso produz modos ativos de vida, devidamente escolhidos e eticamente determinados. As práticas de liberdade são construídas, como já disse uma vez Michel Foucault, a partir de uma problematização de si. Se o choque, o pavor, o excitação, produz algo novo, pela via da compulsão à repetição, onde repetir é a maneira de aniquilar o trauma, indo além do impasse, esta novidade não pode rapidamente ser confundida com uma liberdade conquistada.

Auterives Maciel Júnior

Na era contemporânea o problema se complica, pois a plethora de sensações que capturam os viventes, levando-os a um processo de dessubjetivação traumática, são engendrados por dispositivos que contam com a compulsão como motor do mercado. Do consumo à inserção criativa compulsória, da comunicação desenfreada à compulsão consumista, dos prazeres desenfreados ao gozo mortífero, assistimos ao repetir de um mesmo movimento: incrementar a cultura para mover o mercado.

Toda crise, contudo, tem dois lados, como em toda destruição há sempre criação. Se o excesso engendra o trauma e se há a possibilidade de se fazer do trauma uma questão, há sempre a possibilidade de se pensar, de escolher a escolha, buscando vias inéditas de criação. No paroxismo, o paradoxo: a intensidade que possibilita o desastre é a mesma que anuncia o porvir. Resistir é, assim, criar — indo além do desastre — possibilidades de viver de uma outra maneira.

Tramitação:

Recebido em: 15/05/2012

Aprovado em: 13/06/2012

Auterives Maciel Júnior

Site: www.auterives.com.br

Email: aute@br.inter.net

Tel: (21) 9671-0749

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34 letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

TÜRCKE, Christoph. *A sociedade excitada. Filosofia da sensação*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

artigo



Masculinidade, feminilidade e contemporâneo *Masculinity, femininity and the contemporary*

Ana Cristina M. de Sousa Pinna*

Resumo

A psicanálise mostra o quão fluidas são as noções de masculinidade/feminilidade. Homens e mulheres partilham as mesmas marcas psíquicas, os mesmos objetos perdidos, e assumem posições simbólicas intercambiáveis. Cada sujeito tem a função de construir sua identidade sexual, uma vez que não há inscrição da diferença sexual no psiquismo e o sexo anatômico, por si só, não se sustenta em termos de uma identidade sexual. Nenhum sujeito escapa aos significantes de seu tempo. Estamos em uma sociedade cujas mudanças são rápidas e as identificações apresentam-se dispersas e diluídas. Um estudo sobre a diferença sexual neste cenário é o que pretendemos desenvolver.

* Especialista em Clínica, Psicanalista, membro efetivo da SPCRJ

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

Palavras chave: masculinidade, feminilidade, diferença, contemporâneo.

Abstract

Psychoanalysis shows how fluid are the notions of masculinity / femininity. Men and women share the same psychological marks, the same lost objects and take on interchangeable symbolic positions. Each subject has the task of building his sexual identity since there is no inscription of sexual difference in the psyche and since anatomical sex does not maintain by itself in terms of sexual identity. No subject escapes from its time's signifiers. We are in a society whose changes are quick and the identifications are dispersed and diluted. A study on sexual difference in this scenario is what we intend to develop.

Keywords: *masculinity, femininity, difference, contemporary.*

artigo



Masculinidade, feminilidade e contemporâneo
Masculinity, femininity and the contemporary

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

Nos últimos anos, o debate em torno da identidade masculina e da masculinidade tem apontado para uma situação de crise do homem contemporâneo. Este estaria perdendo a noção de sua própria identidade e estaria buscando uma melhor noção de si e um lugar outro, longe do lugar de outrora, que era patriarcal e detentor do falo.

Uma crise semelhante foi vivida nas décadas de 50 e 60 pela mulher e sua respectiva feminilidade. Até o fim do século XIX esta não tinha voz, e precisou de Freud e de sua escuta para abrir um debate sobre o que as históricas queriam falar através de seus corpos e, assim, sobre o enigma do feminino e da feminilidade. A mulher passou então por deslocamentos de posições: saiu daquela em que não tinha fala para, como hoje, aquela que muitas vezes tem o falo.

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

Sabemos que falar de masculino ou feminino passa, necessariamente, por falar do outro; outro como par antitético, como complemento ou, até mesmo, suplemento. A partir da psicanálise, sabemos que ninguém nasce homem ou mulher. Nascemos com um sexo anatômico que, no máximo, pode funcionar como suporte simbólico, mas que nada nos garante em termos de nossa sexualidade. A sexualidade humana reside na dimensão inconsciente. Construimo-nos homens ou mulheres a partir de investimentos e influências emocionais, culturais e sociais. Para efeito desse ensaio, privilegiaremos os aspectos psicológicos.

O percurso rumo à sexuação é longo e acidentado. Ao fim deste, deveríamos chegar a uma posição (homem ou mulher) que sempre, necessariamente, exige o abandono das disposições bissexuais primárias, de uma sexualidade potencialmente perversa polimorfa e da indiscriminação infantil. Enfim, tornar-se homem ou mulher implica em construção e renúncia ao ideal narcísico de completude e de indiferenciação.

Para Freud, o inconsciente é sexual, mas não sexuado, ou seja, a diferença sexual anatômica dos sexos se realiza no corpo humano, mas não se faz representar no inconsciente enquanto uma divisão entre dois sexos. A subjetividade, por sua vez, é singular e irreduzível. A diferença é a marca de cada um. A trajetória da sexualidade exige sair do indiferenciado referente aos primeiros investimentos libidinais para a discriminação — uma diferenciação que garanta posições masculinas e femininas

encontradas em homens ou mulheres, sem, portanto, se fixarem ao gênero.

Este ensaio é uma tentativa de estudo sobre essas duas posições, pelo viés psicanalítico, buscando uma reflexão sobre seu contexto nos dias de hoje.

A diferença entre os sexos

Na História Humana, ora homens, ora mulheres, possuíram lugar de destaque social, dependendo da espécie de cultura em que estavam inscritos. O sujeito psicanalítico, único em sua singularidade, e dividido quanto ao seu desejo, estrutura-se imerso em uma cultura. As posições masculino e feminino organizam-se através do atravessamento edípico que sexualiza o sujeito como homem ou como mulher.

Nas sociedades baseadas na cultura de coleta e de caça de pequenos animais, a mulher ocupava o lugar central, uma vez que, entre outros aspectos, a força física não se fazia necessária. A organização do trabalho era dividida e os princípios masculino e feminino governavam juntos, sem desigualdade. Já nas sociedades de caça a grandes animais, em que a força física se mostrava essencial, a superioridade masculina começava a despontar. A mulher possuía o poder da procriação, enquanto o homem, com o avanço da tecnologia da época, desenvolvia o poder cultural. Com a escassez de recursos naturais, iniciou-se a caça sistemática aos grandes animais e, com ela, instalou-se a supremacia masculina e a competitividade entre grupos. As guerras e a ascensão dos homens heróis, guerreiros, fez romper

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

a harmonia entre a espécie humana e a natureza mas, como o homem ainda não conhecia sua participação na procriação, não se observou a estratificação sexual e social nessas sociedades.

Até o Período Neolítico, a função reprodutora estava totalmente nas mãos da mulher, o que a tornava “privilegiada” pelos deuses, ligando-a ao sagrado. Com o conhecimento da participação do homem na função reprodutora, este não só domina sua função, como também passa a controlar a sexualidade feminina. A mulher passa a ser propriedade do homem e a herança transmite-se pela via da descendência masculina. As sociedades tornaram-se patriarcais, sendo os homens os portadores dos valores e de sua transmissão. Assim, as mulheres tiveram por muito tempo sua sexualidade controlada pelos homens, ficando reduzidas ao âmbito doméstico e perdendo qualquer capacidade de decisão no domínio público, que ficou inteiramente reservado aos homens. Essa dicotomia tornou-se a origem da dependência econômica da mulher, gerando ao longo de gerações também a dependência psicológica. Podemos observar então que, nessa época, o único significativo que as identificava era o de mãe.

É este cenário que encontramos no século XIX e na Viena de Freud, com suas discussões científicas a respeito do sexual e da sexualidade. Observamos que o estudo da sexualidade humana se deu inicialmente pelo estabelecimento de normas sobre a diferença sexual entre homens e mulheres. A concepção até então dominante era o monismo sexual, em que a mulher era entendida como sendo um homem invertido e inferior. O modelo de perfeição estava representado

na anatomia masculina, onde a regra fálica distinguia o domínio da superioridade masculina sobre a inferioridade feminina. Na passagem do século XVIII para o século XIX, o conceito de unicidade sexual foi sendo substituído por outro em que a mulher passou a ser considerada o inverso do homem, ou seja, sua forma complementar. A inferioridade feminina era mantida e sua atuação restringia-se ao mundo doméstico. A constituição da sexualidade masculina foi então considerada como evidente e certa, não oferecendo grandes interrogações nem revisões teóricas. O fato de o menino possuir um pênis constituía a garantia da passagem da fase masculina à masculinidade. O tornar-se homem nunca foi objeto de grandes alterações ou estudos mais aprofundados. Já a sexualidade feminina era considerada um enigma e, portanto, levantou questionamentos que impulsionaram tanto Freud como outros contemporâneos à sua pesquisa.

Foi a partir da clínica da histeria que a sexualidade feminina começou a ser desvendada. A histeria constituiu-se em uma patologia de suma importância tanto para a psicanálise como para o estudo da sexualidade humana, por focar questões relacionadas ao amor, ao desejo, ao ódio e à culpa, sentimentos humanos que atingem tanto os homens como as mulheres. Além de inaugurar a psicanálise, a histeria quebrou paradigmas quando, por exemplo, Charcot a desvinculou do lugar de uma patologia exclusiva da mulher, admitindo que os homens também poderiam ser por ela acometidos.

A psicanálise surge como escuta e tentativa de dar respostas aos sintomas emergentes do mal

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

estar manifestado no final do século XIX. Freud e a psicanálise lançaram-se à tentativa de desvendar e esclarecer esse delicado mundo da sexualidade humana. Em seus diversos textos, dispersos ao longo de sua obra, encontramos, desde muito cedo, várias construções sobre o assunto. Em uma carta a Fliess (Carta 75 — 1897), falando sobre a teoria da repressão, Freud introduziu o seguinte comentário: “essas ondas sucessivas do desenvolvimento, provavelmente, possuem um ordenamento cronológico diferente nos sexos masculino e feminino [...] Contudo, a principal diferença entre os sexos emerge na época da puberdade, quando as meninas são acometidas de uma repugnância sexual, não neurótica” (Carta 75, 1987, p. 290).

No texto “A interpretação dos sonhos” (1900), Freud evidencia, na situação edípica, um paralelo entre os dois sexos, afirmando que o objeto de amor da menina é o pai, e o do menino, a mãe. Em 1908, a tese central de Freud era a existência de um único órgão, o pênis, que poderia estar presente e, às vezes, já desenvolvido, como ocorre com os meninos, ou em desenvolvimento, nas meninas. Essa tese propunha um paralelismo no desenvolvimento sexual do menino e da menina, tendo como modelo o menino e o pênis (assim chamado por ele neste momento) como único órgão. Essa crença foi validada por Freud até 1925, quando da elaboração do texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. Neste texto, Freud reavaliou questões ligadas à sexualidade feminina, e as ideias nele contidas serviram, mais tarde, de fundamentos para

desenvolver trabalhos posteriores sobre a sexualidade feminina (“A sexualidade feminina”, 1931, “Novas conferências introdutórias”, 1933 e o capítulo VII do “Esboço da psicanálise”, 1940).

Até 1925, o complexo de Édipo era considerado como um pilar fundamental para a construção da sexualidade feminina e masculina; a fase pré-edípica, para ambos os sexos, era inexplorada. Foi nesse artigo, divisor de águas, que Freud estabeleceu um novo domínio para a sexualidade, principalmente para as meninas. O complexo de Édipo, para elas, passou a ser visto como uma formação secundária, e a fase pré-edípica, antes de chegar ao complexo de Édipo positivo (amor ao pai), mostrou-se extremamente importante para a questão da feminilidade. É pelo complexo de castração que a menina entra no Édipo, levando-a a uma mudança em seu objeto de amor (da mãe para o pai) e de zona erógena (do clitóris para a vagina).

Com a virada teórica, o que até então não era percebido — ausência do pênis pelo menino — agora não só será constatado, como será encoberto, fazendo da falta um modo de existência do falo. O menino não vê o sexo feminino, vê a castração. Para que isso ocorra — a percepção do menino do sexo feminino como sexo castrado — é preciso que anteriormente ele tenha passado por uma ameaça de castração inferida a partir da visão do sexo feminino. A oposição castrado/não-castrado se sobrepõe ao masculino e feminino. Assim, há um único sexo: o falo, que pode estar presente ou ausente, e ambos, meninos e meninas, estão implicados na lógica fálica.

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

A teoria da castração constituiu-se em um ponto de ancoragem do complexo de Édipo, mas também ofereceu a Freud dificuldades e contradições com relação às mulheres: o que falar de um ser que julga encarnar sua própria falta? Tanto a menina como o menino são barrados na relação com a mãe pela intervenção do pai, que evita o desejo incestuoso dos filhos com relação à mãe. É a ameaça de castração que faz o menino abandonar o primeiro objeto de amor — a mãe — e se identificar positivamente com o pai, o que gera a superação do complexo de Édipo. Já na menina, a castração foi fantasmaticamente realizada, sendo atribuída à mãe. A menina, nesse momento, assume uma relação ambivalente quanto à castração: não pode deixar de reconhecê-la e se revolta contra ela. A menina deprecia a mãe e volta-se amorosamente para o pai, entrando na situação edípica. É nesse momento de intensa rivalidade com a mãe e inveja do pênis (do pai) que a menina precisa escolher seu destino: a feminilidade em detrimento do complexo de masculinidade ou a inibição sexual. Ao final do Édipo, tanto o menino como a menina terão que abrir mão de algo: o menino terá que recalcar a feminilidade e a menina, assumi-la. Essa diferença — viver fantasmaticamente a castração e a ameaça constante dela — marca significativamente a forma de vivenciar e exercer a sexualidade. Os homens viveram e ainda vivem um dilema constante de ter que se reassegurar de sua virilidade e masculinidade, enquanto que a mulher, que não tem nada a perder, pode brincar na vida. Esses tempos diferenciados do complexo de Édipo de meninos e meninas decorrem

da descoberta da castração materna e, segundo Freud, esse fato opera como inibidor e limitador da feminilidade no masculino, e o encorajamento desta na mulher. Freud deixa claro em seus textos que a castração tem importância decisiva nos destinos da constituição do psiquismo e da identidade sexual, tanto do homem como da mulher. A relação do sujeito com a castração marca a dessimetria entre homens e mulheres, é a marca da diferença sexual.

Para Freud, o falo, na sua dimensão imaginária, não pertence exclusivamente ao masculino nem ao feminino. Em seus últimos escritos, Freud relacionou feminilidade e castração, vinculando-os à ideia de finitude e desamparo da condição existencial do ser humano. Para ele, a feminilidade é precisamente a ausência do falo, portanto lugar de confrontação do ser humano com sua finitude e incompletude. Em 1937, no texto “Análise terminável e interminável”, Freud vinculou a noção de castração à ideia de impasse e a inveja do pênis passou a se constituir em um rochedo intranponível — para as mulheres, como ameaça de castração, e para os homens, como limite.

Em um artigo de 1912 — “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor)” — Freud fez distinção entre o desejo masculino e feminino. Para ele, haveria uma cisão do desejo masculino em duas correntes: uma terna e outra erótica. Esta característica, típica da vida amorosa dos homens, dificulta-lhes amar e desejar a mesma mulher, consequência de efeitos da relação incestuosa do menino com a mãe, anterior à interdição paterna. Os protótipos

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

da virgem e da prostituta constituem-se em objetos típicos do desejo masculino. Geralmente precisam de uma mulher denegrada para desejar a outra, seja concretamente ou fantasmaticamente. É somente quando arrefece o respeito do homem pela mulher que as duas correntes, a erótica e a terna, podem se unir. Este respeito recobre seu horror ao incesto. Por outro lado, o desejo feminino não sofre essa cisão. Ela pode amar e desejar o mesmo homem, dando ao desejo feminino seu caráter inefável e nebuloso. A feminilidade é frágil e vacilante, carecendo sempre de uma identificação que a represente. A mulher busca tapar um vazio que a constitui. Na falta de uma identificação especificamente feminina, pode assumir sua sexualidade à maneira de um homem (ostentação fálica) e também sustentar-se pelo culto de uma feminilidade misteriosa encarnada no corpo de outra mulher.

Do mesmo modo, a passagem da fase masculina à masculinidade também apresenta seus percalços. Na aquisição da masculinidade, o ponto fundamental é a relação do menino com o pai. Esta é também marcada por uma grande ambivalência: como é possível a um homem responder ao duplo imperativo, ser igual ao pai e, ao mesmo tempo, ocupar o lugar deste? Como se construir como herdeiro do pai e suportar a culpa de ter desejado sua morte para poder sustentar a própria virilidade? No complexo de Édipo, nas suas duas formas — positiva e negativa —, duas vertentes se opõem e se conjugam. Por um lado, o menino tem uma atitude afetuosa para com o pai e, por outro, uma hostilidade igualmente intensa em relação a ele, que

é percebido como um rival. Ao final do complexo de Édipo, essas duas tendências, que serão recalçadas, unem-se para produzir uma identificação: aspirar a ser como o pai e, para isso, é necessário não temê-lo.

A angústia de castração dirige o menino rumo ao desfecho edípico, levando-o a recalcar a hostilidade dirigida ao pai, como forma de preservar a sua masculinidade. O outro fator que também contribui para a construção da masculinidade é o modo como o filho será investido pelo pai e o conseqüente desejo que o pai tem por ele. Tornar-se pai é encaminhar-se para outro lugar — aceitar ser sucedido pelo filho, como um dia ele, pai, também sucedeu a um outro. Na relação pai e filho, atualizam-se as ambivalências que marcaram a relação anterior com o seu próprio pai. Esta relação (pai e filho) torna-se o protótipo da relação do sujeito com outros homens. Falhas no pai, em relação a sua função identificatória, impedem que o filho vivencie o complexo de Édipo em sua forma completa, com conseqüências na construção de sua masculinidade. Medo de ser afetado por uma feminilidade recalçada, fantasmas de homossexualidade, crises com a potência sexual e virilidade são alguns aspectos decorrentes dessas falhas, geradoras de verdadeiros tormentos para os homens. A identificação com o pai é o fator que permite a ascensão à masculinidade. A presença do pênis — importante na formação imaginária do eu e determinante para o trajeto identificatório assim como para a construção dos ideais — não constitui nenhuma garantia contra o fantasma da castração. Em suma: a trajetória rumo à masculinidade decorre de um longo

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

percurso, que se caracteriza por constantes ameaças do perigo que a feminilidade representa.

Lacan, revendo os conceitos freudianos, desenvolveu teses elucidativas referentes à divisão do sujeito na sexualidade. Resumidamente, para ele, os seres falantes podem ocupar posições subjetivas face à sexualidade. Sua tese admite a divisão do sujeito, não entre dois sexos, mas entre dois gozos: um todo fálico e outro não-todo.

A castração é a lei que vale para todos, havendo apenas uma exceção à regra: o Pai ancestral do mito da horda primitiva descrita por Freud em “Totem e Tabu” (1913), ao qual todos os outros homens se remetem. Esse ancestral funda a classe dos homens, constituindo-se em um conjunto fechado, cujas fronteiras são delimitadas pelo falo: o homem é fálico e todo fálico. Por outro lado, existem seres falantes que formam um conjunto onde a exceção não se apresenta. Seus elementos não se constituem como um todo. Cada elemento deste conjunto se relaciona com a função fálica e com a castração, enquanto não-todo. Este não se apresenta fechado como na ordem masculina. Só as mulheres são únicas e podem ser contadas uma a uma. Não existe a Mulher, mas mulheres. É justamente por isso que promove sua existência enquanto ideal: tanto para os homens enquanto seu conflito, como para as mulheres, enquanto orientação na tentativa de alcançar uma identificação feminina. A representação simbólica da mulher é inalcançável, só sendo conseguida através da maternidade. Mas esse lugar a torna apenas mãe, fazendo do filho seu falo. A mulher, portanto,

teria acesso ao gozo fálico (na relação com o falo simbólico) e também a um gozo suplementar da ordem do inefável, ao qual o homem não tem acesso algum. Um gozo outro que tem relação com o Outro — portanto, um gozo além da ordem fálica.

Para Lacan, o Édipo institui-se em três tempos, marcados por modulações do sujeito com o falo. O terceiro destes tempos é determinante para a identificação sexual e a saída do Édipo, que se dará através do ideal do eu. Este exerce uma função na posição subjetiva masculina ou feminina. O menino identifica-se com o pai enquanto possuidor do falo e herdará as insígnias que garantem sua virilidade e masculinidade. A menina, por sua vez, reconhece o pai enquanto portador do falo, sabe onde ele está e onde deve buscá-lo: no pai, aquele que o tem. A identificação com a mãe ocorre pelo desvio rastreado pelo objeto de desejo do pai. Para Lacan, a feminilidade diz respeito a um ser que não pode se assujeitar inteiramente ao Édipo e à lei da castração. A feminilidade só pode ser atingida ou designada através de um semblante: é preciso que a mulher tenha a ilusão de possuir o falo para que, em seguida, se apresente como dando aquilo que não tem e assim poder ser reconhecida como mulher. No fundo, a mulher quer se fazer reconhecer como não tendo falo, mas, para que isso ocorra, é preciso fingir tê-lo. Para Lacan, a feminilidade não é recalcável a não ser pelo viés da mascarada — lugar de metáfora da posição feminina. A máscara constitui o artifício que encobre o horror da ausência de um significante que a represente. Ao assumir uma posição feminina,

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

a mulher guarda uma relação da ordem do não-todo com a castração e com a feminilidade. Seria feminina sem ser toda mulher, e, concomitantemente, aceitaria sem repúdio o fato de ser objeto do desejo masculino, desejo que é sempre insígnia de uma falta. Somente a mulher/mascarada pode se inscrever no universo simbólico como sujeito e não como objeto.

Esse pequeno percurso mostra o quão acidentado e longo é o ancoradouro final da sexualidade. Seu resultado mostra-se bastante variado, com vários arranjos finais possíveis, de tal modo que poderíamos falar de uma sexualidade singular para cada indivíduo.

Feminino, masculino e contemporâneo

A sociedade do século XIX e início do século XX, quando Freud construiu sua teoria da sexualidade, organizou-se sob padrões muito bem definidos, em que a desigualdade entre homens e mulheres mostrava-se clara. A repressão marcou esse período; havia um controle estrito, rígido, e uma normatização sobre o corpo, a sexualidade e o prazer, sobretudo em relação às mulheres, que tiveram em séculos anteriores sua sexualidade vinculada ao pecado, ao âmbito demoníaco, sendo portanto consideradas perigosas, ameaçadoras e destrutivas.

A neurose, enquanto patologia das representações, expressão da repressão, conduzindo ao mal estar, levou o sujeito moderno a almejar e demandar a liberdade, como consequência dos significantes deste período de tempo. A psicanálise,

em seu bojo, vem para pensar, e contribuir de forma determinante, sobre os processos de subjetivação e sexuação do sujeito moderno, imerso em uma crise decorrente das identidades fixas e normatizadas referentes ao século XIX. Ao interrogar sobre a diferença sexual, a psicanálise abre um campo ilimitado de discursos, construindo um vasto corpo teórico. O século XXI encontra-se perpassado por esses antigos questionamentos instaurados pela modernidade. Embora as representações do feminino e masculino ainda se mantenham, novas questões sobre a diferença sexual se apresentam.

O processo de subjetivação, no contemporâneo, sofre a influência de imposições sociais, culturais e econômicas que determinam a enunciação específica da posição sexual como homem ou como mulher. Ao analisar rapidamente o contemporâneo, verifica-se um momento de transição, de desconstruções, rupturas e, portanto, de instabilidade e complexidade que acabam por gerar incertezas e dúvidas quanto a modalidades de ser e estar no mundo. A diferença sexual entre o que é especificamente do masculino e do feminino vem sendo minimizada, havendo uma forte tendência ao apagamento dessas diferenças, promovendo conflitos e crises identitárias. Entre outros fatores, o movimento feminista contribuiu, em muito, para esta tendência ao apagamento das diferenças sexuais. A partir desse evento, várias transformações implicaram em alterações da posição da mulher no social, levando, inclusive perante a Lei, à igualdade entre homens e mulheres. As singularidades e diferenças, minimizadas em nossa época, nos campos masculino

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

e feminino, mostram uma indiferenciação evidente imposta pela desrepressão da cultura, que acaba por gerar muito mais violência, intolerância, desencontros e rivalidade do que desejo, respeito pela liberdade e sentimentos fraternos.

Freud, desde 1930, em seu artigo “O mal-estar na civilização”, falava do narcisismo das pequenas diferenças, mostrando-nos o quanto ameaçadoras e hostis se tornam as relações quando as diferenças se minimizam a tal ponto que quase se esvaecem. Tal construção põe em risco o campo das identificações que protegem o narcisismo e acarreta a redução dos recursos simbólicos do sujeito, acabando por promover angústia. Sabemos o quanto a diferença sexual se refere à castração, que incide diferentemente sobre meninos e meninas, determinando a posição de cada um em relação a essa diferença. Quando a diferença sexual se minimiza, promove enfraquecimento da função paterna, da lei, da alteridade e da castração. O Édipo perde sua operatividade. Verificamos hoje que os pais deixaram de ser suportes identitários para as crianças, que assim perderam em recursos simbólicos, o que acaba por interferir na assunção de sua identidade, inclusive a sexual.

Encontramo-nos em uma sociedade em que o individualismo e o narcisismo, produtos de um funcionamento psíquico dominado pelo princípio do prazer, são traços de uma cultura em que o falo é o regulador. A sociedade do século XIX reivindicava liberdade diante da repressão intensa empreendida através de séculos anteriores. Hoje, adquirimos a liberdade conquistada e desejada. A angústia,

proporcional ao todo-poder, aparece como sintoma, sendo tamponada pelas várias formas de excesso: consumo, drogas, sexo e outras, que assim encobrem o vazio, o sem sentido, comum em nossos dias. Estamos imersos numa cultura que ignora o limite, a diferença de lugares e a subtração do gozo e que, concomitantemente, pretende preencher o vazio estrutural. Tornamo-nos muito mais seres de ação do que de fala, cujo ideal busca um gozar mais, conduzindo-nos aos excessos, fóbicos a qualquer referência que nos dirija à perda e à incompletude. Estamos na era da inconsistência e da completude.

Antes, a diferença dos sexos e a divisão de papéis sociais conforme o sexo servia de suporte da ordem social, encarregada de transmitir a simetria imposta pela linguagem. Ou seja, organizávamo-nos em torno de uma perda irreduzível que marcava o lugar das diferenças e as reconhecia.

A nova economia psíquica¹ não fornece o lugar sustentável para que o sujeito contemporâneo possa se encontrar no seu eu e se sentir legitimado enquanto tal. Hoje, não ocupamos um lugar, mas todos ao mesmo tempo, o que se traduz em uma inconsistência que gera existências múltiplas, tanto no campo profissional como nas experiências subjetivas, incluindo as identidades sexuais. Dois conceitos — a identificação e o gozo — dificultam atualmente a assunção da posição sexual, uma vez que esta se constitui pela via da identificação no ideal

1 C. Melman, em seu livro “O homem sem gravidade”, cunha o termo nova economia psíquica, referindo-se à mutação sofrida pela sociedade ao passar de uma economia organizada pelo recalque a uma outra, organizada pela exibição do gozo.

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

do eu e pela transmissão paterna da relação com a lei e a castração. É esta falta fundamental imposta pela linguagem que permite a passagem do gozo ao desejo. O trabalho de subjetivação requer que o sujeito sustente a divisão entre gozo e desejo. Hoje, o desejo expressa-se de forma absolutamente livre, buscando satisfação plena, imediata e individual. Tanto o desejo quanto a sua satisfação buscam reconhecimento e legitimidade. A igualdade foi e é uma das maiores aspirações da humanidade. Porém, na condição de seres falantes, submetidos à linguagem, confrontados inevitavelmente com a perda, o igualitarismo torna-se inviável.

No contemporâneo, a assimetria é rechaçada em nome de uma igualdade que gera imobilidade e, portanto, vincula-se ao empobrecimento psíquico e à morte. O suporte do eu não se referencia mais ao ideal, mas sim ao objeto, e este quer ser satisfeito sempre. No sujeito contemporâneo, o gozo prevalece sobre o desejo, mas não por escolha, e sim por incapacidade de deixar de sê-lo, uma vez que se presentifica imperativamente.

Hoje, vivemos em um mundo caracterizado pela perda de padrões, por múltiplas possibilidades e pela supremacia das relações horizontais sobre as verticais, típico de um modo feminino de ser. Porém, isso não representa a felicidade para as mulheres, na atualidade. Ao contrário da mulher do século XIX, hoje, após tantas conquistas, a mulher contemporânea está integralmente responsabilizada pelo seu destino e por sua satisfação, o que a conduz a tarefas muito mais difíceis. Tem que dar conta de um mundo falicizado

que aspira à completude e gera inconsistência, o que acaba por fazê-la abrir mão de sua identidade, dificultando o acesso à feminilidade. Como Lebrun em seu livro “A perversão comum” tão bem coloca:

Se fazer coincidir diferenças dos sexos e diferença dos lugares serviu para que, no Imaginário Social, fosse transmitida a necessidade da perda que a linguagem implica; o que é preciso, daqui por diante, não é reivindicar a dissolução da hierarquia, mas antes encontrar outra maneira de levá-la em conta tal que a diferença dos sexos não tenha mais de ser utilizada no social para transmitir a irredutibilidade da diferença de lugares. (...) O desafio que nos lança a modernidade consiste em achar como organizar a sociedade para que não seja mais necessário ligar essas duas “obrigações”. Trata-se de sair do colapso entre diferença dos sexos e superioridade dos machos, não de se livrar de toda a diferença e de toda hierarquia” (LEBRUN, 2008, p.137).

Talvez o grande desafio da mulher do século XXI seja conquistar e sustentar um lugar próprio, distinto do da mulher do século XX, e também do lugar do homem, onde ela possa exercer sua feminilidade sem risco de se perder, e se legitimando enquanto sujeito feminino. A masculinidade e feminilidade são noções altamente flexibilizadas e dependentes das formas culturais dentro das quais emergem. As mulheres, ao abandonarem as posições tradicionalmente assumidas — cuidadoras da casa,

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

do marido e dos filhos, restritas ao espaço doméstico — fizeram surgir a crise dos papéis femininos e, conseqüentemente, masculinos. Novos lugares atribuídos à mulher promoveram deslocamentos do feminino que acabaram gerando deslocamentos também do masculino, abalando os referenciais sobre o que é masculinidade. O contemporâneo, com suas especificidades, balançou o campo dos ideais e, conseqüentemente, promoveu crise na esfera da identificação. Tais fatos provocaram deslocamentos na identidade masculina, gerando a chamada crise da identidade masculina. Na realidade, trata-se de uma crise das representações que definem o ser homem. Como já foi dito, a construção do masculino e da masculinidade dá-se, essencialmente, pela relação do menino com o pai pelo viés da identificação. No contemporâneo, observa-se o declínio da função paterna, que produz efeitos não apenas na subjetividade, como também na estrutura familiar, comprometendo assim o tornar-se Homem.

As diferenças de lugares e sexuais (masculino/feminino e homem/mulher) jamais poderão deixar de existir sob o risco de afetar o simbólico e a relação com a castração, conduzindo à indiferenciação e à desordem no laço social. Como Lebrun enfatiza no livro já citado, “A anatomia não é mais o destino, mas não deixa de ser *um* destino” (*id.*, p.139).

Considerações finais

“Masculino” e “feminino” são termos que nos remetem à posição que o sujeito ocupa no discurso a partir de uma incidência imaginária. A masculinidade

e feminilidade constituem-se a partir de elementos identificatórios que criam uma identidade masculina ou feminina. Ou seja, são noções dependentes das formas culturais dentro das quais emergem.

O contemporâneo é marcado por transformações e rupturas sociais, tecnológicas e econômicas que acabaram por produzir modificações consideráveis na subjetividade. Cada vez mais, a cultura, os modos de ser e estar no mundo são influenciados e modificados pelas exigências de seu tempo.

Anteriormente, a família apresentava-se estável e com papéis bem definidos: a mãe cuidadora da casa e o pai como provedor, autoridade e portador das regras e leis da cultura. Hoje, o quadro é outro: temos a mulher ocupando um lugar no mercado de trabalho, dividindo-se entre tarefas e preocupações suas e outras que antes eram reservadas ao homem. O pai perdeu sua posição, não somente por uma diluição do poder na família, mas também por ter deixado de ser o representante social no seio familiar.

Ou seja: perderam-se as referências identificatórias mais sólidas e estáveis tanto no que diz respeito a homem/mulher como a pai/mãe. A função paterna, em nossos dias, está cada vez menos privilegiada, observando-se um declínio desta, o que resultou em dificuldades nas áreas das identificações e da identidade. Fala-se de uma crise de identidade sexual decorrente dos novos modos de ser e de estar no mundo.

Verificamos que os pais, ao ocuparem um lugar sem muita sustentação simbólica, deixaram

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

de ser suportes identificatórios para os filhos, que assim perderam em recursos simbólicos, afetando a assunção de uma identidade sexual consistente. Vivemos regidos por uma nova economia psíquica centrada em um modelo muito mais narcísico do que edípico. As diferenças sexuais (masculino/feminino) se minimizaram, promovendo o enfraquecimento da função paterna, da lei, da alteridade e da castração: o Édipo perde sua operatividade e o narcisismo, como já foi dito, reina, gerando dificuldades no reconhecimento da dívida que temos para com o coletivo a que pertencemos.

A sociedade contemporânea, imersa em um discurso capitalista, criou uma cultura de consumo em que se produzem vários objetos de mais-gozar, imprimindo um imperativo de gozo frente à insaciabilidade de adquirir cada vez mais objetos que funcionam como tampões ao vazio existencial característico de nosso tempo. A sociedade, hoje, demanda contenção para os excessos a que estamos sujeitos. Talvez se faça necessário, em nossa cultura, um modo mais feminino de operar, um feminino a ser desenvolvido tanto no homem como na mulher como possibilidade de saídas para esses entraves contemporâneos, contrapondo-se ao referencial fálico que se manifesta em uma verticalidade, na hierarquização e na relação de dominação, entre outros aspectos.

Isso não significa, contudo, que o masculino seja abandonado. Ao contrário, a manutenção das

diferenças masculino/feminino constitui-se na garantia sustentável para se questionar o referencial fálico-edípico como eixo central da subjetivação e erotização. Talvez o grande desafio de nosso tempo seja aprendermos a respeitar a singularidade construída por cada um, mantendo as diferenças sexuais (para além do determinismo anatômico e do determinismo universal fálico) e permitindo que o feminino possa se apresentar como uma nova forma de ultrapassar a lógica fálica e criar novas formas de viver e exercer a sexualidade, resgatando o prazer, a solidariedade, a fraternidade, a cooperação e o reencontro com a natureza já tão ameaçada em nossa cultura.

Tramitação:

Recebido em: 08/05/2012

Aprovado em: 11/06/2012

Ana Cristina Moreira de Sousa Pinna

Rua Conde de Bonfim, 112, sl. 509

Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20.520-053

Fone(21) 2204-5851

E-mail: anacristinamsp@gmail.com

Referências

BLEICHMAR, S. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 75. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 361-366. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1).

_____. *Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 4). (Trabalho original publicado em 1900).

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 135-252. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7). (Trabalho original publicado em 1905).

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor: contribuições à psicologia do amor 3. In: FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 159-174. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 11). (Trabalho original publicado em 1910).

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. *O ego e o ID e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago,

1976, p. 303-324. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19). (Trabalho original publicado em 1925).

_____. Dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. *O ego e o ID e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 215-226. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19). (Trabalho original publicado em 1924).

_____. Sexualidade feminina. In: FREUD, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 257-282. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21). (Trabalho original publicado em 1931).

_____. Feminilidade. In: FREUD, S. *Novas conferências introdutórias*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 139-165. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 22). (Trabalho original publicado em 1933).

KEHL, M. R. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum*. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.

LACAN, J. A pequena diferença. In: _____. “... ou pire”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972, p. 11-18. (O seminário de Jacques Lacan, 19).

Ana Cristina M. de Sousa Pinna

_____. Do Gozo. In: LACAN, J. *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p. 9-23. (O seminário de Jacques Lacan, 20).

_____. Posición del inconsciente. In: LACAN, J. *Escritos*. México: Siglo Ventiuno, 1988.

LEBRUN, J. P. *A perversão comum: viver junto sem o outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MAIA, G. Dificuldades atuais na conquista de uma posição sexual. In: PINHEIRO, T. (Org.). *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*. Rio de Janeiro: Contracapa; Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

artigo



A depressão como doença da moda na contemporaneidade?

The depression as fashionable disease today?

Issa Damous*

Resumo

A depressão encontra-se na moda no discurso da sociedade contemporânea, o que em geral se sustenta por mudanças normativas em relação à modernidade e por promessas e expectativas de bem-estar e cura pela via medicamentosa. Discute-se este ponto de vista no contexto de um declínio da referência ao conflito intrapsíquico pautado sobre a vivência edípica e atribuição de uma fragilidade narcísico-identitária ao sujeito contemporâneo,

* Psicóloga clínica SMSDC-RJ; Doutora em Psicologia Clínica PUC-Rio.

Issa Damous

atrelada, por sua vez, à condição de vazio psíquico. Interroga-se então, do ponto de vista psicanalítico, o modismo da depressão na medida em que sua problemática parece evocar os casos limite.

Palavras chave: depressão, medicalização, desconflitualização, feridas narcísicas, vazio psíquico.

Abstract

The depression is on the rise in the contemporary society speech. In general, it is sustained by regulatory changes through modernity and by promises and expectations of well-being and healing through psychotropic substances. It is discussed in this paper in the context of a decline in reference to the intrapsychic conflict based on the edipic experience and attribution of a narcissist-identity fragility to the subject contemporary, pegged, in turn, upon the psychic empty. In this sense we wonder from the psychoanalytical viewpoint the increasing reference to depression since its problem seems to refer to the borderline disorders.

Keywords: depression, medicalization, “de-conflictualization”, narcissists wounds, psychic void.

artigo



A depressão como doença da moda na contemporaneidade?

The depression as fashionable disease today?

Issa Damous

Ehrenberg, sociólogo francês, publica em 1998 o livro *La fatigue d'être soi: dépression et société*, o que constitui na verdade a terceira parte de sua pesquisa sobre os contornos do indivíduo contemporâneo. Nele, situa a depressão como o termo que revela atualmente as diferentes faces da infelicidade humana, articulando uma perspectiva *sociológica* a uma *psiquiátrica* e os entrecruzamentos que ambas produzem com a *psicanálise*. Enquanto a perspectiva social diz respeito a mudanças normativas profundas nos modos de vida e tem no termo depressão a definição das aflições humanas, a perspectiva psiquiátrica se refere à captação da depressão pelo olhar médico, sobretudo a partir da difusão dos antidepressivos, medicamentos que vêm

ao encontro de uma expectativa social de livrar-se de qualquer sofrimento. Amplia-se então nesses dois campos o debate acerca da depressão como o grande modismo psicopatológico do século atual (cf. OMS, OPAS, 2001), supondo-se nesse contexto um declínio no campo psicanalítico da referência ao conflito intra-psíquico centrado na vivência edípica no engendramento das relações consigo mesmo e com o social.

A ideia de conflito na modernidade: o sujeito da vivência edípica

De modo geral, o modelo disciplinar de gestão de condutas, as regras de autoridade e de conformidade às interdições, regulam as normas sociais na modernidade e desenham um paradigma de culpabilidade pautado sobre uma polaridade definida em termos de permitido-proibido (Ehrenberg, 1998). Nesse viés de argumentação, certamente amparado no pensamento freudiano, o conflito é a referência estruturante, tanto para o nível pessoal, íntimo, cujos efeitos remontam diretamente para os processos de simbolização, sobretudo os neuróticos, como para o social, político, cujas evidências evocam as divisões sociais de classes, de blocos político-econômicos e os seus respectivos embates como núcleo da política democrática.

Na experiência conflitual, o sujeito moderno sofre os efeitos das interdições morais institucionais, sejam estas familiares, estatais, religiosas, sobre a sua sexualidade e agressividade, e assim adentra no processo civilizatório, sendo a própria sociedade

balizada pelos conflitos de interesses dos diferentes grupos que se estabelecem. De fato, no contexto da modernidade verificam-se, tanto no nível íntimo como no político, as formações de compromisso anunciadas por Freud (1930) no artigo “O mal-estar na civilização” entre cultura e natureza, entre a razão e as paixões, ou entre, por um lado, a racionalidade já atravessada pelas interdições morais e, por outro, a sexualidade e agressividade humanas. Pressupõe-se então, nesta perspectiva moderna, uma interioridade regida pelo indivíduo, e não mais pelo divino como outrora. E já no fim do século XIX, é perfeitamente cabível uma concepção de psíquico propício à reflexão sobre os dilemas pessoais situados entre a ambição de seguir o próprio caminho e se soltar das tradições, o que estimula as interrogações identitárias e as angústias acerca da existência (EHRENBERG, 1998). Assim, no cenário da modernidade “os nervos fazem a sua aparição na cultura e na medicina: eles desenham uma representação nova do homem, de uma só vez mais instintual e mais reflexiva” (EHRENBERG, 1998:47; minha tradução).

O indivíduo moderno é então dotado de uma interioridade e por isso é passível de sofrer dos nervos como reação às exigências sociais. Cada vez mais solicitado por essas exigências, ele vê aumentar o seu gasto de energia, que se recupera apenas insuficientemente, uma vez que também se eleva sua pretensão de usufruir, aproveitar, desfrutar das facilidades, luxos, refinamentos, que a vida moderna oferece. Nesse âmbito, a neurastenia qualifica a doença da vida moderna, congregando em

Issa Damous

si a dimensão nervosa da fadiga industrial ocasionada pela trepidação dos novos tempos (BEARD, 1884, *apud* EHRENBERG, 1998).

Grosso modo caracterizada pela manifestação de fraqueza, falta de apetite, insônia, dor de cabeça e nas costas, cansaço, a neurastenia preocupa principalmente em função do esgotamento intelectual e fadiga física ocasionados pelas mudanças introduzidas na vida social com a modernidade (EHRENBERG, 1998). Nas nações civilizadas, o aumento das exigências sociais e econômicas, inclusive a maior possibilidade de deslocamento espacial facilitada pelos trens, ao mesmo tempo aterrorizantes pelos acidentes catastróficos que ocasionam, mobilizam cientistas, intelectuais e a opinião pública a situar a neurastenia como um problema funcional em reação às transformações que irrompem nas grandes cidades.

Efetivamente, a idéia de *doença dos nervos* ou de *nervoso* se impõe em todos os campos da vida moderna como efeito das exigências sociais, e tem na neurastenia a sua expressão mais significativa. Mais próxima da idéia de síndrome, isto é, uma reação patológica, a neurastenia se destaca como a doença da moda no mundo moderno, resultando da pressão intensa e repetida sobre o sistema nervoso, supondo, por sua vez, tanto a condição de sofrimento psíquico como a possibilidade de tratamento (EHRENBERG, 1998). Vale acrescentar que este tratamento pode acontecer não mais nos asilos, como indicado desde Pinel para o tratamento das alienações mentais, mas através da medicina liberal, abarcando, sobretudo, uma clientela burguesa.

Todavia, a neurastenia agrupa sob a designação de *nervoso* uma série de sintomas que sugerem diferentes quadros clínicos, incluindo histeria, hipocondria e melancolia. Certamente não é por acaso o interesse de Freud (1895b[1894]) em escrever o artigo “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’”, já que, para ele, algumas diferenciações parecem absolutamente necessárias, como apresenta na sua correspondência a Fliess. Uma questão significativa nesse sentido, e que preocupa não apenas Freud, diz respeito ao modo pelo qual as exigências sociais da vida moderna afetam o sistema nervoso. Nesse sentido, é Charcot, personagem importante no estudo moderno da histeria, quem direciona essa discussão, promovendo uma “psicologização do trauma” (EHRENBERG, 1998:50; minha tradução). Segundo a sua concepção, os sintomas desenvolvidos por pacientes afetados por um choque na ocasião de algum acidente, embora semelhantes a sintomas neurológicos, consistem em conversões histéricas, sintomas que na verdade indicam um processo de auto-sugestão, tal como o que se verifica na sugestão por hipnose.

Os estudos de Charcot favorecem compreender a maneira pela qual o trauma externo incide subjetivamente sobre o sujeito, assim como entender a neurose enquanto uma doença mental sem subsídio orgânico embora não sem causa. Na sua esteira, e com direcionamentos distintos, destacam-se Freud, por um lado, e Janet, por outro, na atualização da concepção de *nervoso* predominante

Issa Damous

naquele momento. Janet associa a causa da histeria a um déficit ou insuficiência da capacidade de síntese psicológica, o que sugere uma dissociação na psique histérica desenhando a personalidade em termos de dupla consciência. Frente a este problema, cabem medidas reparadoras e restauradoras como a técnica hipnótica voltada para o esquecimento. Na concepção janetiana, “A hipnose é uma franca direção de consciência: ela pretende fazer desaparecer da memória a lembrança do acontecimento que causou a doença” (EHRENBERG, 1998:55; minha tradução).

Seguindo o modelo deficitário da psique, a perspectiva de Janet propõe pensar que as doenças funcionais resultam da impossibilidade de adaptação às exigências externas, o que se diferencia da concepção de Charcot, para quem as doenças funcionais são uma reação às exigências externas. Para Janet, o déficit na psique causa uma depressão ou esgotamento que, diminuindo a força ou a tensão da atividade mental, serve de vetor para os problemas da personalidade ou da vontade, determinando, respectivamente, a histeria ou a psicastenia (EHRENBERG, 1998).

Em contrapartida, para Breuer e Freud (1893), inicialmente, a histeria deriva do impedimento à ab-reação ocasionado pela exposição ao trauma, ou seja, a origem do sintoma histérico remonta à liberação insuficiente da quantidade de afeto evocado como reação ao acontecimento traumático. Provocada sob hipnose ao longo de um processo psicoterápico, a ab-reação produz um efeito catártico, desfazendo o quadro patogênico histérico. Freud certamente avança no esclarecimento da etiologia da histeria que se torna

arcabouço para o edifício psicanalítico construído a seguir, abrangendo tanto a idéia de conflito, recalque, inconsciente, fantasia, transferência, como o método de tratamento pela associação livre, sendo abandonados a hipnose e o método catártico.

Se Charcot psicologiza o trauma, Freud, por sua vez, paulatinamente consolida a noção de psíquico, de inconsciente, e estabelece o modelo conflitual intrapsíquico estruturado pela função simbólica da lei que interdita o desejo no contexto do atravessamento edípico, organizando as relações entre as instâncias psíquicas, e também a intersubjetividade. A instituição do conflito conforme o modelo freudiano caracteriza então, basicamente, a individualidade moderna, pressupondo-se para tal a prevalência do recalque como mecanismo de defesa, e da histeria como o principal expoente psicopatológico de um sujeito atravessado pela culpa.

O indivíduo emancipado da atualidade e considerações no âmbito psiquiátrico

No decorrer das transformações normativas iniciadas na modernidade e intensificadas na contemporaneidade, principalmente a partir das duas Guerras Mundiais, as exigências sociais no sentido da emancipação das tradições sobrecarregam o indivíduo (EHRENBERG, 1998). Exacerbadas ainda mais pelos movimentos de emancipação e liberação dos anos 60 e 70, elas incitam à iniciativa individual, intimando cada um a tornar-se si próprio com inteira responsabilização pelos caminhos de vida trilhados, na maioria das vezes, sem o suporte das tradições

Issa Damous

que lhe serviam antes de parâmetros. Emancipado e liberado, o íntimo não se restringe mais ao privado e invade o espaço público, o indivíduo passa a ser o seu próprio dono, que só se parece consigo mesmo e que tudo pode, dado que nada lhe seja realmente proibido. A forma comum de vida deixa de ser pautada sobre a culpabilidade moderna associada às interdições, ao proibido, e desliza cada vez mais para a responsabilização de si mesmo, pautada, por sua vez, numa polaridade possível-impossível.

O indivíduo moderno, dócil e obediente, cede lugar ao indivíduo contemporâneo, soberano, de quem se espera iniciativa, aptidões e sucesso em todos os campos da vida. Em contrapartida, em caso de fracasso diante de tamanhas expectativas, o indivíduo mergulha num sentimento de insegurança identitária, impotência e insuficiência, solo fértil para situar a depressão pautada num modelo deficitário da psique, o que na verdade parece prevalecer no discurso da sociedade atual.

Adentrando-se numa perspectiva psiquiátrica, verifica-se o sucesso da depressão na atualidade muito atrelado às promessas de bem-estar e de cura anunciados pelos medicamentos a partir da segunda metade do século XX (EHRENBERG, 1998). De certa maneira, essa perspectiva perpassa três momentos, sendo o primeiro deles fruto da influência que a psicanálise freudiana exerce sobre a psiquiatria. Aguiar (2004), psiquiatra brasileiro, retrata essa influência no contexto da história da psiquiatria norte-americana, sobretudo com o desenvolvimento da psicobiologia de Adolf Meyer, considerado

grande expoente da psiquiatria nos EUA no início do século XX. Sob influência da teoria freudiana, Meyer valoriza a história de vida dos pacientes como elemento etiológico importante na causação dos transtornos mentais, opondo-se dessa maneira ao modelo nosológico de Kraepelin, que sustentava prioritariamente uma abordagem descritiva das entidades mórbidas: “Meyer exigia de seus discípulos estudos atentos da personalidade e dos antecedentes pessoais de seus pacientes, entendendo o processo de adoecimento como uma reação que envolvia aspectos físicos e mentais” (AGUIAR, 2004:32). Através da psicobiologia, propagam-se as técnicas psicanalíticas no terreno psiquiátrico do mundo ocidental, promovendo a ampla aceitação da psicanálise no período seguinte às guerras mundiais através do que se chamou “psiquiatria psicodinâmica” (*Ibid.*).

Nos anos 70, no entanto, a aliança entre psiquiatria e psicanálise se rompe em função de um declínio da referência ao conflito como baliza primordial para a constituição subjetiva (EHRENBERG, 1998). Com efeito, as ciências humanas e sociais, incluindo a psicanálise, problematizam o que parece se apresentar como declínio dos valores da sociedade tradicional, principalmente aqueles considerados como instauradores da autoridade, das leis e normas que favorecem a produção da neurose como subjetividade predominante e a organização da sociedade. Na crescente produção psicanalítica a esse respeito, é indicada uma postura passiva do sujeito frente ao triunfo cada vez maior do individualismo associado ao consumo,

Issa Damous

à demanda incessante de prazer, às ilegalidades e ao culto ao corpo. Nesse contexto, torna-se pouco a pouco mandatária a negação do sofrimento e a busca desenfreada da felicidade individual em detrimento da vida em comum. A ordem do momento logo irá resumir-se em fruição, gozo e no dever de ser feliz e performático imediatamente. Essas mudanças normativas desenham então uma definição de sujeito que não se sustenta mais predominantemente sob a incidência da lei que configuraria um quadro neurótico. Na verdade, esta visão considera uma falência ou fragilização dos interditos ou anteparos às exigências pulsionais, colocando diretamente em questão a conflitualização intra-psíquica e, portanto, o destino do mal-estar associado ao recalque. Desse modo, constitui-se um sujeito muito mais emancipado dos dramas da culpabilidade, porém submerso nos dramas da responsabilidade e da ação. Ehrenberg convida, dessa maneira, a considerar a depressão nesse segundo momento da perspectiva psiquiátrica, não uma patologia atribuída à infelicidade resultante de um conflito, mas uma patologia da mudança, ou melhor, da insegurança associada a um indivíduo ocupado em libertar-se de amarras e ser apenas si mesmo, porém sem parâmetros para tal.

Vale notar que, face à ruptura da influência da psicanálise sobre a psiquiatria, ganha força o viés biológico desta. Angariando espaço desde a década de 50, principalmente com o advento dos medicamentos psicotrópicos, com os avanços nas pesquisas no âmbito da genética e das neurociências e com o desenvolvimento biotecnológico, a psiquiatria

biológica remodela a psiquiatria que parecia desmedicalizada sob a influência da psicanálise (AGUIAR, 2004).

A partir dos anos 80, um terceiro momento se solidifica no âmbito psiquiátrico, já sob a égide da psiquiatria biológica, cujas pesquisas, com o advento dos medicamentos, precisam estar baseadas em dados empíricos e experimentais e considerar rigorosos critérios diagnósticos (Aguiar, 2004). Nesse contexto, consolidado com a publicação do DSM-III, instrumento diagnóstico objetivamente descritivo e a-teórico, com aceitação mundial, e o que parece ser uma reafirmação das idéias de Kraepelin sobre as bases biológicas da distinção entre os transtornos mentais, a depressão irrompe finalmente como a doença da moda, sendo um diagnóstico bastante explorado pelas campanhas publicitárias da indústria farmacêutica, principalmente em função do antidepressivo Prozac, divulgado na mídia em larga escala (AGUIAR, 2004).

O modismo da depressão e uma “crise da cura”

Segundo Ehrenberg (1998), o modismo da depressão traz em si, embutido, problemas que remetem a uma crise da cura nos campos da psiquiatria e da psicanálise. Na psiquiatria, uma situação paradoxal abarca tanto os remédios, especialmente evidenciada com os antidepressivos, como a noção de cura propriamente. Trata-se de que os antidepressivos encarnam o mito da droga perfeita, pois suscitam esperanças fantásticas ao sustentarem a redistribuição eficaz das quantidades de energia no

Issa Damous

aparelho psíquico, agindo sobre os afetos ansiosos e depressivos, e assim proporcionando maior tonicidade e domínio sobre si mesmo, estando-se doente ou não.

Não obstante a promoção de conforto e bem estar, e até mesmo a promessa de cura, os antidepressivos requerem na maioria das vezes a continuidade no seu uso para fins de manutenção. O que para muitos pacientes se traduz em qualidade de vida pode implicar paradoxalmente em cronicidade, tal como uma “diabetes mental” (EHRENBERG, 1998, p.245; minha tradução). Nesse sentido, estudos epidemiológicos já apresentam os prognósticos desfavoráveis das depressões, principalmente por resistirem aos tratamentos, reincidindo ou remitindo apenas parcialmente. Esse quadro prolonga indeterminadamente a prescrição medicamentosa e implica numa *lógica de acompanhamento* do tratamento em substituição a uma *lógica de cura* que conduziria naturalmente à interrupção do tratamento quando do restabelecimento do paciente. Desse modo, os deprimidos passam à condição de crônicos:

Se a psiquiatria tende a empregar o modelo do diabético insulínico para neutralizar as dificuldades de cura, os ‘deprimidos’ se encontram a partir de agora na mesma situação que os psicóticos: as fases agudas da patologia suficientemente bem sob controle, mas a cronicidade sendo a regra (EHRENBERG, 1998:253; minha tradução).

Situado então entre a possibilidade de maior qualidade de vida e a dependência medicamentosa, o tratamento por depressão atravessa, além disso,

uma banalização excessiva na prescrição dos medicamentos antidepressivos (EHRENBERG, 1998). Estas prescrições ocorrem mesmo a partir de outras especialidades da medicina que não a psiquiatria, uma vez que o campo de ação desses medicamentos se estende sobre uma ampla gama de quadros clínicos. Certamente há efeitos colaterais previstos nas medicalizações a longo prazo, como os que pesam negativamente sobre a memória ou sobre a cognição e que ainda podem estar relacionados com o aumento das taxas de suicídio e com o estabelecimento de dependência física ou psíquica. Todavia, na maioria das vezes ignora-se o risco desses efeitos colaterais ao longo de uma prática medicamentosa indiscriminada como ainda espera-se que o antidepressivo desempenhe um papel semelhante ao das drogas ilícitas que dispensam o diagnóstico psicopatológico ao determinarem novos estados mentais. Nesse sentido, a crise da cura no campo psiquiátrico de que fala Ehrenberg (1998) refere-se à banalização da especificidade da depressão enquanto patologia, à perda de limites do que é doença de fato, reacendendo o debate entre normal e patológico, além de evocar a propagação e reforço da adição medicamentosa.

Similarmente ao que ocorre na psiquiatria, também na psicanálise haveria uma crise da cura no que diz respeito à ascensão da depressão como a doença da moda na contemporaneidade. Uma das questões levantadas por Ehrenberg (1998) é que, no caminho da cura, o longo tempo empregado nos tratamentos analíticos pode representar tanta

dependência quanto aquela suscitada no contexto psiquiátrico pela necessidade de manutenção da medicalização. Isto faz com que “a cronicidade não seja sem dúvida monopólio da psiquiatria biológica”, afirma o autor (EHRENBURG, 1998, p.257; minha tradução), utilizando um argumento que, na verdade, parece bastante de acordo com a regência imediatista da temporalidade na sociedade atual.

Contudo, talvez o elemento mais significativo quanto à crise da cura na psicanálise em relação ao modismo da depressão aponte para o declínio da importância concedida ao conflito no engendramento do sujeito, justamente o fundamento da concepção primordial da psicopatologia preconizada por Freud (EHRENBURG, 1998). De modo geral, na perspectiva freudiana o sintoma neurótico e as demais manifestações do inconsciente indicam formações de compromissos entre os interesses do princípio de prazer e aqueles impostos pelo princípio de realidade, cujas interdições e restrições são empreendidas desde dentro do aparelho psíquico em função das identificações sedimentadas no supereu. Freud (1933) destaca nesse cenário a servidão do eu às exigências impostas pelos seus três severos senhores, o isso, o supereu e a externalidade, indicando como intuito terapêutico do processo analítico “fortalecer o eu, fazê-lo mais independente do supereu, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do isso” (Freud, 1933, p.84). Resumindo, ele assinala: “Onde estava o isso, ali estará o eu” (*Ibid.*).

É claro que outros elementos ampliam a discussão sobre a cura na psicanálise. Entretanto, focalizando a diluição das tradições normativas da modernidade, em que se esgarçam os contornos e as interdições que se colocavam antes como parâmetros para o indivíduo, o conflito, cujo ápice pode ser figurado na vivência edípica, talvez não ocupe mais o primeiro plano na organização da psique e do social. Nesse sentido, o indivíduo se encontra num caminho em que tudo é possível, diferentemente de estar submetido à lógica do proibido e da culpa (EHRENBERG, 1998). Interessa então questionar se o intento primordial da cura em psicanálise persiste na ampliação do domínio do eu sobre o isso, como pressupõe a indicação de Freud (1933), uma direção que, como se sabe, determina uma clínica que valoriza os conteúdos recalçados, constituídos no âmbito conflitual.

Os demônios da depressão na atualidade: feridas narcísicas aquém de feridas edípicas

Para Haynal (1977), no caminho de cura da psicanálise contemporânea, a liberação de uma parcela da sexualidade ou da agressividade recalçadas passa de fato para um segundo plano. A hipótese do autor é de que a geração atual é menos submetida a restrições e interdições do que as gerações modernas levando, no mínimo, o supereu a estruturar-se de modo diferente daquele que se espera como resultado do atravessamento da vivência edípica e dos tabus que ela impõe. Além disso, depara-se muito mais na clínica atual com manifestações que expressam

Issa Damous

a exacerbação do desamparo e, portanto do trauma, “vividos como uma ferida narcísica” (HAYNAL, 1977, p.117; minha tradução). Nessa conjuntura, o autor acredita que talvez deixe de ser tão fundamental para a psicanálise perseguir na clínica um modelo de cura pautado na vivência edípica-conflito-recalque, o que indicaria um caminho de busca do mito das origens. Na verdade, diferentemente, Haynal aposta que um modelo de cura na psicanálise contemporânea visa muito mais a busca da “origem do mal”:

a questão mais fundamental da psicanálise não é, no meu ponto de vista, o ‘mito das origens’, mas sim a *origem do mal*. O mal enquanto perturbação do equilíbrio interior, fonte de sofrimento, de inquietude, de angústia, de dor psíquica, enfim, daquilo que também se designa ‘frustração’” (HAYNAL, 1977, p.118; grifos do autor; minha tradução).

Perseguir o caminho da origem do mal na cura psicanalítica significa nesse sentido considerar antes de tudo a experiência do mal como equivalente da experiência de limites. Esta, por sua vez, é colocada em primeiro lugar pela situação traumática de desamparo em função do limite que a perda da simbiose impõe à onipotência infantil. As considerações de Haynal (1977) são desenvolvidas no trabalho *Le sens du désespoir. La problématique de la dépression dans la théorie psychanalytique*, por ocasião do XXXVI^e Congrès des Psychanalystes de Langues Romanes. Nesse trabalho, o autor retoma a noção de trauma/desamparo de Freud (1926), concedendo ao humor

depressivo um lugar central dentre os estados afetivos do sujeito em função das perdas e da necessidade do processo de luto já desde a situação traumática de desamparo associada ao nascimento. O humor depressivo manifesta nesse sentido o luto associado à perda da onipotência experimentada com o desamparo. O sentimento de inferioridade, de resignação e de incapacidade diante de situações traumáticas marcadas pela perda denota assim a restrição à onipotência e, portanto, a experiência de limites que, para o autor, é a experiência do mal com que o sujeito tem que se haver:

A experiência de limites é a experiência do *mal* do qual se gostaria de livrar-se, mas que sempre reaparece, compulsão à repetição experimentada como um traço *demoníaco*. Os demônios não estão no exterior, eles fazem parte da interioridade. Pode-se apenas *deslocar* os limites, nunca suprimi-los, sobretudo considerando-se que a onipotência seria ausência total e utópica de interdição, fusão a dois, ausência do Terceiro num mundo sem luto (...) (HAYNAL, 1977, p.10; grifos do autor; minha tradução).

A experiência de limites ou do mal referidos por Haynal relaciona-se, na verdade, ao estado depressivo pelo qual passa todo ser humano, primeiro constitutivamente e, em seguida, em diferentes momentos da vida.

Com efeito, conforme desenvolvido por Damous (2011), a psicanálise se refere à depressão

Issa Damous

a partir de uma perspectiva afetiva possível de se manifestar nos quadros clínicos em geral, sendo esta uma constatação já presente em Freud. Além disso, a depressão é também considerada, sobretudo pelos teóricos das relações de objeto, dos quais Melanie Klein é a principal representante, um estado constitutivo da subjetividade, subentendido na experiência de ambivalência, ou seja, subjacente à fusão dos componentes eróticos e agressivos direcionados ao mesmo objeto. Igualmente, na leitura de André Green identifica-se um percurso depressivo necessário e constitutivo no processo de diferenciação primária no qual se pressupõe a perda do objeto primário e a sua subsequente representação. Ressalta-se ainda com Fédida um aspecto de enorme positividade acerca da depressão que diz respeito à concepção de depressividade, a capacidade originária do humano, inerente à vida psíquica, no sentido da abertura/fechamento às trocas com o ambiente e, além disso, no sentido de proteção, equilíbrio e regulação que garante à vida humana.

O que, no entanto, não faz de todos os sujeitos deprimidos é a possibilidade de restaurar o objeto perdido no interior do aparelho psíquico, por identificação, um processo que requer um trabalho de luto, é verdade, e que, para tal, requer antes a presença de objetos. Nesse sentido, a cura da psicanálise contemporânea na visão de Haynal (1977) remonta a momentos primitivos da existência, caminhando pela possibilidade de o sujeito conhecer os próprios

demônios, ou seja, buscar a origem do mal, e assim encontrar as experiências de limites que o deprimiram. Desse modo, empreender o luto em função das perdas vivenciadas nas experiências de limite indica a possibilidade de restaurar uma situação interior satisfatória ou uma condição narcísica menos ferida, ou seja, menos à mercê de uma condição de trauma e desamparo que, de outro modo, tende a submergir a psique nos excessos pulsionais não metabolizados, sobretudo pela ação destrutiva empreendida pela pulsão de morte.

A leitura de Ehrenberg (1998) acerca da frouxidão e do esgarçamento dos limites verificados no contexto das mudanças normativas que atravessam a sociedade contemporânea corrobora a proposta de Haynal (1977) quanto ao caminho da cura na psicanálise se distanciar do mito das origens e, portanto, da referência ao Édipo, e se aproximar da origem do mal e, com isso, das feridas narcísicas. Esse caminho da cura se aproxima do desamparo e do trauma vividos de maneira exacerbada pela sociedade atual que, inscrita por isso numa problemática narcísica, se apresenta mais suscetível ao sentimento de impotência, inferioridade e incapacidade referidos, por sua vez, à depressão. Talvez seja mesmo possível por esse viés endossar a leitura de Ehrenberg (1998) de que atualmente se vive efetivamente o declínio da referência ao conflito e à neurose, e tem-se a depressão como um grande modismo.

A depressão predominante na sociedade contemporânea: uma referência aos casos limite?

Do ponto de vista psicanalítico, se na modernidade a neurose é vinculada ao conflito, na contemporaneidade a que estaria referida a depressão? Acompanhando Ehrenberg (1998), duas direções podem ser formuladas para essa questão. Uma delas consiste em desconsiderar a etiologia como um problema e elaborar critérios diagnósticos padronizados que possam servir como bons guias para identificar a depressão. Nesse contexto, ganham a cena os manuais classificatórios psiquiátricos como o DMS-IV (APA, 1990) ou a CID-10 (OMS, 1992) que, numa vertente médica, tendem a conceber o indivíduo basicamente como objeto de sua doença. A outra direção segue a influência da psicanálise e concebe uma personalidade depressiva, pautada na idéia de que a síndrome depressiva não é psicótica ou neurótica, mas um “estado-limite” (EHRENBERG, 1998, p.134), justamente por não estar pautada numa dimensão conflitual:

A ‘personalidade depressiva’ é incapaz de fazer advir seus conflitos, de representá-los, ela se sente vazia, frágil e tem dificuldades em suportar frustrações. Daí a sua tendência a adotar comportamentos dependentes e procuras por sensações. Numa linguagem psicanalítica diz-se que a personalidade em questão se situa menos no registro conflitual que num registro dito clivado, caracterizado por

uma espécie de rachadura interna na qual os elementos não estão nem em conflito e nem em relação: o indivíduo é dominado por um sentimento de insuficiência (EHRENBERG, 1998:134-5; minha tradução).

A figura contemporânea da depressão nessa segunda direção evoca diretamente os casos limite. Trata-se de que o estatuto clínico da depressão, nessa vertente, coloca muito mais em jogo a clivagem do que o conflito ou a culpa, referindo-se ainda ao déficit, à insuficiência, à vergonha e à impotência narcísica impostos pela liberação psíquica experimentada numa condição traumática de desamparo que deixa as marcas de uma fragilidade narcísico-identitária bastante referida a esses casos (DAMOUS, 2011).

Ambas as direções frente ao declínio do conflito, médica e psicanalítica, são de certo modo compreensíveis, o que não quer dizer, no entanto, que sejam aceitáveis. De todo modo, permanece como uma questão relevante para a psicanálise o que passaria a ocupar o lugar do conflito associado à vivência edípica e ao recalque no declínio da referência a ele como marco constitutivo da subjetividade.

Na verdade, o declínio da referência ao conflito na cena psíquica emperra o seu funcionamento sob o princípio de prazer, deixando o sujeito cada vez mais exposto ao desamparo, à mercê do excesso de tensão e, portanto, traumatizado, funcionando muito mais sob a égide do além do princípio de prazer, e sem uma organização subjetiva que favoreça

Issa Damous

sequer a inscrição da temporalidade e, com ela, a possibilidade de um futuro como direção para a qual caminhar (DAMOUS, 2011). Em relação à sociedade, esse indivíduo, fragilizado narcisicamente, se considera aquém dos ditames performáticos exigidos. Deficitário e insuficiente, ele expressa o vazio como sintoma dominante, situando-se entre a depressão, como recuo ou estancamento frente ao mal vivenciado traumáticamente como desamparo, e o seu contraponto, a adição, o comportamento compulsivo-dependente (HAYNAL, 1977).

Falar do vazio não é tarefa simples dadas as diferentes discussões que o tema origina e as formas que pode assumir (DA POIAN, 2001)¹. Souza (2000), particularmente, trabalha essa diversidade em torno de duas conotações psicanalíticas a que o termo remete. Na primeira, tendo a teoria lacaniana como referência, o autor evoca o vazio constitutivo, referido à falta primordial do objeto de completude, objeto mítico. Perdido desde sempre e por isso mesmo sendo primordialmente traumático, o objeto da falta ajuda a promover o trabalho representacional impulsionando o sujeito do desejo, submetido à castração, a se relançar no seu movimento pulsional, produzindo algo disso que falta e que encontra expressão através das formações do inconsciente. O autor sugere também outra conotação para o vazio, seguindo uma linhagem traçada pelos teóricos das relações de objeto que atribui ao vazio um sentido mais penoso,

¹ A *Nouvelle Revue de Psychanalyse* dedica em 1975 um número específico sobre esse tema, *Figures du vide*, no qual é possível encontrar trabalhos consagrados até hoje em função da profundidade e atualidade na abordagem sobre o vazio em psicanálise.

de sofrimento, de mundo interior desértico em função de estar atrelado às falhas na estruturação narcísica e, portanto, à fragilidade das fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas (SOUZA, 2000).

Ambas as perspectivas propostas por Souza acerca do vazio, ou seja, o referencial lacaniano e o dos teóricos das relações de objeto desenham, respectivamente, por um lado, teorias psicanalíticas que subentendem a diferenciação eu-objeto já nos primórdios da existência, instituindo uma clínica de interpretação do desejo e de responsabilização, num contexto edipiano, sendo o modelo da neurose o seu melhor exemplo. Por outro lado, a proposta pautada nas relações de objeto inclui teorias que supõem a indiferenciação inicial, constituindo um campo de experiência mãe-bebê pré-subjetivo, permitindo uma clínica que contempla as necessidades psíquicas primitivas, como a constituição de envelopamentos para conter e modular a atividade pulsional e então favorecer a expressão dos desejos, uma clínica que inclui os casos limite enquanto patologias narcísicas (SOUZA, 2000)². Nesse contexto de questões primitivas em que a situação traumática de desamparo assume proporções patológicas, a conotação de sofrimento assinalada pelo autor em relação ao vazio parece equivalente ao vazio como sintoma dominante do indivíduo contemporâneo deprimido (HAYNAL, 1977).

2 O esquema proposto por Souza (2000) para compreender o vazio não contempla especificamente o espaço potencial estabelecido pela transicionalidade (WINNICOTT, 1971) ou mesmo o espaço intersticial dos envelopes psíquicos marcados por uma dupla-face (ANZIEU, 1985), duas perspectivas das teorias das relações de objeto em que o vazio é suposto, porém não no sentido de sofrimento ou de ser habitado por nada, mas pelo paradoxo experimentado na ausência que é presença potencial (GREEN, 1975).

Issa Damous

Nesse viés, a referência dominante à depressão na sociedade contemporânea corresponderia na psicanálise ao vazio enquanto reflexo de traumas vivenciados no contexto das relações primárias. Por conseguinte, os pacientes desse modo identificados na clínica psicanalítica seriam referidos às patologias narcísicas, dentre elas os casos limite.

Mas seriam enfim os casos limite a face clínica por excelência da depressão anunciada como a doença da moda na contemporaneidade? Se a discussão é encaminhada dessa maneira, então, pode-se pensar que o modismo da depressão na contemporaneidade corresponde a um modismo de casos limite, segundo o referencial psicanalítico. Faz-se necessário, portanto, repensar essa questão do ponto de vista da psicanálise.

Finalmente, pode-se dizer que, numa perspectiva sociológica, de fato a depressão pode ser a face emblemática do mal estar enunciado atualmente, talvez até mesmo correspondendo a uma “epidemia psíquica das sociedades democráticas” contemporâneas, como sugere Roudinesco (2000, p.17). Esse discurso dominante é certamente sustentado pela psiquiatria, principalmente em função da ênfase concedida ao déficit, ao defeito, à vergonha, à incapacidade de corresponder às exigências sociais excessivas, sempre passíveis de superação via medicamentos e atrelada a toda a série que vem em conjunto: a necessidade de manutenção da medicalização, a dependência e a cronicidade.

Já no âmbito da psicanálise, o declínio da referência ao conflito e, conseqüentemente, a maneira precária pela qual se constitui o aparelho psíquico, escraviza o sujeito às agruras do vazio psíquico, estabelecendo uma problemática de perda de objeto, de constituição subjetiva e narcísica, o que de fato é muito mais condizente com os casos limite, mantendo em aberto, no entanto, a questão da correspondência entre esse tipo de problemática e a depressão. A menos, quem sabe, que se relacione desamparo/ trauma/ feridas narcísicas/ insuficiência/ depressão/ casos limite. Seria esse o caminho para compreender psicanaliticamente a depressão como a doença da moda tal como anunciada no discurso contemporâneo?

Tramitação:

Recebido em: 17/05/2012

Aprovado em: 15/06/2012

Issa Damous

Rua Visconde de Pirajá, 4, sala 505

Ipanema – Rio de Janeiro- RJ

CEP: 22.410-000

Fone: (21) 3474-6822

E-mail: issa@infolink.com.br

Referências

AGUIAR, A. *A psiquiatria no divã*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004.

ANZIEU, D. (1985) *O Eu-pele*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BREUR, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, p.39-53, 1996.

DAMOUS, I. *A lógica do desespero nos casos-limite: uma faceta da depressão na contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DA POIAN, C. (Org.) A psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo. In: _____ *Formas do vazio: desafios do sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera Editora, p.7-23, 2001.

EHRENBERG, A. (1998). *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Odile Jacob, 2000.

FREUD, S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.91-118. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 3). (Artigo original publicado em 1895[1894]).

_____. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21). (Artigo original publicado em 1930).

_____. Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 22). (Artigo original publicado em 1933).

GRENN, A. (1975) O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: _____. *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, p.36-65, 1988.

HAYNAL, A. (1977) Le sens du désespoir. *Revue Française de Psychanalyse*. Paris, 1-2, p.5-186, avr, 1977.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS); ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Relatório sobre a saúde no mundo 2001. *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Genebra, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) (1992) *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Relatório.

Issa Damous

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

SOUZA, O. (2000) Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise. In: Da poian, C. (Org.) *Formas do vazio: desafios do sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera Editora, p.131-141, 2001.

WINNICOTT, D. (1971) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-44, 19

artigo



A questão do laço social na Escola: angústia e formação do psicanalista

*The issue of social ties in the
School of Psychoanalysis:
anxiety and analyst's formation.*

Sonia Leite*

Resumo

Tendo em vista a importância da angústia na experiência psicanalítica, a proposta principal do trabalho é interrogar se haveria uma função para esse afeto na formação permanente do psicanalista. Indica-se, a partir do legado de Freud e Lacan, a necessária afirmação da angústia como eixo para a construção de um “estilo” que marca a transmissão da psicanálise,

* Psicanalista. Membro Analista do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Coordenadora da Oficina Clínica e de Pesquisa sobre Psicoses do Centro Psiquiátrico do RJ. Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

Sonia Leite

viabilizando uma nova modalidade de laço social na Escola.

Palavras chave: formação permanente, Escola, angústia, desejo de saber, estilo.

Abstract

This paper focuses on the importance of the concept of anxiety for psychoanalytical practice and intends to investigate the role of anxiety in the formation of the analyst. By doing so, the paper points out that Freud and Lacan's legacy leads to the necessary assumption that anxiety is the via to build up a "style" that characterizes the transmission of psychoanalysis and makes a new way of social link in psychoanalytical school.

Keywords: permanent formation, School, anxiety, instinct for knowledge, style.

artigo



A questão do laço social na Escola: angústia e formação do psicanalista¹

*The issue of social ties in the School of
Psychoanalysis: anxiety and analyst's
formation.*

Sonia Leite

Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo (LACAN, 1957/1998, p.460).

¹ Trabalho originalmente apresentado no I Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, *A formação do psicanalista: estilo e transmissão*, em novembro de 2008, São Luís, Maranhão.

Sonia Leite

Quando comecei a pensar no presente trabalho, muitas questões emergiram, envolvendo o tema da formação do psicanalista. Como tenho me dedicado, ultimamente, ao estudo da angústia (LEITE, 2011), uma interrogação aos poucos se delineou: *qual a importância da experiência da angústia na formação do psicanalista e, especificamente, na constituição de um laço social na Escola, que viabilize a transmissão da psicanálise?*

Partindo da perspectiva lacanianiana de que uma Escola deve estar sustentada na *psicanálise em intensão*² e tendo em vista que a angústia é um fator fundamental na clínica, ou seja, no percurso pessoal de uma análise, a proposta do trabalho é interrogar qual a função da angústia na formação permanente do psicanalista.

Ressalto que no início do seminário dedicado à angústia, Lacan comenta, ironicamente, que esse afeto não parece ser aquilo que sufoca os psicanalistas e, a seguir, complementa que não é demais dizer que deveria fazê-lo! Considera que “(...) *Sentir o que o sujeito pode suportar de angústia os põe à prova a todo instante*” (LACAN, 1962-63/2005, p. 13). Afirma, ainda, que a formação do analista acaba por propiciar o que denomina uma *regulação* da angústia — o que não significa dizer sua *exclusão* — que é o que deve guiar o analista em sua práxis.

Tal perspectiva me trouxe à mente uma frase lacanianiana dos primeiros escritos sobre a Escola, que

² É na *Proposição 9 de outubro de 1967* que Lacan introduz a noção de *psicanálise em intensão* para se referir à experiência psicanalítica e a *de psicanálise em extensão* para pensar os efeitos daquela na Escola e no mundo.

aponta um caminho de reflexão sobre o tema atual: “*Existe um real em jogo na formação do psicanalista*” (1967, p.249).

O que é a angústia?

Em primeiro lugar, é algo que se sente, responde Freud (1926/1977) no artigo *Inibições, sintomas e angústia*. Trata-se de um afeto com acentuado caráter de desprazer e que se distingue de outras sensações pela presença de traços distintivos, referidos a órgãos específicos do corpo — órgãos respiratórios e coração. Traços estes que proporcionam provas de que as inervações motoras — processos de descarga — desempenham seu papel no fenômeno geral da angústia. Lacan retoma o assunto afirmando que, na angústia, o sujeito é premido, afetado, implicado, no mais íntimo de si mesmo, sinalizando que a angústia é um afeto que não engana e que indica a presença do desamparo.

A edição brasileira das obras de Freud, ao se referir à angústia, no capítulo VIII do importante artigo de 1926, traduz a palavra alemã *Empfindung* por *sentimento*, quando, de fato, Freud fala de *afeto* e *sensação*. É o que assinala Lacan:

(...) a angústia é esse corte nítido, sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável (...) e é esse corte a se abrir que faz emergir o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem expresso pelo termo “pressentimento”, que não deve ser simplesmente entendido como

pressentimento de algo, mas também como pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento (LACAN, 1962-3/2005, p.88)

A angústia é, portanto, algo que se situa antes da nomeação de um sentimento, ou seja, antes do sentido. Esta idéia é fundamental para se pensar sua função na formação do psicanalista e do real (*nonsense*) aí em jogo.

Ao estabelecer no texto mencionado uma dupla origem para a angústia, Freud nos permite compreender melhor esse *pré-sentimento*. Afirma que esse afeto encerra um acentuado caráter de desprazer que é liberado no corpo, seja automaticamente (na vivência traumática), seja como sinal, que possibilita ao eu uma espécie de preparo, que aciona o princípio de prazer-desprazer, e cuja função é evitar o reviver da situação traumática. Nesse caso, o que Freud destaca é que a angústia apresenta uma função de proteção para o sujeito e a questão que interrogo aqui é sobre a possibilidade de se identificar outra função para a angústia.

Para ele as primeiras irrupções de angústia, que ocorrem antes da divisão estrutural da mente, são muito intensas. Afirma que são essas experiências iniciais as causas precipitantes imediatas do recalque originário, considerando como protótipo de tais experiências o trauma do nascimento. Este não pode, efetivamente, ser vinculado à idéia de separação em relação à mãe porque o bebê ainda não possui condições de subjetivar tal situação. Julga, no entanto, que a experiência de castração afetaria sobretudo a

mãe. A esse respeito, sustenta Lacan que, do ponto de vista do bebê, “(...) *o verdadeiro trauma do nascimento vincula-se à experiência de invasão, ou melhor, de aspiração de um ambiente absolutamente Outro (...)*” (LACAN, 1962-63/2005, p.355).

Ao se instaurar o recalque originário, ou seja, a nodulação dos três registros — o real, o simbólico e o imaginário — quando se constitui para o sujeito, o corpo, a palavra e a imagem, torna-se possível a emissão do sinal de angústia pelo eu. É esse sinal que viabiliza um tempo, a partir do qual o princípio de prazer-desprazer pode ser acionado, protegendo o sujeito da experiência traumática. Esta é a razão pela qual Freud, a partir de 1926, afirmará que é a angústia que produz o recalque do representante pulsional e não o contrário — o recalque que produz a angústia — como pensava até então. A angústia-sinal, não é, portanto, criada novamente no recalque, e sim reproduzida como um estado afetivo, de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. Segundo ele, o que o sinal indica é a repetição, numa escala reduzida, da experiência traumática. Ter-se-ia, então que, na angústia, o que retorna é a experiência de divisão do sujeito e do traumatismo originário.

Lacan relaciona a emergência da angústia ao desmoronamento da imagem especular, momento da experiência do *Unheimliche* (assustador, estranho), *sinal do real* que faz surgir aquilo que havia sido excluído da imagem especular no processo de divisão significante do sujeito. Lacan denomina *objeto a* o objeto da angústia e, por isso, afirma que esta não é sem objeto.

Sonia Leite

Ao longo do seminário sobre o tema (LACAN,1962-63), uma questão chama particularmente a atenção: a aparente contradição entre a perspectiva freudiana de que a angústia se relaciona à perda de objeto e a afirmação lacaniana de que a angústia não é sem objeto. Na realidade, o que se revela é que a temática da angústia pode ser tomada tanto pela perspectiva do imaginário, da libido, quanto pela perspectiva do real.

Freud, ao considerar que, na infância, a experiência da angústia se relaciona a “(...) *sentir falta de alguém que é amado e de quem se sente anseio*” (FREUD, 1926/1977, p.160), coloca em destaque a importância do registro do imaginário e o fato de que a ausência da imagem mnêmica da pessoa amada, e intensamente investida, pode se transformar em angústia. A presença dessa desorientação ou desamparo ocorre porque a criança descobre, pela experiência, que um objeto externo perceptível com o qual ela se identifica narcisicamente, pode pôr termo à situação perigosa (experiência de um excesso de desprazer). “*É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de angústia, antes que a temida situação econômica se estabeleça*” (FREUD, 1926/1977, p.161).

Na Conferência XXXII (1933[1932]/1977, p.118), Freud afirma que aquilo que é temido, isto é, “(...) *o objeto da angústia é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser liquidado seguindo as normas do princípio de prazer*”. Por isso, também, aponta como um

importante momento, do ponto de vista do sujeito, a passagem da vivência da angústia automática e involuntária para a angústia como sinal de perigo.

Lacan privilegia a perspectiva de que a *angústia é sempre sinal do real*, reencontro com a castração simbólica e que se expressa na interrogação: *Che Vuoi? Que queres?*, indicando com isso um momento de repetição da divisão originária do sujeito e do seu re-nascimento, ou seja, a perspectiva de que é necessário renovar uma travessia para aceder ao desejo. Por isso afirma que o desejo é o remédio para a angústia.

Os três significantes freudianos: *silêncio, solidão e escuridão*, destacados ao final do texto *O estranho*, de 1919, indicam o encontro com o sem-sentido da experiência da angústia, apontando, simultaneamente, para um lugar de passagem.

Esses três significantes podem ser tomados como representativos, tanto do caminho a ser percorrido na experiência psicanalítica, como do percurso na formação do psicanalista. Silêncio que aponta para o real da experiência, solidão que nos conecta com o desejo de saber e escuridão, que metaforicamente nos cega, para permitir a emergência de uma fala plena, condizente com a possibilidade de bem-dizer o que é da ordem do impossível.

Ao destacar a condição mediana da angústia entre o gozo e o desejo, Lacan nos permite concluir que se, num determinado momento, somos atravessados pela angústia, cabe à experiência psicanalítica propiciar a sustentação de uma travessia

Sonia Leite

da angústia. Enquanto o recalque é o que protege o sujeito do encontro com a angústia de castração, o trabalho analítico, ao desfazer as defesas, conduz o sujeito ao reencontro desse afeto, permitindo outro posicionamento diante do desejo e, conseqüentemente, da falta que lhe é inerente.

Tendo-se em vista uma continuidade moebiana³ (3) entre *intensão e extensão* e, seguindo a afirmação de Maud Mannoni (1989) de que as instituições permitiriam a emergência do mito de re-nascimento do sujeito, pode-se considerar a presença de uma travessia da angústia como parte constituinte do percurso do analista, em sua formação permanente. Dessa maneira, é possível supor — mesmo para aqueles analistas que já tenham chegado ao final da sua análise didática — que uma das funções da Escola de Psicanálise seria viabilizar o reencontro com o mal-estar do desejo possibilitando a sustentação da análise naquilo que ela tem de interminável (FREUD, 1937/1977).

Parece ser esse o sentido da indicação lacaniana (1964;1971), de que a Escola deveria se constituir como um *refúgio* para o mal-estar na cultura, o que nos leva a considerar que a experiência da angústia na instituição seria parte constitutiva da travessia do psicanalista em formação permanente.

A crítica lacaniana relativa à burocratização das sociedades de psicanálise, vinculadas a

3 A fita de Moebius é uma figura topológica obtida através da colagem de duas extremidades de uma fita depois de efetuar meia volta em uma delas. Essa figura foi utilizada por Lacan para representar a continuidade entre interno e externo na constituição do sujeito.

Associação Psicanalítica Internacional (IPA), realizadas ao longo da década de 1950 em uma série de artigos sobre o tema (LACAN, 1955; 1956; 1957), expressa uma especial preocupação com a formação do psicanalista e com os destinos da psicanálise. Na realidade, Lacan sempre manteve essa preocupação ao longo de sua obra. No referido período, sublinha que a institucionalização da psicanálise ao privilegiar as *prescrições* institucionais conduziria à promoção do eu em seus aspectos imaginários e defensivos, engendrando desvios impeditivos da construção de um estilo próprio. De um modo geral, as regras rígidas de funcionamento institucional tentam encobrir a angústia, ou seja, a experiência de estranhamento e o desamparo, diante do encontro com as diferenças que a vida institucional faz emergir.

Tendo essas questões em vista, Lacan propôs aos analistas uma nova forma de laço social, com a introdução de dispositivos institucionais — o cartel e o passe⁴ — favorecedores da emergência de uma *prática teorizada*, a partir da experiência singular do psicanalista. Ou seja, diferentemente de uma visada *universitária*, quando alguém imbuído de um poder apresenta um saber acabado para os alunos, o ensino da psicanálise objetiva uma formação que mantenha viva a experiência do inconsciente.

Como indica Safouan:

Assim como o movimento se experimenta ao andar, ser analista é um fato que se experimenta no discurso que determina a

4 Para um estudo mais aprofundado sobre o tema do passe e do cartel sugiro: Lacan (1973); Jimenez (1994); Coutinho Jorge(2006).

relação do analista com as questões que a experiência do inconsciente colocam para ele. Questões as quais um só não poderia responder: esta é a única razão que justificaria a constituição de uma sociedade de psicanálise (1996, p.38).

Em outras palavras, é necessária a presença na instituição de um elemento terceiro, de *Dritte person*, como denominou Freud, o *Outro* com maiúscula a quem a palavra se dirige, e que está para além do *eu* e do *outro* com minúscula.

Apesar dos inevitáveis fracassos institucionais⁵, evidenciados ao longo do tempo, com as consequentes rupturas no movimento lacaniano, o que aí permanece como legado da obra de Lacan é o fato de uma antinomia entre a experiência psicanalítica e a *institucionalização* da psicanálise. Esse impossível, que se repete ao longo da história da psicanálise, relaciona-se ao modo de constituição dos grupos humanos, fenômeno estudado por Freud no livro de 1921, *Psicologia de massas e análise do eu*. O que aí se evidencia é algo de ordem estrutural, narcísica, que sustenta primariamente as relações com o outro e que serve a manutenção do recalque do desejo. Essa perspectiva indica a necessidade, paradoxal, de que, de tempos em tempos, ocorra uma

⁵ Apesar das críticas ao passe como dispositivo institucional, conforme indica Jean Clavreul em entrevista a Didier-Weill(2007, p.27), o fundamental é a ampliação da noção de *passe* . Lacan admitia, e esperava, que a palavra “passe” se tornasse um significante mais do que um procedimento institucional, mantendo, assim, toda a sua potencia ao indicar que, no âmbito da formação permanente do analista, uma *passagem* para o lugar do analista precisa ser renovada.

espécie de *dissolução* da Escola⁶, isto é, daquilo que se institui, produzindo-se uma renovação necessária à abertura do inconsciente.

Existe algo que as relações institucionais revelam e que não se *cura* definitivamente, fato que convoca cada psicanalista na direção de uma responsabilidade pela sustentação da psicanálise em extensão, isto é, pela presença da psicanálise no mundo. Como indica Safouan (1996, p.11), “(...) Se na análise o sujeito é responsável por seu inconsciente, seguindo o enunciado de Freud — “*Wo es war, soll Ich werden*” — em contraposição, no fim da partida, o sujeito se faz responsável pela psicanálise. Verdadeiro retorno, pelo qual, ao se autorizar, ele autoriza a psicanálise no mundo”. Encontramos nessa frase a dimensão moebiana da psicanálise, isto é, a necessária continuidade entre *intensão* e *extensão* que, não sendo algo *natural*, depende em última instância, do modo como cada analista se insere nas instituições e constrói a sua formação permanente.

A indicação lacaniana, no já referido seminário 10, de que a angústia tem a mesma estrutura da fantasia, é bastante promissora para se pensar a questão. O sujeito *renasce* no momento em que se renova a experiência de sua divisão subjetiva, momento em que se produz a necessária re-escritura simbólica, sustentada na fantasia fundamental.

A angústia e a fantasia indicam, assim, as duas faces de uma mesma moeda, reveladoras da dívida

6 Em 1980, Lacan profere a *Carta de Dissolução* da Escola, colocando em ato uma crítica diante da prevalência do *grupo* sobre o *discurso* psicanalítico e que corria o risco de transformar a Escola em uma forma de Igreja.

Sonia Leite

simbólica em relação ao Outro e que estrutura o nascimento do sujeito. Se, por um lado, é a fantasia que sustenta a relação de cada um consigo mesmo e com a coletividade, por outro lado, de tempos em tempos, o que retorna é a angústia, um dos nomes do real, que impõe a necessidade de reinvenção do vínculo com a Escola e, conseqüentemente, com a psicanálise. Nesse sentido se afirma a importância da experiência da angústia na formação do analista como modo de manutenção do próprio movimento psicanalítico.

A noção de Escola ultrapassa, assim, a idéia de um lugar espacialmente definido e objetivável, e enfatiza que cada psicanalista, num certo sentido, constrói a *sua* Escola a partir da efetivação das transferências de trabalho e de um estilo próprio de transmissão que aí se instaura. O fato é que se a *psicanálise em intensão*, isto é, a clínica se conta sempre no *um a um* da experiência, o mesmo se passa na relação de cada psicanalista com a Escola de psicanálise.

Qual, então, é a função da angústia na formação do psicanalista?

O desejo de saber e a Escola

No importante artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1977), Freud incluirá, a partir de 1915, uma seção inteira dedicada às teorias sexuais das crianças. Trata-se de uma espécie de resumo do texto escrito em 1908, “Sobre as teorias sexuais infantis”, onde havia introduzido a

expressão *Wisstrieb* para se referir a uma modalidade de pulsão — pulsão epistemofílica — diferente das anteriormente descritas, que não poderia ser contada entre os componentes pulsionais elementares, nem ser classificada como pertencente exclusivamente à sexualidade.

A atividade dessa pulsão, muito frequente na infância, corresponde, como afirma, a uma maneira sublimada de obter domínio (sobre uma realidade insuportável) utilizando a energia da pulsão escópica. (FREUD, 1905/1977, p.200)

Em sua obra, Freud faz referência à pulsão de dominação em dois sentidos. Primeiramente, como crueldade originária dirigida para o exterior e, a partir da segunda tópica, como modalidade da pulsão de morte (FREUD, 1920/1977), pulsão de destruição a serviço da pulsão sexual. Assim, o *Wisstrieb* poderia ser compreendido como a conjunção da sublimação da pulsão de morte com a pulsão sexual escópica (QUINET, 2002, p.255), implicando num deslocamento do interesse dos órgãos genitais, oriundo da pulsão de ver, para a forma do corpo como um todo e, a seguir, num interesse pelas coisas do mundo de um modo geral.

Este *desejo de saber*, como Lacan preferiu denominá-la, emerge a partir de questões práticas que ameaçam a existência da criança e que dizem respeito ao enigma do sexo. É a angústia diante da diferença dos sexos ou da chegada de um bebê aquilo que promove o surgimento da atividade de pesquisa sexual e suas conseqüentes *teorias*, revelando-se o

Sonia Leite

encontro com uma falta fundamental e as diferentes tentativas de suprimi-la. A pulsão de saber não é, portanto, espontânea, mas baseia-se no narcisismo ameaçado, no encontro do real, que impele o sujeito à atividade de pensar.

“A despeito de seus erros grotescos, as teorias sexuais infantis mostram mais compreensão dos processos sexuais do que se poderia esperar dos seus autores” (FREUD,1905/1977, p.202). Freud julga que embora apresentem equívocos, cada uma delas contém um “(...) fragmento de verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos consideradas geniais para decifrar os problemas do universo” (FREUD,1908/1977, p.218).

O teorizar se confunde, então, com o próprio fantasiar. Não é por acaso que Freud, no artigo “Análise terminável e interminável” (1937/1977), se refere à metapsicologia como a *bruxa*, a quem recorria para produzir explicações — que chama de fantasiar — quando o sem-sentido predominava. Como indica Coutinho Jorge (2006), em *Lacan e a estrutura da formação psicanalítica*, a teoria psicanalítica não deixa de ser, de fato, uma fantasia extremamente consistente, quase que impossível de ser dissolvida.

Porém, visto que a psicanálise, na definição de seu criador (1923/1977), é constituída por um tripé — os conceitos, o tratamento e a investigação — é o encontro com o real da clínica na formação do psicanalista, aquilo que faz furo na teoria, isto é, aquilo que a “perturba”, situando-a sempre aquém da experiência e, por outro lado, levando o

analista a prosseguir com as investigações a partir das interrogações que aí emergem.

No texto *Sobre as teorias sexuais infantis*, um dos pontos mais importantes sublinhados é que toda pergunta — assim como toda pesquisa — é o produto inicial de uma exigência vital, ou seja, da urgência da vida que aí clama. Não é, portanto, algo que flui naturalmente, mas que é fruto de uma necessidade prática produtora de angústia e que pressiona o sujeito ao trabalho psíquico, pois existe uma forte tendência para a inércia, como afirma Freud (1920/1977).

Assim, ao pensamento é atribuída a tarefa de contornar o horror que a ausência de Eros revela. Dessa maneira, as perguntas capacitam o sujeito a produzir sentidos, respostas, para aquilo que poderia tornar-se traumático, à medida que, do ponto de vista do sujeito, se colocasse fora do campo da linguagem (LEITE, 2006).

Um ponto importante do artigo freudiano, e que se articula à indagação inicial do presente trabalho, é que o pensamento da criança tende a se tornar, paulatinamente, independente de situações específicas, operando a partir do que denomina de *pulsão autossustentada de pesquisa* (*Forschertrieb*) (FREUD, 1908/1977, p.216). Para isso, entrará em jogo a posição ocupada pelo outro diante da interrogação da criança, não se tratando, necessariamente, de fornecer a resposta correta, mas de que o seu posicionamento não impeça novas perguntas, pois isto corresponderia a uma verdadeira barreira ao pensar da criança e, em consequência, a um fechamento do inconsciente.

Sonia Leite

Esse ponto leva a considerar que uma Escola sustentada na *psicanálise em intensão* é aquela que favorece a emergência do não-saber, isto é, das perguntas que possibilitam a cada analista encontrar o seu próprio caminho na investigação da psicanálise.

Uma interrogação se coloca: haveria, então, uma passagem de *Wisstrieb* a *Forschertrieb*? Penso que sim e, aqui, talvez se encontre o ponto de onde Lacan destacou os dois aspectos do desejo de saber (LEITE, 2006): o primeiro aspecto considera esse desejo em sua dependência ao desejo do Outro, e indica, paradoxalmente, uma das paixões do ser: a ignorância (LACAN 1953-54/1986). O segundo aspecto se revela no momento da passagem de analisante a analista, ou seja, no *passé* como virada, em que não há mais endereçamento ao Outro, momento de extrema solidão e angústia, em que se revive o desamparo fundamental. É isso que permite a experiência do *desejo sem Outro, saber desejan*te, sustentáculo do desejo do analista.

O que as teorias sexuais infantis, frutos do desejo de saber revelam, são as tentativas de contorno da angústia relativa ao impossível da relação sexual e, por isso, exercem grande influência sobre a forma assumida, posteriormente, pelos sintomas neuróticos. As pesquisas infantis estão fadadas ao fracasso devido à presença do real que nenhum significante é capaz de nomear completamente. Ou seja, o que se desvela é um obstáculo derradeiro ao saber, tornando-se o não-saber sua parte integrante.

O que gostaria de salientar é a necessária mudança na posição do sujeito que a psicanálise, enquanto clínica e investigação possibilita, e que bem se expressa na afirmação lacaniana de que é necessário “(...) *arrancar da angústia a própria certeza*”, ou seja, efetuar uma transferência da angústia (LACAN, 1962-63/2005, p.88). Dessa maneira, mais do que uma função de proteção, é possível retirar do afeto da angústia sua própria afirmação, afirmação de um *impossível*, que sustentou Freud na criação da psicanálise.

Para concluir

Lacan, em 1973, afirma, paradoxalmente, que nunca havia falado de formação do psicanalista, mas em formações do inconsciente. Em outro momento, retomando Freud, considera que, no plano das formações do inconsciente, surge alguma coisa que se chama surpresa.

Convém tomá-la não como acidente dessa descoberta, mas como uma dimensão fundamental de sua essência. (...) O fenômeno da surpresa tem algo de originário (...). A dimensão da surpresa é consubstancial ao que acontece com o desejo, desde que ele tenha passado ao nível do inconsciente (LACAN, 1957-58/1997, p.97).

Poder-se-ia, então, interrogar: a angústia, sinal do real, é aquilo que “pressente” a surpresa? E seria, pois, possível afirmar (positivar) a angústia, de certa forma *desejando-a*? Aqui, talvez, esteja o sentido da

Sonia Leite

pergunta lacaniana, em 1964: como um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão? Pergunta esta que diz respeito ao final da análise.

Fazer a travessia da angústia, na análise e na Escola, suportando — no sentido de ser o suporte — o silêncio, a solidão e a escuridão é a condição da emergência dos significantes fundamentais de cada um, que fazem a borda do furo, que *bordam o furo*, fazendo avançar a pesquisa, bem-dizendo a psicanálise, poetizando o real. Aliás, enquanto Freud tem, em sua obra, o romance como referência maior, Lacan se alinha à poesia. Visa com isto não apenas o efeito de sentido, mas, também, o efeito de furo, que o discurso poético engendra. Porge (2009) chama esse alinhamento de Lacan com a poesia de *clenicidade* do estilo, que tem efeito formador.

A palavra estilo vem do latim *stilus* (estilete), nome de uma punção de ferro, ou de outra matéria, com que antigamente se escrevia, e que passa depois a designar a própria escrita. O estilo é simultaneamente o instrumento que risca e o resultado do traço que se inscreve deixando uma marca. É o que se transmite e se endereça ao outro. Assim, “(...) digamos que o estilo conjuga o nó do sujeito ao outro em que se sustenta o desejo. Lacan inventou uma fórmula para dizer esse enodamento: a fórmula da fantasia, $S \diamond a$, \$ desejo de a ou \$ barrado de a” (PORGE, 2009, p.69). Pode-se ler também a fórmula da fantasia como: o sujeito *estila o objeto a*.

Estilo, enquanto dimensão suplementar ao sentido e que se articula a uma dada maneira de dizer,

fazendo-se suporte do desejo e, também, causa da divisão do sujeito.

Talvez a condição para que haja transmissão de um estilo na formação do psicanalista seja a possibilidade de *estar só na presença de outros*⁷ — estar só com o Outro — e se há, de fato, Escola, *isso* poderá ser compartilhado com alguns outros.

Tramitação:

Recebido em: 02/05/2012

Aprovado em: 08/06/2012

Sonia Leite

Rua Conde de Bonfim, 232 sala 712

Tijuca –RJ

Telefones:22846107/96716435

Fax: 22845930

soniacleite@uol.com.br

Referências

DIDIER-WEILL, Alan *et al.* (2007) *Quartier Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. *Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 211-228. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 9). (Trabalho original publicado em 1905).

⁷ Referencia ao artigo de Winnicott (1979) sobre a capacidade de estar a sós.

Sonia Leite

_____ Sobre as teorias sexuais das crianças. In: _____. *Grádiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 135-252. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7). (Trabalho original publicado em 1908).

_____ O Estranho. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 273-315. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17). (Trabalho original publicado em 1919).

_____ Além do princípio do prazer. In: _____. *Além do princípio de prazer psicologia de grupo e outras obras*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 17-85. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18). (Trabalho original publicado em 1919).

_____ Psicologia de grupo e análise do ego. In: _____. *Além do princípio de prazer psicologia de grupo e outras obras*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 89-169. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18). (Trabalho original publicado em 1921).

_____ Breves Escritos. In: _____. *Além do princípio de prazer psicologia de grupo e outras obras*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 315-329. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas

Completas de Sigmund Freud, 18). (Trabalho original publicado em 1923).

_____ Inibições sintomas e Ansiedade. In: _____. *Um estudo autobiográfico inibições, sintomas e ansiedade a questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.95-201. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 20). (Trabalho original publicado em 1926).

_____ Conferência XXXIV Explicações, aplicações e orientações. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.167-192. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 22). (Trabalho original publicado em 1933).

_____ Análise terminável e interminável. In: _____. *Moises e o monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 239-287. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 23). (Trabalho original publicado em 1937).

JIMENEZ, Stella (Org). *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

COUTINHO JORGE, Marco Antonio (Org.). Lacan e a estrutura da formação do psicanalista. In: _____. *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 85-104

Sonia Leite

LACAN, Jacques. (1953-54) *O seminário livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Capítulos III;IV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____ (1955) A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: *Escritos*. Capítulo IV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1956) Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Capítulo IV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1957-58) *O seminário livro 5. As formações do inconsciente*. Capítulo V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____ (1957) A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Capítulo IV. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ (1962-63) *O seminário livro 10. Angústia*. Capítulos I;V; XXIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ (1964;1971) Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Capítulo V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ (1967) Proposição 9 de outubro de 1967. In: *Documentos para uma Escola II*. Lacan e o Passe. Letra Freudiana, ano XIV, n.0, s/d

_____ (1973). Sobre a experiência do passe. In: *Documentos para uma Escola II*. Letra Freudiana. Ano XIV, n.0, s/d.

LEITE, Sonia. O psicanalista amador e os três desejos – sobre o desejo do analista. In: Coutinho Jorge, M.A. (Org). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 153-164

_____. *Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MANNONI, Maud. *Da paixão do ser à “loucura” de saber Freud, os anglo-saxões e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

PORGE, Érik. *Transmitir a clínica psicanalítica Freud, Lacan, hoje*. Campinas: Unicamp, 2009.

SAFOUAN, Moustapha *et al.*(1995) *O mal-estar na psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1995.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais – ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

WINNICOTT, Donald. *A capacidade de estar a sós*. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979. (originalmente publicado em 1958)

artigo



**Infertilidade sem causa determinada:
considerações psicanalíticas sobre um fenômeno
aparentemente médico**

*Infertility with no determined cause:
psychoanalytical considerations on apparently
medical phenomenon*

Paula Land Curi*

Resumo:

Este trabalho propõe um diálogo entre a medicina da reprodução e a psicanálise. Pretende discutir brevemente o campo da procriação através do fenômeno da infertilidade sem causa determinada, demarcando a necessidade de se pensar além da lógica biológica. Assim, convocamos a um diálogo entre o fenômeno apresentado, a trama psíquica e a condição feminina, evidenciando

* Doutoranda de PUC-SP em Psicologia Clínica. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, Especialista em Psicologia pela PUC-RJ em Psicologia Clínica e em Aspectos Transdisciplinares da Clínica Psicológica em Hospital Geral pela UFF. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Paula Land Curi

o lugar do pai na economia psíquica de uma mulher. Para ilustrar, recorreremos a Maria, uma mulher diagnosticada infértil, submetida a vários procedimentos de reprodução assistida em vão.

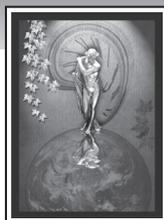
Palavras chave: medicina da procriação, psicanálise, infertilidade, condição feminina.

Abstract

This paper proposes a dialogue between reproductive medicine and psychoanalysis. Intend to discuss briefly the field of procreation through the phenomenon of infertility with no determined cause, delimiting the necessity to think beyond the biological logical. We call for a dialogue among the phenomena presented, the psychic plot and feminine condition, making patent father's position in the psychic economy of a woman. To illustrate, we turn to Mary, a woman diagnosed infertile, subjected to various procedures on assisted reproduction all in vain.

Keywords: *reproductive medicine, psychoanalysis, infertility, female condition.*

artigo



**Infertilidade sem causa determinada:
considerações psicanalíticas sobre um fenômeno
aparentemente médico**

*Infertility with no determined cause:
psychoanalytical considerations on apparently
medical phenomenon*

Paula Land Curi

“A incrementação destes transtornos [das funções procriativas da mulher], evidente apesar dos grandes progressos da medicina nas últimas décadas, obriga-nos a enfocá-los de outro ponto de vista, e frequentemente também de terapia, o método psicanalítico” (LANGER, 1981, p.17).

A sexualidade é tema *princeps* na psicanálise e isto ninguém pode negar. Desde os primórdios, Freud sempre legitimou o inconsciente como sexual e o sintoma como substituto para a satisfação sexual.

Paula Land Curi

Contudo, atualmente, temos a impressão de que temas mais diretamente ligados às questões da vida sexual e reprodutiva, a exemplo dos problemas sexuais e das infertilidades, deixaram de ocupar lugares privilegiados nas discussões dos psicanalistas da contemporaneidade, muito embora haja certo consenso de que a psicanálise deve ser convocada a se engajar nos debates que se apresentam na nossa sociedade: “estar presente nas controvérsias de seu tempo e trazer à tona o que do discurso da psicanálise pode iluminar estes debates”¹.

A princípio, pode parecer um tanto distante do tema proposto pela revista o escolhido para este trabalho, mas, a nosso ver, ele “cai como uma luva” nas questões que se colocam na clínica da contemporaneidade, pois remete não só ao campo do feminino, mas também à clínica de excessos, especialmente quando articulada ao campo da medicina da reprodução.

“Querer um filho a qualquer custo” — esta é a demanda dos casais e, especialmente, das mulheres inférteis, à medicina da reprodução, que, surgida em berço científico como prática discursiva, propõe tratar a verdade que se encontra nos organismos.

Vale recordar que a clínica médica, em qualquer de suas modalidades, sustenta-se entre o olhar médico e o órgão em mau funcionamento. Ela nega o psiquismo, esquecendo que há sempre em jogo “a mediação inexorável de um sujeito, o qual, se não for incluído na ação médica, esvazia seu próprio

¹ Orelha do livro *Adolescência: o despertar*. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise - RJ, 1996, escrita por Maria Anita Carneiro Ribeiro.

sentido, e o curso da doença tende a persistir em sua rota” (SILVA e ROCHA, 2008, p. 70).

A partir disto, podemos dizer que a subjetividade, nossa ferramenta de trabalho, que anima o corpo-organismo, é um fantasma do qual a medicina não quer saber. Com isto, os médicos ficam diante de um “corpo organismo des-subjetivado” (ÁVILA, 2004) que, carecendo de significações outras que não sejam puramente orgânicas, levam o sujeito a um apagamento de sua condição de desejante.

No entanto, não podemos negar que atualmente esse corpo é passível de manobras espetaculares, as quais fazem com que a medicina da procriação tenha em suas mãos a reprodução, mesmo que esta seja reduzida à manipulação de substâncias corporais (CHATEL, 1995).

Com isso, a demanda incansável e incomensurável dirigida à medicina de ter um filho “custe o que custar” pode ser *relativamente* remediada por invasivas e avançadas técnicas de reprodução assistida, uma vez que se dispõe de um saber científico, que se sustenta em uma biotecnologia de ponta, capaz de ultrapassar barreiras orgânicas. Contudo, devemos ressaltar que essa demanda pode ser *relativamente remediada*, pois as evidências mostram que nem sempre as coisas caminham como esperaria a própria medicina, os casais e as mulheres, ditas inférteis, que a ela se submetem.

É sabido que, apesar de o número de mulheres que se prestam a medicina da reprodução aumentar a cada dia e o número de possibilidades de tratamento

Paula Land Curi

também, há ainda um percentual de casos que são enigmas para a medicina, justamente por não terem suas causas conhecidas organicamente. São as chamadas infertilidades sem causa determinada ou infertilidade sem causa aparente.

Elas ocupam os estudiosos da área da reprodução, que, em sua maioria, acreditam que “algo na rede biológica está ali presente, apesar de ainda não ter sido descoberto” (LOBO, 2002, p.38). Marcados pelo “princípio da visibilidade obrigatória” (MARTINS, 2004), os médicos creem que o corpo (organismo biológico) seja suficiente para explicar os fenômenos da reprodução, assim como acreditam que a fecundidade humana seja mais um, entre vários processos fisiológicos, aos quais o homem está submetido.

Contudo, a escuta clínica de mulheres que sofrem de infertilidade sem causa determinada revelou-nos que, apesar de toda a tecnologia, algo se desvela e se encena neste corpo. Revelou-nos também que a fecundidade humana não é um harmonioso processo fisiológico, como se poderia se supor, apesar de ancorado no corpo biológico e de não haver como desconsiderar sua primazia.

O fato é que as infertilidades sem causa determinada/aparente evidenciam, com muita premência, que o organismo, apesar de necessário, é insuficiente para explicar fenômenos do campo da procriação humana. Seguindo esse raciocínio, Chatel nos conta que a questão que se coloca reside no fato de a medicina desconhecer o inconsciente: “a

medicina da procriação desconhece a arquitetura do inconsciente, complexa e vivaz, que constitui a mola da fecundidade humana” (CHATEL, 1995, p.20).

Assim, partindo da clínica, sustentada na escuta de mulheres que buscaram a psicanálise como forma de buscar sentido para esse fenômeno — supostamente médico, apesar de suas causas não serem determinadas — que as acometia, dando-lhes voz, fomos levados a interrogar quais contribuições a psicanálise poderia nos propiciar a respeito das infertilidades sem causa determinada, fenômeno tão usual em nossa sociedade moderna.

Sabíamos, seguindo os estudos de Chatel (1995) e de Clavreul (1985), que mulheres se submetiam à medicina da reprodução e às tecnologias caladas. Sabíamos também que, até então, nenhum tratamento, nenhum método, nenhuma tecnologia tinha sido capaz de reverter a situação dessas *pacientes* que, pacientemente, aguardavam algo mais, mais uma descoberta da medicina: um remédio, um método, uma novidade.

Contudo, ao procurarem a psicanálise, ao procurarem um espaço de fala, onde pudessem ganhar voz e um “escutador”, buscavam uma lógica outra para o fenômeno que se manifestava em seus corpos. Algumas acreditavam que tinham a potência para procriar, uma vez que seus corpos não revelavam quaisquer impeditivos, embora desconfiassem de que algo de outra ordem se apresentasse, reduzindo a sua potência a uma impossibilidade.

Paula Land Curi

Assim, articulando a infertilidade expressa em seus corpos a seus tramas psíquicos, fomos levados a pensar a infertilidade sem causa determinada como um sintoma do sujeito referido à condição feminina.

Vinheta clínica:

Maria é uma mulher adulta que apenas agora pode se ver em “condição de ser mãe”. Até então, ser mãe era algo impensável, longínquo, pois achava que, apesar de este ser seu “sonho desde sempre”, não sustentaria bem esta posição.

Não tem problemas orgânicos detectáveis, mas tem “ciência” que, com 40 anos, sua fertilidade já está comprometida, pois, a possibilidade de uma mulher engravidar depois dessa idade fica muito diminuída, de acordo com as pesquisas médicas. Afirma que é assim: “as chances diminuem à medida que se envelhece”.

Depois de fracassadas tentativas de engravidar espontaneamente, iniciou tratamento , submetendo-se aos mais diversos exames e técnicas que, progressivamente, passaram de simples exames de monitorização de ciclos menstruais até duas inseminações artificiais sem sucesso. Com a ausência de alguma anomalia que pudesse justificar seu quadro, assim como o fracasso de suas inseminações, Maria começou a desconfiar que sua infertilidade, sem causa aparente, como foi diagnosticada, talvez fosse algo que tivesse relação com sua condição de sujeito: “Talvez o problema não esteja em mim [referindo-se ao seu organismo], mas seja eu”.

Chegou a explicitar que a única coisa em que ela acredita atualmente é que talvez seu problema seja “algo psicossomático”, “algo que a mente produz e afeta o corpo”. Esta foi a forma que disse de sua infertilidade, ou melhor, de como neste fenômeno, expresso em seu corpo, algo dela, enquanto sujeito, se manifestava.

Iniciou sua vida sexual tardiamente, já com vinte e tal anos, com um amigo, motivada pelo fato de estar “velha demais para ser virgem”. Jamais teve qualquer problema neste campo, apesar de ter tido poucos relacionamentos, tanto afetivos como sexuais.

Casou-se com um sujeito bem mais velho do que ela, de outro estado, com quem mantinha um relacionamento por telefone. Eram apenas dois telefonemas por semana: um na quarta e outro no sábado, durante vários anos. Contatos físicos eram escassos, especialmente sexuais.

A sua justificativa para tão pouco contato era a contenção de despesas. Mas o fato é que Maria não era uma pessoa que precisava lançar mão deste tipo de economia. Era uma profissional de saúde, autônoma, filha de uma família de classe média alta, e não tinha nenhum tipo de problema financeiro que a impedisse de se aproximar fisicamente de seu então namorado. Diz que sua relação jamais foi virtual, fazendo alusão às frequentes histórias que hoje são contadas, mas sim “telefônica”.

Jamais teve qualquer tipo de problema ginecológico e/ou sexual e acredita que, por isso, engravidou uma única vez, cerca de três anos atrás,

Paula Land Curi

de seu companheiro, logo que se casaram. Antes de se casar, chegou a ocupar-se com contracepção, pois, como qualquer mulher que não tinha nenhum problema físico, tinha mesmo que se prevenir para não ter uma gravidez não planejada. Jamais poderia imaginar que algum dia seria diagnosticada infértil, especialmente depois de ter passado por uma gestação.

Todavia, com extrema simplicidade, Maria revela o que se deu com sua gestação: teve um abortamento espontâneo no primeiro trimestre gestacional. Segundo ela, apesar de os médicos aproximarem seu abortamento à sua infertilidade, este abortamento nada mais foi que um exemplo real de sua impossibilidade de sustentar esta posição, tão desejada e temida, de ser mãe. Era-lhe, naquele momento, impossível se imaginar tendo um filho. Definitivamente, naquele tempo “não tinha condições”. Se por um lado, ficou triste com sua perda, por outro se sentiu aliviada com o que viveu. Seria “um filho fora de seu tempo”.

Como já havia engravidado uma vez, achava-se fértil e, por isto, entendia que não estava onde a medicina procurava o que a tornava infértil. A única justificativa plausível para sua dificuldade só podia mesmo residir na sua hipótese de ser um problema psicossomático. Foi por conta desta crença que resolveu procurar ajuda através da psicanálise. Brincava que acreditava ser possível, no espaço terapêutico, fazer também “algum tipo de reprodução assistida”.

Nos últimos dois anos, Maria havia se submetido a dois procedimentos de inseminação

artificial, “processos estes sempre muito dispendiosos, em todos os sentidos”. Ambos fracassaram, apesar de ela ter feito tudo absolutamente como mandava seu médico. Remédios, injeções, internações, fertilizações, implantações. Tudo para ter seu tão sonhado filho.

Cansada de tantos exames e procedimentos, Maria disse precisar de um espaço para falar de sua vida, seja com ou sem filhos biológicos, assim como para poder trabalhar algumas questões que a acompanham desde muito pequena: sua complicada relação com sua mãe, a dificuldade de pensar sua mãe como mãe, assim como de se pensar como mãe.

Como as implantações não deram certo, Maria ficava cada vez mais distante de seu sonho, fazendo-a acreditar que teria “mesmo que adotar e esquecer toda esta loucura de tratamentos” para poder tornar-se mãe. A adoção, apesar de ser um caminho possível em seu pensamento, na prática, Maria achava impossível, pois, jamais conseguiria ser uma mãe adotiva.

Na dificuldade de dizer mais de sua mãe, ou melhor, desta mulher que ela sabia que “não conseguiu propriamente ser sua mãe”, Maria falava que ser mãe se configurava para ela como um grande enigma, pois sua mãe jamais se ocupou com suas filhas, Maria e sua irmã mais nova. Relatou então uma série de desavenças, rivalidades, afetos e sentimentos ambivalentes dirigidos a essa mulher “onipotente”, “egoísta”, “invasiva” que jamais abria mão de um tempo seu para as filhas.

Paula Land Curi

Segundo Maria, seu pai também não se importava muito com as filhas. Deixava tudo correr muito frouxo, desde que não lhe desse trabalho e que não atrapalhasse sua vida profissional. Era um tanto omissivo em relação às filhas e outro tanto subserviente à sua mãe. Era descrito por Maria como um “homem muito feminino” que inclusive cuidava de muitas mulheres. Era ginecologista-obstetra.

Se seu pai teve uma vida distante de Maria, hoje, idoso, se encontra muito próximo dela. Nessa história do tratamento de Maria para engravidar, é ele quem arruma os médicos e os tratamentos. Tenta, através do discurso médico, remediar a situação da infertilidade da filha, estando sempre atento a mais uma novidade. No passado, Maria diz que não sabe onde seu pai estava, para quem ou para onde ele olhava...

No entanto, em contraponto, a posição ativa que seu pai-ginecologista hoje exerce, próxima à de outrora, seu companheiro “não fede nem cheira”. Parece querer filhos, mas é narrado como um sujeito fraco, impotente, que não seria capaz de se investir do lugar de pai, assim como seu pai teria sido na infância dela. “Ele não consegue nem ganhar dinheiro para o sustento de si próprio, quiçá para uma família”. Segundo ela, seu companheiro “era ainda um menino, apesar de seus quase 50 anos”.

Maria diz, num tom de brincadeira, que, se realmente conseguir ter um filho, caso consiga engravidar e sustentar a gestação — não tiver novo abortamento — será mesmo “mãe solteira”, apesar de casada. Sozinha e sem referências, exceto àquelas

(im)postas pelo saber médico em relação aos muitos exames e procedimentos, Maria propõe-se a buscar em si mesma resposta para sua infertilidade sem causa aparente.

Considerações

O breve relato de como Maria chega para atendimento é bastante próximo àquilo que é relatado por vários autores² que trabalharam com abortamentos, fossem espontâneos ou provocados, infertilidades sem causa aparente, ou mesmo com “transtornos da maternidade”. Eles evidenciam que mulheres que apresentam transtornos em sua vida procriativa revelam, através do corpo, que psiquicamente não poderiam conceber/sustentar a gestação, ressaltando que essas mulheres apresentam questões com a sexualidade e com a maternidade, especialmente por estarem presas ao campo materno.

Os problemas da vida sexual e reprodutiva das mulheres sempre se apresentaram, na literatura psicanalítica, como fenômenos articulados à dependência materna. Foi isto que Helene Deutsch evidenciou nos anos 40, quando se dedicou à sua *Psicologia da Mulher* (DEUTSCH, 1944-45). Balizada especialmente por sua clínica com mulheres, a autora investiu num trabalho detalhado sobre a mulher e concluiu que, no cerne dos transtornos relacionados à vida sexual e reprodutiva de uma mulher, que vão desde a frigidez às infertilidades, estava sempre uma intrincada relação com sua mãe.

2 Chatel (1995), Deutsch (1944), Langer (1981), Salerno (1968), Soifer (1981) e Szejer (1997), dentre outros.

Paula Land Curi

Claro está que, em certo sentido, a autora inaugurou a possibilidade de caminharmos na direção de tentar compreender o fenômeno das infertilidades a partir da interrogação do papel primordial que tem a fase pré-edípica na constituição do sujeito-mulher, nos seus desdobramentos em termos de desenvolvimento psíquico, assim como na sua vida sexual e reprodutiva. E, sem dúvida, contribuiu para legitimar o lugar fundamental que a mãe tem na constituição da vida psíquica de uma filha — fato exposto por Freud em seus trabalhos de 1931 e 1932.

Contudo, acreditamos que tentar explicar as infertilidades sem causa determinada apenas por esse viés nos seja insuficiente para a compreensão do fenômeno aqui abordado, pois reduzi-lo apenas a certa “captura materna” seria uma grande ingenuidade de nossa parte. Embora autores que trabalham com este tema venham tentando pormenorizar a relação mãe-filha a fim de compreender como esta incide na sexualidade e na função procriativa de uma filha, este é um caminho que, entendemos, cumpre sua função elucidativa e explicativa apenas de maneira parcial.

Sabemos que intrincadas e complexas relações com a mãe apresentam-se para todas as mulheres, férteis ou não, e que a constituição de um sujeito, seja homem ou mulher, passa sempre por sua mãe, que é o primeiro objeto de amor para ambos os sexos. Ou seja, aquilo que se apresenta como intrincado na relação entre mãe e filha não é patrimônio exclusivo de mulheres que evidenciam transtornos na vida sexual e reprodutiva. Evidenciando isto, fomos levados a

tomar outro rumo e refletir sobre a infertilidade pelo seu reverso, ou seja, a fertilidade.

Com isso, deslocamo-nos da relação entre mãe e filha e deslizamos para a possibilidade de inscrever o pai nessa relação, ultrapassando assim o chamado “pré-edípico”. Nossa aposta sustenta-se na necessidade de questionar o que faz uma mulher se tornar fértil, possibilitando assim um destino outro que não a infertilidade. Afinal, Freud nos deixou algumas indicações de que a menina precisa de um pai (fertilizador), que lhe abra caminho para se constituir como uma mulher.

De menina à mulher (fértil):

“O caminho para o desenvolvimento da feminilidade fica aberto para a menina, desde que não seja limitado pelos resíduos da superada ligação pré-edípica com a mãe” (FREUD, 1933 [1932], p.392).

Freud salientou a importância da fase pré-edípica no processo de constituição de uma menina, mas também não cansou de dizer que esta fase cria fixações e disposições. Assim, levou em consideração o fato de algumas mulheres permanecerem detidas em suas relações originais com a mãe, não alcançando uma verdadeira mudança em direção aos homens.

Consequentemente, se perguntou sobre aquilo que faria com que uma menina se afastasse de sua mãe para dirigir-se a seu pai e então ingressar no complexo de Édipo. Tal passo, em direção ao

Paula Land Curi

pai, seria extremamente importante no curso do desenvolvimento psíquico de uma menina, pois, segundo Freud (1931), trata-se de “algo mais do que uma simples mudança de objeto”. Assim, a menina, ao buscar o pai, buscaria mais do que uma mudança de sexo e de objeto — buscaria um elemento separador, capaz de propiciar um afastamento da mãe.

Zalberg (2003) nos conta, em seu livro *A relação mãe-filha*, que quando Freud aceitou a tese de que o pai não era objeto primário de amor da menina e que havia alguém que o antecedia, foi levado a se interrogar como se dá o processo de mudança de objeto de amor da mãe para o pai. Pontuou: “É diferente com a menina. Seu primeiro objeto foi também a mãe, certamente. Mas como ela acha o caminho até o pai? Como, quando e por que ela se desprende da mãe?” (FREUD, 1931, p. 372). Afinal, a menina busca no pai o que a mãe não lhe pode oferecer.

A menina, ao permitir que seu desejo deslize através da equação simbólica de pênis para bebê e, posteriormente, do bebê para o homem, sendo “o homem o último da equação, o que faria dele um apêndice do pênis” (ZALCBURG, 2003, p. 38), passaria da inveja do pênis para o desejo de pênis e, concomitantemente para o desejo de um homem.

Assim, nas palavras de Freud: “Mas, no final do desenvolvimento, o homem — pai — deve se tornar o novo objeto de amor, ou seja, a mudança de sexo da mulher tem de corresponder à mudança de sexo no objeto” (FREUD, 1931, p.377). E

mais, “o translado³ das ligações afetivas do objeto materno para o paterno constitui o teor principal do desenvolvimento que leva à feminilidade” (p.380).

Desde os primórdios da psicanálise, Freud não cessou de afirmar a prevalência do pai na construção daquilo que chamou a realidade psíquica. Pai sedutor, pai da horda, pai da fantasia. E assim ele foi elaborando o papel do pai na constituição psíquica de uma menina.

Além disso, seguindo as orientações dos ensinamentos lacanianos, percebemos que a constituição particular da menina aponta para sua demanda de saber como o pai faz da mulher um objeto causa de desejo e como sua mãe se posiciona nessa relação.

A forma como o pai considera a mulher em sua fantasia torna-se questão fundamental para uma menina e é a via pela qual Lacan reinterpretará o Édipo feminino — a forma perversa de uma mulher amar o pai: uma *père version*. Essa é a nova versão que adquire a metáfora paterna no ensinamento laciano, pois o pai, inspirado em causa, comporta algo da potência de criação e aponta para a inscrição do desejo do pai na subjetividade da filha.

É em relação à potência do pai — de ele poder sustentar sua posição em relação à mulher, isto é, fazer dela a causa de seu desejo — que o pai desempenha um papel central na subjetividade da filha. É

3 O tradutor Paulo César de Souza faz uma nota relacionando o uso da palavra translado em vez de transferência. Segundo o autor, o uso serve para evitar confusão com o notório conceito de transferência em Freud, 1931, p. 380.

Paula Land Curi

importante para a filha que a mãe esteja disposta a se prestar à perversão de um homem, em jogos desenvolvidos na comédia dos sexos; como lhe é importante que o pai encontre o objeto causa de seu desejo em uma mulher e faça a doação de um pedaço de seu desejo à filha” (ZALCBERG, 2003, p.108).

Para Nominé (1997), deveríamos nos perguntar o que outorgaria o estatuto de pai a um homem. Para ele, há de se interrogar o que é um pai, pois apenas entrar no discurso, num certo momento, não faz do pai um pai e não dá à mãe o lugar de mulher. Marcado pelo ensinamento lacaniano, o autor nos conta que o pai é aquele que também faz de uma mulher seu objeto, ou seja, é aquele que deve pôr em jogo seu desejo perverso no encontro com sua mulher.

O pai é aquele que promulga a lei simbólica primordial da proibição do incesto, entrando em cena como um operador simbólico, estruturando o sujeito como desejante, visto que ao barrar o desejo da mãe possibilita ao sujeito desejar. Contudo, seu papel vai além: ele precisa situar a mãe de seus filhos no papel de uma mulher que lhe cause desejo (NOMINÉ, 1997).

Ele deve gozar de sua mulher, mãe de seu filho, evidenciando que ela é uma mulher para o pai. Assim o pai se encarrega de propiciar uma divisão entre a mulher e a mãe, fazendo com que a figura da mãe se desdobre em mãe e mulher, em uma função materna e uma feminina, na medida em que a mãe também é uma mulher.

É exatamente esta especificidade que nos leva ao pai, uma vez que a função feminina só se faz possível se o pai puder dar à mãe o que ela deseja, e mais, puder dar aquilo que ele possui. Assim, torna-se importante considerar que entre mãe e filha há o pai, o falo, e que não podemos nos circunscrever ao âmbito da sexualidade feminina pensada apenas pela qualidade da mãe.

Embora saibamos que o olhar da mãe é também um olhar estruturante — olhar desejante do Outro materno — e que através dele se dá o suporte identificatório de uma mulher na constituição da feminilidade, há de se considerar que se torna fundamental escapar da especularidade constitutiva. A menina deverá poder buscar um novo olhar: o olhar desejante de seu pai por sua mulher, para poder dessa forma lhe ser acessível um novo horizonte em direção à constituição da feminilidade. A menina, neste sentido, precisará seguir o olhar do pai, procurando ver para onde ele vai, para onde aponta seu desejo.

Ribeiro (2011), ao se valer da mitologia grega, em seu livro *A relação mãe e filha: a transmissão da feminilidade*, tece algumas hipóteses interessantes que podem nos ser úteis na compreensão acerca das infertilidades. Segundo a autora, faltar-lhes-ia um pai, já que a fertilidade se transmite no espaço *entre* mãe e pai, já que, “para usufruir da heterossexualidade, uma mulher depende da capacidade de transformação de sua erótica paixão inaugural com a mãe” (p.30). Ela nos lembra que não é de um pai qualquer que a menina necessita, mas de “um pai confiável (...) capaz de apreciar a feminilidade de sua filha, e também de reconhecer e aceitar a interdição dessa relação” (p. 28).

Paula Land Curi

Assim, podemos dizer que a constituição do sujeito-mulher e a relação que este mantém com as questões da vida sexual e procriativa incidem não só na relação que a menina estabelece com sua mãe, mas também no modo como, através do pai, ela pode construir para si uma dimensão criativa, que possibilite sair de tragédia fusional à qual toda mulher estaria sujeita, chamada por Freud catástrofe e, por Lacan, devastação.

Breves conclusões

A concepção — gravidez e maternidade — parece consistir em um grande desafio no processo de construção da feminilidade nas mulheres (RIBEIRO, 2011, p. 12).

Foi a própria clínica com mulheres diagnosticadas inférteis sem causa determinada que nos revelou dados importantes, que não poderiam deixar de ser aqui considerados para o desenvolvimento deste trabalho. Em seus relatos, assim como nos de Maria, seus pais e companheiros eram sempre relegados a um plano secundário, revelador de suas impotências em suas funções.

Foi essa evidência que nos levou a querer avançar um pouco mais e buscar um caminho outro para trilhar, que pudéssemos considerar mais fértil. Para isso, supomos a necessidade de ultrapassar o pré-edípico — que, não há dúvidas, deixa muitas disposições e fixações — para podermos adentrar no campo paterno, tendo em vista que a fertilidade de uma mulher, construída na passagem da menina à mulher, convoca um pai fertilizador.

Tendo em vista a pregnância dada à relação mãe-filha no cenário das pesquisas acerca das infertilidades sem causa determinada, não ficou claro como a relação entre mãe e filha compromete a fertilidade da segunda. Assim, corroborando as pesquisas de Ribeiro (2004; 2011), o campo da infertilidade nos convoca a uma indagação sobre o papel do pai, exatamente como fez Lacan (1938) quando distinguiu a função paterna da do matrimônio. Ele deixou claro que não basta que um homem cumpra as exigências matrimoniais para que seja reconhecido como pai, já que sua posição na família não se confunde com sua posição no complexo — seu papel normatizador.

Freud (1932) já havia nos mostrado que a passagem da mãe ao pai, tão intrincada para a menina, perpassa a sua demanda ao pai. Ou seja, necessariamente, para uma menina tornar-se mulher, para poder ascender ao seu sexo, à condição de mulher e de mãe, precisaria poder transitar entre mãe e pai.

Podemos dizer que a constituição de um sujeito-mulher aponta para a necessidade da menina poder atravessar a “grande teia materna”⁴ e, para isto ocorrer, precisa contar com um pai que seja capaz de sexualizá-la e inseri-la no registro das trocas simbólicas, como nos mostrou Lacan a partir da releitura do texto freudiano intitulado “Fragmentos de um caso de histeria” (1905 [1901]).

4 Luis Cláudio Figueiredo usa o termo “grande teia materna” na apresentação do livro de Marina Ribeiro (2011) fazendo alusão a uma escultura de Louise Bourgeois chamada Maman. Diz o autor: “muitas filhas sentem-se efetivamente enjauladas, prisioneiras, então, da grande teia materna”.

Paula Land Curi

Seguindo algumas coordenadas propostas pela psicanálise, podemos concluir que a (in) fertilidade convoca a importantes considerações acerca da sexualidade feminina e, com isso, nos lança a um campo que ultrapassa as fronteiras de um território exclusivamente médico, apontando para a necessidade de se evidenciar o campo simbólico, fundado pela lei paterna.

Maria, como muitas outras mulheres aprisionadas no discurso médico, tentou buscar em seu organismo respostas para o mal que a acometia. Mas tudo foi em vão. Foi então buscar um sentido para sua infertilidade (dita sem causa aparente) em outro lugar e deparou-se com uma trama — sua própria trama psíquica e os dilemas e entraves da feminilidade.

Ela nos mostrou, através do trabalho clínico, que a fertilidade e a maternidade não são simples fatos que atravessam as vidas das mulheres com vida sexualmente ativa, como dizem os médicos. Pode revelar também que sua infertilidade articulava-se à sua trama psíquica e se apresentava como seu sintoma. Para Maria, ser mãe significava bem mais do que poder fecundar e parir...

Com isto, pudemos concluir que conceber, gerar e criar (adotar) são conquistas psíquicas que demandam trabalho para ultrapassar barreiras que se apresentam como constituintes da própria condição feminina. E, para isto, há de se refletir sobre o papel preponderante que tem o pai na economia psíquica de uma mulher, pois, em sua função de

metáfora, é ele quem possibilita o trilhamento de uma menina em direção à fertilidade, a maternidade e a feminilidade.

Tramitação:

Recebido em: 02/05/2012

Aprovado em: 08/06/2012

Paula Land Curi

Trav. Francisco Dutra, 163/701

Icaraí, Niterói, RJ.

CEP: 24.220-150

Fone:(21) 27147077

E-mail: landpaula@yahoo.com.br

Referências

ÁVILA, L. A. *O eu e o corpo*. São Paulo: Escuta, 2004.

CHATEL, M.-M. *O mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução*. Rio de Janeiro: Editora Campo Matêmico, 1995.

CLAVREUL, J. *A Ordem médica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DEUTSCH, H. *Motherhood*. New York: Grune & Stratton, 1945.

FREUD, S. Fragmentos de um caso de histeria. In: _____ *Fragmento da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

Paula Land Curi

e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1980, (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7) (Trabalho original publicado em 1905).

_____. Sexualidade feminina. In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 371-398. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos, v. 18. (Trabalho original publicado em 1931).

_____. Feminilidade. In: _____. *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 263-293. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos, v. 18. (Trabalho original publicado em 1932).

LACAN, J. *O mito individual do neurótico* (1938). Assírio Alvim: Lisboa, 1980.

LANGER, M. *Maternidade e sexo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LOBO, J. Infertilidade sem causa aparente: um mais além da lógica biológica. 2002. 180p. Dissertação (mestrado em Saúde de Mulher e da Criança). FIOCRUZ (por extenso)/ Instituto Fernandes Figueiras - RJ.(DATA)

MARTINS, A. P. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2004.

NOMINÉ, B. *O sintoma e a família*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise-MG, 1997.

RIBEIRO, H. C.; POLLO, V. (Org). *Adolescência: o despertar*. Kalimeros: Escola Brasileira de Psicanálise-RJ, 1996.

RIBEIRO, M. *Infertilidade e reprodução assistida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. São Paulo: Escuta, 2011.

SALERNO, E. *Ginecologia Psicossomática*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

SILVA, P. R. M.; ROCHA, M. S. O ato médico e a subjetividade. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n.1, p. 69-81, mar. 2008.

SOIFER, R. *Psicologia de gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

SZEJER, M. *Nove meses na vida de uma mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

ZALCBERG, M. *A relação mãe-filha*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

artigo



A apropriação laschiana do conceito de narcisismo de Freud

The Lasch's appropriation of freudian's concept of the narcissism

Eloy San Carlo Maximo Sampaio*

Eva Maria Migliavacca**

Resumo

O narcisismo é um conceito fundamental da teoria freudiana e que, ao longo de quase três décadas de desenvolvimento, apresentou diferentes significações na sua elaboração. Uma série de autores pós-freudianos se apropriaram desse conceito, dentre eles Christopher Lasch, que utilizou o narcisismo para compreender

* Mestrando em Psicologia Clínica – IPUSP

** Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. - Livre-docência no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2004). - Doutorado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1992). - Mestrado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1987). - Graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1979).

o cenário psicossocial contemporâneo. O presente artigo objetiva compreender qual é a apropriação laschiana do conceito de narcisismo. Conclui-se que Lasch privilegia o narcisismo em sua dimensão paranóica.

Palavras chave: narcisismo, Lasch, paranóia, Freud.

Abstract

Narcissism is a fundamental concept of Freudian theory, which has developed in its meanings along the years. Amongst the post-Freudians authors, Christopher Lasch has taken such a concept to comprehend the contemporary psychosocial scenario. The aim of this article is to investigate the kind of appropriation Lasch makes of the narcissism concept. It concludes that it is used especially in it's paranoid dimension.

Keywords: narcissism, Lasch, paranoia, Freud.

artigo



A apropriação laschiana do conceito de narcisismo de Freud

The Lasch's appropriation of freudian's concept of the narcissism

**Eloy San Carlo Maximo Sampaio
Eva Maria Migliavacca**

Introdução

O narcisismo é um conceito fundamental para a psicanálise. Desde a sua emergência na obra freudiana é possível constatar a sua fertilidade para iluminar uma série de fenômenos clínicos como homossexualidade, paranoia, megalomania, luto e melancolia. Além disso, também deve ser salientado que o narcisismo, a partir do momento em que ocupa um lugar na metapsicologia, inicia questões que engendram mudanças importantes no interior da própria psicanálise. O narcisismo contribuiu assim para a modificação da teoria das pulsões, a emergência da segunda tópica, a teoria da angústia e da libido.

No campo das elaborações sociais, a incidência do conceito também deixou marcas importantes, como na discussão do narcisismo das pequenas diferenças, na identificação narcísica do sujeito com o grupo e no chamado sentimento oceânico.

A sua fertilidade após Freud também se manteve. Existe uma série de autores pós-freudianos que deram uma atenção especial ao conceito. Lacan (2000) transforma o narcisismo em um dos pontos de partida do seu projeto; basta lembrar que o seu estádio do espelho se relaciona com essa construção. Kohut (1984), por sua vez, começa a trabalhar com o conceito freudiano de narcisismo para avançar a discussão e investigar as dimensões integrativas do fenômeno. Contemporaneamente, Green (1982) também utiliza o narcisismo para propor uma nova compreensão sobre esse estado psíquico, construindo aquilo que ele chama de narcisismo de vida e de morte.

Nesse cenário, um autor se tornou célebre por utilizar o narcisismo para as suas análises sociais. Lasch buscou compreender as peculiaridades da relação indivíduo e sociedade no contexto norte americano pós década de 60. O capitalismo desenvolvido, a burocracia, e a cultura do *sobrevivencialismo* são alguns dos pontos analisados que ajudariam na manutenção de uma pauta psíquica marcada pelo narcisismo. Apesar de ter se ocupado das transformações da sociedade norte americana iniciadas algumas décadas atrás, as elaborações ainda continuam pertinentes para entender algumas questões do mundo atual, em especial a relação entre a vida psíquica e o atual modo de produção.

Verifica-se assim que o narcisismo tem uma ampla incidência na psicanálise, seja no interior da própria teoria freudiana, seja nos trabalhos dos pós-freudianos. Todavia, há que se considerar que o narcisismo não é um conceito dado de imediato, pois existe uma polissemia dentro da obra de Freud. Afinal, estamos diante de uma elaboração que se fez presente por mais de três décadas nos escritos do autor. Assim, o presente artigo objetiva discutir qual é a apropriação feita por Lasch do conceito freudiano de narcisismo. Qual é, dentre os vários momentos da construção teórica sobre o narcisismo, o ponto utilizado por Lasch para as suas análises psicossociais.

O narcisismo em Freud: a polissemia nos textos clínicos, metapsicológicos e sociais

Apesar de não se notar uma ruptura epistemológica em torno do narcisismo, seria errôneo pensar que ele significou a mesma coisa ao longo de toda a obra freudiana. Essa complexidade se tornou um terreno fértil para o engano e para o não rigor. Afinal, ao falarmos de narcisismo seria possível pensar que estaríamos diante de uma realidade facilmente compreensível, de algo que já está aí, imediatamente disponível para o entendimento. Entretanto, existem nuances conceituais relevantes que devem ser observadas ao tratarmos desse objeto.

A primeira menção ao narcisismo ocorreu em uma reedição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). A presença do termo em uma das obras angulares da psicanálise já antevia a importância que ele ocuparia no interior da teoria. Na re-edição

de 1910, o narcisismo surge no capítulo denominado “As aberrações sexuais”. Em tal texto, Freud busca compreender a condição da sexualidade perversa, privilegiando os casos nos quais ocorre um desvio em relação ao objeto sexual. Sua análise se inicia pela consideração dos homossexuais, que, nesse momento de elaboração teórica, estão circunscritos à perversão e são denominados por Freud de *invertidos*.

É na tentativa de elucidar os mecanismos psíquicos atuantes na escolha objetual dos homossexuais que o conceito de narcisismo é utilizado e Freud propõe:

É verdade que a psicanálise não trouxe até agora um esclarecimento completo da origem da inversão; não obstante, desvendou o mecanismo psíquico de sua formação e enriqueceu substancialmente a colocação dos problemas envolvidos. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmo como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905/1996, p.137).

O narcisismo seria, assim, nessa fase, uma categoria explicativa de um tipo de escolha objetual perversa. Todavia, é necessário salientar que, já

nessa época, “a investigação psicanalítica opõe-se [opunha-se] com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular” (FREUD, 1905/1996, p.137). Tal oposição estava baseada no fato de que não existe uma ordem fixa entre a pulsão sexual e o objeto, sendo mais correto considerar que “de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto” (p.140). Isso equivale a dizer que neurose e perversão não eram condições totalmente estanques, o que fica especialmente claro se atentarmos para o fato de que Freud estabelecia que “a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1905/1996, p.157).

A vinculação entre narcisismo e escolha objetal dos homossexuais se manteve nas obras subsequentes. Em “Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância” (1910) o conceito é utilizado pela primeira vez como parte integrante do texto original. Ao analisar a psicogênese do homossexualismo, Freud propõe que ele deve ser compreendido a partir de um cenário no qual

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente — ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo, ele transformou-se num homossexual [...] o que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama, à medida que cresce, são apenas figuras substitutivas e lembranças de si

próprio durante a infância — meninos que ele ama da maneira que sua mãe *o* amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia a sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor de mesmo nome (FREUD, 1910/1996, p. 106).

O narcisismo, então, é considerado um retorno ao autoerotismo, sendo determinante para o estabelecimento de uma escolha objetal homossexual. Entretanto, se por um lado a relação entre narcisismo e homossexualidade se mantém nas produções posteriores, o mesmo não pode ser dito da sua vinculação com o autoerotismo. Nas obras subsequentes, Freud irá, paulatinamente, diferenciar os dois estados.

Em 1911 no “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” (*Dementia paranoides*), também conhecido como Caso Schreber, o narcisismo sai do domínio exclusivo da perversão e passa a ser considerado uma etapa universal do desenvolvimento libidinal. Tal fenômeno estaria presente na estrutura neurótica e seria atuante na montagem de alguns fenômenos psicóticos. Segundo Freud, existiria

(...) um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do

indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades autoeróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso, e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo como objeto. Essa fase equidistante entre o autoerotismo e o amor objetual pode, talvez, ser indispensável (FREUD, 1911/1996, p.68).

Esta tomada de si mesmo como objeto é apenas uma etapa preliminar da relação objetual baseada na alteridade. Mas, no percurso, notam-se gradações, visto que, após a travessia do momento narcísico, o sujeito toma objetos exteriores que possuem o mesmo órgão genital seu, dando início, assim, a uma vinculação homossexual.

De importância principal no eu (self) do sujeito assim escolhido como objeto amoroso já podem ser os órgãos genitais. A linha de desenvolvimento, então, conduz à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes — isto é, uma escolha objetual homossexual — e daí ao heterossexualismo (FREUD, 1911/1996, p.69).

A homossexualidade é tomada, portanto, como constitutiva do desenvolvimento psicosssexual, além de ser fundamental para o estabelecimento de laços sociais, como a amizade, o sentimento de grupo ou o sentido de coletividade.

Em algumas pessoas, todavia, ocorre uma ressexualização dos laços sociais. A homossexualidade retorna e pode, por vezes, provocar movimentos que tentem negar esse estado, tornando-se um dos mecanismos centrais para o estabelecimento da paranoia. Isso significa que “os paranóicos se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias sociais instituais” (FREUD, 1911/1996, p.70). E é na tentativa de compreender os motivos pelos quais ocorre o retorno do homossexualismo que Freud propõe que

(...) os paranóicos trouxeram [trazem] consigo uma *fixação no estádio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranoia. (FREUD, 1911/1996, p.79-80).

Em 1914 Freud lança uma obra fundamental para a discussão. “Sobre o narcisismo: uma introdução” representa um grande avanço na reflexão sobre o tema. No texto, o narcisismo é abordado em toda a sua radicalidade e integrado definitivamente na metapsicologia. Seguindo uma linha de raciocínio presente nos textos anteriores, propõe que o narcisismo é um elemento universalmente presente, mas que — e essa é a novidade — possui dois tempos: o narcisismo primário e o secundário.

O narcisismo primário é o momento subsequente ao autoerotismo, no qual as pulsões parciais são reunidas pela adição de uma “nova ação

psíquica” (FREUD, 1914/1996, p.84). No artigo, o narcisismo é caracterizado pela localização da libido no ego. A retenção libidinal, todavia, provoca um aumento de tensão, a psique regulada pelo princípio de prazer acaba buscando vias de escoamento, e isso dá origem as vinculações objetais.

As relações objetais surgem por conta de uma exigência econômica. A libido empregada é a mesma que anteriormente estava configurando o narcisismo primário. Mas nem sempre as ligações objetais podem ser mantidas e quando, porventura, estabelece-se um rompimento, a libido retorna para o seu lugar de origem, ou seja, para o ego. Tal retorno libidinal caracteriza o narcisismo secundário.

Cabe observar ainda que nem toda libido egóica é transformada em libido objetal. Parte dela opera uma mudança no interior do próprio ego, constituindo uma instância ideal. O ideal do ego, além de descendente do narcisismo, é a instância que comportaria as exigências sociais que pesam sobre o indivíduo; seria o modelo a ser seguido pelo ego. O ideal do ego é um ponto de articulação determinante da relação entre indivíduo e sociedade, pois exemplifica como as prescrições culturais se fazem presentes na vida psíquica.

A problemática em torno das relações objetais e o narcisismo é retomada em “Luto e melancolia” (1917). Para Freud, tanto o processo de luto quanto o de melancolia surgem diante da impossibilidade de manter uma determinada vinculação objetal. Observa que tais estados compartilham vários elementos,

como a retirada do interesse em relação ao mundo externo e, conseqüentemente, a inibição da atividade e a incapacidade de amar. Porém, apenas a melancolia apresenta “uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1917/1996, p.250). Também na melancolia, diferentemente do luto, não se sabe exatamente o que foi perdido, de maneira que “isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência” (FREUD, 1917/1996, p.250).

A recriminação constante que o melancólico apresenta comumente em relação a si mesmo poderia ser aplicada também a algum objeto que o sujeito amou ou deveria amar. Freud propõe que isso se deve ao fato de que, na melancolia, a vinculação objetal foi substituída por uma identificação com o objeto perdido:

(...) existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destruída. O resultado não foi o normal — uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo — mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o

ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado (FREUD, 1917/1996, p.254).

Desse modo, podemos perceber que uma relação objetal foi substituída por uma identificação. Embora tal mecanismo, nesse momento da elaboração teórica, esteja relacionado apenas à melancolia, ele será usado posteriormente para elucidar o processo de constituição do ego e do superego, tal como é apresentado no texto “O Ego e o Id”, de 1923.

Cabe observar que essa parte do ego modificada pelo rompimento da relação objetal é o alvo das recriminações de uma instância crítica que, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) tinha sido definida como sendo o ideal do ego. O ego modificado é tratado como se fosse o objeto perdido. Assim, “uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação” (FREUD, 1914/1996, p.255). Esse processo se liga ao narcisismo, pois a identificação egóica faz com que a libido seja investida no próprio ego.

Em “O mal estar na civilização” (1930) o narcisismo é abordado sob a ótica do “narcisismo das pequenas diferenças”. Existiria uma tensão inerente à relação entre sujeito e cultura pela dupla renúncia pulsional: por conta da civilização, não é possível obter total satisfação da pulsão de vida, tampouco da pulsão de morte. Todavia, a não realização pulsional não significa sua eliminação; traços como

a agressividade e destrutividade, ligados à faceta mortífera da pulsão, ainda agiriam na sociedade. Esses elementos encontrariam no narcisismo das pequenas diferenças um escoadouro. Ele seria basicamente um fenômeno que garantiria a coesão grupal pelo ataque a comunidades externas. Ao analisar a questão Freud propõe:

Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a isso o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, que não chega a contribuir muito para o seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade (1930/2010, p. 81).

Existe assim uma multiplicidade de nuances a respeito do narcisismo. Ele pode estar vinculado a uma ordem perversa, participar da etiologia da paranoia, possuir dois momentos, como no narcisismo primário e secundário, contribuir para os estados de luto e melancolia, se relacionar à criação das instâncias ideais, ou ainda emergir pela égide do narcisismo das pequenas diferenças. Diante dessas possibilidades, torna-se lícita a indagação de qual dessas apropriações os autores pós-freudianos utilizam em seus trabalhos. Dentre esses, Lasch se destaca pela agudeza das suas construções sobre a relação entre narcisismo e sociedade, condição esta que é atestada pela

repercussão que sua obra tem no cenário científico atual. O presente artigo objetiva discutir qual faceta do conceito freudiano de narcisismo é apropriado por Lasch nas suas reflexões sobre o cenário psicossocial contemporâneo.

Teoria laschiana e narcisismo

Christopher Lasch foi um teórico norte americano conhecido por sua análise da sociedade capitalista. Inserido em uma tradição teórico-crítica da qual também participam Adorno, Horkheimer, Marcuse, Habermas, fontes de inspiração e crítica do próprio Lasch, buscou compreender a articulação entre as pautas psíquicas e as determinações sociais contemporâneas, sempre atento à tensão inerente a tal relação. Em suas investigações, o conceito de narcisismo foi fundamental para o desvelamento da realidade. Esse fenômeno, tomado em sua dimensão patológica, surgiria e seria funcional ao nosso tempo, pois “cada época desenvolve suas próprias formas peculiares de patologia, que exprimem em forma exagerada sua estrutura de caráter subjacente” (LASCH, 1983, p.66).

Nas suas principais obras que trabalham com o conceito, *A cultura do narcisismo*, publicada em 1979 e *O mínimo Eu*, publicado em 1984, existe a tentativa de compreensão das configurações psicossociais norte americanas que emergiram após a década de 60. Participam desse quadro elementos como a consolidação do capitalismo desenvolvido, a crescente burocratização da sociedade e um sentimento de destruição iminente, devido ao exaurimento dos recursos naturais, à guerra fria e à ameaça nuclear.

O capitalismo desenvolvido foi um conceito desenvolvido por Habermas que propõe um deslocamento das contradições econômicas dos planos políticos e culturais habituais. Costa (2003) esclarece que, em tal contexto,

A economia é regulada cada vez mais pelo Estado, tornando latentes os conflitos de classe segundo a clássica ótica marxista. Assim como as contradições entre patrões e operários, também a própria competição entre empresários tende a ser regulada pelo surgimento da economia do bem estar, administrada pelo Estado (p.185).

As repercussões do capitalismo desenvolvido são amplas e afetam fatores fundamentais desse modo de produção. Uma dessas alterações diz respeito ao caráter do individualismo notado na sociedade. No contexto prévio do capitalismo observava-se a existência de um individualismo competitivo, solidário com a ordem liberal. Para Lasch, esse tipo de individualismo foi substituído por outro, adaptado aos tempos modernos, pautado pela “sobrevivência narcísica”. Em vez do modelo de sujeito isolado e desbravador que tentava moldar o mundo às suas próprias necessidades, nota-se a existência de um homem profundamente solitário, que deve a todo custo se defender de um mundo essencialmente ameaçador e que emprega grande força para assegurar a sua unidade psíquica mínima.

Articulada com a modificação do caráter individualista, também se processou a crescente burocratização da sociedade. Para Lasch (1987) existe uma progressão do domínio do Estado, que passa a atingir áreas que antes eram relacionadas à vida

familiar ou à ação do indivíduo. Assim, nota-se uma crescente dependência do sujeito a esferas que ele não controla. A burocratização minou as possibilidades de autonomia e lançou as pessoas em um mundo no qual elas possuem apenas uma limitada capacidade de ação. O padrão burocrático incentiva não apenas o surgimento de uma personalidade narcísica, mas também se configura como um campo no qual esse tipo de traço psíquico se reveste de grande utilidade, uma vez que o

(...) narcisista possui muitos traços que permitem o sucesso em instituições burocráticas, as quais valorizam a manipulação de relações interpessoais, desencorajam a formação de ligações pessoais profundas e, ao mesmo tempo, dão ao narcisista a aprovação que ele precisa para validar sua autoestima. Embora possa recorrer a terapias que prometem dar sentido à sua vida e superar seu senso de vazio, em sua carreira profissional o narcisista, com frequência, goza de sucesso considerável. O controle de impressões pessoais ocorre nele naturalmente e o domínio de suas complexidades é, para ele, útil nas organizações políticas e comerciais, onde o desempenho agora conta menos do que a “visibilidade”, “ímpeto” e um registro de vitórias. À medida que o “homem da organização” cede lugar ao “manipulador” burocrático — a “era da lealdade” do comércio americano à era do “jogo executivo do sucesso” — o narcisista encontra seu lugar (LASCH, 1983, p.69).

A burocratização da sociedade contribui para a instauração de um sentimento de perigo iminente devido a uma dimensão incontrolável da realidade. A essa condição, devem ser somados o ambiente psicológico que surgiu durante a Guerra Fria e a possibilidade de uma hecatombe nuclear. Após a década de 60 fortalece-se um sentimento vago de que o mundo está caminhando para o fim, seja por meio da guerra, pelo fim dos recursos naturais ou ainda pela dependência extrema da tecnologia. Em tal cenário é desenvolvido um sentimento de impossibilidade de enfrentar os problemas sociais em questão e por isso

As condições sociais hoje em dia encorajam uma mentalidade de sobrevivência expressa em sua forma mais rude nos filmes de catástrofes ou em fantasias de viagens espaciais, que permitem uma fuga vicária do planeta condenado. As pessoas deixam de sonhar com a superação de dificuldades, mas simplesmente passam a sobreviver a elas (LASCH, 1983, p.75).

Contemporaneamente existe, portanto, uma *ética do sobrevivencialismo* (LASCH, 1987), caracterizada pela crença em uma crise constante, perigosa, e que elicia estratégias de defesa. Tais ações podem ser exemplificadas em elementos como a desvinculação progressiva do indivíduo de questões que ultrapassam o seu interesse imediato, o que é expresso pelo abandono da política em nome de uma mentalidade terapêutica. Assim, é

Característico da mentalidade contemporânea da sobrevivência que ela se afaste das questões públicas e se preocupe com as crises previsíveis da vida cotidiana, onde as

ações individuais ainda parecem ter algum impacto mínimo no curso dos acontecimentos (LASCH, 1987, p.55).

O mal estar social surgido pelo embate inevitável entre indivíduo e sociedade é deslocado para uma esfera exclusivamente pessoal. Além disso, também deve ser ressaltada a perda de sentido histórico. Valorizar o passado ou investir em projetos futuros tornaram-se elementos perigosos demais para a personalidade narcísica de nosso tempo, que se encontra absorta na sua tentativa de manutenção e crescimento pessoal. É por tal condição que

Viver para o momento é a paixão predominante - viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posterioridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro. É o enfraquecimento do sentido do tempo histórico – em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posterioridade – que distingue a crise espiritual dos anos setenta das erupções mais primitivas da religião milenar, com as quais mantém uma semelhança superficial. (LASCH, 1983, p.25).

Desse modo, para Lasch, o sujeito americano contemporâneo é narcisista. Mas a vitalidade da tese do autor, que a distingue de outros pensadores que discutiram essa questão, como Erick From e Kohut (2004), é a proposta de que o narcisismo em causa é patológico. Costa, (2003) em sua análise, propõe que:

O narcisismo moderno é um narcisismo patológico. A novidade cultural do *ethos* contemporâneo é a institucionalização social deste narcisismo que, sem esta adjetivação, em nada se distinguiria do narcisismo normal, componente indispensável ao bom funcionamento de todo ser psíquico (p.192).

Assim, menos do que considerar que o conceito de narcisismo é intuitivamente compreendido na obra laschiana, imediatamente acessível, é preciso delimitar quais são os seus traços e suas características mais próprias. Para o autor

A precisão teórica sobre o narcisismo é importante não só por ser a idéia tão prontamente suscetível à inflação moralista, mas porque a prática de equacionar o narcisismo com tudo o que é egoísta e desagradável se abrandava contra a especificidade histórica. Os homens sempre foram egoístas, os grupos sempre foram etnocêntricos, nada se ganha em se atribuir a essas qualidades um rótulo psiquiátrico. Contudo, a emergência das desordens do caráter como as mais proeminentes formas de patologia psiquiátrica, junto com a mudança na estrutura da personalidade que este desenvolvimento reflete, derivam-se de mudanças bem específicas em nossa sociedade e cultura — da burocracia, da proliferação de imagens, de ideologias terapêuticas, da racionalização da vida interior, do culto do consumismo e, em última análise, das mudanças na vida familiar, assim como de padrões variáveis

de socialização. Tudo isto desaparecerá se o narcisismo for considerado a “metáfora da condição humana” (LASCH, 1983, p.56-57)

O narcisismo seria “essencialmente, uma defesa contra os impulsos agressivos, em lugar de significar amor-próprio” (LASCH, 1983, p.56). Tal estado desencadearia projeções maciças, transformando a realidade em um ambiente meramente especular. Assim seria possível entender o narcisismo como

(...) a disposição de ver o mundo como um espelho; mais particularmente como uma projeção dos próprios medos e desejos — não porque torna as pessoas gananciosas e agressivas, mas porque as torna frágeis e dependentes, corrói a sua confiança na capacidade de entender e formar o mundo e de prover as suas próprias necessidades (LASCH, 1987, p.24-25).

Continuando a argumentação, o autor propõe que o narcisismo está mais relacionado com um eu ameaçado do que com um forte senso de individualidade ou egoísmo. Estabelece-se assim uma dimensão regressiva e defensiva relacionada ao sujeito narcisista do nosso tempo. Tais características encontram sua expressão mais desenvolvida justamente no caráter sobrevivencialista que se fez presente no cenário cultural contemporâneo. Seguindo essa linha de raciocínio, o autor propõe que

O narcisismo significa uma perda da individualidade e não a autoafirmação; refere-se a um eu ameaçado com a

desintegração e por um sentido de vazio interior. Para evitar confusão, o que eu denominei a cultura do narcisismo seria melhor caracterizado, ao menos para o momento, como a cultura do *sobrevivencialismo*. A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez - tais técnicas de autogestão emocional, necessariamente levadas ao extremo em condições extremas, passaram a configurar, em formas mais moderadas, a vida das pessoas comuns em condições normais de uma sociedade burocrática, amplamente percebida como um vasto sistema de controle total. (LASCH, 1987, p.48).

O *sobrevivencialismo* seria o modo como o narcisismo encarna na sociedade contemporânea. Menos do que um sujeito resplandecente, potente, capaz de alterar o mundo conforme a sua vontade, portador de um “*self gradioso*”, o narcisista seria aquele que se vê ameaçado e instaura um estado de sítio do eu. Ocorre um fechamento em um núcleo defensivo no qual tudo o que implicar grandes investimentos, uma grande aposta no tempo, ou uma grande valorização do objeto, é percebido como perigoso. Em termos freudianos, é possível pensar em uma concentração libidinal egóica. Por isso, nota-se que

1 Conceito desenvolvido por Kohut (1984), psicanalista norte-americano que abordou o narcisismo tanto na sua dimensão integrativa como na patológica. Cabe observar que vários autores da *ego psychology* foram fontes de inspiração para Lasch, o que aponta algumas influências diferentes da tradição freudiana para a discussão do narcisismo.

Em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Vive-se um dia de cada vez. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia; e quando se olha para frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam. Em tais condições, a individualidade transforma-se numa espécie de bem de luxo, fora de lugar em uma era de iminente austeridade. A individualidade supõe uma história pessoal, amigos, família, um sentido de situação. Sob assédio, o eu se contrai num núcleo defensivo, em guarda diante da adversidade. O equilíbrio emocional exige um eu mínimo, não o eu soberano do passado (LASCH, 1987, p.9).

Lasch e a dimensão paranóica do narcisismo

O narcisismo é um instrumento teórico importante para as análises sociais. Porém, há que ser considerada a multiplicidade de compreensões em torno do termo. Ao falarmos que Lasch utiliza o conceito para discutir as características do mundo contemporâneo, somos inevitavelmente lançados para uma questão: qual faceta do narcisismo freudiano está em questão? Seria possível utilizar, por exemplo, a vinculação entre narcisismo e perversão, instâncias ideais, melancolia, narcisismo das pequenas diferenças, dentre outros.

Um possível caminho para a resposta dessa pergunta seria atentarmos para a própria definição de Lasch de *cultura do narcisismo*, pois para o autor ela seria caracterizada como sendo uma *cultura do*

sobrevivencialismo (1987, p.48). Isso marca um traço psicológico característico, a saber, a tendência a viver permanentemente em crise, sentimento de que a vida está ameaçada, que o mundo caminha para a destruição, tudo isso aliado a uma autoabsorção subjetiva representada pelo divórcio do sujeito com as questões coletivas e pela presentificação do tempo.

Essa preocupação com a sobrevivência não é radicalmente apartada dos dados reais. Afinal, a crescente exploração dos recursos naturais de fato pode impor grandes problemas para a humanidade, ou também, no caso de uma possível guerra, pode-se estar caminhando para uma situação de destruição maciça. Todavia, é necessário considerar que a dimensão patológica se instala quando a vida das pessoas passa a se orientar exclusivamente pela tentativa de sobrevivência, extrapolando o esforço necessário para enfrentar tais questões. Nesse ponto seria possível conjecturarmos que existe uma espécie de divórcio da realidade, algo que estaria próximo de um delírio de destruição.

Assim, diante das várias características fornecidas por Lasch para descrever a cultura do narcisismo, podem-se construir dois grandes grupos intrinsecamente relacionados: o delírio de destruição e a autoabsorção psíquica. A ligação entre os dois elementos se deve ao fato de que, diante de um grande perigo, instala-se aquilo que Lasch denomina de *estado de sítio do eu* (1987, p.43), caracterizado pela tendência ao não investimento objetal, uma vez que isso é percebido como essencialmente perigoso.

Tanto a sensação de perigo iminente, que possui colorações delirantes, quanto a autoabsorção psíquica são características de um fenômeno ligado ao narcisismo: a paranoia.

Para Freud (1911/1996), a paranoia decorre de uma fixação no estágio do narcisismo. O retorno do recalcado em tal quadro levaria a uma regressão a esse ponto de fixação. Assim, a libido empregada no investimento de objetos externos estaria prioritariamente ocupada com o investimento do próprio ego. Analisando tal condição, Freud assevera que uma das consequências da paranoia pode ser o delírio sobre a destruição generalizada, ou seja, da realidade externa e das pessoas. Para o autor, “uma catástrofe mundial desse tipo não é infrequente durante o estágio agitado na paranoia” (FREUD, 1911/1996, p.77). Mas qual seria a relação entre a condição narcísica e o delírio de destruição?

A resposta oferecida por Freud passa pelo fato de que, na condição narcísica, o mundo e as pessoas não são mais investidas e tornam-se, portanto, não importantes para o sujeito. Existe um colapso psíquico baseado no não investimento objetal e isso é projetado sob a forma de um colapso ou destruição do mundo. O paranóico

(...) retirou das pessoas de seu ambiente, e do mundo externo em geral, a catexia libidinal que até então havia dirigido para elas. Assim, tudo tornou-se indiferente e irrelevante para ele (...) O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interna; seu

mundo subjetivo chegou ao fim, desde o retraimento de seu amor por ele (FREUD, 1911/1996, p.77).

Seja para Freud, seja para Lasch, existe uma relação entre o narcisismo, ou a autoabsorção psíquica, e o delírio sobre o fim do mundo. É por uma condição narcísica que o sujeito projeta o seu colapso subjetivo e a realidade externa é percebida como ameaçada ou destruída. Porém, simultaneamente, um mundo que perigosamente corre riscos faz com que o sujeito adote uma postura defensiva e se retraia justamente para o narcisismo.

Desse modo, ao analisarmos a apropriação laschiana do conceito freudiano de narcisismo, podemos concluir que a sociedade narcísica não seria aquela com indivíduos resplandecentes, crenças na sua capacidade ilimitada de modificar o mundo conforme a sua vontade, ou ainda uma sociedade melancólica, com sujeitos que acreditam que alguma coisa foi irremediavelmente perdida; tampouco é uma sociedade baseada no narcisismo das pequenas diferenças, no qual a heteroagressividade é um elemento fundamental para a coesão. A cultura do narcisismo é aquela na qual a sensação de crise iminente desencadeia uma autoabsorção psíquica, que acaba por apresentar consequências que mantêm certas analogias com a condição paranoica.

Tramitação:

Recebido em: 02/05/2012

Aprovado em:08/06/2012

Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Av. Professor de Mello Morais, 1235/106, Bloco F.
Butantã -São Paulo-SP
CEP- 05508-030
Telefone (11) 30913373
E-mail: eloysancarlo@yahoo.com.br

Eva Maria Migliavacca

Av. Professor de Mello Morais, 1235/106, Bloco F.
Butantã -São Paulo-SP
CEP- 05508-030
Telefone (11) 30913373
emiglia@usp.br

Referências

COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 2003

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1910a) Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In: Edição *Standard*

Eloy S. C. M. Sampaio e Eva. M. Magliavacca

Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1917) Luto e melancolia. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1923) O Ego e o Id. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1930) O mal estar na civilização. In: Edição *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GREEN, A. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1982.

KOHUT, H. *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

LACAN, J. *O seminário livro I: os escritos clínicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *O mínimo eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

artigo



A noção lacaniana de Nome-do-Pai na perspectiva da metáfora e da metonímia

Lacanian notion of the Name of the Father from the perspective of metaphor and metonymy

Glória Maria Monteiro de Carvalho*
Alba Gomes Guerra**

Resumo

Este artigo pretende ser uma tentativa de aproximação à noção lacaniana de Nome-do-Pai a partir, basicamente, da discussão das diferenças no enfoque da *metáfora* e da *metonímia*, no âmbito da linguística e no

* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/UNICAMP. Professora e pesquisadora CNPq do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, na área da aquisição de linguagem.

** Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Psicanalista, Professora e Pesquisadora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, na área da clínica psicanalítica.

âmbito da psicanálise. Partimos da proposta de que a constituição da subjetividade, na perspectiva psicanalítica, consiste em um ato de violência da linguagem que possui uma dimensão histórico-social. Segundo Freud, a verdade do homem é a verdade do pai e, na leitura lacaniana, as leis do pai são leis da língua: metáfora e metonímia.

Palavras chave: Nome-do-Pai, linguagem, metáfora, metonímia, violência.

Abstract

This article attempts to approximate the Lacanian notion of The Name of the Father basically by discussing the differences in approach of metaphor and metonymy in the realms of Linguistics and Psychoanalysis. The starting point is the proposition that the constitution of subjectivity in psychoanalytic perspective is an act of violence of the language with a social-historical dimension. According to Freud, the truth of man is the father's truth and, in Lacanian reading, the father's laws are the language laws: metaphor and metonymy.

Keywords: Name of the Father, language, metaphor, metonymy, violence.

artigo



A noção lacaniana de Nome-do-Pai na perspectiva da metáfora e da metonímia

Lacanian notion of the Name of the Father from the perspective of metaphor and metonymy

**Glória Maria Monteiro de Carvalho
Alba Gomes Guerra**

Introdução

Optamos por colocar em destaque, neste artigo, a metáfora e a metonímia focalizadas na linguística — especificamente na obra de Jakobson (1971) —, para depois abordarmos as diferenças implantadas nessas figuras de linguagem quando de sua migração do campo da linguística para a psicanálise lacaniana. Objetivamos, assim, uma aproximação à noção lacaniana de Nome-do-Pai a partir, basicamente, da discussão das diferenças no enfoque da metáfora e da metonímia no âmbito da linguística e no âmbito

da psicanálise.¹ Tomamos, como ponto de partida, a proposta de que o Nome-do-Pai consiste num ato de linguagem e, nessa perspectiva, implica um ato de violência que possui uma dimensão histórico-social.

Inicialmente, relembremos Freud ([1936]1997) que, no nível coletivo, apela para a produção de um mito: o do pai da horda primitiva. O sistema patriarcal que dominava as relações entre os homens em suas hordas primitivas teria terminado através de uma rebelião por parte dos filhos que se reuniram, em bando, contra o pai, mataram-no e o devoraram juntos. Em seguida, a horda paterna teria dado lugar ao clã fraterno totêmico, iniciando uma história de substituições nesse lugar de poder inaugurado, primeiramente, pelo pai.

No nível individual, Freud produz o complexo de Édipo, afirmando que, para sair com êxito dessa aventura edipiana, é preciso um ato de violência dirigido ao pai, ou melhor, é preciso *matar o pai*.

Segundo Lebrun (2010), aquilo que para Freud é complexo, para Lacan é estrutura. É, portanto estrutural, inevitável à constituição do sujeito que o pai seja morto, produzindo-se então um lugar vazio, a fim de que alguma entidade seja ali colocada. Essa entidade, por sua vez, deve estar investida da autoridade de legislar, isto é, de ordenar relações entre indivíduos, tanto no âmbito coletivo, como por

¹ É importante registrar que a afirmação (lacaniana) segundo a qual *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* levou Lacan ([1972-1973]1985) a discutir os limites do campo da linguística, situando, fora desses limites, a linguagem do sujeito do inconsciente. A fim de denominar a abordagem dessa linguagem, criou então a palavra *linguisteria*, para deixar ao linguista (referindo-se especificamente a Jakobson), seu domínio reservado.

exemplo, através do poder atribuído ao totem nas religiões primitivas, quanto no âmbito individual, através do reconhecimento, pela criança, de uma autoridade do pai com quem se identifica.

A grande transformação operada na obra de Freud pela leitura lacaniana sobre o pai consistiu em explicitar a questão da linguagem, já implícita nessa obra, e tirar consequências dessa explicitação. Assim, as leis do pai, ou daquele colocado nesse lugar paterno, seriam leis da língua e o que se instalaria nesse lugar aberto pela morte do pai seria um significante: o significante Nome-do-Pai.

A morte do pai na perspectiva lacaniana e as leis da língua

Dando lugar, neste momento, a uma aproximação à abordagem psicanalítica lacaniana, é importante indicar que Lacan ([1955-1956]1992) inicia uma discussão sobre as leis da linguagem com uma frase de Freud extraída das correspondências a Fliess (MOUSSAIEFF, 1986), que diz respeito a uma questão axial que perpassa toda a obra freudiana. O núcleo dessa questão concerne à interrogação obstinada que, segundo a leitura lacaniana, ainda está presente em “Moisés e o Monoteísmo”: “...é sempre de forma obstinada, quase desesperada que ele (FREUD) se esforça por explicar como é possível que o homem, na própria posição de seu ser, seja tão dependente dessas coisas para as quais ele não é manifestamente feito. Isso é dito e nomeado — trata-se da verdade.” (LACAN, [1955-1956]1992, p. 244).

Essa verdade do homem é a verdade do pai. Nessa passagem, destaca-se uma desnaturalização da verdade, primeiramente porque o homem não é manifestamente feito para a verdade e, em segundo lugar, porque ele se acomoda perfeitamente à não verdade, daí sua dimensão enigmática. Isso justifica a pergunta de Lacan sobre a maneira como a verdade entra na vida do homem.

O pai é de uma realidade mais sagrada, mais espiritual que qualquer outra, na medida em que nada na realidade vivida indica, propriamente falando, sua função, sua presença, sua dominância. A esse respeito, diz Lacan ([1957-1958]1999, p. 187):

Que o pai seja, por exemplo, o verdadeiro agente da procriação não é, de maneira alguma, uma verdade da experiência. Na época em que os analistas ainda discutiam coisas sérias, sucedeu assinalarem que, numa determinada tribo primitiva, a procriação era atribuída a não sei o quê, uma fonte, uma pedra, ou o encontro com um espírito em lugares afastados. (...) O importante, com efeito, não é as pessoas saberem perfeitamente que uma mulher só pode engravidar quando pratica um coito, mas sancionarem num significante que aquele com quem ela praticou o coito é o pai.

Nessa perspectiva, a posição do pai, como procriador, é uma posição que se situa no nível simbólico e “pode materializar-se de diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante.” (LACAN, [1957-1958]1999, p.187).

O pai é, portanto, um significante — o significante do Nome-do-Pai —, *significante puro*, como diz Lacan ([1955-1956]1992), que não tem conteúdo ou qualidades, não possui significado predeterminado, embora se articule a outros significantes, gerando uma significação nova. Convém destacar que o mais importante em relação ao pai é sua posição numa cadeia significante, o que vai ser retomado várias vezes ao longo desta discussão.

Queremos, neste ponto, chamar a atenção para o texto freudiano “Moisés e o Monoteísmo” ([1936]1997) e para a referência lacaniana à frase: *aceitando a morte, ele (o homem) continua*.

A questão central é, portanto, a morte, o assassinato *do pai*, para que surja a verdade do pai, o pai simbólico e o significante Nome-do-Pai.

Freud ([1936]1997) destaca, em relação ao surgimento das religiões, o destino do ser humano de ter que se livrar do pai, desde a religião mais primitiva (a totêmica), passando por várias outras formas de religião até o cristianismo, que não escapou a esse destino.

Retomando o que foi posto antes, talvez dois pontos possam ser destacados:

1 - A morte dá continuidade ao pai (à sua vontade, à sua autoridade), organiza o grupo, ordena e institui suas leis. Na horda primitiva, em “Totem e Tabu” (FREUD, [1913]1999), a colocação de um animal totêmico estabelece as leis que o grupo de irmãos deve seguir;

2 - De acordo com a proposta freudiana, teria havido no cristianismo uma dupla morte: a do pai (o assassinato) e a do filho que, admitindo e aceitando ter assassinado o pai — o que não aconteceu no judaísmo — sacrifica-se, e com seu sacrifício (sua morte), ocorre a expiação pelo crime cometido. Mas, ao tomar a expiação sobre si, torna-se um — ele próprio — ao lado do pai e, na realidade, em lugar deste.

A morte estaria, portanto, inexoravelmente implicada na dimensão de verdade do homem.

Parece então que no texto *As Psicoses*, a grande batalha de Lacan ([1955-1956]1992) — e que ele trava com obstinação — teria tido o objetivo de dar visibilidade a essa relação do sujeito com a verdade, com o significante, com a morte.

Nessa dimensão de verdade, o autor não cansa de preconizar a escuta da psicose, na relação do sujeito com o seu delírio, no caso exemplificado — o do Presidente Schreber —, isto é, a escuta do delírio a partir da relação do sujeito com o significante. O significante, no delírio de Schreber, à medida que vai perdendo o significado, vai ficando cada vez mais pleno de investimento libidinal. Não é uma escuta fácil, como mostra o autor ao tratar mais adiante da questão da metáfora, pois implica um deslocamento radical do nível do significado e das significações para o nível do significante, não apenas por parte de quem escuta o delírio, mas também por parte de quem o produz. Podemos dizer que esse texto representa uma batalha de Lacan (1955-1956]1992)

para mostrar como se manter nesse nível do significante, o que se torna visível quando esse autor trata da questão da metáfora. Antes de abordarmos a metáfora e a metonímia na perspectiva lacaniana, faz-se necessário trazer, em poucas palavras, noções linguísticas sobre esse tema, destacando as idéias centrais jakobsonianas.

Podemos iniciar um esboço da abordagem dessas figuras de linguagem pelo tratamento dado por Jakobson (1971) às afasias. Nessa abordagem, quando há no afásico uma deterioração da capacidade de combinar entidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas, prevalecendo as substituições de palavras por similaridade (metáfora), ocorre a afasia designada como *distúrbio de contiguidade*. Por sua vez, quando a capacidade de seleção de uma entidade linguística entre outras é fortemente afetada e o poder de combinação dessas entidades é pelo menos parcialmente preservado, a contiguidade (metonímia) determina todo o comportamento do afásico e esse tipo de afasia pode ser denominado *distúrbio de similaridade* que é o oposto do tipo colocado antes. Para o autor, um discurso pode se desenvolver segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema pode levar a outro por contiguidade ou por similaridade, sendo mais adequado chamar o primeiro de processo metafórico, e o segundo, de processo metonímico, dado que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia, destacando: “No comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação

atenta mostra que *sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro goza de preferência.*” (JAKOBSON, 1971, p. 56, ênfase nossa).

No entanto, é apenas quando uma dessas formas está impedida de funcionar – como no caso das afasias – que o funcionamento da outra forma se torna mais claro, mais visível.

Diríamos que Jakobson (1971) deixou aparecer vários sujeitos, em sua singularidade, ao tratar das leis da língua: a criança, o afásico, o escritor, poeta, romancista, etc. Podemos recortar, como exemplo dado por esse autor, a predominância da metonímia nos romances de Tolstoi que pertencem à corrente literária denominada *realista*. Em *Guerra e Paz*, por exemplo, os pormenores *buço no lábio superior* e *ombros nus* são usados pelo autor para designar as personagens femininas a quem esses traços pertencem e, em *Anna Karenina*, sua atenção se concentra na *bolsa* da heroína. Por sua vez, nas escolas romântica e simbolista, o processo metafórico seria predominante.

Desse modo, nos vários discursos, pode-se notar que um dos processos se destaca em relação ao outro processo. Trata-se, portanto, de uma questão de estilo. Dependendo do estilo do sujeito, teríamos uma predominância, quer da metonímia, quer da metáfora.

Para Jakobson: “Manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contiguidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico), um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências

verbais.” (1971, p.56). Teríamos então, no estilo em que predominasse a *similaridade*, dois subtipos: a *similaridade posicional* (definida pelo autor como a capacidade que têm duas palavras de se substituírem uma à outra) e a *similaridade semântica* (a substituição entre duas palavras pela semelhança quanto ao significado) e, no estilo em que predominasse a *contiguidade*, teríamos: a *contiguidade posicional* (a sintaxe) e a *contiguidade semântica* que se subdivide ainda em vários tipos (por exemplo, a *sinédoque*, como é o caso da substituição do todo pela parte que se destaca nos romances de Tolstoi). Não parece demais repetir que esses vários tipos se situam num mesmo nível, estando a predominância de um deles na dependência do estilo de cada sujeito.

Convém, a esse respeito, dar destaque à surpresa de Lacan ([1955-1956]1992) ao ler/escutar a produção delirante do presidente Schreber: “Algo me surpreendeu — mesmo que as frases possam ter um sentido, nunca se encontra nada que se pareça a uma metáfora” (p. 248) e, ao afirmar que a metáfora não é a coisa do mundo das mais fáceis de se falar, aborda ele essa figura de linguagem, não como um conceito pacífico, como é tratada por vários linguistas, mas como um tema complexo.

Serve como desse um verso de Victor Hugo: *Seu feixe não era avaro nem odioso*² extraído do poema *Booz endormi* (HUGO, [1859-1883] 2006). Esse poema, por sua vez, baseia-se numa narrativa do Antigo Testamento em que Booz, rico camponês, casa-se com Ruth e tem com ela um filho.

2 *Sa gerbe n'était point avare ni haineuse.*

Na perspectiva lacaniana, no enunciado/verso recortado — *Seu feixe não era avaro nem odioso* — não há comparação, mas identificação. Não se trata então de uma comparação latente, como por exemplo: “*do mesmo modo que* o feixe se espalhava entre os necessitados, *do mesmo modo* nosso personagem (Booz) não era em absoluto avaro nem odioso.” (LACAN, [1955-1956]1992, p. 249). Destacando que na metáfora há identificação e não comparação, essa perspectiva desloca radicalmente a concepção de metáfora do nível do significado para o nível do significante, na medida em que a comparação se baseia no significado, enquanto que a identificação se sustenta no significante. Dizendo com outras palavras, foi na medida em que *seu feixe* pôde ser substituído pelo termo *Booz*, num determinado lugar da cadeia — o lugar de sujeito — que surgiu um novo sentido, isto é, o advento de sua paternidade. Desse modo, sem a estrutura predicativa, isto é, sem a distância mantida entre o sujeito e seus atributos, não se poderia qualificar o feixe nem de avaro, nem de odioso, o que, nesse nível, nada tem a ver com o significado da palavra, com o léxico. Como consequência, a condição para que haja a metáfora é que exista a estrutura significante, a articulação de significantes: a metonímia.

**Migração da metáfora e da metonímia:
da concepção jakobsoniana para a
psicanálise lacaniana**

Ao que nos parece, a migração das noções de metáfora e metonímia da perspectiva jakobsoniana para a abordagem lacaniana, especificamente no que toca a questão do Nome-do-Pai implicou uma modificação radical.

Em outras palavras, Lacan (1955-1956]1992) destaca na metáfora uma similaridade posicional e, desse modo, desloca radicalmente a concepção daquele linguista sobre a existência de uma oposição entre metáfora e metonímia, subvertendo tal oposição, isto é, apontando para uma dialética entre essas duas figuras. Quando falamos em oposição entre metáfora e metonímia, estamos chamando a atenção para o caráter bidimensional atribuído por Jakobson (1971) à cadeia verbal. Em outras palavras, esse autor concebe *a priori* as duas formas de funcionamento linguístico como sendo separadas, independentes, autônomas, embora apareçam intimamente relacionadas, ou melhor, embora se cruzem de diversas maneiras, na singularidade dos vários tipos de discurso.

Essa bidimensionalidade, ao que parece, ficou destacada no *Curso de linguística geral*, quando Saussure ([1972]1989) qualificou as relações sintagmáticas — combinações de signos numa cadeia — como sendo relações *in praesentia* e as relações paradigmáticas — seleção (e substituição na cadeia) de signos pertencentes a grupos (virtuais) de signos — como sendo uma relação *in absentia*. Sobre esse aspecto, Milner (2002) dá especial realce à proposta lacaniana no sentido de reduzir a bidimensionalidade atribuída à cadeia, procurando dar visibilidade a sua natureza unidimensional, como mostra a análise que Lacan realiza do exemplo extraído do poema antes referido. Em nota de pé de página, o autor afirma que “mesmo a metáfora e a metonímia, tão dependentes da bidimensionalidade jakobsoniana, são tratadas por Lacan em termos de presença.” (MILNER, 2002. p. 163, nota 3, tradução nossa).

Ainda sobre esse aspecto, a associação da metáfora e da metonímia respectivamente à *condensação* e ao *deslocamento* freudianos tem levado a uma bidimensionalidade na leitura, ou na explicitação linguística desses mecanismos inconscientes. Lacan (1957-1958]1999) coloca longamente em discussão essa leitura e, com base na análise freudiana dos chistes — por exemplo, a condensação significativa *familonariamente* — afirma: “A verdade é que a própria possibilidade do jogo metafórico baseia-se na existência de algo a ser substituído. O que está na base é a cadeia significativa, como princípio de combinação e lugar da metonímia”. (p. 67)

Relembremos, em poucas palavras, este chiste (FREUD, [1980]1905): Heine introduz a figura do agente de loteria e calista hamburguês, Hirsch-Hyacinth, que se jacta ao poeta de suas relações com o rico Barão Rothschild, dizendo que sentara ao lado do Barão e que este o havia tratado como um seu igual - *bastante familonariamente*. Freud, então, argumenta que o chiste seria anulado se fosse explicado que Rothschild tratou o hamburguês como um igual, muito familiarmente, isto é, na medida em que isso é possível a um milionário. A esse respeito, Lacan (1957-1958]1999) acrescenta: “o que deixa bem claro que aquilo de que se trata reside na relação de ambiguidade fundamental que é própria da metáfora, na função que o significante assume ao substituir um outro, por similaridade ou simultaneidade posicional” (p.74).

Trazendo para a temática do pai a proposta de Lacan sobre a metáfora, é ainda importante insistir que, no Édipo, a intervenção do pai consiste na

substituição de um significante por outro significante, na formulação lacaniana. Diz esse autor: “A função do pai, no complexo de Édipo, é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, [1957-1958]1999, p.180). E, continuando:

A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar da metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde (p.201).

Por sua vez, ao que tudo indica pela leitura do texto de Jakobson (1971), esse autor estaria colocando no mesmo nível a similaridade semântica, a similaridade posicional, a contiguidade posicional e a contiguidade semântica. Na perspectiva lacaniana, como já foi colocado, a similaridade semântica, ou a transferência de significado, na metáfora, não estaria no mesmo nível da similaridade (metáfora) posicional, mas seria uma consequência, um efeito (imaginário) da similaridade posicional a qual, por sua vez, dependeria da estruturação significante, da articulação de significantes (contiguidade posicional). Assim, a substituição de um significante por outro significante não apenas requer uma estrutura ou cadeia de significantes, mas também possui o caráter de atualidade, colocando em questão a virtualidade da metáfora, concebida na linguística. Segundo Milner (2002) somente existe cadeia se for significante e todo significante está em cadeia. “A ‘linearidade’ é essencial para o significante. Não menos essencial é sua

atualidade, ao ponto que poderíamos resumir uma das propostas essenciais de uma doutrina do significante: ‘não há virtual’ ou ‘só há virtual se for imaginário’” (MILNER, 2002, p.159, tradução nossa).

Nessa posição, o uso significativo da linguagem tanto mascara a atualidade do significante na substituição metafórica como mascara a existência da outra dimensão, a sintática, sendo o significado aquilo que colocamos no primeiro plano de nossas análises — qualquer que seja o texto — porque é aquilo que há de mais sedutor, e em cuja armadilha os linguistas, até certo ponto, são aprisionados.

Relembrando o verso recortado, é pela similaridade de posição que o feixe é idêntico ao sujeito Booz, não parecendo demais insistir que se trata de identificação no nível da posição do significante, trazendo, como consequência, como efeito imaginário, uma transferência de significado. Dizendo com outras palavras, a criança passa a ocupar a posição que o significante paterno ocupa na cadeia de significantes maternos, ou ainda, lembrando Freud, a criança torna-se um ao lado do pai e, na realidade, em lugar deste. Assim, a identificação não seria a alguma qualidade, a algum significado advindo do pai, mas a um lugar aberto pelo pai após sua morte: identificação a um significante.

Retomando a questão da verdade do pai colocada no início, podemos dizer que é preciso *matar o pai* para que este como significante possa substituir o significante materno em virtude de uma similaridade de posições — uma metáfora posicional — permitindo assim, ao filho, uma identificação

(posicional) com aquele significante (Nome-do-Pai) que poderá sustentá-lo nesse lugar vago deixado pelo pai morto. Assim, o Nome-do-Pai, ao mesmo tempo em que inaugura a falta simbólica, estrutural, sustenta o sujeito nessa falta. A metáfora paterna, através de um efeito de transferência de significado, conteria então o deslizamento metonímico de significantes.

Como consequência da discussão realizada, podemos dizer que Lacan precisou da linguística — das figuras da metáfora e da metonímia — para atribuir estatuto teórico e conceitual a sua noção fundamental de Nome-do-Pai. Entretanto, não poderia se apropriar dessas figuras da maneira como foram concebidas por Jakobson. Nelas foram operadas, como vimos, modificações ou deslocamentos radicais que foram exigidos pela própria condição de que *é preciso matar o pai*. Dessa morte, decorrem algumas consequências que tiveram que ser levadas em conta para que a metáfora e a metonímia jakobsonianas pudessem, coerentemente, desempenhar seu papel fundamental na formulação da noção lacaniana de Nome-do-Pai. Dessas conseqüências, destacamos quatro pontos que pretendem realçar os vários aspectos confrontados:

- 1 - O significante tem primazia sobre o significado.
- 2 - A metáfora é, antes de tudo, uma substituição posicional.
- 3 - A metáfora está na dependência da metonímia, da cadeia, da sintaxe.
- 4 - A bidimensionalidade da cadeia é reduzida a sua natureza unidimensional.

Mais algumas palavras: atos de violência na trajetória de constituição do sujeito

Neste momento, podemos destacar que o ato de violência que produz o sujeito é um ato de linguagem. Em outras palavras, são as leis da língua, a metáfora e a metonímia que tornam visíveis sua dimensão histórico-social. Dando continuidade a essa proposta, assumimos também que pelo menos três dimensões da violência operada pela linguagem devem ser confrontadas pelo ser humano em seu percurso de constituição subjetiva. Uma primeira dimensão da violência da linguagem sobre a criança foi apontada por De Lemos (2008). Na perspectiva dessa autora, o corpo da criança resiste à sua captura simbólica, podendo essa resistência ser indicada por meio daquilo que escapa à captura, ou daquilo que falha, por exemplo, os *erros*, ou por meio dos vários obstáculos que se interpõem à aquisição da linguagem, como é o caso dos chamados *atrasos de linguagem*. A esse respeito, podemos pensar, com fundamento em Leite (2003), que o funcionamento da linguagem como estrutura consiste numa *rede de inibições* e, acrescentaríamos, uma rede de inibições implantada (não sem violência) num corpo. Inicialmente, trata-se de uma metonímia do desejo materno, ou melhor, trata-se de uma inscrição de significantes da fala materna no corpo da criança, operada pelo Outro Primordial.

No entanto, a fala materna tem que ser suportada pelos significantes paternos, muito embora nesse momento esses significantes se situem numa posição aparentemente periférica, porém

fundamental. Tal suporte dá lugar posteriormente ao reconhecimento, pela criança, desses significantes paternos na fala da mãe, constituindo assim, de acordo com o pensamento lacaniano, o primeiro momento do Édipo, na sua leitura estrutural do complexo edípiano. No segundo momento do Édipo, que consiste também no segundo passo da violência, o pai deve ser de algum modo corporificado, não necessariamente pelo pai biológico, para que possa ser morto pela criança, que passará ao terceiro momento do Édipo. Dessa morte resultará a falta simbólica e o Nome-do-Pai que sustentará o sujeito nesse buraco, nessa falta, desde que ele não seja psicótico. A esse respeito diz Lacan (1955-1956[1992]), sobre a exigência da morte do pai, que essa exigência não foi realizada pelo presidente Schreber que, portanto, foracluiu o Nome-do-Pai de sua estrutura. É importante lembrar que esse autor não encontrou qualquer metáfora no delírio de Schreber, sendo tal fala delirante formada apenas pela lei da metonímia, o que caracteriza o estado psicótico. Trata-se então de uma metonímia do desejo onipotente da figura materna.

No que concerne ao Nome-do-Pai, é importante neste momento lembrar, embora rapidamente, que a partir da formulação do nó borromeano, Lacan ([1974-1975]1999) refere o Nome-do-Pai ao real, ao simbólico e ao imaginário, assumindo, portanto, uma pluralização: os Nomes-do-Pai. A esse respeito, diz Porge (2006):

Assim, o problema da articulação entre o Nome-do-Pai e o *RSI*, estabelecida depois da introdução desses termos, resolve-se

em 1975 com o laço borromeano. O Nome-do-Pai articula-se com *RSI* de um modo tal que se distingue do ternário, permitindo distinguir os elementos deste, e, como quarto elemento enodado borromeamente, obedece aos mesmos princípios de ligação a que outros elementos obedecem. O nó borromeano permite manter uma identidade de ligação entre os termos, e uma diferença entre os termos de ligação. O plural *os nomes do pai*, ao qual são identificados real, simbólico e imaginário, significa essa conjunção, da qual o Nome-do-Pai é o operador. (p. 176).

Tratar-se-ia, portanto, do Nome-do-pai implicado no enodamento real/simbólico/imaginário, ou enlaçando-se ao real, ao simbólico e ao imaginário. Poderíamos dizer, ainda, que se trataria de um Nome-do-Pai com suas dimensões de real, simbólico e imaginário submetido a diferentes arranjos dos quais decorreria a singularidade do sujeito (de um grupo, de uma época). Em outras palavras, em diferentes momentos (ou em diferentes sujeitos) esse arranjo daria maior visibilidade a um dos elos do nó borromeano o qual, entretanto, conviveria com os outros elos através do Nome-do-Pai. Pode-se perguntar se isso já não seria uma abertura para uma abordagem lacaniana da singularidade do sujeito na contemporaneidade, na medida em que os diversos arranjos subjetivos dessas três dimensões se ligariam, de algum modo, ao arranjo predominante num determinado momento sócio-histórico-cultural.

Conforme já foi colocado, destacamos, para finalizar, que é também com violência que ocorre o confronto do sujeito com a falta, isto é, a terceira dimensão da violência, à qual esse sujeito responde também com violência. Ao que tudo indica, esse confronto com a falta simbólica parece cada vez mais difícil na contemporaneidade. Essa dificuldade, por sua vez, poderia ser devida à suposta certeza do discurso científico – como um dos vários fatores –, ou melhor, aos efeitos sociais desse discurso na atualidade das relações humanas. Poderíamos supor que esse discurso — com suas características de certeza, objetividade, completude — levaria ao que chamamos de um *engano do Nome-do-Pai*, o qual seria concebido como o significante de uma busca na direção de recobrir, de preencher, ou mesmo de anular a falta vivenciada pelo ser humano. Seria, portanto, uma tentativa (impossível, sem êxito) de colocar essa busca no lugar da inscrição do Nome-do-Pai concebido como um significante que apenas suportaria o ser na falta, no furo estrutural inevitável ao sujeito. Nessa perspectiva, Lebrun (2001) atribui um papel especial à tecnologia, isto é, a aplicação à sociedade humana dos resultados do empreendimento científico. Assim, sem querermos diminuir as facilidades, os inúmeros pontos positivos advindos do progresso tecnológico, podemos indicar sua outra face.

Desse modo, os artefatos da tecnologia, como por exemplo, as drogas, o terrorismo (as bombas, os homens-bomba), os instrumentos de *extreme body modifications* (PINHEIRO, 2011) entre outros — embora dêem visibilidade, ora à face de real, ora à face

Glória M. M. de Carvalho e Alba G. Guerra

de simbólico, ora à face de imaginário—, funcionariam, juntamente com o refinamento, a sofisticação das estratégias utilizadas, como se fossem significantes do Nome-do-Pai que, de forma equivocada, seriam colocados no lugar do pai, ou seja, no lugar aberto por uma função paterna, a fim de preenchê-lo. Esse lugar, conforme foi indicado, deveria ser ocupado por um significante que *sustentasse* o sujeito na falta, no vazio, na sua condição inarredável de *ser para a morte*, e nunca como algo que tivesse a pretensão de preencher, de anular essa falta estrutural.

Para finalizar, destaquemos a proposta de que, na perspectiva lacaniana, o Nome-do-Pai implica um ato de linguagem e, como tal, um ato de violência: a violência da metáfora e da metonímia. Enfim, nessa perspectiva, o sujeito seria produzido por um ato de violência que possui repercussões histórico-sociais.

Tramitação:

Recebido em: 16/03/2012

Aprovado em: 30/04/2012

Glória Maria Monteiro de Carvalho

Rua General Abreu e Lima, 239/ 1801

Tamarineira – Recife – PE.

CEP: 52.041-040

Tel: (81) 32417969

Fax: (81) 34239800

E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

Alba Gomes Guerra

Rua Rui Calaça, 94, apto. 702.

Espinheiro – Recife-PE.

CEP: 52020-110

Tel: (81) 3241-0283

Referências

DE LEMOS, C. Da Angústia na infância. *Revista Literal*, n.10, p. 117-126, 2008.

FREUD, S (1936) Moises e o monoteísmo. In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.13-164. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 23).

_____. (1913) Totem e o Tabu. In: FREUD, S. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p.13-192. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 13).

_____. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 8).

HUGO, V. La légende des siècles, 1859-1983. In: _____. *Libro Veritas: 2 août*, 2006. Disponível

Glória M. M. de Carvalho e Alba G. Guerra

em: <http://www.inlibroveritas.net/lire/oeuvres5301>.
Acesso em: 10/12/2011.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 34-62.

LACAN, Jacques. (1972-1973) O Seminário, livro 20. *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. (1955-1956) O Seminário, livro 3. *As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. (1957-1958) O Seminário, livro 5. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1974-1975) *R.S.I.* Paris: ALI, 1999.

LEBRUN, J.P. *Un monde sans limite: essai pour une clinique psychanalytique du social*. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès, 2001.

LEBRUN, J.P. *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora, 2010.

LEITE, N.V.A (Org). Riso e rubor: para falar do corpolingüagem. In: _____. *Corpolingüagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 81-92.

MILNER, J.C. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions du SEIL, 2002.

MOUSSAIEFF, M.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1986.

PINHEIRO, M.A. *Singularidade e corpo: uma questão para a subjetividade*. 2011. 185 pp. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco -Recife, 2011.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

SAUSSURE, F (1972). *Curso de lingüística geral*. S.Paulo: Cultrix,1989.

Resenhas



O amante

The lover

Marguerite Duras

Marcelo Jacques de Moraes

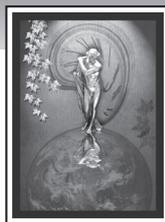
Três traidores e uns outros

Three traitors

Marcelo Backes

Nina Saroldi

resenhas



O amante.

The lover

DURAS, Marguerite. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012, 112 p.

A escrita e a memória

Marcelo Jacques de Moraes*

Quando lemos um romance de Marguerite Duras, sobretudo aqueles, que não são poucos, em que ela encena de maneira mais ou menos explícita elementos de seu passado — a infância e a adolescência na Indochina, a experiência da guerra, o alcoolismo, as relações amorosas —, é difícil evitar a especulação sobre as relações entre vida e obra, entre biografia e romance. Tanto mais difícil na medida em que a própria escritora sempre se referiu ao seu processo de criação numa perspectiva que associa necessariamente a escrita a uma espécie de vertigem que envolve o

* Professor de literatura francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tradutor e pesquisador do CNPq.

Marcelo Jacques de Moraes

corpo e a memória, e em que o jato da inspiração — a despeito de toda racionalidade e de toda inteligência elaborativa — desempenha um papel que está longe de ser insignificante. Diz ela, por exemplo, em *Escrever*, de 1993: “É isso a escrita. É o movimento do escrito que passa pelo corpo. Atravessa-o. É daí que se parte para falar destas emoções tão difíceis de dizer, tão estranhas e que, no entanto, de repente, se apoderam de você.” Ou ainda: “O escrito, isso chega como o vento, e isso passa como nenhuma outra coisa passa na vida, nada mais, exceto ela, a vida.”

Assim, na esteira das pistas fornecidas pela própria Duras, e também, é claro, do enorme sucesso de público e de crítica de *O Amante*, de 1984 — cuja segunda tradução brasileira, de Denise Bottmann, recebe nova edição neste ano de 2012 —, proliferaram as biografias e depoimentos de toda sorte sobre a escritora, e a reflexão crítica em torno de sua obra se debruçou cada vez mais sobre as nebulosas fronteiras entre a narrativa autobiográfica e a ficcional. É nesse contexto que, em 2006, os *Cadernos da Guerra*, traduzidos no Brasil em 2009 por Mario Laranjeira, foram publicados na França. Parte importante dos arquivos doados em 1995 pela escritora ao IMEC (Instituto Memórias da Edição Contemporânea), os quatro pequenos cadernos que compõem o livro, redigidos entre 1943 e 1949, e que ela própria havia reunido e conservado com esse título, contêm esboços significativos de textos de forte cunho autobiográfico e publicados anos mais tarde — além do próprio *O amante*, *Barragem contra o Pacífico*, de 1950, e *A dor*, de 1985 (estes também já traduzidos por aqui,

mas infelizmente esgotados) —, e poderiam ser lidos simplesmente no registro de confirmação dessa tendência crítica.

Pois, de um lado, o leitor encontra nesses manuscritos passagens de uma fluência narrativa que parece realmente servir, mais do que a um projeto literário, à pura e simples preservação de um material que encontraria sua força justamente em seu despudor algo catártico, algo confessional. Quase como um diário íntimo. Como, aliás, escreve Duras, depois da evocação das relações familiares nos anos de Indochina e do chinês que se tornaria 40 anos depois o protagonista de *O amante*: “Tem-se o direito de se perguntar por que escrevo estas lembranças, por que exponho condutas as quais previno que me desagradaria que fossem julgadas. Sem dúvida para colocá-las às claras, simplesmente; tenho a impressão [...] que as desenterro de uma areia milenar. Faz apenas treze anos que aconteceram [...] Nenhuma outra razão me faz descrevê-las, senão esse instinto de exumação. É muito simples. Se eu não as escrever, vou esquecê-las pouco a pouco.”

Mas o que é fundamental é que, de outro ponto de vista, em vez de consolidar o mito Duras, os textos do livro, se confrontados àqueles que seriam publicados mais tarde, parecem antes mostrar o modo como a construção e a ambivalência desse mito são fruto do laborioso trabalho de escrita da autora. Basta comparar as versões da famosa cena da travessia de balsa entre Sadec e Saigon, em que a adolescente Marguerite teria, aos 15 anos, conhecido o chinês que se tornaria seu primeiro amante: à narrativa prosaica

Marcelo Jacques de Moraes

do *Caderno rosa marmorizado* de 1943 (“Léo era nativo, mas vestia-se à francesa, falava francês perfeitamente, estava voltando de Paris. [...] Usava um grande diamante no dedo e vestia-se com um tussor de seda crua. [...] Léo me disse que eu era uma moça bonita.

— Você conhece Paris? Eu disse que não, corando.”), sucede-se a economia cinematográfica de *O amante*, no texto definitivo de 1984, com o uso do verbo no presente e a multiplicação — quando não o embaralhamento — dos pontos de vista pelo uso da terceira pessoa, procedimentos que se tornaram frequentes nos textos de maturidade da escritora. Vejamos a retomada da cena nessa versão tardia — Duras já tinha 70 anos quando a publicou — na tradução de Denise Bottmann, que restitui com mestria a sofisticada simplicidade do original: “O homem elegante desceu da limusine, ele fuma um cigarro inglês. Olha a jovem com chapéu masculino e sapatos dourados. Aproxima-se devagar. Visivelmente intimidado. De início não sorri. De início oferece um cigarro a ela. A mão treme. Há essa diferença de raça, ele não é branco, ele deve superá-la, por isso treme. Ela lhe diz que não fuma, não, obrigada. Não diz mais nada, não diz me deixe em paz. Ele sente menos medo. E diz que parece estar sonhando.”

Um outro aspecto interessante e que chama a atenção na confrontação das versões é a longa diatribe contra o General de Gaulle e seu catolicismo, produzida no calor do fim da guerra, em 1947, e bastante atenuada na versão de *A dor* publicada em 1985. Sinal, talvez, de uma tentativa de distanciamento

em relação ao engajamento do momento histórico efetivamente vivido. Eis, por exemplo, uma passagem do texto do *Caderno Edições do século XX* que foi suprimida na edição publicada posteriormente: “[De Gaulle] crê em Deus, em suas obras e pompas. Sofre por não falar claramente dele em seus discursos. A diferença entre de Gaulle e Hitler é que de Gaulle acredita na transubstanciação. Fala diretamente ao coração dos católicos. [...] Nenhuma diferença a não ser a diferença do mito de base. Além-Reno o Arianismo. Aqui, Deus. [...] Tudo que soube fazer foi mandar o povo para o abatedouro.”

Não se pode, contudo, negar que em muitos momentos o leitor é surpreendido pela constatação de que, no próprio processo de composição desses textos, Duras já se tornava Duras. Provam-no algumas passagens retomadas quase integralmente, como este trecho cortante que, praticamente inalterado, seria o início de *A dor*, narrativa que expõe a expectativa do retorno de Robert Antelme, marido da escritora, dos campos alemães ao final da guerra: “Defronte à lareira. O telefone está ao meu lado. À direita, a porta da sala e o corredor, ao fundo do corredor: a porta de entrada. Ele poderia voltar diretamente, tocaria a campainha na porta de entrada: ‘Quem está aí?’ ‘Sou eu.’ Poderia igualmente telefonar logo que chegasse a um centro de trânsito: [...] Não haveria sinal precursor. Ele telefonaria logo que chegasse. São possibilidades. Ele volta de qualquer modo. [...] Não há razões particulares para que não volte. Não há

Marcelo Jacques de Moraes

razões para que volte. É possível que ele volte. Ele tocaria a campainha: ‘Quem está aí?’ ‘Sou eu.’”

Talvez porque o próprio processo de, permanentemente, reescrever lhe tenha ensinado a solidão essencial de abismar-se na memória, Duras escreveria, na apresentação dessa versão de 1985: “Não tenho a mínima lembrança de havê-lo escrito.” E pouco adiante: “Encontrei-me diante de uma fenomenal desordem do pensamento e do sentimento em que não ousei tocar, e em relação à qual a literatura me envergonhou.” Parece-me que o que esses *Cadernos da Guerra* nos mostram, quando os contrapomos a textos que vieram depois, como *O Amante*, é que é exatamente desse trabalho de desordenação do pensamento e do sentimento que se ocuparia desde o início a atrevida literatura de Marguerite Duras.

resenhas



Três traidores e uns outros

Three traitors

BACKES, Marcelo; Rio de Janeiro: Editora Record, 2010, 176 p.

Nina Saroldi*

Um traidor no divã

Três traidores e uns outros é um livro de contos que trai o gênero conto para se intitular romance (está escrito na capa, podem checar), ao mesmo tempo em que trai o romance para poder ser lido como um livro de contos. Metalinguagem? Seja como for, o fato é que o livro se compõe de quatro histórias que podem perfeitamente ser lidas de modo independente uma da outra, mas também acabam revelando detalhes que podem ser essenciais para a compreensão de aspectos

* Mestre em Filosofia pela PUC/Rio. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, professora adjunta da UNIRIO no curso de Engenharia de Produção com Ênfase em Produção Cultural, coordenadora editorial da coleção Para ler Freud, da editora Civilização Brasileira, na qual assina o volume *O mal-estar na civilização – as obrigações do desejo na era da globalização*.

Nina Saroldi

nebulosos de outras histórias. Para o leitor que acredita na promessa da capa — e aí não me refiro à figura de Étienne-Jules Marey, que tantas associações despertou quando o livro foi lançado — e sim à promessa de que se trata de um romance, é possível acompanhar um mesmo personagem e narrador em primeira pessoa, o tradutor gaúcho-missionário Matias Nimrod, em diversos momentos de sua vida.

Fugindo da rigidez e da pequenez de Anharetã, lugar de onde saiu e que, com a força de um imã, o atrai de volta quando seus empreendimentos mundo afora fracassam, o personagem conta suas peripécias por lugares tão diferentes e distantes quanto o Rio de Janeiro — sim, comparado com Anharetã o Rio de Janeiro é outro planeta, sob vários aspectos — e a pequena Straelen, na fronteira entre Alemanha e Holanda.

O fio condutor “formal” do livro é a aventura de vida desse tradutor autônomo do alemão para o português, que tenta sobreviver — material e espiritualmente — no mundo de hoje. Se há algo que o autor mostra claramente, é o quanto a promessa de “cosmopolitismo para todos”, embutida nos louvores à globalização, se transformou, de fato, na redução de cada um de nós à condição de moradores de uma aldeia de consumidores exibidos, onde qualquer um julga importante contar aos outros, via Facebook, o que comeu no café da manhã. Pelo menos em Anharetã as pessoas preservam um certo pudor... A propósito, no conto/capítulo “O pé direito”, o personagem é ameaçado profissional e socialmente e tem sua vida amorosa — simbolizada no referido pé

direito – destruída por uma chantagista que, em posse de fotografias obtidas de modo ilícito, o ameaça com a exposição de suas intimidades – em momento de traição e luxúria hiperinterditada para um “macho” como ele – na internet.

Os signos visíveis e ostensivos do sucesso, mesmo em uma área mais “intelectualizada” como a da literatura, aparecem claramente no conto/capítulo “Outubro dourado”, no qual a distância entre a autora bem-sucedida – quase se pode ver sua pele “boa” e aparência próspera, ainda que discreta, na descrição de sua chegada à Academia Européia de Tradutores – e o tradutor classe-média-remediado é marcada sem perdão. Sem contar a inversão de perspectiva; num momento bem anterior, o tradutor havia sido professor da autora e os dois já haviam tido um caso. A moral da história pode ser reencontrada todos os dias nas relações instrumentais da vida atual: não há amor do passado que resista à distância social do presente! Pode-se alegar que as relações sociais sempre foram instrumentais, e realmente o foram, a diferença é que havia um véu de pudor encobrendo os interesses.

O tema do interesse é abordado, ainda mais claramente do que em outras partes do livro, no último capítulo/conto, intitulado “No meio do caminho”. São os executivos velhos com as mulheres novas; o tradutor e ensaísta *loser*, porém talentoso, vivendo como parasita na casa tradicional do poeta de Ipanema, que por sua vez não recua nem treme diante do mal-feito de assinar os escritos do tradutor como se fossem seus. Afinal, até a mulher eles partilham; a mulher do “generoso” poeta é claro.

Nina Saroldi

Ao final de uma festa na qual a lista de convidados é composta fundamentalmente de “partes interessadas”, *stakeholders* no jargão empresarial, somente os “bem íntimos ou bem pagos”, segundo o narrador, aguardam a licença do executivo poderoso para ir embora.

O fio condutor “formal” do livro é, como já foi dito, a vida do tradutor/protagonista, mas há um elemento, a meu ver, mais forte do que o personagem, que me permito chamar de “filosofia backesiana”, presente, em recortes um pouco diferentes, também em seus outros livros, inclusive no romance ainda inédito *Morte súbita*. Este “credo” permeia toda a narrativa, e a sua capacidade de impregnar os mínimos detalhes do comportamento do protagonista só se compara a uma espécie de fundamentalismo religioso. Em relação a este ponto, o primeiro capítulo/conto, “O enforcado”, é exemplar. Toz, o personagem principal da história, é uma vítima perfeita das duras condições de vida de Anharetã: condenado à pobreza, à ignorância, à cachaça e à convivência eterna e exclusiva com a mãe possessiva. Ali, a vida é um dever a ser cumprido e nem adianta tentar encontrar algum prazer ou sentido que a justifique. O consolo fica a encargo de Deus, talvez, depois da morte; afinal de contas é ele que nos manipula feito marionetes.

Ainda que tenha renegado as origens e se afastado do catolicismo simples do lugar, o protagonista/narrador escreve como um estóico; para quem não sabe, uma espécie de “proto-cristão”. O “Deus escreve certo por linhas tortas”, que sustenta quase todas as privações dos pequenos agricultores de Anharetã em sua luta diária contra a miséria e a tristeza

atávicas, se transforma, no personagem principal, no seguinte: “A lei do imprevisto e do acaso sempre foi a mais imperiosa, lá fora e aqui dentro. O plano é só uma maneira de fracassar com mais voluntarismo, e o bom propósito é apenas a véspera do mau exemplo”. Como não lembrar de Sêneca, sábio estóico, avisando que *os destinos guiam quem os aceita, arrastam quem a eles resiste*.

Outro item fundamental no credo backesiano é a virtude suprema da austeridade, assumida pelo personagem principal ao descrever como conseguiu se vestir de modo adequado para não fazer feio em uma festa de ricos na Barra, zona oeste do Rio de Janeiro, em “No meio do caminho”: “Ainda bem que eu investira os trocados poupados a muito pão-durismo naquele casaco da liquidação da Osklen, naquela calça do *outlet* da Forum e naqueles sapatos vermelhos da Swains em estado de novos, comprados na cor certa para combinar com as luvas no Mercado Livre. A camisa da C&A não daria na vista, até porque tinha sido muito bem escolhida”.

Não há como não pensar, ao acompanhar as peripécias de Matias Nimrod, no texto de Freud “Caráter e erotismo anal” (1908). O personagem encarna todas as características fundamentais descritas por Freud como típicas do “caráter anal”, a saber: a ordem, a parcimônia e a obstinação. Seus gestos são calculados, ele é concentrado no cumprimento dos pequenos e grandes deveres da vida; econômico e, apesar de todas as adversidades, persistente na realização de seus planos. Mesmo em “O enforcado”, quando Nimrod aparentemente entrega os pontos e

Nina Saroldi

desiste de ganhar a vida com seu trabalho intelectual, segue firme no projeto de cultivar azeitonas na terra que foi dos pais um dia. Até luvas ele usa – elas são um elemento comum às quatro histórias, assim como o defeito no pé – porque não quer se sujar com o mundo. Conforme afirma Freud, a ordem e o asseio, quando constantes, podem ser o resultado da sublimação do erotismo anal. Grosso modo, do forte prazer obtido com o que é “sujo”, as fezes, e da culpa subsequente ao desfrute deste prazer, a mania de limpeza pode ter emergido como uma reação. Do mesmo modo, o apego ao dinheiro – “sujo”, na linguagem popular – pode substituir, na vida adulta, o prazer de reter as próprias fezes na infância. Mas paremos antes que o analista de Bagé – conterrâneo do autor – nos dê um “joelhaço”.

O atavismo “báckico” não é assim tão simples, o sujeito quer “trabalhar, trabalhar, poupar, comprar uma casinha”, como diz um ditado alemão, mas ao mesmo tempo não quer dar na vista o seu, digamos, materialismo consistente. Para triunfar na sociedade carioca é preciso ostentar alguns sinais de pertencimento e o personagem não poupa (ou melhor, poupa...) esforços para realizar o plano que traçou para si mesmo. Na mesma história, uma situação inusitada e de interesse especial para você, leitor psicanalista: o tradutor é contratado para ser intérprete na análise de um executivo alemão, atormentado demais pela morte da mulher – que ele inclusive pensa ter matado – para conseguir sobreviver somente à base de austeridade e rigidez.

Freud, em “Escritores criativos e devaneio” (1908), aproxima o escritor, em seu ofício de criar um mundo de fantasia, da criança e suas brincadeiras. Ambos, criança e escritor, conseguem investir estes “mundos paralelos” de muita energia e seriedade sem no entanto, como acontece tanto na neurose como na psicose, confundi-los com o que é real. Freud chama a atenção para o modo como a língua alemã preserva esta ligação entre a brincadeira e a criação artística, usando o mesmo termo, *Spiel*, para designar peça e jogo, brincadeira.

As fantasias têm como matéria prima os desejos insatisfeitos, elas são realizações de desejo, uma forma de melhoria da realidade. Freud afirma que, geralmente, as fantasias das mulheres jovens se ligam aos seus desejos eróticos, ficando as ambições subordinadas a estas. As dos jovens rapazes, embora também contenham elementos eróticos, ligam-se primordialmente a suas ambições – a uma glorificação de sua personalidade – e possuem raízes fincadas no egoísmo e no egocentrismo infantis dos quais tiveram (não sem dor) que abrir mão no processo de crescimento e lida com as asperezas da realidade.

Em *Três traidores e uns outros* esse elemento típico das fantasias masculinas aparece no “combo” poder e sexo, que perpassa o livro de fio a pavio: o personagem principal não perde a chance de relatar suas conquistas, a maioria – ou ao menos as bem sucedidas – ligadas a empregadas como a Clotilde de Ipanema e a Doroti (noiva do infeliz Toz) de

Nina Saroldi

Anharetã. Nem mesmo o defeito no pé direito o impede de levar estas mulheres à loucura. Já com as mulheres da mesma “classe” ou de nível superior, como a balcânica Latica de “Outubro dourado”, ou mesmo sua ex-mulher, a coisa é diferente... O livro também ilustra a tese freudiana de que a obra literária, bem como o devaneio, são substitutos da brincadeira infantil, da época em que tudo o que a criança queria era poder se transformar em adulto.

Pode-se supor, usando Freud para interpretar as motivações do autor de *Três traidores e uns outros*, que a narrativa tenha tido seu início nas brincadeiras do menino Marcelo Backes em sua longínqua e isolada terra natal, que não por acaso se situa bem perto da Anharetã do romance. Na ocasião, era bem provável que ele sonhasse em deixar os campos, os açudes e as vacas para trás e ganhar o mundo, conhecer as capitais importantes, o país de onde vinha o dialeto que ouvia desde criança. E que, pelo fato de ser “o único morador da Zona Sul do Rio de Janeiro que não fazia análise”, segundo escreve o tradutor/protagonista em “No meio do caminho” e declarou o próprio autor em entrevista recente, ele tenha tentado (e a meu ver conseguido) transformar em obra literária os devaneios que o envergonhariam se fossem assumidos na vida de vigília.

Last but not least, um detalhe de bastidor importante, que faço questão de registrar para não incorrer em nenhum tipo de traição ao leitor: *Três traidores e uns outros* foi dedicado a esta que escreve,

e com quem o autor tem dividido a vida há um tempo considerável para a era do “amor líquido”. Dado o conteúdo da narrativa, todo ele calcado na ideia de traição, a resenhista se apegua à tese de Freud de que muitas situações ali descritas, embora tenham como origem sentimentos ou mesmo experiências infantis do autor, na realidade não passam de sonhos, devaneios e invenções da mente imaginativa do “escritor criativo”...

NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

O artigo, *inédito*, deverá ser enviado, dentro do prazo estabelecido, em envelope lacrado, endereçado a:

SPCRJ/Coordenação da CPB

Cadernos de Psicanálise da SPCRJ.

Rua Saturnino de Brito, 79 - Jardim Botânico - Rio de Janeiro/
RJ - CEP 22470-030.

O envelope deverá conter, em documentos separados:

- uma **Folha de Rosto** conforme descrição abaixo;
- um **Resumo** conforme descrição abaixo;
- **três cópias impressas** do artigo com **títulos apenas na primeira folha** e *sem qualquer identificação do autor, inclusive nas páginas internas* (notas de rodapé ou de fim, ou referências dentro do texto);
- um CD (**regravável**) com **três arquivos separados nomeados: Folha de Rosto:.... (nome do artigo e os dados descritos abaixo), Resumo:... (nome do artigo e apenas os dados descritos abaixo) e Artigo: ...(nome do artigo e o artigo propriamente dito).**

Orientações gerais

- Os trabalhos devem ter no **máximo 14** e no **mínimo 8 laudas**, formatadas em:
 - ❖ papel A4, letra Times New Roman 12, espaço entre linhas 1,5 cm; alinhamento justificado.
 - ❖ margem esquerda com 3,0 cm e direita com 1,5 cm;
 - ❖ margens superior e inferior com 2,5 cm;
 - ❖ títulos e subtítulos em **negrito**, com maiúscula apenas na primeira letra (título em inglês em *negrito e itálico*).

- A **Folha de Rosto** deve conter o título do trabalho e o nome do autor e sua qualificação, endereço completo, com CEP e telefone (e-mail quando houver).
- O **Resumo** deve conter **apenas o título do trabalho** (em português e, logo abaixo, em inglês), **resumo** (cerca de 5 linhas) e **palavras chave**, *abstract* e *keywords*, e ainda, a **data do envio do artigo**.
- As folhas internas devem estar numeradas e **sem qualquer informação que possibilite a identificação do autor**; apenas a primeira folha deve conter o título do artigo.
- Palavras estrangeiras e tudo que se quiser destacar devem estar em *itálico*; **nenhuma outra forma de destaque deve ser usada no corpo do texto**.
- Devem ser utilizadas **notas de rodapé**, com algarismos em arábico.
- Citações literais, diretas, de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.
- Citações literais, diretas, com mais de 3 linhas, devem ser destacadas, sem aspas, com recuo de 4 cm da margem esquerda, alinhamento **justificado**, fonte **tamanho 11** e **espaço simples** entre linhas.

Orientações quanto à forma de redação das 'REFERÊNCIAS':

Elaboradas de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023 ago./202; 6021 maio/2003; 6022 maio/2003), devem constar no final do texto, em ordem alfabética de sobrenome, com espaço **simples** entre as linhas, e **1,5** cm para a separação entre as referências.

Exemplos:

- **Um autor (sobrenome em maiúsculas e prenomes, abreviados ou não, e o título grafado em itálico; o subtítulo, não. Somente a primeira letra do título em caixa alta).**

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- **Dois e/ou três autores (nome e sobrenomes – abreviados ou não - dos autores, separados por ponto e vírgula):**

BOTELHO, J. E.; CARNEIRO, M. P. F. O estranho passageiro. In: JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ, 5. 2002. Rio de Janeiro. *O primitivo e o psiquismo*. Rio de Janeiro: SPCRJ, 2002. p. 19-25.

- **Mais de três autores (nome apenas do primeiro autor e a expressão *et al.*, em itálico):**

GREEN, André *et al.* *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

- **Capítulo e/ou artigo de livro:**

BIRMAN, Joel. Uma dívida impagável. In: ARAÚJO, M. C. de; MAYA, M. C. B. B. (Org.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992. p. 49-106.

- **Artigo em periódico científico:**

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. *Política e Administração*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

- **Capítulo de livro com indicação da data de edição original:**

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, 4). (Trabalho original publicado em 1928).

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos* Rio de Janeiro: Imago, 1976. p 139-165. (Edição *standard* brasileira das

obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18). (Artigo original publicado em 1920).

• **Trabalho apresentado em evento (Congresso, Jornada, Seminário):**

VETTER, I. C. L. Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 1., 1969, Caxias do Sul, RS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 3, n. 1-2, p. 49-75, 1969.

• **Dissertação e/ou tese:**

ARAUJO, U. A. M. *Máscaras inteiriças Tukúna*: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.

• **Compiladores, Editores e/ou Organizadores: (Comp.), (Ed.), (Org.):**

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

• **Nos documentos em formato eletrônico, ao final da referência, acrescentar:**

Disponível em: < (site) www.>. Acesso em: (data).....

Caso necessário, sugerimos consultar:

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

Abreviaturas latinas (em itálico):

Apud = citado por, conforme, segundo.

Cf. = *confirma ou confronte*.

Et al. = e outros

Et seq. = para não serem mencionadas todas as páginas da obra referenciada (intervalo entre páginas).

Ibidem ou ibid. = na mesma obra.

Idem ou id. = do mesmo autor (quando se trata de diferentes obras do mesmo autor).

Loc. cit. = mesma página de uma obra já citada (no lugar citado).

Op. cit. = na obra citada.

Passim = aqui e ali; em vários trechos ou passagens.

Sic. = assim mesmo, desta maneira (usado para destacar erros gráficos ou de outra natureza).

DIVULGANDO ALGUNS DOS NÚMEROS ANTERIORES

Cadernos de Psicanálise V. 27, n. 30, 2011 REVISITANDO FREUD (360 páginas)

A proposta desta edição foi Revisitar Freud através de seus conceitos objetivando um passeio ao longo do percurso da teoria psicanalítica. Melhor dizendo, revisitar os conceitos fundamentais e avaliar se seriam necessárias atualizações e novos encaminhamentos.

Na seção Tema em debate encontramos um artigo Winnicottiano que aborda de forma renovada “ que sonho sonha o homem contemporâneo.

Como convidados contamos com Auterives Maciel, Júlio Vertzman e Eliana Chaves que abordaram temas como o declínio da função paterna, vergonha e agressividade.

Através dos Artigos selecionados temos um panorama da clínica contemporânea : homoparentalidade, sonho e clínica, novas formas de subjetividade, transmissão, bullying e o esgarçamento das relações parentais.

Na seção resenhas temos os livros : The intimate room de Giuseppe Civitarese e Filosofia do sonho de Christofê Turcke.

Para fechar esta edição que comemora os 40 anos da SPC-RJ uma entrevista ousada e desafiadora com Rosiska Darcy de Oliveira que aborda a “ reenganharia do tempo” e seu redirecionamento.

Cadernos de Psicanálise V.26, n.29, 2010 TEMPO E PSICANÁLISE (405 páginas)

Tempo, precioso tempo, que, entrelaçado à psicanálise, proporciona-nos uma alameda palmeada de temas e interlocuções. Tais como as apresentadas nos textos da seção “Temas em Debate”: casamento, tempo de diferentes encontros, trabalho, invenção freudiana e transitoriedade.

Janelas que se abrem para encontros de amigos temperados com a arte de Maurício Dias e Walter Riedweg e a poesia de Ferreira Gullar, nosso entrevistado.

Nos artigos, o excesso do tempo, a certeza e a dúvida, bem como a velhice e a morte nesta existência medicalizada.

Tempo de criação, tempo e psicanálise, tempo entre tempos, textos que recheiam este número dos Cadernos. Que finaliza com quatro resenhas onde o tempo e o cão, animal agonizante, faz sequência com a criança na psicanálise destes *tempus fugit*.

Cadernos de Psicanálise v. 25, n.28, 2009
MAL-ESTAR NA COMTEMPORALIDADE (380 páginas)

Mergulhado na era digital, rodeado por imagens e convocado por uma sociedade de espetáculos o sujeito contemporâneo desliza por fronteiras pouco delineadas que o conduzem a um mal-estar generalizado.

Contamos neste número dos Cadernos com textos que nos ajudam a precisar estas fronteiras e, com tal substrato, pensar a clínica com mais rigor.

Os textos em Debate vão desde a prática da clínica até um estudo sobre “a nova forma de felicidade” comentada por Tania Coelho. Esta sessão conta ainda com contribuições de Eliane Segabinazi, Maria Helena Vasconcelos, David Zimmerman e Nahman Armony.

O entrevistado deste número foi o psicanalista italiano Antonino Ferro que, lançando mão de respostas precisas, nos permitiu conhecer um pouco mais seu pensamento. Além dos textos e da entrevista contamos com seis artigos que transitam sobre temas que bordejam o mal-estar reinante e cinco resenhas de livros como o de Jean-Pierre Lebrun, Antonino Ferro, Daniel Kupermann, Bernhard Schlink e Rosine Perelberg.

Este exemplar além de nos permitir um passeio consistente, abre uma frente importante para pesquisas.

Cadernos de Psicanálise v. 24, n.27, 2008
LIBERDADE E TRANSGRESSÃO (293 páginas)

Liberdade e Transgressão – duas palavras que ecoam em nossos ouvidos como ícones dos tempos em que vivemos. A SPCRJ propôs uma reflexão sobre as fronteiras delimitadoras entre Liberdade e Transgressão: de corpos, de pensamento, de valores éticos e práticas sociais. Para tarefa de tal magnitude contamos com o apoio de Joel Birman em Genealogia da Transgressão; Daniel Kupermann e Ramon Souza em Ironia, Transgressão e Tragicidade na Neurose Obsessiva; Ana Maria Rudge em Liberdade e a Máquina da Linguagem; e o Núcleo de Família e Casal da SPCRJ em Psicanálise de família: uma clínica transgressora? Affonso Romano de Sant’anna, o entrevistado deste número, nos brinda com seus bem humorados comentários sobre processo criativo, pós-modernidade e globalização. Este caderno conta também com excelentes artigos e resenhas.

Exemplares desses números, ou de outros anteriores, podem ser adquiridos diretamente na secretaria da **SPCRJ**: Rua Saturnino de Brito, 79 - Jardim Botânico Rio de Janeiro – RJ, fone (21) 2239-9848.

Visite nosso site:
www.spcrj.org.br

Capa

Ilze Freitas

Editoração Eletrônica

Marilúcia Carneiro Rodrigues / SPCRJ

Thelio Falcão

Revisão Ortográfica

Angela Lobo

Gráfica

Dê Destaque em Mídia Impressa Ltda

Rua Senador Alencar, nº 257, sala 201, São Cristovão, Rio de Janeiro, RJ.

Telefone: (21) 2589-3705

E-mail: contato@dedestaque.com.br

Assinatura

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____

E-mail: _____

Assinatura anual – R\$ 45,00 – com porte pago

Volume: _____ número: _____ Ano de Publicação: _____

Para assinar a revista **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ** preencha uma cópia desta folha, anexe o comprovante do depósito bancário e envie para o endereço abaixo; ou via fax (21) 2239-9848.

**SOCIEDADE DE PSICANÁLISE
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – CEP: 22470-030.

Dados Bancários:

ITAÚ (341)

Agência 8598

c/c 06355-3

CNPJ – 42.132.233/0001-98

